

BIBLIOTHECA UNIVERSAL

Dedicada ao Visconde de Castilho

N.º 14

LIÇÃO AO MESTRE

ROMANCE ORIGINAL

POR

A. A. TEIXEIRA DE VASCONCELLOS

SOCIO EFFECTIVO DA ACADEMIA REAL DAS SCIENCIAS

VOLUME I



LISBOA

LUCAS & FILHO — EDITORES

Rua dos Calafates, 93

1875

A propriedade d'esta primeira edição pertence em Portugal a Lucas & Filho, e no Brazil ao ill.^{mo} sr. Serafim José Alves, Praça de D. Pedro II, 16, Rio de Janeiro.



Lição ao Mestre

I



ivia nos primeiros annos d'este seculo na quinta da Silva, situada na freguezia de S. Cosme de Besteiros no antigo concelho de Aguiar de Sousa, o sr. Domingos de Sampaio, proprietario de varias fazendas e alferes de milicias. Nascera no concelho de Unhão; estudara humanidades em Louzada com uns padres, e viera casar a Besteiros com D. Joseph de Barboza, senhora da quinta da Silva, donzella de raros dotes, e de não menos valiosa

educação por ter sido creada no mosteiro das benedictinas do Porto, onde uma tia sua era das freiras mais sisudas, e já por varias vezes fôra eleita abbadessa.

Não havia nas vinte e duas freguezias do concelho de Aguiar de Sousa, nem por dez leguas ao redor, homem de temperamento mais jovial e zombeteiro que Domingos de Sampaio. Excellente pessoa, bom conversador, extremamente anecdotico, franco em hospedar pobres e ricos á generosa e santa moda das provincias, sèrviçal e affectuoso como poucos, mas tão dado a logros chistosos e a mentiras bem armadas, que ninguem podia saber quando falava serio.

Corriam mil anecdotes do sr. Domingos de Sampaio e corriam accrescentadissimas, como é de uso em casos taes. A verdade era que elle não perdia occasião de se divertir á custa dos patetas d'aquellas redondezas, ora pondo-lhes em relevo os actos dignos de censura, ora desaggravando-se de algumas desattenções com brincadeiras e motejos quasi sempre innocentes. Seria longa a narração das suas aventuras, ainda não de todo esquecidas na região em que se estendia antigamente o vasto concelho de Aguiar de Sousa.

Em tudo o mais excellente creatura, como eu já disse. Tambem n'aquelles tempos do Francisco do Almada que tudo mandava, e com severa justiça,

no Porto e na comarca — annos de prosa em que não havia theatro nem bailes em Penafiel, nem eleições nas Paredes, nem philarmonica a qualquer canto — em que poderia cada qual gastar as suas verduras e alegrias profanas? A romaria de S. Domingos em Besteiros, a da Senhora dos Chãos em Bitarães, a semana santa representada ao vivo em Mouriz, e outras festas do mesmo genero, realçadas pelos sermões dos padres d'aquelles arredores, eram de certo muito para ver e ouvir, mas no resto do anno a não chegar o corregedor do Porto em correição ás Paredes, não havia em que passar o tempo alegremente.

Por isso Domingos de Sampaio ia consumindo a seu modo o fogo do temperamento. E antes n'estes innocentes folguedos que em outras distracções mundanas a que, segundo vae ler-se n'esta veridica historia, fôra sempre attreito pela insuperavel fraqueza da nossa triste condição.

D. Josepha de Barboza era uma santa. Amava com sincero e leal affecto o marido, e deleitava-se com as agudezas de engenho e extraordinarios chistes em que era insigne, mas quasi sempre lastimava as victimas do genio folgazão de Domingos de Sampaio. A algumas pessoas salvou de cairem em inesperadas lograções, avisando-as caridosamente da peça que se lhes preparava. Domingos de Sampaio ria tanto do aviso, como teria achado

prazer no engano que meditara, e não levava a mal a bondade de D. Josepha.

Viviam bem. Domingos de Sampaio conhecia as virtudes da mulher e respeitava-as. D. Josepha apreciava o character brioso do marido, e honrava-se da superioridade d'elle a respeito de todos os alferes, tenentes e capitães de milicias, que formigavam nas freguezias de Aguiar de Sousa, e até em relação a muitos reverendos abbades e clerigos, mais attentos a colherem os dizimos e a apanharem as moedas de doze vintens nos enterros, que a cultivarem o entendimento com bons estudos.

Viera a fortalecer a mutua estima d'estes conjuges o nascimento de dois filhos, Joaquim de Sampaio e D. Anna; e desde então augmentou o numero das victimas do alferes da Silva, porque D. Josepha, toda entregue ás duas criancinhas, descuidara inteiramente a solitudine com que prevenia das engenhosas traças do marido aquella rude gente. Ao nascimento da filha seguira-se doloroso e prolongado padecimento que por alguns mezes a obrigou a estar encerrada no seu quarto.

Ausentava-se de casa com frequencia Domingos de Sampaio. Pedia-lhe convivencia o temperamento jovial, e saía a procural-a, ora em casa do abbade da freguezia, ora na de outros amigos e parentes, e sempre nas feiras que em differentes dias de cada mez havia então, e ainda hoje ha, em Baltar,

nas Paredes, em Penafiel, em Coreixas, em Freiamunde, no Cô, e em muitas outras partes.

De vez em quando ia ao Porto, arrancando-se a custo dos enlameados caminhos de Mouriz, descendo com o credo na bocca a serra de Baltar, enlameando-se de novo em Ponte Ferreira, descançando em Vallongo, atravessando a serra, não sem receio de maus encontros até passar a ponte de Rio Tinto, e entrando moido e fatigadissimo na muito nobre e leal cidade do Porto, que depois vieram a despachar eterna, talvez por não terem podido dar cabo d'ella, nem os que a cercaram, nem os que estiveram dentro a defendel-a. N'esta jornada era de rigor comer vitella assada em Baltar, comprar biscoitos em Vallongo, e perguntar pelo padre Verissimo ás padeiras que voltavam do Porto, as quaes respondiam á pergunta com as maiores injurias que podiam engendrar.

Deu a civilisação cabo das lamas e transformou em estrada regular as quelhas de Mouriz e os atoleiros de Ponte Ferreira, mas respeitou a vitella e os biscoitos por serem coisa de comer, que a civilisação e o progresso são excellentes, porém comem por quatro, e põem na espinha os orçamentos até que chegue o dia da colheita, tardia ás vezes, mas infallivel sempre. Pelo que respeita ás padeiras, já se não offendem de que lhes perguntem pelo padre Verissimo. Pretendem as más lin-

guas que até se jactam de o ter por ascendente!, O mundo é assim e as padeiras igualmente!

Domingos de Sampaio nem sempre regressou á quinta da Silva com a gloria de ter resistido ás ciladas de Satanaz. A carne é fraca, segundo reza a Escriptura e por ahi vae confirmando a experiencia; e carne fraca ás ordens de genio folgazão é como o fogo junto da estopa, no qual, diz o proverbio, que vem o diabo e assopra. Pois houve occasiões em que o demo, folgado de maiores empenhos, se divertiu a tentar Domingos de Sampaio, e levou a melhor o porco sujo, mettendo no caso as criadas das estalagens, as vallongueiras lindas apezar dos olhos queimados pelo calor dos fornos, e muitas outras creaturas das que não faltam nunca ao espirito infernal para ajudal-o nos seus funestos designios.

Arrependia-se o nosso alferes. Protestava não cair mais em tentações. Comprava no Porto alguma prenda para a mulher e bonecos para os pequenos em tacita expiação das suas faltas, mas depois vinham as feiras e as romarias, e já não havia modo de socegar a consciencia atormentada sem gastar muito de sua fazenda em atulhar a casa de prendas e de bonecos. Aconteceu-lhe como a todos os criminosos. Horrorisou-se com a primeira falta; arrependeu-se da segunda; argumentou a sós consigo para justificar a terceira; caiu

na quarta e esqueceu-se de ter remorsos ; depois... depois acabou. Taes nos fez, para geral desgraça, o peccado de nosso pae Adão !

Raras vezes saía da quinta da Silva D. Josepha de Barboza. Levantava-se nas primeiras horas da manhã, o destinava logo todo o serviço da casa. Depois almoçava com o marido, cuidava dos pequenos, ordenava o jantar para o meio dia, trabalhava de tarde na costura ou em qualquer outro labor domestico, descia ao jardim, passeiava na horta e no pomar até ir caindo a noite, e depois de rezar em côro com a familia pela alma de todos os seus antepassados e em louvor de todos os santos e santas da côrte celestial, recolhia á sua camara, satisfeita de ter cumprido todos os deveres de esposa e de mãe, e sem a minima perturbação de consciencia.

Na quadra da colheita designava os dias para a malha e para os serões de esfolhada, e dirigia com alegre solicitude e grande juizo estas festivas lides campestres. Ouviam-se em toda a freguezia de Besteiros os apupos entusiásticos dos malhadores e o som compassado e rouco das pancadas dos manguaes. Já tinham nomeada por aquelles sitios as malhas da quinta da Silva. Eram fartas e bem pagas, e por isso acudiam a ellas os malhadores de fama, assim como aos serões de esfolhada iam as mais lindas raparigas da freguezia, os rapazes mais

esbeltos e folgazãos, e as melhores violas e rebecas das aldeias visinhas.

A todos acolhia D. Josepha com grande carinho, e era a primeira a recommendar-lhes que rissem e brincassem depois de concluido o trabalho. Quando notava que a sua presença acanhava alguma esfolhadeira, ella propria a convidava a cantar dizendo-lhe: *Então que é isso? Tão caladinha hoje?* E voltando-se para os rapazes exclamava: *Tambem estes mancebos... Valha-vos Deus. Pareceis mancebos de dependurar a candeia*¹. Principiavam então os tocadores a afinar as violas; seguiam logo as cantigas ao desafio; e esfolhado o milho, desatava toda aquella gente a dançar a chula até não poderem mais.

E n'estes innocentes folguedos sabia D. Josepha, sem constrangimento de ninguem, manter cada qual nos limites da decencia e boa compostura, virtudes que não excluem o rir e brincar da mocidade. Pelo que não havia mãe severa que se esquivasse ao convite da quinta da Silva e que não fosse com as filhas áquelles serões. Antes se magoavam muito quando por acaso esquecera convidal-as, e vinham perguntar ao criado principal, se a sr.^a D. Josepha estaria de mal com ellas.

¹ Dá-se este nome a um pau com sua peanha no qual se espeta a candeia para dar luz em redor.

Assistia sempre Domingos de Sampaio ás festas agricolas da sua quinta, tomava parte na direcção do trabalho, como entendido que era em todos os assumptos de lavoira, e alegrava a homens e mulheres com as historias que lhes contava, as quaes pela maior parte rivalisavam em verdade com as mais notaveis affirmativas de fr. Bernardo de Brito. Para as raparigas não levantava os olhos. Respeitava sempre a presença de D. Josepha e a honra do domicilio conjugal.

Produzia muito linho a quinta da Silva, e eram nova occasião de divertimento as principaes transformações d'aquelle producto agricola. Havia festa quando se massava o linho, festa quando se espadelava, e festa quando se fiava aos serões no vasto beiral da eira, mas Domingos de Sampaio não apparecia n'estas reuniões, muito menos alegres do que as outras até por causa da estação em que se verificam. Já o sabiam as espadeladeiras¹ e quando entravam o portão da quinta da Silva, se viam o nosso jovial alferes sentado no pateo da casa ou atravessando o quinteiro, vingavam-se dos gracejos d'elle dizendo-lhe: *Então sr. alferes, não vem hoje contar-nos algumas historias? Tem medo das arestas e da estopa! Que vergonha para um*

¹ Chamam assim ás mulheres que se occupam a espadear o linho.

homem! E elle ria-se, mas não acceitava o convite.

Entretanto iam crescendo os filhos de D. Josepha e de Domingos de Sampaio, e fortalecendo-se cada vez mais a venturosa união d'aquella familia que todos estimavam na freguezia, e que nunca faltara a prestar aos seus visinhos os serviços agricolas que no campo são, entre lavradores, origem de amizades intimas de paes a filhos sem interrupção.

II

Na casa da Igreja que é defronte da residencia dos abbades de S. Salvador de Castellões da Cepêda, vivia n'aquelle tempo Luiz Coelho da Silva, cavalheiro de boa geração, como testemunha o braço das suas armas que, já ennegrecido pelos annos, ainda hoje corôa a fachada do edificio. Era casado com D. Marianna, irmã de D. Josepha de Barboza, e por tanto unido pelos laços de tão proximo parentesco á casa da Silva.

D. Josepha, inteiramente dedicada á educação dos dois filhos, já crescidinhos, e de outra menina recém-nascida a que deram o nome de Maria Joaquina, raras vezes ia visitar a irmã, a não ser em dias de annos e na festa do Salvador, que en-

tão se fazia com grande solemnidade em Castellões. A mulher de José Coelho pela sua parte seguia o exemplo da irmã mais velha, e unicamente apparecia na quinta da Silva nos anniversarios natalicios de D. Josepha e do marido, e no dia da festa de S. Domingos, que em pequena capellinha se celebrava na montanha fronteira á casa de Domingos de Sampaio com missa cantada, sermão, arraial, foguetes e grande arruido de tambor e zabumba, que se ouvia em todas as freguezias visinhas.

Eram todavia mui estremosamente amigas as duas irmãs, e cada uma d'ellas tão affeiçãoada aos filhos da outra como aos seus proprios pequenos.

Consumiam o tempo todo as duas senhoras, e não lhes sobrava, em dirigir a labutação das suas casas, em trazel-as aceiadas e sujeitas sempre á regularidade da boa disciplina domestica, em dispôr a abundancia sem faltar á economia que lhe assegura a continuação, e em cuidar dos filhos, educados em muito amor e em continuados exemplos de virtude.

Aos domingos iam agradecer a Deus os beneficios recebidos, offerecer-lhe em expiação d'algunha falta os desgostos da vida, e pedir-lhe, como todos os dias faziam nas suas orações intimas, a força necessaria a quem deseja perseverar na virtude e morrer feliz n'aquella fé do Carvoeiro, celebrada

nos sonetos do poeta minhoto, abbade de Jazente. Assim era o viver d'aquelles tempos, ainda hoje mais ou menos seguido por essas provincias onde a mulher é a base da felicidade, da alegria e do respeito das familias honestas.

Domingos de Sampaio e Luiz Coelho, esses avistavam-se diariamente, e cada qual frequentava com assiduidade a casa do outro. Luiz Coelho, caçador incansavel, passava na Silva de madrugada, chamava pelo cunhado que lhe promettia ir ter com elle ao monte, ria-se da promessa que nunca se cumpria, e ao cair da tarde vinha descansar a casa da cunhada e depois da ceia recolhia a Castellões.

Domingos de Sampaio não faltava de manhã nas Paredes onde se juntavam sempre bastantes individuos, jantava a miudo na casa da Igreja, mas demorava-se pouco, despedindo-se com o pretexto de recolher cedo, e gastando o resto da tarde e parte da noite em palestras por esses caminhos, senão em distracções menos innocentes, com o que vinha a chegar á Silva ás horas da ceia ou mais tarde ainda, quasi sempre com receios e cuidados de D. Josepha.

— Vê lá Domingos, não vás por ahi agora pregar peças a essa pobre gente, dizia muitas vezes Luiz Coelho no pateo da casa da Igreja ao despedir-se do nosso engraçado alferes.

— Deus o leve por onde não faça damno, accrescentava a cunhada. Isto de enganar os outros não pôde ser approvado por Deus.

— Socegue, socegue, respondia sorrindo Domingos de Sampaio e descendo os tres ou quatro degraus da escada. Por mim não ha de vir mal ao mundo. Eu agora estou emendado. Qualquer dia vou-me confessar e depois acabou.

— E olhe que fazia bem! exclamava a cunhada em voz mais alta por ir já distante o marido de D. Josepha.

— Pois sim, pois sim, murmurava Domingos de Sampaio, e chegando ao muro da quinta acenava com a mão aos parentes e sumia-se por entre os castanheiros que bordavam a estrada d'alli ás Pa-re-des.

Á quinta da Egreja ia em todos os dias santificados uma senhora de trinta annos que, tendo comprado varios bens perto d'aquelle sitio na margem direita do Sousa, viera morar na casa pertencente a uma d'essas propriedades. Chamava-se D. Francisca de Azevedo e Queiroz e era natural de Minas Geraes, onde casara com o sargento-mór de infantaria Ayres de Queiroz que fôra de Portugal para o Brazil na comitiva do capitão-general, e morrera de febre perniciosa pouco depois do casamento. D. Francisca, lastimosa de tão inesperada perda, vendera quanto possuia no Brazil, em-

barcara para o Porto onde o sargento-mór Ayres de Queiroz tinha parentes proximos, e por intervenção d'um d'elles comprara diferentes casaes e fóros no concelho de Aguiar de Sousa.

Tencionara primeiro residir na cidade da Virgem, mas por occasião de visitar as novas propriedades que adquirira, tão namorada ficara da risosna e amena ribeira do Sousa, que desistindo do primitivo intento, resolvera estabelecer alli a sua residencia, e passar socegada o resto dos seus dias n'aquellas encantadoras paragens.

Isto narrava ella com a tristeza propria de quem perdera o marido nos primeiros mezes de casada, e conservara d'elle a mais viva e profunda saudade. Todos a acreditavam. Chegara pela primeira vez a Castellões acompanhada por um ecclesiastico ainda no maior vigor da idade, mas de mui seria compostura, e seguida de uma aia, já edosa, e de duas pretas. A aia, que a não deixava nunca e que ella admittia em casa á sua meza com o nome de Therezinha, era mulata e não andaria longe dos cincoenta annos.

Trouxe a viuva para Luiz Coelho uma carta de recommendação de seu primo Gaspar Coelho, desembargador da relação e casa do Porto, a qual foi entregar o capellão de D. Francisca, e desde logo não houve attenção e obsequiosa fineza que não fizessem á recém-chegada os senhores da quinta

da Egreja. Era então poderosissima a recommendação de qualquer desembargador para os proprietarios do Minho, mui sujeitos a demandas por causa de aguas, de servidões, de successões de morgados e de prazos, e de mil outros negocios.

III

Agora viera D. Francisca para a sua casa do Aido sem o padre que da primeira vez figurara de capellão ou director de consciencia, e ahi ficou vivendo mui recolhida e sisudamente, não saindo senão para ir á missa a Castellões, mas como o adro da egreja tocava na casa de Luiz Coelho, a mulher d'este que não faltava aos officios divinos, convidava sempre D. Francisca a vir jantar com ella, convite nunca esquecido e acceito sempre. Era incluída no convite a mulata a quem os pobres iam chamando D. Thereza, e na casa da Egreja appellidavam Therezinha, e não só convidada mas posta á meza com a ama, não sem alguma repugnancia de Luiz Coelho, escandalo da gente mais graúda que o sabia, e mofa de Domingos de Sampaio, o qual alludindo á côr da mulata, dizia sempre á cunhada:

— Eu ao domingo não falto cá. Não ha outra casa em que n'esse dia me dêem café com leite ao jantar.

— Valha-o Deus, que sempre anda a escarnecer de tudo! Como se não houvesse muitos santos e santas d'aquella côr, e até pretos, respondia com grande bondade a mulher de Luiz Coelho.

Parecia zombar da sr.^a Therezinha o nosso alferes da Silva, mas tratava com grande consideração a D. Francisca. Á meza escutava-a com particular cuidado e principalmente conversava com ella ácerca dos serviços militares do marido. das riquezas do Brazil, e de muitas coisas mais, Penhoravam-se os donos da casa d'esta delicadeza para com a sua hospeda, e se acontecia que fosse caindo a noite, quando D. Francisca se retirava, pediam ao cunhado que a acompanhasse a casa.

N'aquellas attensões de Domingos de Sampaio para com a brasileira ninguem imaginava que entrasse intento menos digno, nem que elle andasse estudando detida e caladamente por onde abrisse brecha no coração da viuva de Ayres de Queiroz. Não havia então a entranhada malicia de hoje, ou cada qual occultava as suas supposições até que o rumor geral lhe permittisse patenteal-as com desvanecimento, declarando que, havia muito, suspeitava e sabia tudo. Outros tempos.

Não era formosa a viuva de Ayres de Queiroz.

Ao vel-a não se recordaria da Venus de Milo a mais exaltada imaginação de artista. Podia dizer-se proporcionada a estatura d'ella, airosa sempre a posição do corpo, e suavemente flexiveis os movimentos. Era delicado o pé, e bem modelada a mão. Os cabellos pretos como azeviche, ondeados e pasmosamente abundantes, bem povoadas as sobrançelhas, as pestanas longas. Os olhos eram azues, pequenos e de expressão cambiante mas viva; o nariz um pouco levantado na ponta, os dentes eguaes e de grande alvura, a bocca muito grande, de fôrma irregular e formada por dois beiços grossos e vermelhos. O rosto redondo á maneira de arco de pipa. Eu disse que não era formosa e não era de certo, mas possuia dote mais valioso que a formosura. Agradava.

No primeiro domingo em que se reuniram na casa da Igreja varios cavalheiros d'aquelles arredores depois da chegada de D. Francisca, cravaram-se n'ella todos os olhos, e foi quasi unanime o parecer de que era feia, mas ao cabo de duas horas de conversação até o padre Antonio das Neves Pereira, socio da academia e mestre de rethorica em Penafiel, discorria com animação ácerca dos encantos da viuva, como se estivesse analysando a oração de Cicero *pro Archia poeta*, ou fallando das bellezas do idioma vernaculo em que era insigne.



— Muito bem, muito bem, sr. padre Antonio das Neves. Gosto de o ver convertido, dizia Luiz Coelho passeiando no jardim com os seus hospedes. Confesse que é pessoa muito agradável, e que lá no seu Penafiel, apesar das alturas em que está, não se encontra d'isso!

— Sempre foi entendido na materia o nosso clero, replicava Bento Rodrigo Pereira, de Cabanellas, intimo amigo do padre e autor de uma arte de rethorica, attribuida por alguns ao professor Neves Pereira, mas cá o nosso academico sabe mais das bellezas do discurso que das outras. Eu acho-a feia. Pois aquella bocca... aquella nariz arrebitado...

— Mas o sr. Bento Rodrigo foi dos que mais conversaram com ella, acudiu o padre. Era talvez para se castigar! Esteve fazendo penitencia.

— E que diz cá o mestre? interrompeu Luiz de Mattos e Noronha, de Passos de Ferreira. Então não dás o teu voto, Domingos de Sampaio?

— Eu sim! Não sei o que lhes hei de dizer, respondeu o alferes da Silva. Luiz Coelho já arvorou a bandeira da viuva contra todas as bellezas que morarem para lá da Ponte Cepêda; alli o nosso professor e o seu amigo Bento Rodrigo são duas almas n'um só corpo rethorico; virão a concordar a final; e Luiz de Mattos, que é rapaz e

taful, pede o meu voto em vez de dar o seu! Ora adeus!

— Tu és o nosso mestre, o mestre dos rapazes em tudo; e muito mais nas coisas de rir e folgar, retrucou Luiz de Mattos. Não te faças velho antes de tempo. Olha que eu sei-te das baldas.

— Rapazes são o demo..., contestou Domingos de Sampaio. Tu queres que eu te faça ir a Lisboa pedir o condado de Armamar ou que te dê as distrações que tenho arranjado a outros?

— E então a casa de Armamar...

— Sim, sim. É tua. Não lhe ponhas a mão que te escaldas! Deixa-a arrefecer!

— Mas dize a tua opinião. Não te queiras metter ao canto, reflectiu Luiz Coelho para arredar da conversação o negocio da successão do conde de Armamar, a respeito do qual Luiz de Mattos não admittia duvidas.

— O dono da casa manda, disse Domingos de Sampaio. A minha opinião é que uns a acharão formosa e outros feia.

— Grande novidade! exclamaram todos.

— Mas a respeito de mulheres, meus queridos amigos, não ha outro parecer. Gostam d'ella? É linda. Não gostam? É horrenda. O proverbio fala bem claro: *Quem o feio ama, bonito lhe parece.* Não é assim, padre Antonio das Neves?

— Assim reza o proverbio,olveu o padre, e os

proverbios são a synthese da sabedoria das nações.

— *Contra gosto não ha disputa.* É outro proverbio, resmungou Bento Rodrigo.

N'isto ficaram, que já se approximava a noite, e D. Marianna estava da janella advertindo ao marido e aos hospedes que poderiam constipar-se. Ficaram bem. Não alcançam mais longe, nem resolvem melhor hoje esses problemas, os que se despacham contrastes de formosura e louvados para avaliarem graças femininas. Mantêm a primitiva força os dois proverbios portuguezes.

IV

Era Luiz de Mattos e Noronha mancebo de gentil presença, de character apaixonado, de boas falas bem que de entendimento acanhado, senhor de terras importantes, e dado a liberalidades e despesas excessivas, muitas das quaes provinham da incuravel mania de succeder na casa do conde de Armamar, degolado por traidor no Rocio, em Lisboa, no anno de 1641. Entendia que o fausto o tornava mais digno da benevolência real e que lhe cumpria viver como conde na fallaz esperança de o vir a ser.

Namorado-se da viuva do sargento-mór, desde que pela primeira vez se avistou com ella em casa de Luiz Coelho, e quando, a pedido da cunhada, Domingos de Sampaio a foi acompanhar ao Aido, Luiz de Mattos prestou egual serviço, apesar de lhe não ser requerido. O nosso alferes proporcionou-lhe aproximar-se de D. Francisca e ir durante o caminho conversando muito á mão com ella. Até ficou para traz com a mulata a narrar-lhe historias com que a boa da Therezinha ria a não poder mais.

— Como a Thereza vem divertida! exclamava de vez em quando D. Francisca ouvindo as risadas da aia. O que lhe virá dizendo o sr. Domingos de Sampaio?

— D. Thereza vae com paciencia para me ouvir, e eu vou aproveitando as boas disposições do auditorio como os prégadores. Isto são historias da carochinha, respondia Domingos de Sampaio, captivando cada vez mais com estas attensões e com o *dom*, ainda raras vezes obtido, o animo ambicioso da mulata.

Entretanto rendia Luiz de Mattos as suas homenagens a D. Francisca de Azevedo, que da primeira vez as acolheu sorrindo, da segunda ouviu-as com affectada tristeza, e á terceira deu a entender quão melindrosa era a situação d'uma senhora viuva, e como tantas havia que desejando

não passar a segundas nupcias, se viam afinal obrigadas a casar para terem defensor e não andarem sujeitas ás linguas do mundo.

Terminou dizendo-lhe que muitas vezes ficava nas noites de luar, no mirante que dava para a estrada, horas e horas a meditar n'este assumpto, e a pensar que no fim de contas, a querer guardar fidelidade á memoria honrada de Ayres de Queiroz, não tinha outro refugio senão em casa de Antonio de Araujo e Azevedo, seu parente, e então chegado a Lisboa para ser secretario de Estado, onde já estaria se não fosse o amor que tomara ao valle do Sousa, e as finezas com que a havia penhorado a nobre familia da Egreja.

Não consentiu porém que Luiz de Mattos a fosse visitar, ponderando-lhe que, no seu estado e sem homem para respeito de sua casa, não podia receber os rapazes solteiros, a não irem com senhoras ou com homens casados como Luiz Coelho e Domingos de Sampaio. Com o que se teve por advertido o infeliz ramo da familia de Armamar, e não pôde falar com a engraçada viuva senão aos domingos em casa de Luiz Coelho e no trajecto d'alli á quinta do Aido em companhia do alferes da Silva.

Voltavam ambos sósinhos, e Luiz de Mattos a quem as palavras de D. Francisca apaixonavam cada vez mais, não podia vir callado. Principiava por exaltar os dotes da viuva, e de entusiasmo

em enthusiasmo, de indiscrição em indiscrição, impellido pela vaidade e excitado pela malícia de Domingos de Sampaio, acabava por narrar tudo.

— Olha lá, ó Domingos, bonita, agradável, rica, sem familia em casa, e prima do homem que vae ser ministro! Que te parece?

— Que me ha de parecer? Parece-me tudo isso e muito mais, respondia sorrindo Domingos de Sampaio.

— É que tu bem vês que eu não me destino para frade nem para clérigo, estou rapaz...

— Entendo. És rapaz, rico, agradável tambem, filho unico e podes vir a ser conde, encontrando ministro amigo que te dê a mão.

— Ora ahí tens. Déste exactamente no vinte. E é coisa muito para pensar, retrucava Luiz de Mattos parando no meio da estrada.

— Eu tambem acho, contestava o zombeteiro alferes sem deter o passo, mas por ora vae-lhe pedindo licença para a ires contemplar da estrada, quando nas noites de luar se demora no mirante.

— É verdade. Que burro que eu sou! Nem tal me occorreu! Tu sempre a final és o mestre de nós todos, e o mais é historia. Ella, coitada, a contar-me a sua vida, e a deixar-me a porta aberta sem o cuidar, e eu a não dar por tal. Pois olha que para a semana já ha luar, e eu domingo falo-lhe no caso.

— Pois fala, mas com geito. Não espantes a caça. As mulheres virtuosas não são acauteladas. Diz o proverbio: *Quem mal não usa, mal não cuida.* Porém se chegam a conhecer o perigo, fogem como estorninhos.

— Tambem tens razão. Sempre és levadinho da breca! Assim como te dá para gostares de lavradeiras, se te deixasses captivar de senhoras, o que ahi não iria? Eu acho-te muita graça a conversares com a preta.

— Não é preta; é mulata. Não confundas o crepusculo com a noite. E é boa mulher, sabes tu? Tomaram muitas brancas conversarem como ella.

— Não admira. Quem anda pelo mundo, aprende muito. Veio do Brazil; esteve no Porto; ha de ser doutora.

— Queres tu dormir cá? disse Domingos de Sampaio vendo que estavam proximos da Silva.

— Nada, nada, obrigado. Vou para casa que tenho amanhã muitos jornaleiros. Adeus até domingo. Cá estou sem falta, e não me ha de esquecer o teu conselho. Tu sempre és grande heroe!

E separaram-se. Domingos de Sampaio recolheu a casa, e Luiz de Mattos partiu para Paços de Ferreira no cavallo que o criado trouxera á mão desde a quinta da Egreja até á da Silva, cada qual recordando o que por differentes vezes

tinha passado com a viuva, e dando ás palavras e aos factos mui diverso sentido.

Luiz de Mattos foi por todo o caminho examinando as vantagens do seu casamento com D. Francisca de Azevedo, rica, gentil e prima de Antonio de Araujo que de enviado na Haia e em Paris vinha ser ministro em Lisboa. Já se imaginava conde de Armamar e hobreando na côrte com os Pontes de Lima, os Angejas e os Nizas que então eram da primeira plana entre os maiores fidalgos do reino.

Lá lhe parecia entretanto que a brazileira, viuva de um sargento-mór, não seria para condessa de Armamar, porém de que modo chegar a ser conde sem o favor do ministro? E para obtel-o não podia haver melhor empenho que o parentesco proximo. Tão penetrado d'estas considarações entrou em casa, que até se arrependia de não ter encarregado Domingos de Sampaio ou Luiz Coelho de pedir no dia seguinte a mão de D. Francisca.

Eram mui outras as reflexões do nosso astuto alferes. Dizia-lhe a natural sagacidade que a viuva conhecera desde logo a autoridade moral d'elle sobre quantos a cercavam, e por isso o seguia sempre com os olhos até quando parecia mais attenta a escutar os outros. Vigiava-o como quem se arreceava de tamanha perspicacia á qual não escaparia qualquer engano. Haveria pois n'ella segredo

cuja revelação á viuva convinha evitar? É o que Domingos de Sampaio desejava conhecer.

No continuado e intimo trato com o sexo fragil aprendêra a precaver-se contra todos os artificios, fingindo a maxima boa fé e a maior credulidade, e como verdadeiro mestre suspeitara que D. Francisca poderia ser tudo quanto narrava, ou então pessoa mui differente da condição e estado que geralmente lhe attribuiam. E depois nas conversações joviaes com a Therezinha advertira em certas franquezas de linguagem, embora immediatamente reprimidas, que não abonavam a seriedade d'aquella gente, mas tão de bom grado lh'as acolhera por naturaes, decentes e adequadas ao assumpto, que em poucos dias o alferes e a mulata falavam entre si com a franca liberdade de soldados velhos em campanha.

Esta mascara já elle dava por caída e lançada para longe. Restava-lhe arrancar a que encobria as feições moraes da viuva.

Occorria-lhe n'esse ponto a inclinação de Luiz de Mattos a D. Francisca, a leviandade do rapaz, e o receio de ser complice d'um enlace de que viesse a arrepender-se ou a envergonhar-se o estouvado pretendente do condado de Armamar. E como era homem honrado e de excellente coração, já estava impaciente por indagar a verdade para proceder com circumspecção, coadjuvando o casa-

mento de Luiz de Mattos ou impedindo-o com algum dos seus costumados logros.

No dia seguinte levantou-se de madrugada, disse a D. Josepha que ia ao Porto por causa d'uma demanda appellada na relação, e partiu depois de annunciar que regressaria á Silva na sexta-feira proxima ou no sabbado. Mal chegou á patria do infante D. Henrique, foi procurar o desembargador Gaspar Coelho com quem tinha relações de amizade, e tanto apertou com o parente da casa da Igreja que voltou a Besteiros amplamente informado ácerca da viuva do sargento-mór.

— Então o dito dito, sr. Gaspar Coelho, concluiu Domingos de Sampaio ao despedir-se do desembargador. V. s.^a, quando fôr necessario, cumpro a sua promessa, e eu não fallo em nada a Francisco d'Almada.

— Póde contar com a minha palavra, sr. Domingos de Sampaio, e não me vá malquistar com meu primo Luiz Coelho por ter dado a D. Francisca a tal carta de recommendação.

— Aqui para nós, respondeu o alferes da Silva, v. s.^a merecia bem uma lição cá das minhas. Pois um desembargador recommenda creaturas d'aquellas a uma familia honesta?!

— Não falemos mais n'isso, meu presado amigo. Eu já sabia que onde está Domingos de Sampaio, não ha engano que dure muito. E a gente mais si-

suda está a cada passo protegendo traficantes. Coisas d'este mundo, e muito antigas! Não se lembra d'aquella carta de D. Francisco Manuel recommendando a certo ministro um velho, debruado de comediante, mas com seus assomos de homem de bem?

— Se me não ha de lembrar! Traduzi para latim com o padre Moreira, de Louzada, algumas quinze ou vinte cartas do primoroso autor das Epanaphoras.

— Pois meu amigo, lá dizia elle na tal carta: *D. Diego Catite que eu já conheci sem dom e cuído sem Diego, tal o tenho conhecido*; e apezar d'isso recommendava-o.

— E v. s.^a fez o mesmo a respeito d'aquella mulher que já conhecera sem Queiroz, sem Azevedo, sem Francisca e sem dom! retrucou Domingos de Sampaio dando uma risada.

— Fraquezas de homem! exclamou o desembargador abaixando os olhos. Como quer que lh'o diga?

— Basta. Basta. Eu tomo o negocio á minha conta. Não haverá escandalo, nem prejuizo de terceiro.

Descendo as escadas de Gaspar Coelho que chegara a desembargador do Porto ainda em annos verdes, murmurava Domingos de Sampaio contra as paixões que desvairam os homens mais graves, e já vinha ruminando o plano de salvar o impru-

dente Luiz de Mattos, de occultar á cunhada e a Luiz Coelho o que soubera a respeito da viuva, e de pôr cobro a similhante comedia.

— A mim é que me não enganou a tal dona Catite! dizia com os seus botões o nosso alferes ao subir vagarosamente pela serra de Baltar. Pois era para illudir um santo aquella modestia, as fallas discretas e sisudas, a graça, a candura, e o viver recatado e honesto!

Encarecendo n'este soliloquio a propria esperteza e as suppostas qualidades de D. Francisca, Domingos de Sampaio não se esquivava talvez inteiramente ás tentações de Satanaz que já tinha por costume armar-lhe laços pecaminosos n'aquellas jornadas ao Porto. Ao chegar no sabbado á quinta da Silva trazia na mente delineada a traça para dar cabo dos enredos que D. Francisca ia tecendo, mas a fraqueza da condição humana, sem lhe destruir as boas intenções, não podera arredar do seu travesso espirito o desejo de inspirar momentaneamente á engraçada viuva algum sentimento affetuoso.

Domingos de Sampaio era mestre e valente campeador em brigar, em jogralidades e em amores. Nas lutas porém com o diabo da carne, coitado, ficava quasi sempre vencido! Tão certo é que nem todos são para tudo!

V

Não correram muitas horas da manhã antes de chegar á quinta da Silva Luiz de Mattos. Vinha queixoso de que tivesse partido para o Porto Domingos de Sampaio na hora em que maior necessidade tinha dos conselhos de pessoa tão avisada e prudente, felicitava-se porém de que ao menos o não tivesse deixado só n'aquelle dia em que tencionava pedir licença á viuva para lhe falar quando estivesse no mirante.

— Não perguntaste por ella no Porto a ninguem? continuou o parente do conde de Armamar.

— Bem me lembrava a mim no Porto a D. Francisca do Aído! Não era pouco tratar da minha demanda e apressar o caso para sair d'aquelle inferno onde cada dia é pezado a oiro com despezas de estalagem, gratificações aos escudeiros dos desembargadores, presentes aos amos, propinas aos escrivães e dinheiro adiantado a procuradores e letrados. Arreda! que sae a gente de lá sem pelle!

— Quem me dera ser assim, Domingos. Pois eu apesar das obras que trago em Paços de Ferreira, e da azafama da lavoira que é grande, não pensei desde domingo em outra coisa. Logo no outro dia vim eu aqui resolvido a pedil-a em casamento, mas tu estavas para o Porto...

— Já nós lá vamos ! Isso é que se chama galopar ! Cuidado que não arrebetes na carreira. Mas tu vinhas-m'a pedir a mim ? Eu não sou pae, nem irmão, nem tio da graciosa viuvinha.

— Está visto que não és, porém sendo meu amigo, patricio e ainda parente por minha quarta avó D. Maria de Sampaio, eras a quem eu desejava encarregar de dirigir este negocio.

— Obrigado, meu Luiz, mas tu bem sabes o proverbio: *Antes que cases, olha o que fazes*. Principia pelo mirante, e depois se continuar a agardar-te e vires que ella não gosta de ti, sempre é tempo de casar.

— Tens razão. Eu tambem depois reflecti mais e resolvi não fazer nada sem falar comtigo. Agora, se te parece, vamos indo até casa de tua cunhada que são horas. Luiz Coelho diz que eu nunca lá vou jantar. Chegou a occasião de o desmentir.

— Pois vamos ; respondeu Domingos de Sampaio tomando o chapeo e a bengala de canna da India e castão de prata lavrada que lhe deixara seu tio e sogro Antonio Martins Sampaio.

Sairam da Silva, atravessaram a freguezia da Magdalena e entrando nas Paredes, seguiram pela altura superior á casa da cadeia para a quinta da Egreja, onde foram encontrar Luiz Coelho, D. Marianna, D. Francisca de Azevedo, a Therezinha e o abbade de Castellões, sentados no pequeno jar-

dim que dava passagem para as escadas e pateo exterior de pedra onde abria a porta principal da casa.

— Então o mano foi ao Porto e não nos disse nada, exclamou D. Marianna apenas avistou o cunhado. Tinha uma encommenda a fazer-lhe.

— Será para outra vez, minha prezada mana. Eu fui á pressa por causa da demanda com meus primos do Pato. Não falei senão com desembargadores, escrivães, procuradores e mais caterva judicial. Se nem fui visitar o meu velho amigo Francisco de Almada... Façam idéa!

— Isso então foi caso, acudiu Luiz Coelho. Que dirá o nosso respeitavel corregedor em sabendo que estiveste no Porto e não foste pregar-lhe ao menos uma peta?

— E tambem dizer-lhe algumas verdades que ninguem lh'as conta como eu, nem outrem as ouve de mim ou de qualquer pessoa com maior espirito de justiça e amor do bem publico. O sr. Francisco de Almada é o marquez de Pombal cá do norte. Mas que querem? Eu andei sempre agarrado ás abas da casaca de Gaspar Coelho, e se elle não fosse amigo velho e assim uma especie de irmão nosso, parece-me que a demanda ia pela agua abaixo sem remedio.

— Gaspar Coelho sempre foi nosso amigo, disse D. Marianna, e quando lhe não devessemos senão

o conhecimento com a sr.^a D. Francisca, já não era pequena a dívida.

Quiz agradecer a viuva de Ayres de Queiroz, mas pegou-se-lhe a voz na garganta. Limitou-se pois a inclinar a cabeça, levando o lenço á bocca para encobrir a pallidez que lhe avultara no semblante desde que Domingos de Sampaio alludira, olhando fixamente para ella, á intimidade com o desembargador Gaspar Coelho. A mulata parecia morder os beiços e ora encarava com o nosso divertido alferes, ora espreitava a physionomia de D. Francisca. Ninguém deu pela perturbação das duas, e Domingos de Sampaio continuou a referir o que passara na jornada, como se não advertira no effeito repentino da sua narração.

Correu placido o jantar durante o qual se foi animando a conversação entremeada dos bons ditos, anedotas e proverbios em que era eminente o alferes da Silva. Desceram depois ao pomar e foram passeiando para o lado do rio, merecendo como sempre especial solicitude a Domingos de Sampaio, na passagem de qualquer rego, na aproximação dos silvados e em transpor os portêlos, a sr.^a Therezinha.

Parecia fortalecer-se a boa correspondencia entre os dois a ponto de pararem ás vezes e consumirem alguns minutos em intima palestra. Tambem já não excitavam curiosidade por ser costu-

me, e porque a côr e idade da mulata não eram para accender desconfianças. Nem a Luiz Coelho nem a D. Marianna de Barboza, nem ao apaixonado Luiz de Mattos veio nunca ao pensamento que a séria e quasi rispida Thereza fosse a porta do coração de D. Francisca, e que Domingos de Sampaio, ajudado pelas revelações do desembargador, se apoderasse inteiramente do animo d'ella.

Á noite foram Domingos de Sampaio e Luiz de Mattos acompanhar ao Aido a saudosa viuva de Ayres de Queiroz, e o fidalguinho de Paços de Ferreira não se esqueceu de aproveitar o primeiro ensejo favoravel para obter a amorosa permissão de ir contemplar a sua amada á meiga claridade da lua, quando D. Francisca se demorava no mirante da quinta.

— Eu licença não lhe dou, respondeu D. Francisca sorrindo e olhando para Luiz de Mattos de modo que o enlouquecesse de amor, porém a falar a verdade impedil-o não posso. A estrada é de todos, e eu não tenho autoridade para obstar a que ande por ella quem quizer.

— Mas não se offende, replicou o mancebo que o affecto cegava cada vez mais, nem deixa de apparecer no mirante?

— Como não sei a noite em que ha de passar, não me posso esconder. Por offensa não tomo o desejo de me ver, mas é bem triste desejo! Que tem que

ver uma pobre viuva, saudosa de seu marido que a estremecia, e certa de não encontrar tamanho amor e tão pertinaz dedicação?

— Quem sabe? O seu merecimento pôde inspirar grandes paixões. Quem a conhecer bem, ha de pôr aos seus pés coração, alma e vida, e obrigar-a a esquecer o passado para se comprazer no presente, e regosijar-se com a certeza do futuro.

— Isso é bom de dizer, sr. Luiz de Mattos... Porém agora noto que nos adiantamos demasiadamente. A Therezinha e o sr. Domingos de Sampaio ficaram muito para traz.

Pararam os dois voltando-se para a estrada já percorrida, por onde vagarosamente vinham caminhando o alferes e a mulata. D. Francisca olhava com ternura para Luiz de Mattos, e pareceria lisonjeada da paixão do mancebo a quem não attentasse em certas contracções dos beiços, ironicas mas quasi imperceptiveis, que desmentiam o olhar affectuoso.

Entretanto ia-se aproximando a mulata com Domingos de Sampaio, não sem pararem de vez em quando como quem está concluindo negocio importante e conta com a resignação da pessoa que por sua causa se demora. Quem tivesse escutado as ultimas palavras da Therezinha ficaria sabendo que promettera ao alferes obedecer-lhe em tudo e cumprir á risca quanto lhe indicasse, e que

lhe assegurara igual complacencia da parte de D. Francisca.

—E ande lá, meu maganão, concluiu a boa da mulata, que d'estas africanas fazem poucos. Tambem sempre lhe digo que tenho corrido muito mundo, porém nunca se me deparou homem tão esperto e tão disfarçadinho. E mettido entre estes castanheiros e carvalhos... aqui na aldeia!

—São favores seus, sr.^a D. Thereza. Nós entendemo-nos muito bem. E agora não façamos esperar mais a saudosa viuva do sargento-mór Ayres de Queiroz. *Quem espera, desespera*, diz o proverbio.

—É de bico revoltado este melro da ribeira Sousa! Quem poderia suspeital-o? dizia a mulata sorrindo e batendo de leve com a mão no hombro do alferes da Silva.

Com isto reuniram-se junto do portão da quinta do Aído, despedindo-se todos até ao domingo seguinte, recolhendo-se a casa a viuva com a sua aia, e regressando Luiz de Mattos e Domingos de Sampaio como das outras vezes em animado colloquio até á quinta da Silva.

Deu conta o mancebo de quanto lhe dissera a viuva, e ajustou com o alferes passar na estrada adjacente ao mirante na noite de quarta feira com as cautellas necessarias para não ser seguido pela gente das Paredes, já n'esse tempo de boa condi-

ção, mas curiosa a não poder mais e atreita a espreitar as acções alheias principalmente de noite. Ociosidades da provincia!

— Eu deixo o cavallo na Silva, dizia Luiz de Mattos, e vou a pé falar-lhe ao mirante.

— Pois está bem de ver. Era o que faltava se ias a cavallo e de lança em riste atacar o mirante, como se fossem os celebres moinhos de D. Quixote de la Mancha. E por fortuna tens defronte aquelle grande soveiro que dá sombra ao sitio e quasi entra com um dos ramos pelo mirante dentro. Podes estar alli a conversar sem que te vejam.

— Nada. Eu vou a pé. E sou capaz de trepar ao soveiro para lhe falar á vontade. Então é que ninguém me vê.

— Com tanto que não quebres a cabeça. Vê lá. O caso não é para tanto.

— Pois eu acho que é para tudo, e por minha vontade não acabava este mez sem estar casado com ella.

— Muito juizo, meu Luiz de Mattos. Tu não ignoras o proverbio : *Até ao lavar dos cestos é vindima.*

— Tambem sabes adagios para tudo quanto ha, excepto para eu concluir depressa este casamento do qual depende a minha felicidade e a restauração do titulo do conde de Armamar, meu infeliz parente.

— Enganas-te. Está-me debaixo da lingua o proverbio que traduz o teu pensamento. É *casa, casa, que Deus dará pão*, isto é, casa estouvadamente e sem saberes o que fazes. Olha que este pão não é o de Canavezes nem o de Vallongo, nem o nosso pão de milho, nem a nossa brôa. É a felicidade da vida.

— Pois sim. Pois sim. Não faças sermão. Eu estou pelo que tu dizes. Ou tu não fosses o padremestre dos casos n'estas dez leguas ao redor! exclamou Luiz de Mattos ao montar a cavallo, despedindo-se de Domingos de Sampaio. Então na quarta feira ao escurecer aqui me apresento.

— Quando tu quizeres. Eu estou sempre ás tuas ordens. *Para amigos mãos rotas...*

— Diz o proverbio, interrompeu Luiz de Mattos, terminando a phrase. Bem sei. Adeus. Fica-te em paz com os teus proverbios. Até quarta feira.

E deu de esporas ao brioso alazão, deixando Domingos de Sampaio engolfado em profundo cogitar ácerca dos successos já narrados n'esta veridica historia e de outros que ainda não foram referidos.

VI

Luiz de Mattos desde a quinta da Silva até Paços de Ferreira pensou unicamente em D. Francisca, parecendo-lhe quasi superior ás suas forças o sacrificio de esperar até á noite de quarta feira para ir falar-lhe. Abria-se largamente ao amor aquelle inexperiente coração de mancebo, e augmentava-lhe o enlevo a esperança de realisar o sonho doirado da sua ambição aristocratica. Por menos enlouqueceria de vaidade e de affecto qualquer outro mancebo nas circumstancias de Luiz de Mattos. Pobre rapaz !

Seguia por caminho mui diverso o espirito inquieto e prazenteiro de Domingos de Sampaio, nem seria facil narrar com exactidão os intentos do nosso alferes ao separar-se do apaixonado fidalgo de Paços de Ferreira. No sorriso malicioso que lhe apontou aos labios n'esta occasião, e no esfregar das mãos uma contra a outra, havia sem duvida certos indicios de satisfação intima, frequentes em Domingos de Sampaio quando lhe corriam á feição todos os negocios ou se lhe ajuntava aos planos zombeteiros o ensejo de os levar ao cabo, mas o que elle combinara com a mulata, e o que meditava ácerca dos amores de Luiz de Mattos com a viuva do sargento-mór Ayres de Queiroz, ninguem poderia então descortinar.

Na tarde da segunda feira saiu de casa Domingos de Sampaio com o costumado pretexto de visitar o abbade da freguezia; esteve até á noite na residencia de Besteiros em palestra com o parcho; e d'alli seguiu para a povoação das Paredes onde todavia ninguem o viu entrar. Os mais curiosos que por volta da meia noite, desviando-se da estrada, se occultassem perto da fonte, a que chamam sagrada, no caminho que das Paredes segue por Mouriz, Baltar e Vallongo, para o Porto, poderiam ter visto passar o nosso alferes, vindo dos sitios onde ficava a quinta do Aido, affastando-se do povoado e vigiando para os lados como quem desejava acautelar-se de vistas indiscretas. Fossem lá saber d'onde elle vinha!

Grande temeridade seria imaginar qualquer aventura em que houvesse de padecer a intemerata virtude da inconsolavel viuvinha, por maior ascendente que as revelações do desembargador Gaspar Coelho tivessem dado ao nosso alferes sobre o animo de D. Francisca.

Tambem não passou a noite seguinte na quinta da Silva Domingos de Sampaio. Abalou de casa ao pôr do sol chamando o criado que o acompanhava em todas as jornadas, e ordenando-lhe que levasse um serrote. D'alli embrenharam-se ambos nos pinhaes mais proximos da quinta da Silva, como era costume fazerem quando iam limpar de

rama superabundante os pinheiros novos para lhes auxiliar o desenvolvimento. D. Josepha não deu pela ausência do marido, e soube depois pelas criadas que fôra dirigir trabalhos nos pinheiraes. A nenhuma outra pessoa deu cuidado o passeio de Domingos de Sampaio, nem houve quem lhe espreitasse os passos quando em horas mais adiantadas caminhou com o criado até ao gigantesco soveiro que, assombrando o mirante da quinta de D. Francisca, estendia por cima do muro e ao lado do parapeito um dos seus mais vigorosos braços.

Na quarta feira ao pôr do sol chegou Luiz de Mattos á quinta da Silva, e deixando alli o cavallo saiu com Domingos de Sampaio para o caminho das Paredes.

— Tu vens commigo, dizia o fidalgo de Paços de Ferreira ao chegarem á egreja da freguezia da Magdalena, contigua á de Besteiros. Ficas alli perto enquanto eu falo com D. Francisca, e depois voltamos ambos.

— Nada, meu Luiz, replicou o alferes. Esses negocios não são de dois. Vae tu sósinho. Não tens que recluir.

— E que tivesse. Graças a Deus ainda não encontrei quem me obrigasse a torcer caminho. Mas queria conversar contigo depois da entrevista. Não tenho outro confidente, e se D. Francisca me

acolher bem, como desejo, quero que lhe vás pedir a sua mão da minha parte.

— E tu a teimares com o casamento! Sempre é tempo de casar, e depois de contraídos aquelles laços, acabou. Nem o Santo Padre os desata.

— Olha, Domingos. Eu cá sou assim. Dito e feito. Não tolero grandes demoras. Isto é do sangue dos Mattos. Se meu tio o infeliz conde de Armamar e o arcebispo não fossem tambem como eu, não lhes teria acontecido o que aconteceu. O sangue nao se nega.

— Muito bem, respondeu Domingos de Sampaio sorrindo. Vae só e quando vieres, como tens o cavallo em minha casa, bate na porta da sala que eu abro-t'a. Hoje não me deito cedo.

— Então está dito. Até logo. Adeus.

Luiz de Mattos proseguiu para o Aido, já noite cerrada, e Domingos de Sampaio recolheu-se á quinta da Silva, allumiado pelo suave clarão da lua que principiava a surgir no horizonte. O fidalgo de Paços de Ferreira atravessou a povoação das Paredes, e continuou até ao mirante do Aido, onde avistou de longe o esbelto e elegante vulto de D. Francisca.

Já bastante elevada acima do horizonte, a lua penetrava com os seus raios luminosos por entre a folhagem delicada do soveiro, e projectava na terra e no muro proximo a sombra do avultado

tronco e dos seus frondosos ramos, zeburada a espaços por pequenos clarões de luz, de que a aragem nocturna modificava successivamente os contornos. Parecia que o astro da noite espreitava a primeira scena intima dos amores de Luiz de Mattos, e que reservara um dos seus raios mais suavemente brilhantes para allumiar a esbelta fronte da linda viuvinha. A airosa cabeça de D. Francisca, encostada ao braço no parapeito do mirante e illuminada pelo mais puro luar, era para inflammear corações indifferentes, quanto mais o do joven Luiz de Mattos, inteiramente dominado pelo amor e pela ambição da grandeza.

— Perdôa-me, disse o fidalgo de Paços de Ferreira ao aproximar-se do muro da quinta do Aído, perdôa-me vir interromper as suas cogitações melancholicas?

— Não ouço nada, respondeu a viuva debruçando-se do mirante. O vento está do lado de Penafiel e leva as vozes para longe.

— Pedia-lhe perdão, repetiu Luiz de Mattos erguendo a voz, de ter vindo quebrar o fio dos seus pensamentos mais queridos, mas eu já não posso viver sem avistar o seu formoso semblante e sem ouvir a sua encantadora voz.

— Fale baixo, sr. Luiz de Mattos. A Therezinha anda no pomar e póde ouvir-lhe a voz. Desejo que ella não dê por esta minha imprudencia. Nem

eu sei que opinião ha de ter de mim o sr. Luiz de Mattos. Mas asseguro-lhe que não esperava hoje vê-lo.

— Não esperava? Pois não acredita no meu amor? Não sabe que a amo do fundo da minha alma, e que o meu futuro depende inteiramente da sua vontade?

— Peço-lhe, por quem é, que fale baixo, sr. Luiz de Mattos. Respeite a minha triste condição e o meu credito.

— Valha-me Deus, menina. Se falo baixo, não me ouve; se falo alto, desagrado-lhe... Se eu subisse a esta arvore, poderíamos conversar socegradamente.

— Não faça tal, sr. Mattos. Pôde passar alguém, e então é que fico perdida de todo. Eu nunca devia ter vindo a este mirante, mas confesso-lhe que o coração pôde mais que a consciencia do meu dever.

— Não receie nada, sr.^a D. Francisca; Luiz de Mattos de Noronha é amante apaixonado e talvez louco, mas nasceu e ha de morrer cavalheiro como seus avós. Se alguém nos visse, o meu amor saberia impedir todas as más consequencias que d'ahi podessem resultar.

— Mas não tem medo de cair? Eu estou toda a tremer só de lhe ouvir falar em semelhante ousadia.

A palavra medo produziu no animo do imaginario successor do conde de Armamar o devido effeito, e quando D. Francisca pronunciou o resto da phrase, já Luiz de Mattos, abraçando o tronco da arvore e ajudando-se com as pernas, chegava agilmente ao ponto d'onde partia o ramo que se alongava até ao mirante. Cavalgou logo no alentado braço do sovereiro e levantando o corpo nas mãos foi-se adiantando até ficar a tão curta distancia que lhe seria facil saltar para dentro do mirante.

— Que temeridade! exclamou a formosa viuva pondo-se em pé e fazendo gestos de vivo receio. Que perigo!

— Não ha perigo que não affronte por sua causa. O meu amor...

Não se ouviu o resto da expressão affectuosa que assomara aos labios de Luiz de Mattos. Estalara junto do tronco o ramo do sovereiro e viera ao chão arrastando na queda o imprudente fidalgo de Paços de Ferreira. A viuva deu um grito de afflicção e desapareceu do mirante, descendo a escada e fugindo pelo pomar com a mulata que assistira por detraz do muro á entrevista amorosa. Luiz de Mattos não as ouviu rir, porque perdera es sentidos ferido na cabeça.

A essa hora estava na quinta da Silva o nosso Domingos de Sampaio passeiando na eira ao luar

e perguntando ao criado se ficara bem serrado o ramo do soveiro.

— Deixei-lhe pouco mais de um dedo de espessura, respondeu o confidente de Domingos de Sampaio. É trambulhão certo. Não resiste ao peso o braço da arvore.

— Coitado, exclamava o alferes da Silva esfregando jubilosamente as mãos. Os ramos e as folhas amortecem a queda. Mas a lição era-lhe necessaria.

Traças do senhor Domingos de Sampaio !

VII

Suppozera o nosso bom alferes que não poderia ser perigosa a queda de Luiz de Mattos, julgando que lhe serviriam de amparo os ramos do soveiro, mas não lhe occorreu que o mancebo, despenhado do braço da arvore, viria a ferir-se gravemente, se dêsse com a cabeça no muro ; e assim esteve para acontecer.

Luiz de Mattos escorregou na direcção da parede ; caíu porém envolvido nos ramos, em um dos quaes bateu com a cabeça de modo que perdeu os sentidos, ficando com as pernas no braço do sove-

reiro e o corpo sustentado pela ramagem, mas pendido para o chão.

Passaram pouco depois alli uns homens que de Paço de Sousa iam para Freiamunde, e tinham madrugado para evitar o calor. Ao chegarem ao soveiro, como estivesse tomado o caminho com o braço da arvore, quizeram abrir passagem arredando os ramos, e descobriram então o corpo de Luiz de Mattos. Vinha entre elles Gonçalo de Miranda, cavalheiro de Riba-Sousa, e conhecendo o joven fidalgo de Paços de Ferreira, apeou-se, desprende-o dos ramos que o envolviam e ajudado dos companheiros collocou-o contra o muro onde examinaram se estava morto ou ferido, e como pelo calor do corpo o julgassem vivo, procuraram tornal-o a si com aspersões de agua fria sobre o rosto.

Em breve abriu os olhos o parente do conde de Armamar, e fitou espantado a vista em quantos o rodeavam. Depois acceitando a mão de Gonçalo de Miranda, chegou a levantar-se, mas caiu-lhe nos braços estonteado e murmurando algumas palavras, por entre as quaes apenas se ouviu distinctamente o nome de Francisca.

Chegava n'esse momento áquelle sitio a cavallo o alferes da Silva, que admirado da demora de Luiz de Mattos e receioso de desastre maior, viera curioso e assustado ao logar da catastrophe onde

a victima dos seus tramas jazia de novo inanime. Era, como já sabem, de excellente coração Domingos de Sampaio, comquanto propenso a divertir-se á custa alheia, e a armar aos seus melhores amigos d'estas graças a que vulgarmente e com razão chamam graças pesadas. Depois, se o mal era maior do que imaginara, affligia-se, e muitas vezes tinha gasto avultadas sommas para reparar os damnos a que dera causa.

— Então que foi isto? exclamou para Gonçalo de Miranda ao acercar-se do grupo que rodeava Luiz de Mattos.

— Não sei. Vejo o que estás vendo, respondeu o Miranda narrando como alli chegara, e descobrira n'aquelle estado o fidalgo de Paços de Ferreira.

— Valha-nos Dêus, disse Domingos de Sampaio profundamente commovido. Vamos pedir ás senhoras do Aido que o recolham em casa, e um d'esses homens que chegue já ás Paredes chamar o cirurgião Nunes Pereira.

— Talvez fosse melhor leval-o para a Egreja para casa de teu cunhado Luiz Coelho, ponderou Gonçalo de Miranda. Alli ficará mais á vontade.

— Nada, nada. Sem vir o cirurgião não se pôde bulir muito com elle. Eu vou bater á porta da quinta, e manda tu o teu criado ás Paredes.

Partiu logo o criado de Gonçalo de Miranda

para as Paredes, e Domingos de Sampaio seguiu junto ao muro até ao portão do Aido, no qual bateu amiudadas vezes. Acudiu o caseiro e em seguida a mulata a saber a causa de tamanho aruido, e obtida facilmente, como pôde suppôr-se, a permissão de recolher alli o joven namorado, entrou o corpo de Luiz de Mattos na sala principal da casa do Aido nos braços de Gonçalo de Miranda e dos seus companheiros! Luiz de Mattos respirava com força e levava com frequencia a mão direita á cabeça, mas não volvera a abrir os olhos nem falava.

Pouco depois chegou o cirurgião, e desde o primeiro degrau da escada sóou a sua voz estridente e alegre. Não havia n'aquellas cinco leguas em redor homem mais estrondosamente jovial, nem coração mais aberto aos bons sentimentos. Inspirava confiança aos enfermos e diminuia as angustias das familias. Por isso tinha larga clientella em todo o concelho de Aguiar de Sousa, e até fóra d'elle era requerido e consultado.

— Então vejamos esse infeliz, disse ao entrar na sala. Ah! Está vivo! Ainda bem. O homem que me foi chamar, deu-m'o por morto, e eu estive para não sair de casa.

Tomou-lhe o pulso, examinou-lhe a cabeça, mandou que o deitassem no canapé, e que lhe despissem o braço esquerdo.

— Isto não é nada. accrescentou sorrindo e abrindo o estojo que tirara da algibeira. Uma boa sangria, e temos homem.

— Ó sr. Nunes, interrompeu Domingos de Sampaio, não seria melhor deital-o sobre uma cama?

— Não é preciso. Melhor é o que eu vou fazer. D'isto entendem os facultativos. O sr. Domingos de Sampaio entende de gracejos, de brincadeiras, e de muitas outras coisas, menos de cirurgia.

Sangrou-o com effeito no braço, e apenas o sangue principiou a correr, abriu Luiz de Mattos os olhos, e encarou e conheceu o cirurgião. Domingos de Sampaio tinha-se collocado de modo que o doente o não avistasse logo. A mulata estava em pé junto de Luiz de Mattos, e D. Francisca apparecera á porta do seu quarto que era immediato á sala.

— Onde estou eu? exclamou o fidalgo de Paços de Ferreira! Esta casa...

— Não fale por ora, interrompeu o cirurgião. Logo falará pelos cotovellos, se quizer.

Reanimou-se em breve Luiz de Mattos, e quando o Nunes lhe vedou a sangria, sentou-se no canapé e deu um ai profundissimo como quem acorda de incommodo pesadelo.

— Mas onde estou eu? tornou a repetir.

— Está na quinta do Aido em casa da sr.^a D. Francisca, respondeu o facultativo.

— Ah! Sim. A minha queda foi perto d'aqui, mas podiam ter-me levado para casa de Luiz Coelho. Já mandaram dizer a Domingos de Sampaio o que me aconteceu? Eu ia passando alli por fóra do muro quando de repente...

— Aqui estou, Luiz, aqui estou, disse o alferes da Silva passando por diante de Luiz de Mattos e cortando-lhe o discurso com receio de que a imaginação pouco fertil do mancebo não descobrisse invento adequado a occultar o caso e a arredar as suspeitas dos circumstantes.

— Ainda bem que te mandaram chamar, respondeu Luiz de Mattos sorrindo para o alferes.

— Ninguem lá mandou. Vim eu, replicou Domingos de Sampaio, porque me tardavas em casa. Logo me quiz parecer que tinhamos alguma das tuas.

— Não foi nada, disse Luiz de Mattos levantando-se. Eu ia a Guilhufe, mas ao passar defronte da egreja de Castellões, senti zunir no ar uma pedra que me atiraram; corri ao sitio d'onde me parecerá expellida, e vi um rapaz escondido por detrás de uma parede. Mal me avistou, fugiu para este lado, segui-o correndo, e quando ia apanhal-o, subiu ao soveiro grande e saltou para dentro da quinta. Subi egualmente, porém o ramo da arvore quebrou com o meu peso e deu commigo no chão.

— Criancices que já não são da tua idade! Va-

mos, agradece a estas senhoras a hospitalidade que te deram, e se o sr. Nunes acha que não te fará mal, vem commigo até á Silva. .

— Indo de vagar, não tem duvida, respondeu o cirurgião. O sr. Luiz de Mattos é de tempera rija.

— É de familia. Os Mattos todos somos assim. Meutio Sebastião de Mattos morreu de noventa annos; meu pae aos setenta ainda ia ás perdizes; e minha tia D. Sancha aos oitenta annos lia sem oculos o *Nobiliario do conde D. Pedro* com todas as notas que são de letra miuda.

— Pois sim, meu Luiz, accrescentou Domingos de Sampaio. Vocês não são matto, são tojo e do mais duro. Porém não incommodemos estas senhoras. Bem basta o sobresalto que lhes causamos, acordando-as de madrugada.

— É verdade, disse Luiz de Mattos, olhando em volta de si á busca de D. Francisca. Eu sinto muito, minhas senhoras, o desarranjo de que fui causa involuntaria, e fico summamente grato a tamanha bondade.

— O que nós estimamos, balbuciou D. Francisca, é não ter havido desastre. O sr. Luiz de Mattos não olha a perigos...

— Rapazes, rapazes! São todos assim, acudiu o cirurgião Nunes dando uma gargalhada. Felizmente não foi nada. E agora rua, que estas senhoras querem descansar.

E tomando o chapeo, saiu para o pateo e foi descendo as escadas, seguindo-o Luiz de Mattos pelo braço de Domingos de Sampaio, e Gonçalo de Miranda acompanhado pelos que tinham vindo com elle. Fôra da quinta do Aído ainda principiaram de novo a falar no caso, porém Domingos de Sampaio atalhou a conversação, despedindo-se e caminhando com Luiz de Mattos e o cirurgião para a quinta da Silva, enquanto Gonçalo de Miranda e os demais tomavam o caminho de Freiamunde.

Já era dia claro quando o fidalgo de Paços de Ferreira chegou com o alferes á casa d'este, onde D. Josepha, a pé desde o nascer da auróra, andava inquieta por não saber que motivo extraordinario impedira o marido de se deitar, e o obrigara a sair de casa ainda de noite. Afugentados porém quaesquer receios com a chegada de Domingos de Sampaio na companhia de Luiz de Mattos, cuidou dos filhos e da casa sem inquirir de nenhuma outra coisa, e parecendo, como tinha por costume, não ter dado pelo passeio nocturno do nosso alferes.

— E que me dizes tu a esta aventura, exclamou Luiz de Mattos sentando-se em um banco de pedra á porta da capella da quinta da Silva.

— Não sei o que te hei de dizer, respondeu Domingos de Sampaio. Devéras não sei. O braço do

sovereiro não quebrava assim. O melhor é a gente calar-se até descobrir a verdade.

— A minha pena é o susto que teve a pobre D. Francisca, e o mal que este caso pode fazer á reputação d'ella. Ainda não julgas que eu deva sanar o mal que por ventura lhe fiz?

— Deixa ver, homem. Ha males que vem por bem. Vae para casa e descança.

— É que eu cada vez gosto mais d'ella. Não reparaste como estava pallida quando nos despedimos?

— Não reparei, mas as mulheres quando se levantam estremunhadas de madrugada, ficam sempre com má côr.

— Má dizes tu. Pois nunca me pareceu tão linda a gentil viuva.

— Sim, sim, o que tu quizeres. Monta a cavallo e vae para Paços de Ferreira. Anda. A passo. Ouves? Tu estás fraco. Não abuses.

Não descançou Domingos de Sampaio enquanto não viu a caminho o namorado de D. Francisca. Tamanho era o receio de que lhe lesse no semblante a verdade de toda aquella historia.

VIII

Não vivia a mulher de Domingos de Sampaio inteiramente livre de suspeitas ácerca dos frequentes passeios do nosso alferes para o lado das Paredes. Não fôra visitar a irmã á casa da Igreja depois que D. Francisca viera habitar a quinta do Aído, mas não lhe falleciam as informações que os criados se dão reciprocamente e com facilidade communicam aos amos. Entendia porém D. Josepha que os defeitos e fraquezas dos maridos, sendo provenientes de tédio ou desapego das doçuras conjugaes, unicamente se remedeiam á força de amor e de resignação, e que melhor se mantém a dignidade de uma senhora pelo silencio que por contestações acaloradas ou violentas explosões de ciúme. Entretanto D. Josepha era mulher e portanto curiosa. Resolveu pois ir no domingo seguinte visitar a irmã e encontrar-se em casa d'ella com a viuva do sargento-mór Ayres de Queiroz.

Annuiu Domingos de Sampaio ao intento de D. Josepha, e como viesse a proposito falar de D. Francisca, gabou mui naturalmente a formosura e discrição, tão afamadas da gentil viuva, mas recommendando á mulher que se não deixasse levar de apparencias, e que a não convidasse para vir á Silva onde proxivamente deviam passar um dia Luiz Coelho e a irmã de D. Josepha.

— Mas se a tal D. Francisca vae a casa de minha irmã, dizia a mulher de Domingos de Sampaio, porque razão a excluiremos da nossa?

— Por qualquer razão, retrucava sorrindo o malicioso do alferes. Ás vezes tambem é razão não ter razão nenhuma.

— Pois sim. Mas que necessidade tem minha irmã de receber em sua casa quem não é digna de vir á nossa? Deves falar-lhe com franqueza a tal respeito.

— Tua irmã é mulher de Luiz Coelho, o qual é primo do 'desembargador Gaspar Coelho, o qual lhe recommendou aquella mulher, a qual é tratada na casa da Igreja como se fosse o proprio Gaspar Coelho. Percebes este *autem genuit*?

— É como se percebesse, respondeu D. Josepha quasi livre de suspeitas ácerca do marido e de D. Francisca. Eu não quero saber d'essas coisas. A tua vontade é a minha.

N'estas boas disposições foram no domingo a casa de Luiz Coelho e ouviram missa na igreja de Castellões. Não appareceu porém D. Francisca nem a mulata, e como se aproximassem as horas do jantar, foi um criado ao Aido saber se a viuvinha estava doente, pois que faltara á missa e á costumada visita.

— E Luiz de Mattos tambem hoje nos desamparou, exclamou Luiz Coelho ao despedir o criado

para o Aído. Para onde iria aquelle maganão?

— Está doente e bem mal, coitado, respondeu Domingos de Sampaio. Fui ante-hontem a Paços de Ferreira; encontrei-o de cama e com muita febre. Deu uma queda; perdeu os sentidos; depois voltou a si, e foi bem para casa, mas no dia seguinte adoeceu e caiu de cama.

— Pobre rapaz! Caiu do cavallo talvez? Se elle é doido! Pois dá cabo de si.

— A queda foi aqui perto, e não foi do cavallo abaixo que bom picador é elle como poucos, replicou o alferes da Silva. Caiu de uma arvore.

— Então andava aos ninhos?!?

— Quaes ninhos nem meios ninhos! retrucou Domingos de Sampaio, abaixando a voz para não ser ouvido das senhoras. E em breves palavras narrou-lhe o caso inteiro, occultando unicamente a parte que lhe coubera na catastrophe.

— O que não se terá dito nas Paredes a respeito d'essa aventura? observou Luiz Coelho com sincero pezar. É tão melindroso o credito de uma senhora, principalmente quando vive sem homem que a defenda! Sempre foi uma historia da breca! Agora Luiz de Mattos fica responsavel pelo que padecer a fama de D. Francisca. É doido varrido!

— Pois olha que se não fosse eu, já a tinha perdido em casamento. É a mania d'elle.

— Dize antes que era a sua obrigação depois

de tamanho escandalo. Nem sei porque razão obstaste a tão honrado designio, a não ser por esse teu genio de zombetear de tudo e de todos. Entretanto, meu Domingos, em casos de honra...

— Ó Luiz, não fervas com pouco lume. Caso de honra para mim era não contribuir para casar um cavalheiro, embora leviano e adoidado, com uma mulher vinda Deus sabe d'onde; porque no fim de tudo D. Francisca é D. Francisca que nós nunca vimos senão agora; viuva do muito nobre sargento-mór Ayres de Queiroz que ninguem conheceu; e senhora da quinta do Aído por compra não sei de quem. Tudo isto é muito bom para a gente saber como lhe ha de chamar, e onde lhe póde fazer visitas, mas para casamento não me parece bastante.

— Mas olha que foi meu primo Gaspar que a recommendou. Então um desembargador do Porto, e meu parente, atrever-se-ia a introduzir em minha casa pessoa suspeita de mau proceder? A tua muita malicia arrasta-te a supposições injustas.

— Escuta, homem. Tu conheces Gaspar Coelho?

— Nunca o vi, mas conheci muito seu pae, que é hoje desembargador do Paço. É meu primo coirmão, porém nasceu e viveu sempre na côrte, e só ha poucos annos veio para o Porto, onde eu não fui desde que lá passei vindo de Lisboa.

— Pois conheço-o eu. É mancebo e estouvado.

Dá-se-lhe pouco dos preceitos a que nós todos obedecemos. Para mim as recommendações d'elle precisam pelo menos de duas testemunhas abonatorias.

— Ora essa! clamou Luiz som sincero espanto.

N'isto chegava o criado que fôra ao Aido e trazia a nova de que as senhoras tinham partido repentinamente para Guimarães, e que na quinta havia unicamente os caseiros.

— E como explicas tu agora esta fugida, disse Luiz Coelho para o alferes da Silva?

— Explica-se bem. Tiveram receio do escandalo e fugiram. Se não tivesse havido combinação entre D. Francisca e Luiz de Mattos, e se ella não temesse que por este successo viessem a descobrir-se outros, não desaparecia sem se despedir das pessoas que tam amigavelmente a acolheram. Vê tu como se vão confirmando as minhas suspeitas.

— Então que mandou dizer D. Francisca? acudiu a mulher de Luiz Coelho interrompendo a conversação com a irmã. Vem ou não vem?

— Podemos jantar que não vem, respondeu-lhe o marido. D. Francisca partiu para Guimarães.

— E a Thereza?

— Foi com ella.

— E partiu sem nos dizer nada?

— São assim estas aves d'arribação, disse Domingos de Sampaio. Chegam, poisam nas arvores,

descem aos campos, comem das searas, e quando lhes parece, batem as azas, levantam o vôo, e desaparecem. Ninguem sabe ao certo d'onde vieram, nem para onde partiram. Para ellas todo mundo é seu.

— Como quem não tem vergonha, replicou a mulher de Luiz Coelho. A culpa é de quem recebe com intimidade pessoas quasi desconhecidas.

— E eu que tanto desejava conhecer a celebre viuva! exclamou D. Josepha.

— Pois d'esta vez só indo a Guimarães ou talvez mais longe. Deus sabe onde parariam! respondeu sorrindo o alferes da Silva. As viúvas são aves dos sertões d'Africa. Vôam muito. E às tou-tinegras não lhes ficam a dever nada. Que a Providencia as leve por onde não causem damno.

— Tambem o mano está sempre a brincar, retorquiu a dona da casa levantando-se e seguindo com a irmã para a sala de jantar.

— Queria talvez que me affligisse por terem fugido da gaiola do Aido aquellas duas innocentes avesinhas? murmurou Domingos de Sampaio para Luiz Coelho ao acompanhar com elle as duas senhoras.

Deixemos jantar em paz as duas familias da Igreja e da Silva, e dêmos conta ao leitor do que se passou no Aido depois da desastrada queda de Luiz de Mattos.

IX

Na noite seguinte abriu-se a pequena porta do pomar e entrou por ella Domingos de Sampaio, a cuja obediencia as revelações de Gaspar Coelho tinham submettido inteiramente D. Francisca e a mulata. Com ambas fôra combinada a scena do mirante e o logro de que resultou a queda de Luiz de Mattos, mas nem o alferes nem as duas aventureiras imaginaram que pudesse haver perigo para o fidalgo de Paços de Ferreira. Contavam com a abundancia dos ramos e da folhagem para obstar a successo mais grave, e esperavam que Luiz de Mattos escorregando até ao chão se levantaria logo, retirando-se envergonhado para não voltar mais a contemplar nas noutes de luar a famosa viuva.

Aconteceu porém diversamente, como o leitor já sabe, e se Luiz Coelho tudo ignorava por ser homem pouco attreito a sair de casa, nas Paredes andava o caso em todas as conversações e contado com grande descredito da viuva. Domingos de Sampaio que no principio meditara unicamente curar Luiz de Mattos da paixão inspirada por D. Francisca, e reservar para si com esmerado disfarce tão elegante creatura, teve de aconselhar-lhe que, desamparando a quinta do Aído, fosse viver em qualquer outro sitio onde não chegasse a noticia da aventura nocturna.

D. Francisca acceitou com apparente resignação o conselho e prometteu partir dentro de tres dias para Guimarães, onde ficaria até que Domingos de Sampaio pudesse dispôr-lhe, segundo promettia, habitação mais proxima em alguma quinta a curta distancia da casa da Silva, mas não lhe escapou nenhum dos intuitos do malicioso alferes.

Viu logo que o principal empenho d'elle era afastal-a de casar com Luiz de Mattos, e como lhe conviesse mais ser fidalga em Paços de Ferreira, e adquirir posição social elevada, que viver condemnada aos amores illegitimos e pouco lucrativos de Domingos de Sampaio, resolveu oppôr á sagacidade d'elle a astucia de mulher, quasi sempre superior ás mais estudadas combinações do homem. Uma carta amorosissima de Luiz de Mattos, dictada pela paixão com ternura que a febre exagerara, veio confirmar a sua determinação.

Preparou-se para a viagem, e partiu do Aido ainda de noite, mas em vez de seguir por Freiamunde e Lustosa para Guimarães foi amanhecer á porta de Luiz de Mattos em Paços de Ferreira. Receberam os criados aquellas duas senhoras, e informando-as da enfermidade do amo, accrescentaram que iam dar parte ao fidalgo. Não o consentiu D. Francisca e ordenou, como se já fossem criados seus os d'aquella casa, que não acordassem Luiz de Mattos nem dissessem ao cirurgião, se por

acaso chegasse, ou a qualquer outra visita, que ellas estavam alli. Os criados obedeceram entendendo que de certo era esperada pelo fidalgo aquella extraordinaria visita.

Luiz de Mattos acordou ás sete horas da manhã com grandes melhoras, e soube logo da chegada das duas senhoras. Como lhe dissessem que uma d'ellas era mulata, alvoroçou-se com a suspeita de que estivesse alli D. Francisca e quiz levantar-se para lhes ir falar. Não lh'o consentiu porém a fraqueza. Teve de lhes mandar dizer que só no seu quarto as poderia receber.

— Socegue, sr. Luiz de Mattos, disse D. Francisca entrando no quarto e dirigindo-se para o leito onde jazia o fidalgo de Paços de Ferreira. Vejo-me obrigada a sair do Aido por causa do desastre que lhe aconteceu. Perdi a minha reputação, e porque estou innocente, não posso supportar as murmurações e calumnias que por lá vogam contra mim. Vou para Guimarães, mas não quiz deixar estes sitios sem me despedir de quem por minha causa arriscou a vida. Venho dizer-lhe adeus.

E proferindo estas palavras levou o lenço aos olhos, como se os humedecera o pranto da saudade.

Beijo-lhe as mãos, exclamou Luiz de Mattos tomando-lh'as ambas e beijando-as com affectuoso entusiasmo. Veiu dar-me saude e vida. Mas não vá para Guimarães. Volte para o Aido, e as ca-

lumnias e murmurações acabarão em breve. Quer associar a sua existencia á minha? Casaremos d'aqui a quinze dias e o mundo não falará mais.

— Desculpe, meu caro Luiz, a minha fraqueza de mulher, porém eu não me atrevo a voltar ao Aido. Em Guimarães o espero. Tenho confiança no seu amor e póde tel-a igual em mim. Sinto que nenhum outro homem conseguiria fazer-me feliz. Adeus até breve, meu querido amigo, concluiu D. Francisca levantando-se para sair.

— Não me desampare assim, bradou Luiz de Mattos esforçando-se para sentar-se na cama. Se não quer ir para o Aido, fique n'esta casa que é já sua. Virá minha tia Mathilde de Noronha fazer-lhe companhia. Vive perto d'aqui, e o filho d'ella preparará todos os papeis necessarios para o casamento. Se me deixa, mata-me. Fique, fique n'esta casa.

— E o mundo, Luiz, murmurou a viuva apertando a mão do enfermo.

— Que importa o mundo? exclamou o mancebo cingindo com os braços o airoso corpo de D. Francisca. Não é já minha mulher pela escolha de seu coração e pela sua propria vontade. O mundo somos nós ambos.

N'esta delicada conjunctura entrou a mulata e interrompeu as amorosas instancias de Luiz de Mattos. Vinha dizer que para chegar com dia a

Guimarães, segundo affirmavam os criados, era necessario partir sem demora.

— A sr.^a D. Francisca fica n'esta casa e a sr.^a D. Thereza egualmente, respondeu com energia o fidalgo de Paços de Ferreira. O dia mais feliz da minha vida é este em que D. Francisca acceitou a minha mão e me deu a sua. Está em casa de um cavalheiro de quem só receberá esta senhora os testemunhos de respeito que lhe são devidos, até que as benções da Igreja consagrem a nossa união. Esta casa é já sua, e D. Francisca antes do fim d'este mez será mulher de Luiz de Mattos de Noronha.

— Fidalga acção, sr. Luiz de Mattos, respondeu a mulata, abraçando D. Francisca e dando a mão ao noivo da linda viuvinha.

X

Correu em conversações affectuosas todo esse dia. Luiz de Mattos doído de amor pela gentil viuva, e agitando-se mais de que lhe permittia a fraqueza resultante da enfermidade. D. Francisca procurando excitar-lhe a paixão com olhares suavissimos, e com expressões modestas e dedicadas. A boa Thereza applaudindo os intuitos generosos do fidalgo de Paços de Ferreira, e fingindo espanto

de que a inconsolavel viuva do sargento-mór, sempre esquiva a todos os homens, se deixasse captivar tão facilmente d'este mancebo, embora a todos os respeitos digno do seu amor.

Escreveu Luiz de Mattos a D. Mathilde de Noronha pedindo-lhe que viesse fazer-lhe companhia, e o criado que levou a carta, trouxe a resposta vocal de que a fidalga e seus filhos ficavam a preparar-se para partir e chegariam antes do jantar a Paços de Ferreira.

Teria cincoenta annos D. Mathilde de Noronha, tia paterna de Luiz de Mattos, e como elle profundamente convencida de que a seu sobrinho pertencia o titulo e a casa do conde de Armar. Fôra casada com José Coelho de Lemos, senhor da casa de Crestuma, fidalgo mui abastado, e coronel de milicias da Maia, que fallecera ao cabo de poucos annos, deixando-lhe dois filhos, Jeronymo de Lemos de Noronha que ia completar vinte e dois annos, e D. Maria Joaquina de Mattos e Sampaio que andava nos dezenove.

Era pessoa de grande seriedade e fina educação D. Mathilde de Noronha, e na casa de seu marido encontrara tradições tão fidalgas e elevadas como as que lhe inspiraram desde o berço em Paços de Ferreira. Affavel, bondosa, mas de character grave e energico. Jeronymo de Lemos tinha excellente coração, pouco tino, brios de fidalgo, e grande

paixão pela caça. Sua irmã primava pela clareza da intelligencia, rara sisudeza, e determinada força de vontade. Eram affectuosissimos entre si, e todos tres sinceramente amigos de Luiz de Mattos a quem D. Mathilde quasi servira de mãe. Seus filhos queriam-lhe a elle como a irmão.

Alvorçou-os a carta de Luiz de Mattos por ser mui laconica, e visivelmente escripta com mão tremula, assustando-os ainda mais a noticia de ter dado uma queda perigosa da qual lhe resultara febre e delirio. Não foi menor o espanto d'aquella honrada familia quando o criado, depois de responder a todas as perguntas, accrescentou a novidade de terem chegado a Paços de Ferreira duas senhoras, uma formosa e joven, e outra adiantada em annos e mais trigueira do que a natureza destinou que fosse a raça caucasiana, ás quaes Luiz de Mattos havia desde logo destinado aposento nos quartos que desde a morte de seus paes nenhum hospede tinha habitado.

Não disse mais o criado, porque não conhecia nem D. Francisca, nem a aia, mas affirmava que não eram de familia d'aquelles sitios.

— Quem serão aquellas senhoras? exclamava D. Mathilde voltando-se para os filhos. Será alguma parenta nossa de Guimarães? Mas os Leites teem casa em Louredo, os Pimentas em Mouriz, e com os Mellos anda o Luiz em demanda ha mui-

tos annos por causa do morgado de Carrapatêlo.

—E nenhuma d'essas senhoras, observava a filha, vinha de Guimarães sem irmão, parente ou criada grave, hospedar-se em casa de um rapaz solteiro.

—Tens razão, menina. É na verdade caso singular. Não achas, Jeronymo?

—Tambem me parece. Mas o melhor é partirmos, e lá saberemos o resto. Eu vou a pé. Quero dar por esses campos quatro tiros ás codornizes.

—Valha-o Deus, menino. Pois nem agora que seu primo está doente, e que nós vamos tratar d'elle, nos quer acompanhar? E então havendo lá as taes senhoras...

—Eu vou a direito. Ainda chego primeiro a Paços de Ferreira. Já disse ao Antunes que se preparasse para acompanhá-las, e lá estarei eu para as receber.

—Mas que senhoras são aquellas? perguntava de novo a mãe, sabendo com certeza que ninguem podia responder-lhe.

—Sejam quem forem, replicou a filha. O mano Jeronymo tem razão. Lá o saberemos.

Partiu Jeronymo de Lemos de espingarda ao hombro e levando na frente um dos seus melhores podengos. Matou tres codornizes nas agramas immediatas á quinta de Crestuma, e chegou a Paços de Ferreira muito antes que D. Mathilde e sua filha,

seguida pelo velho eriado Antunes, transpuzessem a cavallo os asperos caminhos pelos quaes n'aquelles bons tempos se communicavam quasi todas as povoações do reino.

Foi direito ao quarto de Luiz de Mattos onde o medico, chegado n'aquelle instante estava recomendando silencio absoluto, e prohibindo que entrasse a falar-lhe qualquer pessoa, a não ser a velha Gertrudes que o criara e lhe servia agora de enfermeira.

As agitações d'aquelle dia tinham provocado de novo a febre, grande inquietação e delirio continuado. Luiz de Mattos falava constantemente de D. Francisca, de Domingos de Sampaio, do conde de Armamar, e de Antonio de Araujo. Depois ditava as clausulas das escripturas do casamento, e ordenava que se preparasse a capella para a cerimonia nupcial.

Jeronymo de Lemos não passou da porta, e quando o doutor saiu do quarto, perguntou-lhe pelo estado do enfermo.

— Não está bem, respondeu o medico, dirigindo-se principalmente á velha Gertrudes que o viera seguindo com o rosto inundado de lagrimas. Eu cá estou logo de manhã, e você é quem me responde pela vida de seu amo. Alli não entra nenhuma outra pessoa, nem a sr.^a D. Mathilde quando chegar. Diga-lhe que é ordem minha, e que se

a não cumprirem, corre grande perigo a vida de seu sobrinho.

— Vá descansado, sr. doutor. Só matando-me, é que lá entrará alguém, seja quem fôr. O meu pobre menino! Mau olhado lhe deram; que ha um tempo a esta parte não parece o mesmo! Santo Breve da Marca!

— Está bom, está bom. Faça você o que lhe digo, e eu respondo pelos maus olhares e por todos os feitiços.

— Ó sr. doutor, e se o padre Joaquim benzesse a casa, faria mal? Quando o pae do menino, o sr. Alvaro de Mattos que Deus tenha em gloria, caíu hydropico, um dia em que elle esteve mesmo a passar, benzeu-se-lhe o quarto e ainda viveu mais de seis horas depois.

— Pois sim, Gertrudes. Mande benzer o que quiser, mas ha de ser cá no corredor e nas salas. Tenha-me entendido que no quarto não entra ninguém senão você. Percebe?

— Nem eu, sr. doutor, que sou primo co-irmão do Luiz? interrompeu Jeronymo, como se o sangue reclamasse offendido contra aquelle preceito absoluto. Tambem a minha presença lhe fará mal?

— V. s.^a é honrado fidalgo, grande caçador, e muito bom rapaz. Conhece todos os seus primos e sabe por onde o são. É o dever da sua cathogoria. Eu entendo cá d'estas misérias humanas. É

o meu officio. No quarto não entra senão a Gertrudes. Tenha paciencia. É dos casos em que se nega aos nobres o que se permite aos mechanicos. Gertrudes, o dito dito.

— Póde estar seguro, sr. doutor, respondeu a criada com voz firme.

Não alcançara o mancebo a significação dos nomes que Luiz de Mattos pronunciava no desvario da febre, nem a relação que podia ter com a sua enfermidade quanto dissera ácerca do casamento. A velha Gertrudes, inteiramente dedicada á saude do seu querido amo, voltara as costas e entrara no quarto d'elle, apenas se despediu o medico.

Vendo-se no corredor só, o fidalguinho de Crestuma foi direito á sala principal, resolvido a esperar alli que chegasse a familia. Mal abriu a porta, avistou D. Francisca e a mulata, na attitude de duas pessoas que conferem entre si antes de tomarem qualquer deliberação importante. A sr.^a Thezinhinha estava em pé, de braços cruzados, como quem não sabe o partido que lhe cumpre seguir. D. Francisca pallida com os olhos extremamente abertos e affogueados, a bocca contraída, e o gesto solemne e imperativo, parecia intimar á mulata um arbitrio supremo e irrevogavel.

— Perdõe-me v. ex.^a, minha senhora, exclamou o mancebo dirigindo-se a D. Francisca. Eu não sabia... Cuidei que n'esta sala não estava ninguem.

—Não tenho que lhe perdoar, respondeu D. Francisca dando um passo para o recém-chegado. Creio que é o sr. Jeronymo de Lemos, e portanto pessoa de casa. Eu é que sou aqui inteiramente estranha.

E logo com o desembaraço que lhe era natural, contou ao mancebo como sendo viuva e senhora de varias propriedades, em uma das quaes habitava perto das Paredes havia pouco tempo, conhecera na casa da Igreja o sr. Luiz de Mattos, e indo para Guimarães se demorara em Paços de Ferreira para lhe dar uma resposta, recebida n'esse dia de Lisboa, de seu primo Antonio de Araujo, convidado agora para ministro do principe regente, ácerca da successão da casa de Armamar. Acrescentou que Luiz de Mattos lhe pedira que a tal respeito conferisse com a sr.^a D. Mathilde de Noronha, e por esse motivo interrompera a sua viagem até que ella chegasse.

—Não é pois v. ex.^a tão estranha á nossa familia e a esta casa que não se interesse pela reparação que desde tantos annos nos é devida. Sabe, de certo, que era orphão e contava apenas cinco annos de idade meu quarto avô, D. Rodrigo de Mattos e Noronha, quando foi justificado seu primo o conde de Armamar. Não requereram os tutores, nem foram mais diligentes os successores d'elle.

—Sei tudo, respondeu D. Francisca mui affa-

velmente, e tudo narrei a meu primo Antonio de Araujo que logo falou ao principe.

— E sua alteza ? interrompeu jubiloso o fidalgo de Crestuma.

— Sua alteza quer proceder com justiça, mas estes negocios não dependem só d'elle.

N'este ponto da conversação, tão mesclada de verdades e mentiras, sentiu-se tropel no pateo, e acudiram todos ás janellas. Era a familia de Jeronymo de Lemos que entrava no grande atrio de frente do palacio e ia apear-se no patim inferior da larga escadaria.

XI

Não acreditou inteiramente Domingos de Sampaio que a gentil viuva do sargento-mór seguisse os seus conselhos e cumprisse á risca o ajuste de ir para Guimarães. Parecia-lhe que D. Francisca, segura do amor de Luiz de Mattos, e certa do curto alcance de seu espirito, não largaria com facilidade tão opulenta presa, e avisaria o namorado mancebo para que a esperasse no caminho e a acompanhasse á tão famigerada cidade de S. Torquato, que então se contentava de ser villa, sem

embargo de ter sido côrte nos primeiros tempos da monarchia.

Nunca imaginou que D. Francisca tomasse a resolução de entrar corajosamente pela casa de Paços de Ferreira a assenhorear-se de Luiz de Mattos, antes que ninguem podesse desenganal-o e evitar as consequências d'aquelle desordenado affecto que a ambição robustecia.

Causou-lhe pois extraordinario assombro o bilhete em que o fidalgo de Paços de Ferreira, antes de peiorar, lhe participara que a viuva estava em sua casa e que mandara chamar as primas de Crestuma para lhe fazerem companhia, concluindo por pedir ao alferes da Silva que fosse quanto antes vel-o, como parente e amigo. «Não me desampararás n'esta conjunctura, concluia Luiz de Mattos, tu que és o meu amigo e o meu unico confidente.»

Produziram grande sensação no animo honrado de Domingos de Sampaio estas ultimas palavras. Accusava-o a consciencia de não ter destruido desde o principio as illusões do estouvado fidalguinho em vez de as respeitar para se divertir á custa d'elle. Sentia remorsos do passado e receio de não poder obstar aos funestos e vergonhosos resultados d'aquella desatinada affeição. Se Luiz de Mattos casasse com D. Francisca, e viesse a descobrir depois a ignominia da sua situação, queixar-se-i-

amargamente do leviano alferes, e todas as famílias de Riba Sousa lhe dariam razão, principalmente ao saber-se da confidencia feita pelo desembargador Gaspar Coelho a Domingos de Sampaio.

Mortificava-lhe também o amor proprio todo este caso, porque apesar da sua natural sagacidade e da experiencia com que a desenvolvera e apurara, via agora que dos meios, inventados por elle para separar D. Francisca e Luiz de Mattos, resultara unirem-se a ponto de viverem sob o mesmo tecto na propria casa de Paços de Ferreira! Conhecía que eram presentemente muito maiores as difficuldades da luta, sobretudo para elle que não podia de certo ser complice de D. Francisca, mas que a não devia humilhar e abater directamente sem faltar a promessas anteriores, das que se não podem chamar gratuitas, e que os homens bem educados cumprem sempre, até onde a honra e o pundonor lh'o consentem.

Nunca se vira enleado em taes perplexidades o espirito alegre e resolute do alferes da Silva. Ora lhe occorria acudir a Paços de Ferreira, e não sair de lá sem ter frustrado os ardís de D. Francisca. Ora lhe vinha a tentação de ir passar ao Porto um mez durante o qual não lhe poderia ser imputada a responsabilidade do que fosse acontecendo.

A natural hesitação entre estes dois alvitres que alternadamente lhe eram suggeridos pela consciên-

cia e pelo egoismo, veio arrancar-l-o a voz sempre judiciosa de D. Josepha que, tendo falado com o criado de Paços de Ferreira, pedia ao marido a explicação de tão enredado negocio.

— Então o Luiz de Mattos está peor e as taes mulheres foram-se-lhe metter em casa!

— É verdade, respondeu Domingos de Sampaio não sem receio d'este inquerito.

— Mas que senhoras são essas que se introduzem em casa de um rapaz solteiro, e já alli mandam como se fossem da familia, segundo me contou o criado?

— Não são senhoras. São mulheres. Tu não sabes o dictado: *Por fóra cordas de viola, e por dentro pão bolorento*? Pois são assim. Agora vês porque motivo eu as não quiz nunca em minha casa.

— Fizeste muito bem, mas Deus sabe se o teu genio folgazão, e ás vezes imprudente, não contribuiu para todas as loucuras de Luiz de Mattos. O pateta, coitado! cae em quantas ratoeiras tu lhe queres armar.

— Só me faltava essa! replicou Domingos de Sampaio ao ouvir a D. Josepha a accusação de que lhe andava mordida a consciencia. Pois eu tenho culpa de que similhante estouvado se apaixone por qualquer aventureira que lhe appareça? Nunca fui casamenteiro. *O casamento e a mortalha no*

céo se talha, diz o proverbio. São coisas em que me não metto. A minha vontade era ir estar um mez com Francisco d'Almada no Porto, e cada qual deslinde os seus negocios como lhe convier.

— Valha-te Deus, Domingos. Então já não ha amizade nem parentesco? Andas com o Luiz de Mattos d'aqui para Egreja, da Egreja até ao Aido a acompanhar as taes mulheres, e do Aido outra vez para cá, e agora que o mancebo está enfermo do corpo e do espirito, e em perigo de se infamar e á sua familia, o sr. Domingos de Sampaio lava as mãos como Pilatos, e vae para o Porto conversar com o seu amigo Francisco d'Almada! Se lhe fosses dizer que mandasse recolher aquellas mulheres na casa da estopa...

— Mas que hei de eu fazer? Luiz de Mattos é teimoso. Se eu lhe disser a verdade, fica meu inimigo, e é capaz de não mudar de intento. Não sabes que a paixão é cega?

— Sei muito bem, mas tu fazes o que deves á familia de Paços de Ferreira, á de Crestuma, e a ti proprio que és parente d'ellas. Depois se aquelle tonto do Luiz de Mattos persistir nos seus desígnios, ninguém poderá accusar-te. Peço-te que vás lá, e que procures desfazer aquelles enredos.

— Está dito, sr.^a D. Josepha. Tem razão como sempre. Vou partir para Paços de Ferreira, e se eu não sou mais simplorio e palerma que o nosso

primo Luiz de Mattos, tudo se fará com honra de Deus e proveito do proximo.

— D'isso não duvido eu, se tu quizeres. Tens habilitade para muito mais.

— É o que se vae ver agora, concluiu Domingos de Sampaio contente de si proprio, e agradecido aos bons conselhos da mulher.

Tendo já organizado o seu plano de campanha, o alferes da Silva escreveu uma carta, recommendando ao criado mais de confiança que fosse leval-a ao correio a Penafiel, despediu-se de D. Josepha advertindo-a de que talvez não regressasse n'esse dia, e partiu para a quinta de Crestuma a falar com as primas de Luiz de Mattos antes que saíssem para Paços de Ferreira.

Pelo caminho foi considerando em todas as difficuldades da luta que ia emprehender em favor de quem lhe não agradeceria o serviço, e contra uma mulher que da propria fraqueza tiraria forças para se defender, que estava protegida pela tresloucada paixão de Luiz de Mattos, e que até certo ponto tinha direito de não ser aggreddida pelo sr. Domingos de Sampaio.

Confiava no character de D. Mathilde de Noronha, mas sabia que era extremosamente amiga do sobrinho, e que em se lhe falando na successão do conde de Armamar, não attendia a outras considerações. Conhecia a incapacidade de Jeronymo de

Lemos, e não contava com o seu auxilio. Tinha por debil esperanza a coadjuvação sensata de D. Maria Joaquina, a intelligente filha de D. Mathilde, unica pessoa da familia que não acreditava na arvore genealogica em que figurava como tronco dos Mattos e Noronhas de Paços de Ferreira a extincta familia do conde de Armamar.

Chegou Domingos de Sampaio á quinta de Crestuma quando as duas senhoras, já no patamar da escadaria exterior, iam descer para montar a cavallo.

— Veio muito a tempo o primo Domingos, exclamou D. Mathilde que o esperara no alto da escada. Nós vamos a Paços de Ferreira ver o primo Luiz que está doente. O Jeronymo quiz ir pelos campos á caça das codornizes. Agora teremos a sua companhia.

— Com muito gosto, respondeu Domingos de Sampaio. Estou sempre ás ordens das minhas boas primas. Eu vim correndo da Silva até aqui, e não se me dava de descansar dez minutos.

— Pois entremos para casa, disse D. Mathilde voltando para a primeira sala. O primo Luiz está doente, mas ainda hoje me escreveu. O criado diz que elle tivera febre e delirio, mas de certo está melhor.

— Subiu a uma arvore, e obrigando um dos ramos d'ella a quebrar com o peso do corpo, replicou

o alferes sentando-se para descansar, deu uma queda, mas veio para casa a cavallo e sem maior incommodo. *Na cama se quebram as pernas*, diz o proverbio.

— Mas quem são as senhoras que chegaram a Paços de Ferreira? perguntou D. Maria Joaquina. Por mais que imaginemos, não descobrimos quem poderão ser, nem o sabia o portador da carta em que o primo Luiz nos mandava chamar.

— Provavelmente, observou D. Mathilde, são algumas parentas nossas de Lisboa ou do Alemtejo que passando alli, foram pedir-lhe hospitalidade. Nós temos parentes na côrte e no reino inteiro. Nem conhecemos a maior parte.

— Sem duvida, minha senhora, mas aquellas mulheres que chegaram a Paços de Ferreira, não são de certo parentas de v. ex.^a

— Mulheres, disse o primo? Pois não são senhoras? Meu sobrinho mandaria chamar-me e a meus filhos para fazermos companhia a creaturas que não sejam dignas de conviver com pessoas da nossa qualidade? O Luiz é incapaz de praticar acções improprias de cavalheiro.

— Eu não disse tanto, prima Mathilde, chamei-lhes mulheres como lhes poderia chamar qualquer outro nome. Suas parentas é que me parece não eram. Podem ser muito nobres, mas estão longe de poderem comparar-se na linhagem esclarecida

aos senhores de Paços de Ferreira ou de Crestuma.

— Ah! Isso é outro caso, voltou D. Mathilde já livre de inquietações. Todas as famílias tiveram o seu principio. Porém diga-me, quem são essas hospedas do Luiz?

— Uma chama-se D. Francisca de Azevedo e Queiroz. Diz-se natural de Minas Geraes e viuva do sargento-mór de infantaria, Ayres de Queiroz. Vive na quinta do Aido perto das Paredes, e foi recommendada a meu cunhado Luiz Coelho, da casa da Egreja, pelo desembargador Gaspar Coelho que é primo d'elle. A outra chama-se Thereza; é mulata, e parece aia de D. Francisca. Ora eu a respeito das senhoras de Minas Geraes, e dos outros sertões do Brazil, sou o menos competente de todos os informadores.

— Mas como conheceu Luiz de Mattos essas duas senhoras?

— Mui facilmente. Encontrou-as em casa de Luiz Coelho todos os domingos, respondeu laconicamente Domingos de Sampaio que tendo lançado algumas suspeitas no animo d'aquellas senhoras, não queria ir além do que já dissera.

— E nós com a nossa curiosidade de mulheres nem um copo de agua offerecemos ao primo Domingos, interrompeu D. Maria Joaquina.

— Tens razão, filha. Não somos melhores que a nossa mãe Eva, mas enfim eu vou lá dentro man-

dar-lhe doce e d'aquelle vinho do Porto que o primo gabou tanto da outra vez.

— Diga-me a verdade, primo, disse a filha de D. Mathilde apenas a mãe saiu da sala. Diga. Quem são aquellas mulheres?

— São umas aventureiras, menina, por uma das quaes se apaixonou desastradamente Luiz de Mattos. D. Francisca quer por força casar com elle, e eu conto com o seu auxilio para obstar suavemente a este mau intento. Ella nem é D. Francisca, nem viuva, nem de Minas Geraes.

— E nós havemos de ir a Paços de Ferreira estar em companhia de similhante creatura?

— Assim é necessario para salvar seu primo. Eu farei, se a prima quizer auxiliar-me, com que tudo se desvaneça, ficando sempre a tal mulher por D. Francisca, por viuva e por dona da quinta do Aido. Só a quero obrigar a não ser noiva de Luiz de Mattos e a ausentar-se d'entre nós.

— Em que maus enredos nos vamos metter!

— Não tem duvida. É indispensavel que a familia cerque seu primo e que me deem tempo a afastar aquella creatura cuja verdadeira qualidade nem sua mãe deve saber.

N'isto chegou o doce e o vinho, e tomada aquella refeição muito á pressa para não demorar a partida, saíram todos para Paços de Ferreira, onde não vimos chegar Domingos de Sampaio porque

se apeou fóra do portão da quinta para melhor disposição dos seus bons designios.

Domingos de Sampaio deixou entrar as senhoras de Crestuma, e em vez de as acompanhar, apeou-se, entregou o cavallo ao criado, e voltando para traz seguiu encostado ao muro até á pequena porta que dava entrada para os jardins e pomares da quinta. D'alli foi direito a uma escada interior pela qual chegou á porta do quarto onde o desventuroso Luiz de Mattos estava ardendo em febre, e em delirio incessante e loquaz.

Bem o viram os criados, mas não estranharam que um parente e amigo da casa entrasse n'ella com liberdade tão consoante á franqueza da vida provinciana. Nem o alferes da Silva queria esconder-se d'elles. O seu unico intento era não ser visto de D. Francisca, nem da sua respeitavel aia, sem estar cabalmente informado de quanto alli succedera.

Mal tocou na porta do quarto pelo qual se passava para o de Luiz de Mattos, saiu-lhe ao encontro a velha Gertrudes com o dedo index da mão direita encostado á ponta do nariz em gesto de quem recommenda silencio, e a esquerda estendida a impedir o passo ao novo hospede.

— Dorme? perguntou Domingos de Sampaio.

— Socegou agora um instante, respondeu em voz mui baixa a boa Gertrudes. Nem v. s.^a imagina o que tem penado aquelle pobre corpo! Sem-

pre ás voltas na cama, sem parar nunca! E a cabeça? O que elle diz, meu Deus! Não liga coisa com coisa!

— Mas que diz?

— Ora que ha de dizer? Fala d'essas mulheres que ahi estão e que o pozeram n'aquelle estado. E chama pela sr.^a D. Mathilde, e pela prima, e por v. s.^a, e pelo abbade, e pelo tabellião Pinho! Coitadinho! não sabe da cabeça.

— Mas quando lhe principiou o delirio?

— Olhe, sr. Domingos de Sampaio, elle de manhã estava muito melhor. Chegaram cedo aquellas mulheres, e com o maior descaramento vieram logo direitas ao quarto do sr. Luiz de Mattos. Eu tinha ido á horta colher umas folhinhas de hortelã fresca para lh'as deitar no caldo. Se cá estivesse, não deixava entrar as taes senhoras.

— Mas quem as guiou para aqui?

— Ora quem havia de ser? Foi o palerma do Clemente que veio dar parte ao amo de terem chegado essas princezas, e o sr. Luiz de Mattos mandou-as entrar logo para o quarto. Alli esteve de palestra com ellas mais de uma hora, e a escrever cartas para Crestuma, para a Silva, e não sei se para outras partes, como se estivesse vigoroso e são. O resultado foi voltar-lhe a febre e taldar-se-lhe de todo o juizo, concluiu a velha criada enxugando as lagrimas.

— E ainda não mandaram chamar o doutor?

— Pois então não se havia de chamar? O senhor alferes não sabe que criei este menino e que lhe quero como se fosse meu filho? Foi logo um criado para casa do medico, e com tanta fortuna que o encontrou a dois passos da quinta.

— E que receitou o doutor?

— Isso é que me espanta, sr. Domingos de Sampaio! Não receitou nada! Disse-me que esta molestia se curava com socego e dieta, e que viria amanhã observar o doente. Eu creio que elle não conheceu a enfermidade.

— Ora adeus, mulher; cale-se; não diga disparates.

— Pois serão disparates ou o que v. s.^a quizer chamar-lhes. Como chegou o sr. Jeronymo de Lemos antes de sair o medico, e depois vieram as primas, e agora v. s.^a, não tenho nada que dizer. Estão em casa os parentes mais proximos. Façam o que entenderem. Eu lavo d'ahi as minhas mãos.

— Mas que fazia você, Gertrudes, se nós cá não estivéssemos.

— Eu? O que fazia? Mandava chamar o frade da Sobreira para benzer a casa e ler os exorcismos, e a Rosa de Christêlo para tratar do enfermo. A sr.^a D. Clara, a tia do sr. Luiz de Mattos, nunca se tratou senão com aquella santa mulher, e olhe

que morreu de mais de noventa annos de repente, sem ter sabido o que era doença.

— Então se nunca esteve enferma, de que a tratava a tal Rosa de Christêlo? Valha-a Deus, mulher! Vamos ver esse pobre rapaz.

— Ah! Isso é que não, sr. Domingos de Sampaio, replicou a Gertrudes, tomando a porta para o não deixar passar. Tenha paciencia, o doutor deu ordem para que ninguém entrasse n'esse quarto senão eu, e emquanto elle não voltar, ninguém passa para dentro d'aquella porta.

— Pois nem a tia ou a prima?

— Nem a tia, nem pessoa nenhuma. São as ordens do medico. Agora mesmo vieram aqui a sr.^a D. Mathilde e a sr.^a D. Maria Joaquina, e eu com as lagrimas nos olhos lhes pedi que fossem outra vez para a sala. O doutor disse-me que eu respondia pela vida do sr. Luiz de Mattos, e que se não entrasse ninguém no quarto, estava salvo.

— Muito bem. Cumpra as ordens que recebeu, mas você bem conhece que para tratar um doente, de dia e de noite, não basta uma pessoa só, e como estão cá duas senhoras agora, e parentas tão chegadas...

— São as mais proximas que tem o sr. Luiz de Mattos, e por minha vontade ainda mais parentas haviam de ser. Nem meu amo encontrava senhora para esta casa como a sr.^a D. Maria Joaquina.

Aquillo é um raminho de alecrim. Mas eu faço o que o doutor mandou. Prometti-lhe que só matando-me entrariam no quarto do fidalguinho, e apesar de ser uma pobre criada, o que disse está dito.

— Tem razão, Gertrudes, e até em querer para dona d'esta casa a sr.^a D. Maria Joaquina.

— Ora ainda bem que v. s.^a é da minha opinião. O sr. Luiz de Mattos quando eu lhe falava de casar com a prima, ria-se, mas gostava d'ella, e ia muitas vezes a Crestuma, porém de certo tempo para cá, entrou a caminhar para os lados das Paredes, duas e tres vezes por semana, e já o não levavam as pernas para casa da tia. Contava-me que tinha estado na casa da Egreja e na casa da Sylva. Deus sabe as egrejas por onde elle andava e as santas a que fazia oração! Agora é que se vae descobrindo.

— Então o que descobre você agora? perguntou com o seu ar zombeteiro o alferes da Silva.

— O que descubro? Vejo essas mulheres que nenhum dos criados velhos d'esta casa sabe quem sejam, e que parecem chamadas aqui para nos governar a todos; menos a mim, que se ellas ficassem cá, antes queria, Deus me perdoe, pedir esmola por esses caminhos que viver com taes senhoras. Já me não criei para servir mulatas...

— Não se afflija, sr.^a Gertrudes. Tudo se ha de arranjar a seu gosto. *Atraz de tempo, tempo vem,*

diz o proverbio. E ás vezes o que se julga desmanchado, é o que vem a realisar-se. Tratemos agora de restabelecer a saude do sr. Luiz de Mattos. Depois chegará o tempo dos casamentos, e talvez que até você venha a casar-se.

— Tambem nunca fala serio! Nem com a doença de seu primo...

— Ó mulher, eu falo sempre muito serio. Você quer casal-o com a prima. Eu não lhe digo que não. E se você quizer casar, tambem lhe digo que sim. Que mais quer?

— Então v. s.^a achava mau que o sr. Luiz de Mattos casasse com sua prima Maria Joaquina? Só me faltava que fosse por essas mulheres que ahi estão.

— Não sou, não, Gertrudes. Mas você não diga a seu amo uma palavra sequer contra ellas; porque o póde affligir, e não é por você grasinhar que elle ha de entrar no bom caminho. Deixe que a familia o acompanhe e trate n'esta enfermidade, e verá como tudo se compõe.

— Assim será, mas sem ordem do medico, já disse, não entra alli ninguem. Respeito muito as senhoras de Crestuma e a v. s.^a, mas até vir o doutor, governo eu. Tenham paciencia. A sr.^a D. Mathilde já me disse que fazia muito bem.

— E faz. Tambem eu digo o mesmo. Até logo, Gertrudes. Vou ter com as primas.

— Vá, vá, sr. Domingos de Sampaio. Aquellas senhoras estão na sala sós com as taes mulheres que não conhecem. Bem póde ir fazer-lhes companhia. A gente vê coisas! Virem metter-se na casa alheia sem mais nem menos! Já é preciso ter desembaraço!

Interrompeu esta conversação quasi finda um brando queixume do enfermo que se ouviu no sitio em que Domingos de Sampaio estava falando com a sr.^a Gertrudes. A boa velha entrou apressadamente para a camara de Luiz de Mattos, e o alferes da Silva seguiu pelo corredor que dava serventia para a sala.

Foi andando mui devagar como quem não caminhava muito a seu contento, ou ia considerando no meio de sair dignamente da situação espinhosa em que o collocavam as imprudentes intimidades com D. Francisca, a lealdade de cavalheiro para com o senhor de Paços de Ferreira e o respeito devido ás senhoras de Crestuma.

Receava que á natural dignidade e character serio de D. Mathilde repugnasse a convivencia com a saudosa viuva do sargento-mór e com a mulata que a muita bondade da familia da Igreja quasi havia elevado á cathegoria de senhora. Temia que D. Francisca, impellida pela ambição e confiada no amor de Luiz de Mattos, rompesse em algum excesso, e originasse conflicto difficil de aplacar.

E como em todo este negocio trazia perturbada a consciencia, não acertava por onde escapar-se dos embaraços que a si proprio soubera crear.

Entregou porém ao acaso a solução do negocio, e caminhou resolutamente para a porta da sala, compondo os folhos bordados da camisa e ajustando o gibão para apparecer diante das senhoras bem ordenado e composto, segundo requeria a etiqueta d'aquelles tempos dourados, bem diversa da sem cerimonia e grosseria vilã da nossa idade de ferro.

D'estes cuidados veio distrair-o uma voz feminina que de mansinho lhe bradava: *Primo, primo Domingos*. O alferes suspendeu o passo, olhou á direita, e á esquerda, mas não viu ninguem. A voz porém continuava a chamal-o no mesmo tom discreto. Voltou-se então, e deu com a sr.^a D. Maria Joaquina, a louçã fidalguinha de Crestuma, no meio do corredor para onde saíra do quarto mais proximo.

— Que succedeu, minha prima? Temos novidade?

— Novidade e grande! Minha mãe está encantada da tal D. Francisca. Sentaram-se a conversar ao canto da sala, como se fossem conhecidas ha dez annos.

— Muito bem. Pois assim é que deve ser. Lá reza o proverbio: *Ninguém diga: d'esta aqua não,*

beberei, ou *d'esta Francisca*. Vem a ser o mesmo:

— E o primo com os seus proverbios! Mas diga-me. Que se ha de fazer agora? O primo consente que minha mãe se deixe embaír pela tal mulher que nem é D. Francisca, nem viuva, nem coisa nenhuma do que diz e parece?

— E porque não? Como nunca ha de saber o contrario, nem ella, nem as outras pessoas, antes assim. Faça a prima outro tanto e deixe o resto por minha conta. *Guardado está o bocado para quem o ha de comer*. Bem sabe...

— Que é proverbio, interrompeu a graciosa menina. Bem sei. Eu vinha avisal-o, mas como não lhe desagrada aquella boa harmonia, vou fazer a minha côrte á sr.^a D. Francisca de Azevedo e Queiroz, se bem me recordo do nome, muito minha senhora. Se quer, até lhe chamo prima.

— Não vale a pena. Ella terá esse cuidado.

— Era o que me faltava! Veja lá, primo Domingos, lembre-se de quem é, de quem nós somos, e de quem ellas são.

— Se me não lembrasse, minha boa prima, não viria hoje a esta casa. Vá para a sala. O seu papel n'esta comedia é para mais tarde. *De vagar se vae ao longe*.

A intelligente fidalguinha de Crestumã regressou apressadamente á sala, e já tinha entrado n'ella, quando abriu a porta, deu dois passos, e inclinou-se

profundamente diante de D. Mathilde e de D. Francisca, o sr. Domingos de Sampaio.

XII

Estavam ainda conversando a um canto D. Mathilde de Noronha e a discreta viuva de Minas Geraes, quando o sr. Domingos de Sampaio entrou na sala. D. Maria Joaquina acabava de sentar-se junto d'ellas. A mulata, em pé no vão de uma janella, parecia admirar a verdura dos campos e a espessura do arvored, passatempo de certo muito mais bucolico do que as inclinações da sr.^a D. Thezeza, mas que em tão extraordinaria conjunctura lhe estava naturalmente indicado.

Sem se resolver a sair d'alli e a procurar a companhia da velha Gertrudes ou de qualquer outra criada, a mulata comprehendera que n'aquella casa e diante das senhoras de Crestuma só á força de modestia poderia obter a benevolencia com'que a familia de Luiz Coelho, da Egreja, a tinha honrado. Ficou pois a respeitosa distancia das senhoras, e não ousou sentar-se.

Não dérá ainda bem pela mulata a sr.^a D. Mathilde de Noronha. Tão absorvida ficara a sua attenção ás primeiras palavras de D. Francisca de

Azevedo! Nem teria voltado a cabeça para corresponder ao cumprimento solemne de Domingos de Sampaio, se não quizesse lançar-lhe em rosto a ignorancia em que a deixara, da elevada posição social da viuva, das suas relações na côrte, e dos serviços já prestados por ella á familia de Paços de Ferreira.

— O primo Domingos é assim! exclamava D. Mathilde depois de o ter reprehendido, e como quem o desculpava para com D. Francisca. Muito boa pessoa, muito nosso amigo, muito jovial e agradável, mas distraído quanto se póde ser n'este mundo.

— É verdade, minha prima, respondeu com affectada submissão o sr. Domingos de Sampaio. *Ninguém se faz a si proprio*, diz o proverbio. Já Deus me quiz com esse defeito. E não tivesse eu outros!

— Mas emfim se eu não encontrasse na escada meu filho Jeronymo que me disse tudo, chegaria junto da sr.^a D. Francisca sem saber as obrigações que todos lhe devemos.

— V. ex.^a estava com tanta pressa e tamanho cuidado na saude do nosso Luiz, que nem tive tempo de lhe dizer nada. E depois o merecimento da sr.^a D. Francisca revela-se tão facilmente que não carece apregoad.

— Comprimentos ninguem os faz melhor que o sr. Domingos de Sampaio, interrompeu a viuva fi-

tando o alferes da Silva com a autoridade dos direitos adquiridos, mas não sem receio do futuro. Desde que o conheço devo-lhe as mais primorosas atenções.

— Mas não me dizer quem era esta senhora, replicou D. Mathilde, nem as diligencias que já empregara com seu primo Antonio d'Araujo para restituir ao Luiz de Mattos a casa e o titulo do conde de Armamar! É incrível, primo Domingos!

— Permitta-me v. ex.^a, acudiu D. Francisca de Azevedo sorrindo, que eu saia a campo a defender o sr. Domingos de Sampaio. Elle não sabia que eu escrevera a meu primo Antonio de Araujo ácerca da casa de Armamar. O sr. Luiz de Mattos falou-me da successão que lhe pertencia, e eu escrevi impellida pelo desejo de causar uma surpresa agradável a esta familia, e a quantas teem relações de parentesco e amizade com ella.

— Já vê, prima Mathilde, observou Domingos de Sampaio, que não sou tão culpado como pareço.

— Agora a respeito de mim e da minha familia, continuou D. Francisca animada pela attitude benevola do alferes da Silva, de certo podia informar a v. ex.^a muito melhor que eu propria. O sr. Domingos de Sampaio conhece as arvores de costado de todas as familias de Portugal, e eu nem da minha sei com exactidão. N'estes ultimos tempos é que na casa da Egreja vi na livraria do sr. Luiz

Coelho uns livros genealogicos, mas só procurei n'elles o titulo da casa de Armamar e o dos senhores de Paços de Ferreira para não trucar de falso nas cartas para Lisboa.

— Muito lhe devemos, minha senhora! Nem eu, nem meu sobrinho, o esqueceremos nunca. O nosso direito é incontestavel, e se meus paes e avós o tivessem allegado, como lhes cumpria, ha muitos annos estaria verificada a restituição á nossa familia. Nunca requereram! Parece impossivel! Por isso agora ha de ser favor o que na verdade sempre foi nosso direito.

— Assim é, mas ter do nosso lado o sr. Antonio de Araujo é meia demanda vencida, accrescentou D. Mathilde como se completara a phrase da astuciosa viuva.

— Estou certa, proseguiu D. Francisca, que ha de fazer quanto estiver ao seu alcance. Sempre me attendeu muito. Meu pae, João de Azevedo Corrêa de Lacerda, estava em Paris no tempo da revolução, e foi preso no mesmo dia em que prenderam Antonio de Araujo. Passaram ambos dias mui tristes na Conciergerie. Depois mantiveram até á morte de meu pae estreitas relações de amizade, além das de proximo parentesco. D estas poderá dizer o sr. Domingos de Sampaio melhor que eu. Não é verdade?

— Está evidente que é por Azevedos, respondeu

o alferes da Silva com um sorriso que só entendia bem a filha de D. Mathilde. Os Azevedos da Barca são dos senhores de Azevedo e do S. João de Rei, hoje ramos separados da mesma arvore. Os de Minas Geraes teem de certo origem igual e portanto nobilissima.

— Eu nada sei d'isso, ajuntou a viuva. Ouvi porém dizer a meu pae muitas vezes que meu bisavô Alvaro Lopes de Azevedo, depois do casamento de sua irmã D. Briolanja com um fidalgo chamado Duarte de Lemos, fôra servir no Brazil com o irmão do cunhado, Braz de Lemos, nomeado capitão general de Minas Geraes onde não chegou a governar por ter morrido na viagem. O sr. Domingos de Sampaio ha de ter noticia d'isto. Creio que até vem nos taes livros de genealogia que eu vi na casa da Egreja.

Não se espantou o alferes da Silva da audacia com que D. Francisca se aparentava francamente com a casa de Crestuma, e olhou com ar de zombaria para a viuva e para a filha de D. Mathilde a quem vaticinara este novo parentesco.

— Não é assim, sr. Domingos de Sampaio? insistiu D. Francisca.

— D'isso sei eu melhor que elle, interrompeu D. Mathilde immediatamente tomando as duas mãos da viuva. A sr.^a D. Briolanja de Azevedo, irmã de teu bisavô, e o sr. Duarte de Lemos,

marido d'ella, eram avós de meu marido e tu és nossa segunda prima.

Empallideceu D. Maria Joaquina ao ouvir estas palavras, envergonhada de similhante parentesco, e pezarosa da situação em que taes embustes collocavam a mãe.

Um gesto de Domingos de Sampaio obsteu porém a que se lançasse de permeio entre as insidias de D. Francisca e a ambição credula de D. Mathilde para quem a pretensão á casa de Armamar era talisman poderoso a cuja força não sabia resistir.

Via a fidalga de Crestuma na amizade e parentesco de D. Francisca de Azevedo a realisação da riqueza e engrandecimento com que sonhara em vão havia tantos annos aquella familia. Nem queria averiguar se com effeito sua avó D. Briolanja de Azevedo tivera o tal irmão de quem nunca ouvira falar, e se d'elle era descendente a viuva do sargento-mór Ayres de Queiroz. A casa e o condado de Armamar valiam bem aquellas honras de parente, muitas vezes dadas a fidalgos da côrte com egual verdade pelo proprio soberano, chefe, luz e esplendor de toda a nobreza do reino.

D. Mathilde abraçou muitas vezes a viuva, mostrou-se satisfeitiissima de ter descoberto entre ambas tão proximo grau de parentesco, e não se esqueceu de acrescentar que a restituição da casa

de Armamar interessava agora tanto a D. Francisca como ás duas familias de Paços de Ferreira e de Crestuma. Á gentil viuva parecia cada vez mais faci' o casamento com Luiz de Mattos, e jubilosa de tão inesperadas e successivas fortunas agradecia nas mais affectuosas expressões as honras com que D. Mathilde lhe estivera estimulando a dedicação.

Havia uma unica sombra nos esplendidos horisontes que se lhe estavam abrindo diante dos olhos. Era o receio de que Domingos de Sampaio, por honradez de character ou por despeito amoroso, quizesse precipital-a, com revelações indiscretas, da altura a que a ia elevando a sorte, no profundo abysmo da sua verdadeira condição. Dominada por este angustioso pensamento estivera durante a conversação com D. Mathilde obrigando o alferes da Silva a abonar-lhe a nobreza, como se fôra seu complice, e não perdera nenhuma occasião de o fitar amorosamente com aquelles olhares suavemente affectuosos a que elle não podera resistir e que haviam desvairado inteiramente a cabeça de Luiz de Mattos.

D. Mathilde pediu licença para ir saber do sobrinho, e seguiu pelo corredor acompanhada da filha a quem mortificava muito quanto se passara entre a mãe e D. Francisca. Parecia á sensata menina que taes indignidades se podiam encerrar

o remedio de Luiz de Mattos, eram de certo quasi peiores que a molestia.

Mal desapareceram da sala as fidalgas de Crestuma, correram para Domingos de Sampaio com os braços abertos D. Francisca e a mulata a agradecerem-lhe a bondade com que estivera confirmando todos os embustes da supposta viuva, e a explicar-lhe como tendo partido da quinta do Aido para Guimarães, segundo elle determinara, vieram dar a Paços de Ferreira.

— Coração de mulher, sr. Domingos de Sampaio! exclamava a viuva apertando entre as suas mãos a mão do alferes da Silva. Tive pena d'este pobre rapaz que por minha causa arriscara a vida, e entendi que devia despedir-me d'elle e desenganar-o de que não podia ser sua mulher. Pareceu-me que era melhor assim. Achei-o porém doente de cama, e mais louco de amor que eu podia imaginar. Pediu-me que ficasse, e que consentisse em casar com elle, accrescentando que ia mandar chamar as primas de Crestuma...

— Eu entendo tudo isso muito bem, interrompeu Domingos de Sampaio. Não carece de me dar explicações.

— Então, sr. Domingos de Sampaio, acudiu a sr.^a D. Thereza, quer desfazer agora com uma mão o que fez com a outra. Não afflija esta pobre menina que lhe quer tanto....!

— Pois está visto ! replicou o alferes. Por quem ella morre de amores é por mim.

— E não o diga brincando...

— Deixe-me falar, Thereza, proseguiu a viuva, affectando certa sensibilidade. Eu não sou fingida, e ia logo escrever ao sr. Domingos de Sampaio para que viesse a esta casa e me dirigisse como lhe approuvesse melhor. Agora entrego-me nas suas mãos. Faça de mim o que quizer.

— O meu desejo foi sempre fazel-a feliz, respondeu o alferes da Silva lisongeadado da submissão de D. Francisca, e enleado na incontestavel gentileza que tanto a distinguia. Desde que a vi pela primeira vez, dei-lhe os melhores conselhos...

— Isso é verdade, exclamaram ambas.

— Mas eu não gosto de intrigas, proseguiu Domingos de Sampaio, e muito menos quando as pessoas que figuram n'ellas, me são conjunctas por amizade e parentesco. Se Luiz de Mattos quizer casar com D. Francisca, não posso, nem devo, nem quero oppôr-me á felicidade de ambos. Não digo que promova. Sabe que os meus desejos eram outros. Mas pela minha parte não lhe suscitarei o minimo obstaculo.

— É um cavalheiro perfeito, disse D. Francisca, apertando-lhe a mão contra o peito.

— Não me gabe tanto, menina. Eu sou muito seu amigo, e capaz de sacrificar a minha felicidade

á sua fortuna. Bem viu como eu respondi ás perguntas de D. Mathilde.

— Ande lá, meu padre-mestre, disse do lado a mulata batendo-lhe no hombro e falando com o desassombro que lhe permittia a ausencia das senhoras, ande lá que tudo tem no mundo as suas compensações. Ajude esta pobre menina a assegurar o seu futuro e eu lhe affianço que a senhora d'esta casa será sempre agradecida ao seu generoso protector.

Em quanto a mulata descaradamente estava promettendo a deshonna de Luiz de Mattos, D. Francisca encobria com o lenço os olhos onde as lagrimas não tinham acudido a tempo. Domingos de Sampaio cujo character jovial e estouvado era todavia incapaz de infâmias, não respondeu ás suggestões maldosas da sr.^a D. Thereza, e aproximando-se mais de D. Francisca perguntou-lhe carinhosamente porque chorava.

— São de reconhecimento á sua dedicação por mim estas lagrimas, solluçou a viuvinha. Deixe-as correr livremente.

— Mas olhe que as primas não podem tardar.

— Tem razão, replicou D. Francisca fingindo que enxugava os olhos. Eu conto com a sua coadjvação. Conte commigo tambem.

— Sejamos amigos sempre, accrescentou a mulata: Nós entendemo-nos bem desde o primeiro dia

em que nos encontramos na casa da Egreja. Maganão como poucos é este sr. Domingos de Sampaio!

Ouviram-se passos no corredor. Eram as fidalgas de Crestuma que voltavam do quarto de Luiz de Mattos com a triste noticia de que o delirio e a inquietação do enfermo augmentavam cada vez mais.

XIII

Foi mal dormida a noite em Paços de Ferreira. Passou-a em delirio e febre o desventuroso enfermo; em mortaes inquietações a boa Gertrudes que lhe assistia; em affectuosos cuidados as senhoras de Crestuma; em receios mal definidos D. Francisca e a mulata; e em agitações promovidas pelos remorsos o alferes da Silva.

A natural honradez do caracter obrigava-o a accusar-se de não ter revelado aos seus parentes da Egreja, e ao proprio Luiz de Mattos quem era D. Francisca, e de haver até certo ponto sido complice interessado das insidias com que a viuva e a aia pretendiam melhorar a sua situação a todos os respeitos incerta e pouco digna.

É certo que no animo do alferes da Silva, propenso, como era, ás fragilidades de homem, a imagem de D. Francisca preponderava sobre qua'quer pensamento grave, mas a paixão não lhe obscurecera por tal fôrma o entendimento que o impedisse de reconhecer a profundidade do abysmo á volta do qual se agitavam todos, e de apreciar a culpa que lhe caberia, das desgraças futuras. Digamos que Domingos de Sampaio peccava facilmente, mas arrependia-se com a mesma facilidade com que tornava a peccar! Fôra sempre assim!

Combatido de tão oppostos pensamentos dormiu pouco, e ao alvorecer do dia saíu do quarto, passou vagarosamente no corredor para não fazer ruido, e deteve-se alguns instantes na ante-camara de Luiz de Mattos, ouvindo a respiração alta do mancebo, de vez em quando cortada com gemidos, e o resonar da velha enfermeira que já vencida do cansaço, afinal adormecera. Voltou depois ás salas com as mesmas precauções, desceu pela escadaria principal da casa ao espaçoso atrio onde os criados estavam começando a limpeza dos cavallos, e seguiu até ao portão da quinta.

Sentou-se alli a contemplar a belleza d'aquella formosa manhã em que os raios do sol vinham do horisonte longinquo doirar os cimos dos outeiros e rasgar depois os finos lençoes de branquissima nevoa em que se haviam envolvido durante

a noite as povoações do valle. Á branda aragem com que a natureza quasi sempre annuncia o nascimento do sol, moviam-se os ramos das arvores espargindo frigiditas gotas de orvalho sobre as plantas subjacentes e sobre a terra. Gorgeavam de puro contentamento as aves, celebrando a nova luz, e completavam pulando por entre a folhagem os cuidados com que se esmeram no aceio do corpo.

N'aquella hora era toda brilho e gala a natureza. Ao nascente parecia d'oiro a montanha de Penafiel e de Bustêlo. Nos campos de Riba-Sousa alternava-se em côres variadissimas a vegetação. Em torno á casa de Paços de Ferreira parecia de esmeraldas a copa dos pinhaes que a oeste cercavam a quinta. E de todos os lados o perfume agreste de campo excitava os sentidos e como que restaurava as forças.

Domingos de Sampaio esqueceu momentaneamente os cuidados da noite, e deixou-se dominar pelo encanto de tão esplendida manhã. Encostado ao parapeito do muro para o lado onde o horisonte era mais dilatado, ora attentava nos trabalhos agricolas que iam principiando no valle, ora se distraia a ouvir o chinar dos carros que voltavam do monte com o matto roçado ao raiar do dia. Ao longe na estrada descobria as recuas de machos em que os almocreves transportam as fazendas, e o som variado das campainhas chegava-lhe já

pouco distincto, como se fossem gemidos suaves e distantes.

Accordou-o d'este bucolico enlevo uma palmada vigorosa no hombro direito. O alferes voltou-se e viu diante de si o medico, que se apeara alli, e trazia enfiada no braço esquerdo a redea do garrano com que substituiu a classica mula dos phisicos.

— Olá, doutor!

— Viva, sr. alferes. Aposto que estava inventando algumas das suas curiosas anedotas ou imaginando logros divertidos para lição e castigo de basbaques?

— Qual anedota nem qual logro! Já não penso n'isso. Tomara eu desfazer alguns dos que tenho feito. Estava a admirar o poder de Deus n'este esplendido quadro, respondeu Domingos de Sampaio apontando para a larga e risonha perspectiva que se avistava d'alli.

— Com que então fez-se o diabo eremita? Qualquer dia temol-o na Cartucha!

— E olhe, doutor. Póde muito bem ser. Isto vae-me entrando cá por dentro, e bem sabe o proverbio: *agua molle em pedra dura...*

— *Tanto dá até que a fura*, concluiu o medico. Pois não sei! E já me não espanto de coisa nenhuma. Entretanto confesso-lhe que se o visse professar na Cartucha...

— Aposto que se convertia tambem?

— Não aposte que perde. Olhe. Se o visse entrar para frade, ficava a pensar... que malicia podia haver n'essa resolução.

— Ora muito obrigado! Com que então acabou a consciencia e a fé? Tudo é malicia n'este mundo?

— Não se encolerise, sr. Domingos de Sampaio. Se quer metter-se frade, eu não o impeço. Vá com Deus e encommende-me nas suas orações. Ha de ser tão innocentinho lá dentro como tem sido cá por fóra.

— Não me encoleriso, não. Eu sou de natural alegre; o doutor egualmente. Ambos temos as mesmas idéas ácerca do animal mais pateta e mau da criação que é o homem, e por isso melhor será não estarmos a dar picoinhas um ao outro. *Ladrão não furta a ladrão*, diz o proverbio. Eu vim esperal-o aqui, e pouco e pouco fui concentrando a minha attenção no esplendor da natureza em tão formosa manhã. Queria falar-lhe antes que entrasse a ver o doente.

— E como está elle?

— Com muita febre e maior delirio.

— Mau. Muitissimo mau. É que o agitaram a conversar. E eu tanto recommendei á Gertrudes que não entrasse lá ninguém! Aquellas mulheres hão de maçal-o.

— A Gertrudes cumpriu o que o doutor orde-

nou. Nem a tia consentiu que fosse ver o sobrinho.

— Fez muito bem. É o unico modo de o salvar.

— Pois eu sem ser medico sou de differente parecer, e por isso lhe queria falar primeiro que ninguem.

O doutor amarrou a redea do garrano a uma das argolas do muro ao lado do portão, cruzou os lomos dos estribos por cima da meia-sella para que o animal, no pernejar com que se defendia das moscas, não mettesse pelo estribo alguma das patas e veio encostar-se ao muro ao lado do nosso bom alferes.

— Aqui tem, sr. Domingos de Sampaio. Visto que reprova os meus conselhos hygienicos, diga. Ouvil-o-hei. Já estive em juntas com peiores doutores.

— Meu amigo. Eu não censuro os seus preceitos. Quero convencel-o a mudar-lhes a fôrma. Lá diz o proverbio que: *Mais sabe o tolo no seu que o avisado no alheio*, e como tudo isto proveio de uma brincadeira innocente, imaginada por mim em proveito de Luiz de Mattos e da sua familia, posso dar-lhe da molestia informações mais exactas do que a pobre Gertrudes, coitada!

Contou-lhe então quanto se passara, e como havia procurado dissuadir de taes amores o senhor de Paços de Ferreira, preparando-lhe para escarmanto e vergonha a queda que se lhe figurara sem perigo. Unicamente lhe occultou a intimidade ob-

tida com a gentil viuva depois que regressara do Porto, cabalmente informado pelo desembargador Gaspar Coelho ácerca dos verdadeiros nomes e profissão das duas mulheres.

— Muito bem, disse o doutor depois de ter ouvido attentamente aquella extensa e curiosa narração. Vejo que a lição foi mais dura do que a tinha imaginado o mestre. Não é esta a primeira vez que as suas graças saem pesadas. Mas que tem isso com o tratamento do rapaz?

— Tem tudo. Luiz de Mattos padece duas enfermidades. A do corpo que o doutor já teria vencido facilmente, e a da alma que lhe está impedindo a cura. Ora eu entrego-lhe o corpo d'aquelle mancebo. Ajude-me o doutor a socegar-lhe a alma.

— E como? Quer casal-o com essa mulher indigna por quem elle está louco? exclamou o doutor espantado.

— De nenhum modo. Tenciono fazer que a não veja mais. Porém é necessario crear-lhe novas sensações que destruam as outras...

— E que, excedendo as forças do doente, lhe mantenham o delirio e a febre, e por fim o extenuem e matem.

— Não me interrompa, doutor. Nada d'isso pretendo. Luiz de Mattos vivia só n'este grande palacio, sem familia, entregue aos cuidados da sua casa. Gostava de D. Francisca, e quando a viu

em seu poder, pareceu-lhe ter conseguido a suprema felicidade. É necessario collocar junto d'elle a tia e a prima, habitual-o a vel-as, a receber da mão d'ellas os remedios e todos os carinhos que exige a sua melindrosa situação.

— E depois?

— Depois, como elle sempre respeitou muito a tia, e quiz bem á prima, é natural que estes sentimentos brandos e suaves se lhe despertem outra vez na alma, e que possa conformar-se facilmente com a ausencia de D. Francisca quando chegar a occasião opportuna de se lhe dizer que partiu.

— E quem ha de obrigar-a a sair de Paços de Ferreira onde está por ordem d'elle, e onde a tia de Luiz de Mattos, chamada a fazer-lhe a companhia, se deixou embaír das patranhas da viuva?

— Esse é o meu segredo, replicou Domingos de Sampaio. O caso está em que o doutor diga á Gertrudes que as senhoras de Crestuma se revezarão com ella á cabeceira do doente.

O doutor ficou perplexo por algum tempo a reflectir nas probabilidades do plano proposto pelo alferes da Silva. Deu dois passeios diante de Domingos de Sampaio, com a cabeça baixa, cerrando os olhos, e tomando entre o pollegar e o indicador da mão direita o beijo inferior. Afinal parou.

— Então que me diz, doutor?

— Digo-lhe que sim. A situação de Luiz de Mattos era de convalescente ha dois dias. Excitou-o a vinda d'essas mulheres. Talvez o amor da familia o tranquillise. Experimentemos.

— Vamos sempre aos proverbios: *Quem não experimenta, não sabe*, accrescentou o alferes da Silva esfregando as mãos de contente por ter convencido o doutor. Agora é justo ir ver o enfermo. Já devem estar levantadas as senhoras.

O doutor desatou o rocim e em companhia de Domingos de Sampaio entrou pelo portão onde os criados lhe tomaram conta do animalejo. Seguindo pelo atrio até á escada, foi subindo por ella vagorosamente para a porta da primeira sala onde a affectuosa Gertrudes que o avistara de longe, viera a recebê-lo e a dizer-lhe que o sr. Luiz de Mattos, depois de passar a noite em grande agitação, adormecera perto da madrugada, e apezar de algumas voltas e de queixumes murmurados de tempos a tempos, ainda estava dormindo.

Entrou na segunda sala o doutor e encontrou alli reunidas as senhoras que em breve iam almoçar.

— Já viu o Luizinho? perguntou D. Mathilde levantando-se para ir ao encontro do medico, seguida pela filha e pelas duas hospedas.

— Não vi, mas a nossa Gertrudes deu-me informações. Está dormindo, o que é optimo symptoma,

porém esta pobre mulher, accrescentou o doutor virando-se para a Gertrudes que o fôra acompanhando até á sala das visitas, adoece tambem, se não descansar e dormir.

— Todos nós quizemos velar o doente, respondeu D. Mathilde, manifestando as outras senhoras gestos de adhesão, mas a Gertrudes não o consentiu. Disse que o doutor ordenara que ninguem, a não ser ella, entrasse no quarto do Luiz.

— É verdade. Mas agora que elle já socegou e dormiu, póde a sr.^a D. Mathilde, e a sr.^a D. Maria Joaquina egualmente, servirem-lhe de enfermeiras.

— Eu tambem me offereço, acudiu D. Francisca. Estou acostumada a deitar-me tarde, e não me custa perder as noites.

— Todos nós te agradecemos muito, Francisca, disse D. Mathilde abraçando a viuva, mas nós somos parentas mui próximas. É obrigação de sangue, e prazer nosso assistir-lhe... Se a Gertrudes...

— E depois, interrompeu o medico, é indispensavel evitar ao sr. Luiz de Mattos sensações fortes. A presença de pessoa estranha obrigará o doente a queixar-se menos e a não estar tanto á sua vontade.

— Como quizerem, replicou a astuciosa viuva. O principal é a saude d'elle.

O doutor cortou a conversação pretextando

pressa, e dirigiu-se pelo corredor para o quarto de Luiz de Mattos precedido de Gertrudes e acompanhado pelas enfermeiras.

XIV

Adiantara-se o alferes da Silva para abrir a porta ao medico, e saindo para o corredor foi tambem no prestito da familia para os aposentos do enfermo. D. Francisca sem embargo do parentesco, recentemente inventado, com os Lemos de Crestuma, não ousou contrariar as indicações do facultativo, e ficou na sala com a sua respeitavel aia.

A mulata foi ajustar a porta, espreitou pelo buraco da fechadura, e quando viu entrarem todos para o quarto immediato á camara de Luiz de Mattos, voltou-se para a viuva que ficara em pé no meio da sala e deu-lhe os parabens pelos ventos prosperos que lhe estavam soprando.

— Não se alegre em demasia, Thereza. Estes negocios de casamento são de tal gravidade que até depois de feitos se desfazem, quanto mais antes.

— Tambem nunca vi pessoa tão desconfiada, replicou a mulata. Que mais podia a menina dese-

jar? Luiz de Mattos apaixonadissimo, quasi louco, e a chamal-a na força do delirio. A tia tão affectuosa como o sobrinho, e a honrar-se de a tratar por prima. Domingos de Sampaio neutral e, como se póde bem suppôr, muito mais nosso que de qualquer outra pessoa. E tudo isto em menos de quarenta e oito horas!

— Assim será, Thereza, mas essas coisas que tão auspiciosas lhe estão parecendo, são castellos de cartas que um sopro do endiabrado alferes póde deitar por terra. Tenho muito receio d'elle! exclamou D. Francisca.

— Ora essa! Então Domingos de Sampaio depois de quanto se passou, e das promessas que lhe fez n'aquella visita nocturna quando estavamos no Aido, havia de faltar ás obrigações de cavalheiro? Não sabe que elle morre de amores pela menina? O seu interesse é tel-a perto de si.

— Tudo tem duas faces. A Thereza observa por um lado; eu vejo por outro. As obrigações de cavalheiro são como cada qual as quer considerar. É de cavalheiro calar-se, e tambem póde ser de cavalheiro falar. A peor coisa d'este negocio é o tal amor que você lhe suppõe. Lembre-se que viemos para esta casa contra vontade de Domingos de Sampaio, e que uma só palavra d'elle...

— Sem duvida que nos podia prejudicar muito, estando aquelle pobre rapaz doente e impedido de

a amparar com o seu amor, porém eu não creio que tendo o alferes promettido hontem não se oppôr ao seu casamento, resolve maquinar a nossa ruína. Que lucra n'isso? E se a auxiliar, bem sabe que não perderá o seu tempo...

— A questão não é de lucro. Infelizmente para esta conjuntura já não tenho com que lhe lisongear o amor proprio. E não reparou, Thereza, que elle foi agora o primeiro a sair para o corredor, como se quizesse esquivar-se a conversar connosco? Os homens são assim!

— Tambem aquelle sr. Gaspar Coelho vae-lhe contar tudo, tim tim por tim tim! Foi-nos metter na bocca do lobo sem necessidade nenhuma. Ha gente que desfaz com uma mão o que esteve fabricando com a outra!

— Emfim, observou D. Francisca, deixe lá o sr. Gaspar Coelho. É indispensavel falarmos a sós outra vez com Domingos de Sampaio. Mas eu não devo aproximar-me d'elle de maneira suspeitosa. Não sei como ha de ser!

— Porque lhe não escreve a menina duas linhas?

— Tem razão, Thereza. É o unico meio, porém um bilhete meu, se viesse a perder-se... Nada. Eu não lhe escrevo. A Thereza é que vae escrever-lhe as taes duas linhas, prevenindo-o de que precisa falar-lhe e que depois da meia noite irá bater-lhe

á porta do quarto para que elle saia ao corredor a ouvir o que tem a dizer-lhe.

— Eu? Então eu é que lhe hei de escrever?

— Certamente. É o modo de fazer tudo sem perigo para nós ambas.

— E agora tambem eu digo que se o meu bilhete se perdesse, não seria facil explicar semelhante entrevista.

— Ahi é que se engana muito. Seria facillimo. Diria que lhe quiz falar para combinar com elle no maior segredo o modo de partirmos d'esta casa, onde a falsa posição de noiva provavel, mas incerta, contrariava a delicadeza dos meus sentimentos.

— Bravo, menina! É isso mesmo! Sempre tem uma cabecinha!

— E accrescentaria, proseguiu a viuva abaixando a voz como se receiasse ser ouvida, que eu estava resolvida a partir para Lisboa sem dizer nada a ninguem, deixando uma carta a D. Mathilde para lhe explicar a inesperada novidade, e indo aguardar na côrte o cumprimento das promessas de Luiz de Mattos. Por minha ordem recorria a Thereza á sagacidade de Domingos de Sampaio por ser quem podia dispôr immediatamente a partida com o segredo necessario.

— Sabe que mais, D. Francisca? Eu bem conheço que precisa de se estabelecer por seu e meu interesse, para acabarmos com a vida errante a

que nos tem condemnado tão successivas ingratições, mas quando a oíço discurrir, e observo a finura com que tudo sabe combinar, confesso que apesar da grandeza d'esta casa, quasi tenho pena de que venha a casar com aquelle palérma de Luiz de Mattos!

— Pois sim, Thereza. O que você quizer, mas olhe que todo o meu talento não vale nada sem o auxilio efficaz e dedicado do alferes da Silva. Aqui obedecem-lhe os criados como se fôra amo d'elles. A familia de Crestuma segue em tudo os seus conselhos. Luiz de Mattos chama-lhe o seu melhor amigo. E nós bem sabe como lhe estamos subordinadas!

— Elle é esportissimo! Tenho encontrado poucos homens assim.

— Ande, Thereza. Vá ao seu quarto, escreva o bilhete, e não lh'o entregue que póde alguem ver. Quando todos estiverem na sala, ou á hora do jantar, entre no quarto d'elle como quem, por conhecer ainda mal a casa, se enganou na porta, e deixe-lhe a carta sobre a mesa. Basta que a leia quando se recolher.

— Mas se elle disser alguma coisa antes de receber o meu recado? A menina assustou-me. Já principio tambem a ter receio.

— Por ora não ha que temer. Adiantou-se muito para dizer a D. Mathilde o contrario do que lhe

affirmou hontem, e eu farei com que hoje de dia esteja com alguma das primas e commigo. O caso está em que na hora da crise nos não desampare. Luiz de Mattos póde melhorar e é necessario que seja meu procurador. junto d'elle. D. Mathilde por ora está com a febre do condado de Armamar, porém a filha parece-me que não adoece da tal enfermidade, e é rapariga e prima do dono da casa. Se lhe lembrar ser mais alguma coisa? Ande, The-reza. Não se demore. Vá escrever.

A mulata depois de exaltar de novo a viveza de D. Francisca, foi escrever a Domingos de Sampaio, e quando sentiu passarem para a sala as senhoras acompanhando o medico, veio ao corredor, entrou apressadamente no quarto do alferes da Silva, e poz a carta sobre a mesa no lugar mais evidente.

Estivera Domingos de Sampaio na ante-camara de Luiz de Mattos em conferencia com as primas de Crestuma, com o doutor e com a enfermeira Gertrudes. O medico fôra ao quarto do enfermo observar se ainda dormia e até que ponto se mantivera a intensidade da febre, e convidara D. Mathilde a acompanhal-o para entrar desde logo no exercicio das suas novas funcções.

Luiz de Mattos estava ainda profundamente submergido no somno com que a sua vigorosa natureza procurava restaurar-se da luta com a mo-

lestia. A tia ao vel-o extremamente pallido, com o rosto emmagrecido, os olhos encovados, e a bocca semi-aberta, recuou espavorida, exclamando: *Oh meu Deus! Que...* Cortou-lhe porém a phrase um aceno severo do medico. O doente estava mui abatido, mas visivelmente a enfermidade entrara no primeiro periodo da crise salutar.

— Ó doutor, murmurou D. Mathilde depois que o facultativo examinou Luiz de Mattos sem o accordar, em que estado venho encontrar o meu pobre sobrinho! Parece cadaver!

— Não lhe dê cuidado, minha senhora. A má apparencia que a assusta, passa nos primeiros oito dias da convalescença. A febre está quasi dissipada, e é natural que o delirio se desvaneça egualmente. Se acontecer assim, está salvo, mas ficará em grande prostração, e todas as cautelas serão poucas para que de novo se não aggrave o seu estado.

— De certo. Na fraqueza em que o vae deixar a molestia, qualquer sensação forte poderia matal-o.

— Exactamente, minha senhora. V. ex.^a já sabe como ha de ser o tratamento. Consiste em auxiliar com a tranquillidade physica e moral a acção da natureza. Quando accordar, deem-lhe uma chavena de caldo, e mais duas durante o dia. Eu voltarei á noite ou ámanhã á hora de hoje, concluiu o medico saindo para a ante-camara com D. Mathilde.

— Mas se ao acordar elle quizer falar a D. Francisca, perguntou a fidalga de Crestuma, ou se perguntar noticias d'ella? O medico é como o confessor. Deve-se-lhe dizer tudo. Este rapaz anda apaixonado por aquella senhora, e como sabe, já estava convalescente, quando a vinda d'ella a esta casa o agitou e commoveu a ponto de reduzi-lo á triste situação em que está hoje.

— Se perguntar pela sr.^a D. Francisca, respondeu o doutor olhando para o alferes da Silva, digam-lhe que está boa, que se interessa pela saude d'elle, mas que não entra aqui porque eu só dei essa licença ás pessoas da familia.

— A prohibição, doutor, não poderá agital-o mais?

— Diga-lhe v. ex.^a com a autoridade de tia muito affectuosa que a prohibição é temporaria.

— Mas...

— Eu só lhe digo uma coisa, sr.^a D. Mathilde. Se quer seu sobrinho vivo, siga o que lhe estou dizendo. As melhoras actuaes são devidas ao rigor com que a Gertrudes executou as minhas ordens.

— Minha mãe e eu faremos outrotanto, disse a filha de D. Mathilde. Póde ir descançando.

— A menina tambem me responde pela vida e saude do primo, e até o sr. Domingos de Sampaio a quem não é de todo estranha a sciencia de curar certas enfermidades moraes, replicou o medico sorrindo.

— Ó doutor, acudiu o alferes, *não me metta em camisas de onze varas*, como diz o proverbio.

— Eu só quiz dizer que aproveitando a sua natural sagacidade, o affecto que lhe tem o enfermo, e o respeito com que o attende, póde inoderar facilmente qualquer excitação que lhe sobrevenha. Estas curas do corpo e da alma simultaneamente requerem muita prudencia e cuidado.

— O primo Domingos, disse D. Maria Joaquina, é muito amigo do Luizinho e da nossa familia toda. Ha de nos ajudar a concluir esta novella sem catastrophe.

— E dizes bem, filha, que parece novella tudo isto. E até já lhe estou vendo o casamento no fim.

— E eu tambem, acrescentou com intenção mui diversa Domingos de Sampaio olhando maliciosamente para a joven fidalguinha de Crestuma que abaixou os olhos, córando de envergonhada como se vira alli divulgado o seu segredo mais intimo.

— Ah! O primo tambem acha? E olhe — aqui para nós; o doutor é como se fosse de casa — D. Francisca pouco tem, segundo ella confessa, mas o Luiz não precisa de riqueza. Carece de mulher affectuosa, e de bons sentimentos como esta me parece ser. E depois o casamento com ella póde trazer á nossa familia outras vantagens...

— A casa e o condado de Armamar, interrompeu sorrindo Domingos de Sampaio.

— E então, primo, acha pouco a restituição do que ha quasi duzentos annos foi tirado aos meus ascendentes?

— Não acho, não, minha senhora, retrucou mui cortezmente Domingos de Sampaio. Eu completei a phrase de v. ex.^a porque não me são desconhecidos, como sabe, os direitos d'esta casa.

— Peis eu então, observou D. Maria Joaquina, tenho para mim que ser Luiz de Mattos de Noronha por certidão de baptismo vale mais que ser conde de Armamar por favor do principe regente ou do primeiro ministro.

— A menina é muito nova e inexperiente para apreciar essas coisas, respondeu com severidade D. Mathilde.

Estas ultimas palavras já foram pronunciadas ao sairem todos para o corredor por onde iam as senhoras e Domingos de Sampaio acompanhar o medico, e ouvir d'elle as ultimas recommendações. Ao passarem defronte do quarto de D. Francisca, pareceu a Domingos de Sampaio que pela porta entreaberta lhe estava fazendo signaes a aia da viuva, mas fingiu que não dera por tal. N'aquella conjunctura não lhe convinha nenhuma conferencia com as duas hospedas de Luiz de Mattos.

Feitas as despedidas, D. Mathilde voltou ao quarto do enfermo, ordenando á filha que fosse para a sala fazer companhia á prima Francisca;

D. Maria Joaquina encolheu os hombros sem que a mãe visse este movimento de despeito, e cumpriu a ordem recebida. Domingos de Sampaio seguiu com o medico e desceu com elle ao terreiro para lhe fazer, como era de uso, as honras da casa.

Emquanto os criados iam buscar o garrano, estiveram conversando ácerca da molestia de Luiz de Mattos, da ingenuidade de D. Mathilde, e dos desvarios a que os podia arrastar a todos a loucura do condado de Armamar. Domingos de Sampaio ponderou que não se sentia com forças para lutar contra as ambições de D. Mathilde, que de todo lhe obscureciam o entendimento, e accrescentou que estava resolvido a ir á Silva buscar a sr.^a D. Josepha, sua mulher, porque as senhoras entendiam-se melhor umas com as outras, o que o doutor de todo o ponto approvou.

Voltou pois n'este intuito a casa, e como ao entrar no quarto descobrisse sobre a mesa a carta da sr.^a Thereza, mais résolvido ficou a partir. Deixou a carta por abrir onde a encontrara, foi ao quarto de Luiz de Mattos despedir-se de D. Mathilde, e dando ordem a um criado que lhe levasse o cavallo ao fundo da quinta, passou pela escada interior para o jardim e d'alli pela porta pequena para o caminho.

Ao jantar soube D. Francisca e a sua aiá que o sr. Domingos de Sampaio partira para a Silva.

a buscar a mulher, e a horas mortas a mulata entrando-lhe surrateiramente no quarto viu sobre a mesa, ainda não aberta, a carta que lhe escrevera.

— É que, partiu sem vir ao quarto, exclamou a mulata.

XV

Emquanto Domingos de Sampaio se afastava da casa de Luiz de Mattos, chegava á quinta da Silva, dizia a sua mulher como convinha proceder n'aquella conjunctura, ouvia algumas reflexões prudentes e severas de D. Josepha de Barboza, e regressava a Paços de Ferreira, levando-a na sua companhia, cumpriam fielmente as senhoras de Crestuma aquellas carinhosas obrigações de enfermeira em que primavam as damas nos tempos heroicos da cavallaria andante, e scismava D. Francisca no modo mais acertado e seguro de manter o seu papel de Dulcinea junto do quixotico mancebo que fizera do condado de Armamar o seu elmo de Mambrino.

Quando D. Maria Joaquina assistia ao enfermo, auxiliada pela boa Gertrudes, a viuva cujas palavras a mulata ia sempre confirmando, não cessava

de louvar a D. Mathilde a gentileza e finos dotes da filha, e de exaltar a seriedade do porte em que parecia exceder muito os seus poucos annos. E como a fidalga de Crestuma não tivesse outras paixões senão a de ver conde de Armamar o sobrinho, e a de que todos lhe adorassem os filhos, cada vez queria mais a D. Francisca.

Na sagaz audacia que a bondade e a ambição de D. Mathilde iam sempre animando, a viuva chegou a observar-lhe que não haveria melhor casamento que D. Maria Joaquina para Luiz de Mattos. Ficou attonita de tão inesperada generosidade a velha fidalga de Crestuma, e respondeu abraçando D. Francisca que os casamentos entre primos e irmãos eram quasi sempre maus, e resultavam d'elles crianças rachiticas e idiotas, como se via nas mais distinctas familias do reino. E apertando a mão á modesta viuva, accrescentou sorrindo que a noiva de Luiz de Mattos a descobriria ella sem grande difficuldade e a contento de todos.

D. Francisca obtivera á força de astucia a inteira confiança de D. Mathilde a qual, no seu desejo do agradar-lhe, já ordenara benevolmente á mulata que se sentasse nas cadeiras mais distantes, ponderando que as aias pela companhia das damas a cujo serviço estavam, eram quasi senhoras, e muitas havia de excellentes sangue e primorosa educação.

Nas horas que D. Mathilde passava sentada á cabeceira do leito do sobrinho, era toda attensões e desvelos para com D. Maria Joaquina a insidiosa viuva, mas não conseguira nunca do character firme e reflexivo d'ella senão respostas muito cortezes.

Em vão lhe manifestava a esperanza, quasi a transformar-se em certeza, da successão do condado de Armamar, e debalde se extasiava nos louvores ás peregrinas qualidades de D. Mathilde.

A sisuda donzella desprezara sempre, sem as contrariar, as aspirações vaidosas da familia, e não tinha em maior conta os encarecimentos com que eram profanadas as virtudes de sua mãe pela hypocrisia refalsada d'aquella impudente aventureira.

Conhecia D. Francisca o pouco fructo dos seus esforços, e buscava outros meios de conquistar a affeição de D. Maria Joaquina. Ora lhe notava de passagem o garbo e donaire do corpo, a graça dos movimentos, e a compostura modesta; ora mudava de assumpto e contemplando da janella aquelles formosos horisontes, ou buscando no jardim as flores mais bellas e originaes, discursava muito agradavelmente ácerca das maravilhas da natureza, que parecia ter estudado.

Era insensivel á lisonja o espirito são de D. Maria Joaquina, porém ter-se-ia rendido ao encanto com que a viuva lhe descobria todos os segredos da vegetação campestre, se a não tivera precatado

contra os embustes d'ella a salutar franqueza de Domingos de Sampaio.

Muitas vezes, irritada de tão obstinado fingimento, esteve a ponto de arrancar a mascara á supposta viuva do sargento-mór Ayres de Queiroz, porém outras tantas lhe acudiu á memoria a palavra dada ao alferes da Silva de o coadjuvar n'esta comedia, embora de todo o ponto repugnante á gravidade de character em que primava.

Na singeleza da sua alma honestissima, a joven fidalguinha de Crestuma tremia ao contacto impuro de D. Francisca, e córava de invencivel pejo quando, por obedecer á mãe e para não revelar a minima suspeita ácerca da viuva, era obrigada a acceital-a por prima e a tratá-la por tu. Parecia-lhe que este inaudito sacrificio crestava para sempre a flor da sua innocencia de donzella!

Para serenar as secretas angustias de tão incrível situação, evitava todas as conversações em que mais se revelavam os ardilosos tramas de D. Francisca, e quando pela ausencia de D. Mathilde, tinha de fazer-lhe companhia, convidava-a para passeiar no jardim e perguntava-lhe com gentil curiosidade os generos e especies das flores e dos arbus-tos, e mil outras informações em que a viuva folgava de mostrar engenho e saber, cuidando ter descoberto o segredo para grangear a estima da donzella.

Não falara nunca á mulata. Tinha por inutil mais esse aviltamento. Com a habilidade que os instinctos aristocraticos apuram, sabia entrar na sala sem a ver, e quando a audaciosa Thereza se atrevia, contra a vontade de D. Francisca, a intrrometer-se na conversação, dava a resposta á viuva, como se a mulata não tivera falado.

A sr.^a Thereza, elevada ao tratamento de dom e ás honras de senhora na casa da Egreja, e de seu natural sujeita aos baixos estímulos de todas as paixões más, não tolerava de bom grado que D. Maria Joaquina se affastasse na benevolencia para com ella dos exemplos da mãe. Por isso tomava ás vezes aquellas liberdades que pareciam esforços para assegurar a posse da consideração já obtida. Mas a força de vontade da donzella era superior ás astucias da maldosa aia.

Succedeu que D. Maria Joaquina, regressando do quarto de Luiz de Mattos, entrasse na sala, e observasse que a mulata ficara sentada a uma das janellas, fingindo não a ter visto por estar olhando para o jardim. Foi direita a D. Francisca e falou-lhe com maior amabilidade do que tinha por costume, e como alguns momentos depois ouvisse passos no corredor, disse muito naturalmente:

— Ó Thereza, abra essa porta, e veja quem anda ahi no corredor ou nas salas. Talvez seja o medico.

A mulata a quem pela primeira vez indicavam a sua posição subalterna, estremeceu, mas caminhou para a porta, e saiu por ella, dando passagem ao sr. Jeronymo de Lemos que ao cabo de larga ausencia regressava triumphante das codornizes, coelhos e lebres que se lhe haviam deparado por aquellas quatro leguas em redor.

A sr.^a Thereza não voltou á sala até que viu passar D. Maria Joaquina para o quarto de Luiz de Mattos.

Trazia Jeronymo de Lemos penduradas do corrião as victimas das suas pontarias certeiras. Não quizera entregal-as aos criados sem ter entrado na sala a apresentar ás senhoras as provas irrecusaveis da pericia e destreza venatoria em que não reconhecia superioridade a nenhum dos numerosos caçadores da ribeira Sousa. N'isto se cifravam todas as vaidades do joven fidalgo de Crestuma.

Nem sabia falar de outro assumpto. Na genealogia dos Lemos e de Mattos cincava a cada passo, e já poderia facilmente dar-lhe valentes quinaus a propria D. Francisca. Mas em conseguindo ouvintes resignados para as historias das successivas caçadas em que ia consumindo a mocidade, animava-se extraordinariamente, acudiam-lhe fluentes as expressões, sabia dar relevo ás circumstancias menos valiosas, descrevia com propriedade e acerto as aventuras da caça, e chegava a prender a atten-

ção dos menos afeiçoados a esses vigorosos e salutarres exercicios.

Patenteados os tropheos das suas victorias, e recebidos com agrado os devidos louvores, narrou como pela serra fôra ter a Freiamunde, descera a Rio de Moinhos onde jantara em casa de seu primo José Telles de Menezes, e d'ahi viera pernoitar a Louzada á quinta de Alemtem onde Christovão d'Almeida quizera demoral-o para uma caçada de lebres perto da tapada de D. Luiz.

Não acceitara porém o convite por querer reunir-se á familia e ter noticias de Luiz de Mattos, e como em ambas aquellas casas deixara a caça que levava, só tinha podido matar desde Alemtem até Paços de Ferreira duas lebres, um coelho, e cinco codornizes. De haver errado uma narceja nos lameiros de Sobrosa mal podia consolar-se. O sol dando-lhe nos olhos transtornara de certo a pontaria.

Desculpou-se a irmã de lhe interromper a narração, quando a chegada de D. Mathilde á porta da sala obrigou a donzella a acudir ás suas obrigações junto do leito de Luiz de Mattos, e o proprio Jeronymo de Lemos foi logo beijar respeitosamente a mão de sua mãe, segundo era geral usança d'aquelles bons tempos, e dar-lhe a razão de tão prolongada ausencia.

— E como está o Luiz? perguntou depois de feitos os devidos cumprimentos.

— Parece melhor, respondeu D. Mathilde. Tem dormido muito; tomou os caldos por sua mão; e ao acabar o ultimo, olhou muito para mim, e disse-me restituindo a chavena: *Obrigado, minha tia*. Depois fechou os olhos, e ficou na somnolencia que não desagrada ao medico e que me não satisfaz a mim.

— Essas melhoras são consideraveis em relação ao estado anterior, observou D. Francisca.

— Dizes bem, replicou D. Mathilde. São grandes melhoras, porém está muito fraco, e n'aquella disposição são faceis as recaídas e peiores que a propria enfermidade.

— Elle é dos rapazes mais fortes que eu conheço, accrescentou Jeronymo de Lemos. No monte é valente de pernas como ha poucos, e não atira mal. Quando eu o digo, podem acreditar-o. Mas raras vezes consegui que me acompanhasse. É o unico ponto em que não parece da casa de Paços de Ferreira, sempre viveiro inexgotavel de caçadores.

— Valha-te Deus, meu filho! Pela tua vontade toda a gente andava por esses montes e valles em caçadas permanentes! O Luiz era só a administrar a casa de seus paes, que em breve ficaria perdida se o dono se descuidasse de olhar por ella. Não podia andar sempre em caçadas.

— O tempo bem repartido chega para tudo. Eu ando á caça, e nem por isso deixo de olhar pelos criados e de fiscalisar o serviço d'elles.

— Tem muita graça este meu filho ! exclamou D. Mathilde sorrindo com affecto maternal. Queres saber, D. Francisca, qual é o serviço que elle fiscalisa ? É o da limpeza e arranjo dos seus cavallos, dos jaezes e das espingardas. O governo da casa é todo meu, e as contas, desde que se me enfraqueceu algum tanto a vista, são feitas pela Maria Joaquina. Este menino passeia a cavallo e anda á caça.

— Também enquanto minha mãe governar, e tão bem como governa, erro fôra intrometter-me no que me não pertence.

— Então a casa de teu pae não te pertence ? É tua desde que Deus foi servido leval-o para melhor vida.

— Eu não sei o que é casa de meu pae, nem casa de minha mãe. Aquillo é tudo seu, ou se mais lhe agrada chamemos-lhe nosso.

— Tu és muito bom rapaz... Saes a teu honrado pae que era o mais completo cavalheiro entre quantos viviam para cá do Douro. Mas vae-te sempre lembrando de que eu estou velha, e que é preciso tomares conta da administração do que é teu.

— Pois sim, minha mãe, pois sim. Tratemos agora do Luiz e façamos as honras d'esta casa á sr.^a D. Francisca, para que não se aborreça muito na solidão de Paços de Ferreira.

— Senhora é ; e muito ; mas debes chamar-lhe

prima. Teu bisavô foi casado com uma tia d'ella, D. Briolanja, da casa de Azevedo.

— Peço a v. ex.^a, prima Francisca, toda a sua indulgencia. Eu não sabia da honra que tão proximo parentesco nos concede.

— Eu propria ignorava que minha tia tivesse casado na casa de Crestuma, replicou a viuya. Sabia que o marido d'ella se chamava Duarte de Lemos, e como alludisse casualmente a esse enlace, a Mathilde que é toda bondade e cortezia, revelou-me a distincção que por esse lado me pertence e que tanto aprecio. Infelizmente eu não sei nada de genealogias.

— Mas a prima Francisca, observou o mancebo, sabe mais do que nós da casa de Armamar.

— Alguma coisa sei, é verdade, porque me foi necessario aprender quando vi que podia talvez contribuir para se fazer justiça a esta familia. Na casa da Egreja havia varios manuscriptos do desembargador Christovão Alão de Moraes. N'elles me instrui. Quanto á minha familia, sei unicamente o que ouvi dizer a meu pae.

— Tu não imaginas, disse D. Mathilde para o filho, o que todos lhe devemos, e como é nobre o coração d'esta tua nova prima. Eu...

— Mathilde, então? Queres-me envergonhar de todo? interrompeu D. Francisca carinhosamente agradecida.

— Bem. Muito bem. Não digo mais nada. Eu contarei tudo ao Jeronymo quando estivermos sós.

Assim ia a mãe communicando ao filho a afeição indiscreta de que se deixara dominar, e augmentando o numero das pessoas que, sem o cuidado, podiam ser instrumento dos planos ambiciosos de D. Francisca.

N'este ponto da conversação ouviu-se rumor no pateo e vozes chamando os criados. Era Domingos de Sampaio que em companhia de D. Josepha de Barboza chegava a Paços de Ferreira.

XVI

Com a chegada dos senhores da quinta da Silva não se alterou a harmonia em que tinham vivido até então os elementos heterogeneos reunidos n'aquella casa por tantas circumstancias imprevistas. Os dias seguintes, durante os quaes avultaram as melhoras do enfermo, foram passados em agradavel accordo, como não tivessem de separar-se nunca os diversos hospedes de Luiz de Mattos.

Persistia D. Mathilde no affecto á supposta viuva do sargento-mór Ayres de Queiroz, e obrigava o filho a admirar-lhe os dotes peregrinos ;

D. Maria Joaquina mantinha cuidadosamente a seriedade do seu porte ; D. Josepha de Barboza que pela primeira vez se avistara com D. Francisca, não carecia de exaggerar a natural sisudeza para evitar estreitas relações com ella. Domingos de Sampaio queria esquivar-se a entrevistas com a mulata ou com a viuva, e entendia que só podia conseguil-o, não se affastando nunca da mulher, mas de vez em quando encolhendo os hombros ou por qualquer outro gesto manifestava ás duas aventureiras os embaraços em que se via.

Era assim o genio do inquieto alferes. Sempre de bem com Deus, e nunca absolutamente de mal com o diabo !

Não se illudia com apparencias o animo experimentado de D. Francisca. Acreditava na boa fé de D. Mathilde, mas temia que ella viesse a saber tudo e transformasse em odio e desprezo aquella grande affeição. Confiava pouco em Domingos de Sampaio cuja dobrez conhecia bem. Tinha na vida conta a ineptia de Jeronymo de Lemos e por isso o tratava com especial distincção. É a boa sorte dos tolos ! E via claramente que nem D. Maria Joaquina, nem o medico, nem a velha Gertrudes, lhe eram affeiçãoados.

A força de modestia e de singeleza, mui superiormente affectadas, procurava manter-se na situação em que a haviam collocado a paixão de

Luiz de Mattos, e o respeito que todos pareciam mostrar á deliberada vontade d'elle. Na convalescença do mancebo fundava todas as suas esperanças. Esperar, até obter occasião de falar-lhe, era o plano de campanha que adoptara.

Menos prudente a mulata, e menos acostumada a fingir, já depois da lição que lhe déra a fidalguinha de Crestuma, provocara duas ou tres respostas asperas da Gertrudes, acompanhadas d'um franzir de testa em que se aninhavam terriveis ameaças. Atemorisada com estes contratempos, empenhava-se em persuadir á viuva que eram traço-eiras todas as attenções que lhe dispensavam, e que nem as fidalgas de Crestuma, nem D. Josepha de Barboza, consentiriam que ella se avistasse com Luiz de Mattos e o sujeitasse de novo ao seu dominio absoluto.

Sorria-se D. Francisca fingindo maior confiança do que em verdade tinha, e quando a suspeitosa Thereza lhe lembrava que ainda na vespera a não tinham deixado entrar na ante-camara do enfermo, desculpava a prohibição com as ordens do facultativo, que tinha por justas e razoaveis.

Á excepção de D. Mathilde e do filho que procediam com manifesta lealdade, todos n'aquella casa se enganavam reciprocamente.

Fôra salutar a crise da doença mas não haviam sido rapidas as melhoras de Luiz de Mattos. De-

pois das palavras com que se mostrara grato aos cuidados da tia, caiu em profundo lethargo e dormiu por muitas horas sem agitação nem delirio. Entrava no quarto pela janella a primeira claridade do dia quando acordou, e viu aos pés da cama a Gertrudes cabeceando com somno, e junto do leito, sentada em uma cadeira, a prima de Crestuma.

— Estás ahi, Maria Joaquina?

— Estou sim, e quando não estou eu, está minha mãe.

— Muito boas sois! murmurou com voz extremamente debil, muito boas!

— Eu vou buscar o caldo, disse a Gertrudes passando a mão pelos olhos para afugentar o somno.

— Pois sim, respondeu o doente. Estou muito fraco... Não posso falar...

— Nem deves conversar, interrompeu a prima. É recommendação do doutor.

— Sim, sim, replicou o enfermo cerrando os olhos.

Horas depois entraram no quarto D. Mathilde e a mulher de Domingos de Sampaio com o doutor, ficando á porta o alferes da Silva em posição de não ser visto. Temia que a sua presença recordasse a Luiz de Mattos os successos occorridos, e lançasse de novo em perigosas agitações o namorado mancebo. -

Narraram as senhoras ao medico as palavras do enfermo, e como tomara os caldos sem difficuldade e dormira socegradamente. O doutor aproximou-se do leito, e observou em silencio a respiração regular de Luiz de Mattos.

— Não lhe tomo o pulso para o não acordar, disse para as senhoras. Não deve ter febre, e julgo passado o perigo. Caldos, socego e boa companhia. Estas convalescenças são demoradas e requerem grandes precauções.

— Não toma o pulso, doutor? perguntou Luiz de Mattos com voz quasi imperceptivel.

— Pensei que dormia, sr. Luiz de Mattos, replicou o doutor aproximando-se outra vez e tomando-lhe o pulso. Não fale. Responda-me por acenos com a cabeça ou com a mão. Sente-se bem?

Acenou que sim.

— Está muito fraco?

Gesto affirmativo.

— Tem vontade de comer?

— Tenho muita, respondeu o doente abrindo os olhos.

— Pois vá tomando caldos. Aqui está a Gertrudes com um. Em breve estas senhoras poderão dar-lhe gallinha. Agora beba o caldo e socegue.

— Até a prima Josepha!...

— Está bom, sr. Luiz de Mattos. Não fale. Tem vindo cá toda a gente, quanto mais os parentes e

amigos. Saíamos d'aqui, accrescentou o medico, senão elle entra a querer falar, e póde fazer-lhe muito mal.

Sairam todos do quarto, e quando chegaram a certa distancia no corredor pararam e voltaram-se para o facultativo cujo aspecto risonho daria esperanças aos mais desanimados.

— Então que nos diz, doutor? inquiriu D. Mathilde.

— Está salvo, mas tenham cuidado, minhas senhoras. Eu mantenho todas as minhas recommendações.

— E nós obrigamo-nos de novo a cumpril-as á risca, assegurou D. Maria Joaquina alegremente.

Despedido o medico, D. Mathilde foi para o quarto de Luiz de Mattos exercer as suas carinhosas funcções de tia e de enfermeira, e Domingos de Sampaio ficou só com a mulher e com a prima de Crestuma na sala que dava para o pateo.

— Isto não póde continuar assim, disse D. Josepha para o marido. É vergonha conservar n'esta casa semelhantes mulheres, e consentir que senhoras honestas convivam com essa D. Francisca e se abatam, seja por qual motivo fôr, a tratál-a de parenta.

— Olhe, prima, que se não fosse por obedecer ao seu homem, e por me convencer de que todos os sacrificios são pequenos para salvar o Luiz dos

seus próprios devaneios, confesso que já teria pedido licença a minha mãe para ir com o primo Jeronymo a Crestuma. E depois fingia-me doente e ficava lá.

— E tinhas muita razão, Maria. Eu ás vezes não entendo o sr. Domingos de Sampaio. É muito cavalheiro, muito amigo dos seus parentes, muito respeitador da sua casa — e n'esse ponto devo-lhe o favor de não ter admittido lá estas prendas e até a mercê de haver obstado por algum tempo a que eu me encontrasse com ellas em casa de minha irmã — porém o seu maior prazer são enredos, petas e lograções. Seja, mas com os estranhos. Com a familia, não approvo.

— O primo Domingos, replicou a fidalguinha de Crestuma, lá tem o seu plano...

— Ó prima Maria, não me defenda, interrompeu o alferes da Silva que se sentara mui socegradamente em uma das magnificas cadeiras de coiro que adornavam a sala, ostentando no espaldar o brazão dos Mattos, dos Noronhas, dos Pintos e dos Sampaio. Minha mulher sabe, melhor que a menina, toda esta historia, e as intenções com que procedo. Não se quer lembrar do proverbio que *até ao lavar dos cestos é vindima...*

— Pois não é por tu m'ó não recordares a miúdo, esse e todos os outros proverbios, respondeu sorrindo D. Josepha de Barboza. Mas não vês que

a prima Mathilde, e as familias do nosso parentesco e amizade, podem vir a saber quem são estas mulheres? E depois? Que se ha de dizer de nós?

— Dirão que fomos enganados como todos os outros, retrucou Domingos de Sampaio. Por isso pedi que as tratássemos como se não soubessemos quem eram. *Quem não sabe, é como quem não vê*, diz o proverbio.

— N'isto me parece, apesar de não ter idade para dar o meu voto, observou a fidalguinha, que o primo Domingos tem razão.

— Terá, mas quando acaba esta comedia? Como sairão d'aqui essas creaturas?

— É o meu segredo, sr.^a D. Josepha. Sabes tudo, menos isso. Tu dizes que eu morro por lograções. Esta é uma d'ellas. *Quem torto nasce, tarde ou nunca se endireita*. Tenho esta mania. Confia em mim e socega.

— Bem, se tu promettes que não se prolongarão muito os embustes da sr.^a D. Francisca, e os papéis que nos distribuiste, eu resigno-me a dar-lhe os bons dias todas as manhãs. Até agora pouco mais fiz.

— Eu tenho sido a mais favorecida. E ás vezes gosto de a ouvir falar, confesso, a respeito de flores. Vê-se que nas cidades se aprende tudo.

— Aprende-se até de mais. Porém agora tenham paciencia, concluiu Domingos de Sampaio levan-

tando-se da cadeira a rir e a esfregar as mãos uma na outra. *Atraz de tempo tempo vem*, dizem os nossos lavradores e costume eu repetir.

Renovaram-se nos dias seguintes estes protestos de D. Josepha e as seguranças dadas pelo marido, tão attento aos lances d'este caso que ainda não pregara nenhuma peça das suas, nem á Gertrudes nem ao Jeronymo de Lemos, os quaes andavam sempre precatados contra as costumadas insidias do zombeteiro alferes.

Entretanto convalescia Luiz de Mattos com maior rapidez, readquiria as antigas forças, e com permissão do medico conversava com a tia de Crestuma, com a prima, com D. Josepha de Barboza, e com Domingos de Sampaio que não entrara no quarto senão quando o doente manifestou desejo de lhe falar. Causou-lhe muito prazer a presença do alferes de quem era sinceramente amigo, mas nem se commoveu ao vel-o, nem mostrou vontade de ficar só com elle.

Com a saude renascera n'aquelle honrado mancebo o amor da familia, e a cada serviço que lhe prestavam os parentes, renovava os affectuosos agradecimentos com que principiara a dar mostras de poder restabelecer-se, e que iam sendo mais carinhosos e expressivos á proporção que se lhe iam restaurando as forças. Não falava porém de D. Francisca, nem dos successos anteriores á doen-

ça. Parecia que o transformara a enfermidade.

Conversava muito com a prima, recordando que o conhecera pequenina sendo elle já rapaz, e como a tia o incumbia de passeiar com ella no jardim de Crestuma, crescendo com o tempo a amizade entre ambos, lembranças cordeaes e extremosas que a Gertrudes não se esquecia de avivar sempre.

Recordava a boa velha, com a autoridade dos annos e do antigo serviço n'aquella casa, as occasiões em que Luiz de Mattos e a discreta filha de D. Mathilde tinham perseguido com varas os peixes dos tanques, procurado ninhós por entre os buxos, e caído nas ruas do jardim, rasgando a roupa e fazendo na testa aquellas contusões que na provincia chamam *gallos*, e que se curam com a applicação de um papel molhado sobre a parte inchada e dorida.

Alegrava-se Luiz de Mattos com estas historias do passado, accrescentava algumas que lhe occorriam, e acabava sempre exprimindo sentimentos de profunda gratidão pelo amavel disvelo com que a prima tinha vindo, em companhia da mãe, arrancal-o á morte que o andara açoitando com as suas azas negras.

— Tu sempre foste muito minha amiga, exclamava Luiz de Mattos commovido, procurando a mão da prima e apertando-a ternamente nas suas.

E agora ainda mais amigos havemos de ser. Não é assim, Maria?

— De certo, respondia com meigo alvoroço prima de Luiz de Mattos.

Com as melhoras do enfermo que já se levantara por ordem do medico, e saira até á antecâmara com licença de se demorar uma hora, acudiam alli as senhoras e Domingos de Sampaio, ficando D. Francisca no seu quarto a meditar na estranha situação em que se via, sem poder falar a Luiz de Mattos, apesar de convalescente, e receiosa de que se transtornassem todas as esperanças de melhor futuro.

N'essas occasiões, como se desejasse esquivar-se aos negros presentimentos que a assaltavam, e aos vaticínios tenebrosos da mulata, descia aos jardins e embrenhava-se sob as viçosas latadas que se alongavam por toda a extensão dos muros da quinta. Jeronymo de Lemos em cujo espirito fraco adquirira em poucos dias grande influencia, robustecida pelas recommendações de D. Mathilde, corria a encontrar-se com ella e não a desamparava senão quando ambos recolhiam a casa.

Em um d'estes passeios ao descair da tarde, avistaram no principio do pomar um lacaio, de farda desconhecida para Jeronymo de Lemos, que se dirigia ao lugar onde estavam falando. D. Francisca empallideceu sem que o mancebo dêsse por

tal, e parou aguardando o recado que parecia ser-lhe destinado.

O criado aproximou-se da elegante viuva, saudou-a sem dizer palavra, e entregou-lhe com mostras de respeito uma carta volumosa.

XVII

Jantava-se ao meio dia em Paços de Ferreira. Era costume antigo, geralmente conservado na provincia, e ainda então seguido por muitas familias da cidade, bem que peraltas e afrancezados, com escandalo das pessoas mais sisudas, já não quizessem ir para a meza antes das duas horas da tarde. Eram os revolucionarios d'aquelles bons tempos, honrados precursores da geração actual que almoça quando elles jantavam, e janta á hora das suas famosas ceias.

Benzida a meza pelo padre capellão, sentava-se em uma das extremidades d'ella o chefe da familia, e na outra cabeceira, como então se dizia, a mulher do dono da casa ou a pessoa mais sua con-junta ou de maior respeito. Eram os logares graduados que a cortezia provinciana obrigava a ceder aos hospedes de consideração, quando os havia.

Hoje são os mais inferiores. Até essa cathegoria inventemos para que nenhuma escapasse.

Enchia-se a meza de pratos com abundantissimas comidas, e o dono da casa trinchava os principaes, fazendo cada conviva outrotanto aos que lhe ficavam fronteiros. E porque se cobria com esses pratos a meza, chamava-se ao conjunto d'elles a primeira coberta, á qual se seguia a segunda, e á segunda a terceira, se o jantar era sumptuoso, até que finalisava nos postres ou sobremeza. O vinho estava em cangirões com tampa, e bebia-se por canecas ou por copos curiosamente lavrados e adornados a côres.

Concluido o jantar, levantava-se o chefe da familia, e agradecia a Deus a abundancia de que lhe fizera mercê, e ou se diziam em voz alta as orações de graças ou cada qual as murmurava respeitosamente. Prestada esta homenagem de gratidão aos favores da Providencia, iam os filhos beijar a mão dos paes, e os sobrinhos a dos tios, e receber na benção d'elles a segurança de amor e de protecção. Era na familia o acto mais solemne de cada dia.

Recolhia depois cada qual ao seu quarto a dormir aquellas abençoadas sestas que os jesuitas tanto recommendavam nos seus aphorismos de hygiene. Aos recalcitrantes lembrava o padre capellão o preceito de dormir depois do jantar e pas-

seiar depois da ceia, formulado pelos bons padres da companhia de Jesus em latim de bullas : *Post prandium dormire ; post caenam mille passus abire.* Ninguém resistia á influencia soporifera do texto.

Ao descair do sol congregava-se de novo a familia e descia aos jardins e pomares ou saía a es-paíecer em mais dilatado caminho pelos outeiros, valles e povoações visinhas, ou nas margens dos rios e regatos que ficavam proximos. E se vinham hospedes ou visitas, nem por isso permanecia encerrada em casa a familia. Na companhia dos recémchegados continuava o passeio e regressava ao ponto da partida.

Seguiam-se pontualmente em Paços de Ferreira estes costumes patriarchaes, mas na hora do passeio da tarde, ficava com o enfermo, além da velha Gertrudes, uma das senhoras de Crestuma ou D. Josepha de Barboza depois que viera fazer companhia ás primas. Luiz de Mattos já passava parte do dia na ante-camara, sentado em uma larga poltrona de coiro, que pela sua veneravel antiguidade poderia ter pertencido ao arcebispo D. Sebastião de Mattos e Noronha, tio do infeliz conde de Ar-mamar. Tinha o parecer abatido, e queixava-se de bastante fraqueza, mas o medico principiava a assegurar-lhe que em breve passeiaria em toda a casa para nos dias seguintes descer ao jardim.

Em uma d'essas tardes formosissimas em que o

sol caminhando ao occaso parecia deter-se defronte da janella da ante-camara de Luiz de Mattos a dourar-lhe o aposento com os seus derradeiros raios, estivera o mancebo silencioso por muito tempo a contemplar o mimoso rosto da prima de Crestuma, suavemente illuminado pelos reflexos d'aquella esplendida luz.

Succedeu que a donzella interrompendo o bordado em que trabalhava, olhasse para o primo e encontrasse os olhos d'elle. Sorriu-se e voltou ao seu lavor. Olhou depois outra vez, e ainda a estava mirando. Corou de pejo e empenhou-se em concentrar no bordado a sua attenção inteira, mas sem erguer a vista para Luiz de Mattos, sentia instinctivamente que não cessara de a observar. Desejaria sair d'alli, porém não ousava levantar-se.

— Parece-me que tomaste esse bordado por tarefa ou que apostaste acabal-o hoje, disse Luiz de Mattos para obrigar a prima a olhar para elle.

— Pois enganas-te, Luiz. Não tenho nenhuma pressa de o acabar, respondeu sem largar o bordado a menina de Crestuma. Em principiando não páro emquanto não concluo ou não adianto muito qualquer obra.

— Mas a posição inclinada cansa, quando se prolonga excessivamente.

— Eu estou acostumada. Em Crestuma não faço outra coisa.

— Excepto quando eu lá ia, que te arrancava o bordado, dizia á criada que trouxesse o teu chapéo, punha-t'o eu mesmo na cabeça, e iamos passeiar ambos.

— Isso aconteceu na era dos Affonsinhos, como se costuma dizer.

— E ha de succeder outra vez agora, quando eu estiyer bom de todo. Olha, se eu não estivesse tão fraco, Maria, levantava-me d'aqui, e ia tirar-te das mãos essa trapalhada toda.

— Para quê? Não podemos ir passeiar juntos.

— Queres saber para quê? Pois eu t'o digo, e a nossa boa Gertrudes não me ha de ralhar por isso. Tirava-te o bordado para te obrigar a olhares para mim.

— Eu sim que lh'o havia de levar a mal! disse a Gertrudes sorrindo. Tomara eu que os meninos não olhassem senão um para o outro.

— Ouves, Maria?

— Oigo muito bem, mas para isso não é necessario ter o incommodo de me tirar o bordado, respondeu alegremente a donzella levantando a cabeça e encarando o primo. Aqui me tens a olhar para ti. E até posso dizer-te que estás hoje com melhor parecer que hontem.

— Agrado-te?

— Tu agradas-me sempre. És meu primo coirmão. Fomos creados um com o outro.

— E podíamos passar a vida juntos, como quando eramos pequenos.

— Podemos. Tu vaes a Crestuma. Nós vimos cá. D'esta vez temos estado reunidos bastante tempo. Pena é que fosse pelo motivo que foi.

— E se tu ficasses cá para sempre?

— Eu? E minha mãe, e meu irmão? Eu sou de lá, não sou de cá.

— A menina agora parece que se está a fazer desentendida, interrompeu Gertrudes. Então não percebe o que seu primo lhe está dizendo. Não vê que a está convidando a vir ser dona d'esta casa. Oxalá que fosse já amanhã!

— Ora sabe que mais, Gertrudes? Você é uma santa mulher, mas ás vezes mettem-se-lhe coisas na cabeça...

— Estou vendo que é disparate? Melhor senhora para esta casa não encontrava o sr. Luiz de Mattos, e a menina não acertava com outro que a estimasse mais. Sempre queria ouvir essa linda boquinha a dizer que não, se meu amo a fosse pedir á tia.

— Ó Gertrudes, replicou a fidalguinha em tom mais admirado que reprehensivo, você está hoje...

— Ella tem razão, Maria, observou pausadamente e com certa tristeza Luiz de Mattos. A Gertrudes entendeu melhor do que tu as minhas palavras. Está muito habituada a tratar commigo.

E depois é tão nossa amiga !... Desculpa-a e a mim também. Eu acostumei-me á tua companhia. Vi-te sempre entre mim e a morte nos maiores transe porque passei. Parecias-me um anjo que estava á porta da Eternidade a impedir-me o passo, e queria-te sempre ao pé de mim. Mas se não te agrada...

— Agora o que mais póde agradar-me, Luiz, é que te restabeleças de todo, respondeu a donzella depois de curta reflexão, e que não fales d'essas coisas que sempre causam alguma agitação.

— Não te falarei mais n'este meu desejo para te não mortificar. Eu não dizia nada á tia Mathilde sem tua permissão. Tu não queres...

— Quem te ouvisse falar assim, Luiz, havia de dizer que eu desprezava a tua proposta ! Não a desprezo e nenhuma outra me lisonjeava tanto, mas primeiro restaura a tua saude.

— Também é um modo de me ajudares a convalescer... Será completar a tua obra...

— Pois bem. Dou-te licença para me falares n'esse projecto quando te parecer. Que mais queres ? Por ora não te posso dizer outra coisa.

— Mas não me dizes que não ?

— E se te dissesse que não ? replicou a donzella olhando para o primo com alegre viveza e sorrindo como quem indicava resposta pouco provavel ou desejava tornar suave o desengano.

— Se me disseses que não, Maria, causavas-me profunda magoa, respondeu Luiz de Mattos abaixando a cabeça sobre o peito em silencio.

Maria Joaquina arrependeu-se de ter mortificado o primo a quem estimava muito, e teve receio de que apesar de estar adiantada a convalescença, o agitassem em demasia aquellas palavras. Sabia que Luiz de Mattos era extremamente nervoso e facil em commover-se com as sensações que o assaltassem. Tinha assistido á ultima experiencia dolorosa das paixões do primo; e não queria de nenhum modo dar-lhe motivo de desgosto em conjuntura tão delicada.

Mas a donzella de Crestuma pensava que acima de todas as considerações estavam os deveres da dignidade, o brio da posição, e a honra da familia. Casar com o primo não era para ella nem satisfação de amor proprio, nem aspiração de amor invencivel, nem desejo robustecido pela ambição de vir a ser senhora de uma grande casa. Era apenas o suave complemento da sincera amizade que lhe professava desde a infancia. Porém Luiz de Mattos tinha dado a sua palavra a outra mulher; e a joven fidalga de Crestuma, que não o ignorava, estava resolvida a impedir que a collocassem entre o primo e D. Francisca para servir de abrigo contra uma inclinação vergonhosa.

Emquanto lhe acudiam estas sensatas reflexões,

permanecia Luiz de Mattos abismado na dôr que lhe causara a esquivação da prima, e a Gertrudes contemplava os dois com os olhos muito abertos onde acudiam as lagrimas de receio pela saúde do enfermo e de pezar pela recusa de D. Maria Joaquina. Parecia-lhe impossivel que assim viessem a desvanecer-se as suas esperanças mais queridas.

A fidalguinha de Crestuma notou o abatimento do primo e o doloroso espanto da Gertrudes, e como que sentiu remorsos de não ter sabido exprimir com maior delicadeza as suas hesitações. Levantou-se e foi sentar-se junto de Luiz do Mattos.

— Então, Luiz, em que estás a pensar? perguntou-lhe com muito carinho. Eu não te disse que não. E se não me conformei logo com a tua vontade, foi porque não depende só de mim a resposta.

— Bem sei. Depende da tia Mathilde, mas ella sempre me teve por filho. Decerto se não oppõe ao nosso casamento. Olha, Maria, que me affligiste muito. Podias dizer-me que falasse a tua mãe, e eu teria logo sollicitado seu consentimento.

— Não é isso, Luiz. Eu não me expliquei bem. Minha mãe é muito minha amiga, e tem-me dito sempre que eu hei de casar com quem me agradar mais. Já vês pois que o caso não depende d'ella.

— Então de quem depende? perguntou Luiz de Mattos espantado. A quem deves tu satisfações?

— A mim propria e a ti que és meu primo, meu

amigo, e que me queres dar a honra de ser meu noivo.

— Não entendo, replicou cada vez mais confuso o mancebo cuja intelligencia não era para grandes repentes.

— Eu me explico melhor. Escuta-me sócegadamente. Para eu casar é necessario que o noivo me agrade e me convenha. Ora esta primeira condição está satisfeita. O teu genio convem ao meu, e as tuas qualidades agradam-me.

— Bravo, menina, exclamou a Gertrudes interrompendo-a. Esse falar é d'oiro.

— Não se exalte Gertrudes. N'esta casa todos são como polvora. Andam sempre em risco de explosão. Deixe-me continuar. Estão pois desfeitas quaesquer duvidas em parte do que me diz respeito.

— Obrigado, minha querida Maria, exclamou Luiz de Mattos tomando-lhe a mão e conservando-a entre as suas.

— Então, Luiz? Se tu e a Gertrudes me não deixam falar, não acabo nunca, observou D. Maria Joaquina rindo e deixando a mão entre as de Luiz de Mattos.

— É que o prazer quer-se manifestado. É como a dôr. Mas acaba, prima, continúa.

— Pois bem. Eu acceito de boa vontade a tua mão, quando o nosso casamento fôr possivel.



— Queres dizer: quando eu estiver restabelecido de todo?

— Sim. Restabelecido por dentro e por fóra, de modo que ninguém tenha direito a reclamar contra a tua decisão, nem tu proprio corras o risco de te arrependeres. Já vês que depende mais do teu estado e da tua vontade que de mim o nosso casamento.

N'este ponto da conversação entrou no quarto de Luiz de Mattos o sr. Domingos de Sampaio sem olhar para ninguém, porque vinha andando e lendo ao mesmo tempo uma carta de muitas paginas. O malicioso alferes sorria ao percorrer as linhas escriptas no papel, e viam-se-lhe no semblante os symptomas do regosijo de quem vê terminada uma grave difficuldade. Domingos de Sampaio estava contente de si proprio, e não o occultava na physionomia expressiva.

Ficou Luiz de Mattos mui contrariado de que o viessem interromper na hora em que a prima lhe estava explicando os intrincados embaraços do seu projectado casamento. Fez um gesto de impaciencia, olhou para a donzella a exprimir-lhe o desgosto da inesperada interrupção, e permaneceu em silencio. Domingos de Sampaio ia proseguindo na sua leitura e no riso.

— Primo Domingos, disse D. Marja Joaquina resolvida a aproveitar este auxilio casual. Venha,

cá. Guarde esses papeis e converse com o Luiz e commigo.

— Estes papeis não se guardam assim. Isto é oiro em pó, respondeu o alferes erguendo a mão onde os tinha. Nem imaginam as novidades que elles contam.

— Noticias de França provavelmente, replicou a donzella. Batalha mais ou batalha menos. Isso interessa-me agora muito pouco. Aqui ha outras novidades.

Á palavra — novidades — Domingos de Sampaio aproximou-se dos dois. Luiz de Mattos fez um gesto a recommendar silencio á prima, e esta levantou a mão direita aberta horisontalmente, e tornou a abaixal-a como quem dá segurança de que não haverá perigo.

— Então que novidades temos? perguntou o alferes.

— Temos que o primo Luiz de Mattos me deu a honra de pensar que eu poderia ser sua mulher...

— E a prima Maria pensou egualmente em dar-lhe a honra de o tomar para marido. Não é assim? disse Domingos de Sampaio cheio de jubilo por ver completada a convalescença moral do senhor de Paços de Ferreira.

— Não é bem assim, nem deixa de ser, replicou mui graciosamente D. Maria Joaquina.

— Então não entendo...

— Estás quasi como eu! interrompeu Luiz de Mattos.

— É singular que ninguem me entenda porque lhes estou falando a sangue frio, como boa rapariga que sou, despida de artificio mas séria. Se recheasse de malicias as minhas phrases, entendiam-me logo. Pois nem o primo Domingos suspeita d'onde procedem as minhas duvidas?

— Eu, menina?

— Sim, o primo. Eu disse ao Luiz que era muito amiga d'elle, e que o nosso casamento dependia de eu me convencer de que não ha nenhum obstaculo entre nós, nem reclamação possivel contra as resoluções d'elle.

— Tem razão, priminha. Esta minha cabeça sempre ha de ser leviana. Não tem emenda. Bem diz o proverbio: *Preto velho não toma lingua*. Tem razão, e visto que me fez desembargador d'este feito, ahi vae a sentença final.

Ditas estas palavras, entregou a Luiz de Mattos a carta que tinha na mão.

XVIII

Tomou Luiz de Mattos a carta volumosa que o alferes da Silva lhe entregara, e folheou as paginas todas, sem as ler, até encontrar no fim d'ellas a assignatura do desembargador da relação do Porto, Gaspar Coelho, primo dos senhores da casa da Egreja e protector de D. Francisca. Pela primeira vez, depois da sua prolongada enfermidade, lhe acudiram então ao pensamento os successos passados antes da noite em que adoecera; mas sem recordar-se de que a gentil viuva e a respeitavel aia tinham vindo a Paços de Ferreira e se conservavam alli.

Supposto que a paixão repentina do mancebo, fortalecida pelo desejo ambicioso de ser conde de Armamar, o impellira desde o principio a desejar a mão de D. Francisca, todavia a molestia, a companhia das senhoras de Crestuma, e a carinhosa bondade com que o trataram, haviam contribuido para desvanecer, com a facilidade com que nascera, a inclinação á viuva. A innocencia e o puro affecto da filha de D. Mathilde completaram a cura moral do seu excellente coração. O convite a D. Francisca para ficar em Paços de Ferreira e a promessa de casamento, haviam sido allucinações da febre. Apagaram-se-lhe inteiramente da memoria.

— Eu ainda estou muito fraco, meu Domingos, para ler tão extenso papel, disse o mancebo restituindo a carta de Gaspar Coelho. Lê tu isso ou pede á prima Maria que nos preste mais este serviço. Gaspar Coelho é muito divertido. A carta deve ser curiosa, porém confesso-te que não entendo o que pôde ter com os meus projectos, só hoje revelados e que elle portanto ignora.

— Pois ahí é que está a maravilha. Quanto a ser curiosa sempre te digo, Luiz, que não ha novella egual, nem talvez a historia de *Gil Braz de Santilhana*.

— Ó prima Maria, quer-nos fazer a mercê de ler essa carta?...

— Eu é que não consinto, acudiu o alferes da Silva. A pobre menina esteve todo o dia encerrada em casa, e agora em vez de lhe aconselharmos e pedirmos que vá dar um passeio pelo jardim antes que anoiteça, havemos de impôr-lhe semelhante sacrificio?

— Sacrificio não é... replicou a donzella adivinhando que Domingos de Sampaio queria ficar a sós com Luiz de Mattos.

— Pois não será, mas eu cá lerei a carta ao nosso convalescente.

— N'esse caso até logo. Vou ter com minha mãe ao pomar.

Eu aposto já que essa carta fala da D. Fran-

cisca do Aído! exclamou Luiz de Mattos sorrindo, mal a prima saiu do quarto. Podia ter dado cabo de mim a elegante viuvinha! Que trambulhão! E que febre! Que delirio! Não sei como pude resistir. E parece que a sonhar falava n'ella muitas vezes, segundo me tem contado a Gertrudes! Tinha-me enfeitado a tal D. Francisca!

— Pelo que vejo melhoraste da doença, e da paixão que tambem é enfermidade. Como diz o proverbio: *D'uma cajadada mataste dois coelhos.* Tu és feliz em tudo!

Os beijos de Luiz de Mattos contrairam-se no riso malicioso, porém benigno, do amor proprio li-songeador; animou-se-lhe a physionomia; a mão direita indicou a Domingos de Sampaio a cadeira em que devia sentar-se perto d'elle para o ouvir, e depois deu signal á Gertrudes para se retirar.

— Eu a ti falo-te como ao confessor, porque sou teu amigo. Bem sabes quanto me agradava a D. Francisca. Esta gente da cidade, a nós homens da aldeia, sempre nos captiva mais. Tu deitavas-me agua na fervura...

— Ainda bem que te recordas...

— Pois não recordo! E ahi mostraste o bem que me querias, mas este meu genio de repent es é em tudo o mesmo. Sympathisava com a viuvinha, e como era pessoa que podia sem desdoiro ligar-se á nossa familia, estava resolvido a casar

com ella. Talvez fosse loucura. Era com certeza, porque estas aves d'arribação nem sempre dão quanto promettem. É verdade porém que o faria a despeito de tudo e contra a vontade de todos. São assim os Mattos. Muito cabeçudos. Já m'o tens dito, e não posso negal-o.

— Percebi tudo isso, e não me deu poucos cuidados. Ignoro porém, e tu vaes dizer-m'o, qual foi a fada boa que te livrou d'esse perigo.

— Foi Deus em primeiro lugar, e depois a minha prima Maria e minha tia Mathilde e a prima Josepha que são tres anjos, e tu igualmente porque vieram todos fazer-me companhia, e acordar-me no coração os bons sentimentos e os affectos de familia.

— Nem tu sabes as afflicções em que por muitos dias vivemos!

— Faço idéa, mas escuta-me agora, accrescentou Luiz de Mattos falando mais baixo. Eu estive a morrer, porém quando a molestia fez crise, e me ficou livre a cabeça, entrei de meditar a sós comigo nos successos passados, e depois de muito scismar vim a cair em que o ramo do soveiro não estalava com o meu peso, e que alguém o tinha preparado para me succeder aquelle caso.

— E esse alguém?... perguntou Domingos de Sampaio com certo receio.

— Não podia ser senão criado de D. Francisca,

e por ordem d'ella para rir á custa do cavalheiro de provincia que se atrevera a cortejal-a. As meninas da cidade são assim. Pensam que ninguem as merece. Tu não te lembras das Lagos de Paço de Souza? Quando vieram do convento, faziam escarneo de nós todos, e por isso ficaram para tias. D. Francisca era outra que tal.

— E sou eu o malicioso! D'essa ninguem se lembrava senão tu. E olha que podes ter razão...!

— Digo-t'o eu que não foi outra coisa. A mim é que me não embaça ninguem. Quanto mais pensava n'isto, mais me convencia de que era verdade, e quanto mais considerava nas qualidades da prima Maria, mais me persuadia de que não encontrava melhor casamento para mim.

— Sem duvida.

— Assim foi desaparecendo do meu espirito a imagem seductora da viuva, e firmando-se n'elle a convicção de que D. Francisca é artificiosa em extremo para mulher de um rapaz da provincia como eu. A ausencia tambem fez muito. Se me tivessem deixado em casa d'ella, e que peiorasse lá, como veio a succeder-me aqui, Deus sabe como estaria hoje esta cabeça. Agora não ha perigo de recaida amorosa. Não a vi mais depois d'aquella famosa madrugada, e é provavel que a não torne a ver tão cedo.

— Valha-te Deus, Luiz, que não te lembras do que passaste nos primeiros dias da tua molestia! D. Francisca está n'esta casa quasi desde o começo da tua doença. Não te lembras de que lh'o pediste encarecidamente no ardor da febre e promettendo-lhe casar com ella...

— Que dizes? exclamou Luiz de Mattos levantando-se impetuosamente da cadeira, e comprehendendo de repente as reticencias com que a prima de Crestuma respondera ás suas solicitações matrimoniaes.

Domingos de Sampaio obrigou-o suavemente a sentar-se, e depois de lhe affirmar que tudo se remediaría facilmente por industria sua e em virtude d'aquella carta, resposta de Gaspar Coelho á que lhe escrevera antes de vir para Paços de Ferreira, narrou como viera alli D. Francisca e a sua aia, como para tratar do casamento mandara elle chamar os parentes, e finalmente como a supposta viuva tivera artes para grangear a amizade de D. Mathilde e para lhe persuadir que era sua segunda prima pela casa de Azevedo. Agora lê essa carta ou eu t'a leio, e saberás quem é esta damnada aventureira que nos enganou a todos...!

— Que enredos, meu Domingos! interrompeu Luiz de Mattos tomando a carta para a ler. Prima de minha tia a mulher que tu chamas aventureira! E quando as senhoras de Crestuma soube-

rem tudo? Onde me poderei eu esconder para que não morra de vergonha diante d'ellas?

— Não saberão nada. Dá cá essa carta. Eu t'a leio. Este negocio está por minha conta.

Entregou de novo o mancebo a Domingos de Sampaio a carta de Gaspar Coelho, e quiz dirigirlhe muitas perguntas ácerca de tão intrincados negocios, porém o alferes da Silva impoz-lhe silencio, allegando que era necessario ler a carta antes de voltarem do jardim as senhoras de Crestuma. Luiz de Mattos resignou-se, e o sagaz marido de D. Josepha de Barboza principiou a leitura.

A carta dizia assim :

« Meu querido Domingos.

« Já te disse com quanto pezar soube do estranho procedimento d'essas mulheres. Cuidei que lhes aproveitassem as lições do passado, e que o receio de perderem a sua actual situação as contivesse. Enganei-me.

« Recommendei-as, é verdade, a Luiz Coelho, mas por muito estouvado que eu tenha sido, ninguém poderá suppôr que desejasse introduzir na familia de meu primo e teu cunhado semelhantes mulheres. A minha intenção foi dar-lhes um protector serio que lhes conciliasse respeito e favorecesse o novo systema de vida que ellas promettiam seguir. Não é culpa minha que Luiz Coelho tomasse, como vul-

garmente se diz, o recado na escada, e chamasse para sua casa taes creaturas.

«Não te peço que me desculpes com tua cunhada, minha prima e muito minha senhora, porque talvez possa arranjar-se tudo de modo que as duas mulheres saiam de Paços de Ferreira pacificamente, sem haver necessidade de se lhes arrancar a máscara. Isso fio eu da tua perspicacia. A maior satisfação que posso dar a essas familias, enganadas até certo ponto por minha causa, é manter a illusão para decóro de nós todos, e empregar meios efficazes para que não voltem mais a esses sitios, nem a ama nem a criada. Pela remoção respondo eu.

«N'este sentido pois escrevi duas cartas á heroína do drama. Na primeira que ella mostrará a essas minhas senhoras, disse-lhe que uma tia sua estava em artigo de morte e queria vel-a antes de partir para melhor vida. Seguro de que desejaria partir logo para aqui, accrescentei que mandara pôr á sua disposição uma liteira em que fizesse a viagem. Na segunda carta recordava-lhe os actos da sua vida, as minhas bondades para com ella, o procedimento indigno com que envergonhava sempre quem a protegia, e a audacia das suas aspirações. Dizia-lhe que estava disposto a reprimir tão estranho atrevimento, e concluia determinando-lhe da maneira a mais absoluta que em tudo cumprisse muito á risca as tuas ordens.

«E como conheço por dolorosas experiencias de quanto é capaz cada uma d'ellas, e muito mais ambas juntas, pareceu-me conveniente terminar a segunda carta por dizer que ao corregedor de Penafiel fôra determinado que em tudo cumprisse qualquer requisição tua. Este magistrado — se tu lh'o indicares, e não o farás de certo senão em ultima extremidade —, póde prendel-as, e pelas estradas da Beira mandal-as apresentar em Lisboa á intendencia geral da policia. Creio que não será necessario levar as coisas a este ponto, nem eu o desejo.

«Assim fica inteiramente confiado á tua prudencia e engenho todo este negocio, na esperanza de que o possas terminar afastando d'ahi essas mulheres, e conservando, tanto á familia da Egreja como á de Crestuma, a persuasão de que trataram com pessoas de qualidade e bom porte. D'este modo acaba melhor para todos comedia tão repugnante.

«Mas é indispensavel dizer tudo a quem tudo deve saber. Vou contar-te o que te não referi inteiramente quando na tua ultima visita me perguntaste quem era D. Francisca e a Thereza. Disse-te que eram duas aventureiras, e que a viuva nunca tivera marido cuja morte lhe desse aquelle melancolico titulo, nem sequer D. Francisca era, como se appellidava. Quasi tive vergonha de te dizer o resto. Vaes sabel-o agora.

«D. Francisca de Azevedo chama-se Helena Homem de Moraes; é natural de Coimbra, e filha de um bedel da Universidade que a Inquisição clausurou por crime de sacrilegio praticado em uma igreja da cidade. Teria nove ou dez annos quando o pae foi preso, e como lhe não restasse nenhuma pessoa de familia, foi mandada recolher em um dos conventos d'aquella terra, onde a gentileza propria de criança lhe grangeou muitas sympathias, e contribuiu para que todas as freiras se empenhassem em dar-lhe educação primorosa.

«Morreu o pae nos carceres da Inquisição, e a rapariga ficou no convento sob a protecção de minha tia, D. Luiza Coelho de Mello, que fôra abbadessa varias vezes e era senhora de grande respeito. Alli foi crescendo em idade, adquirindo novas prendas, e manifestando extraordinario talento e facil conformidade com a vontade de todas as freiras que lhe queriam muito. Aos dezeseis annos era rapariga quasi formosa, bem feita, esbelta, modesta e elegante no trajar, e cabalmente instruida de quanto se podia aprender entre aquellas filhas do Senhor.

«Namorou-se d'ella um estudante de medicina que passava todos os dias sob as janellas do convento, e parava a distancia a contemplal-a. De parar e olhar passou a escrever-lhe, depois a falar-lhe na grade com o falso pretexto de ser ainda

parente seu, e a final em certa noite, auxiliado por outros estudantes, fez um rombo no muro da cêrca, atravez do qual a joven Helena passou da clausura para os braços do novo Páris. Esteve dois dias escondida em uma casa da cidade, e depois fugiram ambos para Hespanha em companhia de um criado.

«Era de familia abastada o estudante e obteve do correspondente bastante dinheiro para a viagem. Nas immedições de Vizeu deixou a raptada em obscura estalagem, foi visitar um tio seu, falou-lhe de certa desordem grave em Coimbra pela qual fôra obrigado a fugir, e alcançou d'elle sommas consideraveis. Ora a providente Helena antes de partir do convento, aproveitara-se da confiança de minha tia para lhe subtrair o que pôde, e como auxiliava na escripturação a freira que geria os negocios d'aquella casa religiosa, conseguiu apoderar-se de quantia importante.

«Esta foi a primeira façanha em que a joven filha do bedel mostrou até que ponto os maus instinctos resistem com frequencia á influencia benefica da boa educação.»

— Que mulher! exclamou Luiz de Mattos interrompendo a leitura da carta.

— Escuta, meu Luiz, acudiu Domingos de Sampaio. Ainda agora a procissão vae a sair da egreja, como vulgarmente se diz.

Encostou-se commodamente na cadeira o alferes da Silva, e continuou a leitura :

« Entraram por Almeida em Hespanha os fugitivos. Helena ia em trages de homem, e o estudante que em Vizeu abriu corôa de clerigo, vestira-se de modo que parecesse capellão de alguma casa rica, encarregado de acompanhar aquelle mancebo. Seguia-os o criado cavalgando um dos tres cavallos que o raptador comprara em Coimbra na vespera da fuga.

« Percorreram diversas terras do reino visinho até irem dar a Cadix onde embarcaram para Buenos Ayres. Na America o estudante tencionou empregar a sua actividade em alguma das profissões liberaes para que o habilitavam os estudos da universidade de Coimbra, mas Helena distraia-o de todos os cuidados sérios, e obrigava-o a fazer continuadas excursões a admirar as aguas revoltas do Prata, as margens do Uruguay que desemboca de frente da cidade, e os prodigios de vegetação do Novo Mundo. N'esses passeios aprendeu ella os conhecimentos que possui acerca de toda a especie de plantas. E aprendeu facilmente, que não ha melhor mestre que o amor.

« Uma epidemia que veio a grassar em Buenos Ayres, arrebatou na flor dos annos o desventurado estudante apezar do carinho com que a rapariga se desvelou em tratá-lo. O dinheiro do mancebo ainda

não fôra inteiramente dispendido. O que Helena trouxera do convento estava até então intacto. Sobravam-lhe pois os meios necessarios para viver algum tempo na America ou regressar á Europa.

« Poucos dias depois tomava de novo o trage feminino, despedia o criado, e passava para bordo de um brigue mercante que n'essa mesma tarde saia d'alli para o Rio de Janeiro. O commandante a quem agradara muito a inesperada passageira, foi moderado no preço, e não lhe exigiu passaporte.

« Era de Minas Geraes o capitão, e na viagem tanto se deixou captivar da formosura de Helena, que chegado ao Rio de Janeiro despediu-se do negociante que lhe confiara o navio, e partiu com ella para a sua patria onde possuia bastantes propriedades. Chamava-se João Pinheiro.

« Acostumada á vida aventureira e inquieta, a travessa Helena aborrecia-se mortalmente em Minas Geraes. Apertavam com ella as lembranças do estudante intelligente e malicioso de que a rude bondade do capitão não soubera apagar a saudade, e o bulicio e divertimentos de Buenos Ayres estavam-lhe sempre aguilhoando o espirito na solidão em que vivia.

« Viera alli um joven official de engenheiros, encarregado de levantar a planta d'aquelles sitios, e fôra hospedar-se em casa do capitão. Era mancebo mui protegido na côrte, e mandado a Minas

Geraes com o fim de lhe ser aquelle serviço pretexto ás grandes mercês que lhe estavam destinadas. Um dia em que o official fôra pernoitar a certa fazenda de João Pinheiro para fazer medições que não levariam menos de uma semana, o dono da casa aproveitou esta ausencia para ir visitar com egual demora outras propriedades. Quando voltou, já tinham desaparecido, havia tres ou quatro dias, o engenheiro e a gentil moçoila.

« Correu logo ao Rio de Janeiro o apaixonado capitão, porém ao chegar á côrte foi preso, embarcado em um navio do Estado que ia partir para Angola, e transferido para as regiões africanas. A autoridade complacente com os desejos do engenheiro, tão calorosamente recommendado pela côrte, acreditou que Helena era parenta d'elle e que fôra arrebatada á familia pelo maritimo de Minas Geraes em uma das suas viagens ao reino.

« Um anno depois desembarcava em Lisboa D. Francisca com o official de engenheiros em uma casa alugada por elle junto ao palacio onde residia um dos secretarios de Estado. Davam sobre o jardim do ministro algumas janellas da casa de D. Francisca, e não tardou muito que um primo d'elle gastasse todas as tardes a contemplar a physionomia expressiva e singularmente encantadora d'essa mulher.

« A familia do official que é das mais poderosas

do reino, justou-lhe o casamento com uma herdeira riquissima do Alemtejo, e o mancebo desprendeuse facilmente dos laços em que julgava trazel-o manietado a rapariga. Pela primeira vez sentiu a linda Helena o agudo espinho do desprezo, e meditou vingar-se.

« Foi procurar o primo do ministro e disse-lhe audazmente que era filha de paes abastados residentes no Brazil. Accrescentou que o official vivera muitos mezes á custa d'ella, e que só a desamparara quando viu gasto o ultimo real do dinheiro com que o sustentara. Expostas estas patranhas, concluiu pedindo justiça contra proceder tão iniquo, e a protecção do ministro.

« Joaquim de Mello — chamava-se d'este modo — ponderou-lhe que o official era pessoa da côrte e mui querida do principe, e que seria imprudencia meditar qualquer vingança contra elle, mas prometteu-lhe risonho a sua protecção, e aconselhou-lhe que não continuasse a viver só exposta ás tentativas de qualquer malvado. E como D. Francisca lhe observasse que não conhecia ninguem na côrte, ficou de mandar-lhe uma aia brasileira que, por ser patricia, lhe seria companheira agradavel. Já adivinhas que era a mulata, a Thereza de quem nunca mais se separou, e que então se chamava Margarida.

« Passados tres mezes soube Joaquim de Mello

que D. Francisca e a mulata tinham vendido alguns despachos que elle solicitara a pedido d'ellas, e nunca mais voltou a visital-as, nem as recebeu no palacio do secretario de Estado. Já então essas mulheres recebiam em casa varias pessoas de reputação duvidosa, e tinham a seu serviço o homem que acompanhara por Hespanha até Buenos Ayres a gentil protegida de minha tia D. Luiza. Encontraram-se com elle em um passeio, e tiveram de acceital-o de novo por criado para o obrigarem a calar-se.

« Um dia a policia cercou-lhes a morada, e descobriu no quarto do tal meliante differentes vasos sagrados que nos dias anteriores tinham desapparecido de varias egrejas de Lisboa. Criado e amas foram recolhidos nos carcereiros da Inquisição. Nas perguntas o ladrão confessou tudo, e Helena viu-se accusada de ter fugido do convento e de ser complice do criado nos roubos feitos ás egrejas.

« Citou ella nos interrogatorios o nome de minha tia, e o de meu pae Jorge Coelho de Mello, desembargador do Paço. Avisou-me um dos inquisidores antes que dessem parte ao meu honrado velho, e consentiu que eu fosse falar-lhe á prisão. Soube então de Helena toda a sua vida. Chorou alli arrependida e submissa e pediu-me em nome de minha tia, já então fallecida, que a salvasse. Eu estava nomeado para a relação do Porto, ia partir

de Lisboa, e deixei-me seduzir pelos encantos d'aquella sereia. Obtive a peso d'oiro que dessem por mortas de febre maligna uma e outra e que as deixassem fugir de noite. O meu amigo inquisidor deu-me logo parte de que estavam agora evitadas pelo silencio do tumulto quaesquer complicações.

« Na madrugada seguinte saíram a barra em um hiate para o Porto, com os passaportes regulares e recommendadas a meu primo João Bernardo no caso de entrarem no Douro antes que eu chegasse por terra. Helena tomou aqui o nome de D. Francisca d'Azevedo, viuva do sargento-mór de Minas Geraes, Ayres de Queiroz, e Margarida transformou-se em Thereza. Já eu estava no Porto quando ellas chegaram. »

— Bem dizias tu que nem a historia de *Gil Braz de Santilhana*, exclamou Luiz de Mattos.

— Tem paciencia, Luiz, não me interrompas. Deixa-me acabar antes que as senhoras voltem do jardim.

Continuou a leitura:

« No Porto viveram socegadas durante um anno as duas fugitivas dos carcereiros da Inquisição. Tinham casa pequena, mas decente, na rua de Traz da Sé, e chegaram a contrair relações com algumas familias sisudas. Helena tomara affeição ao papel de viuva, e desempenhava-o com primorosa modestia. Todos louvavam a constancia e lealdade

de D. Francisca á memoria do sargento-mór Ayres de Queiroz. A Thereza obedecia ás ordens da ama, e não era menos habil em figurar de aia junto da viuva inconsolavel.

« Eu ia visital-as, mas sempre no character de primo que tomara por ser o pretexto mais admittido para estreitar relações e amiudar entrevistas. Ensinei-lhe a genealogia da casa de Azevedo, dos Queirozes de Galliza, e de outras familias para que soubesse responder com acerto ás pessoas curiosas de apurar o grau de consanguinidade que ella tinha commigo. Ao cabo de poucos mezes, affectando não saber nada, estava apta para escrever commentarios ao *Livro velho das linhagens*.

« Penhorou-me o bom procedimento de D. Francisca, e confiei na segurança com que a mulata me affiançava a cabal transformação da ama, acrescentando que ella tremia a cada instante de ser descoberto o seu verdadeiro nome e de que a encarcerassem de novo nas masmorras da Inquisição. Vivi pois satisfeito da minha obra todo esse tempo. Só muito depois vim a saber que D. Francisca e a mulata, nas noites em que eu ia para casa do chanceller, se vestiam de homem e saíam com um pintor visinho d'ellas a correr aventuras pela cidade.

« De vez em quando a gentil viuva dizia-me que de familia sua conhecida recebera um memorial a

implorar a minha protecção n'esta ou n'aquella demanda, mas não solicitava. Unicamente pedia que lhe desse uma resposta para mostrar que tinha falado no assumpto. E tão desaffectedadamente se mostrava desinteressada que excitava o gosto e vóntade de servil-a. Confesso-te que em muitas causas procurei comprazer-lhe, e Deus sabe se alguma vez a equidade que eu buscava, não prejudicou a justiça.

« Confessaram depois os proprios procuradores o subido preço porque lhe pagavam a ellas as minhas condescendencias. Eu devia estar precavido desde que Helena me declarara nos carcerees do Rocio como a instigações da aia, que servira por muitos annos um empregado superior da intendencia geral da policia, vendia os despachos alcançados pela influencia do primo do secretario de Estado. Mas puderam mais que todas as precauções os encantos de D. Francisca.

« Uma das casas onde a recebiam, era a de D. Joanna de Sequeira, irmã de Ruy Lopes, meu collega na relação, e tia de Pedro Lopes de Sequeira, mancebo mui estimado no Porto por suas excellentes qualidades e nobre coração a quem só faltavam os bens da fortuna para ser noivo desejado de todas as damas. Tinha concluido a formatura em direito; lêra com applauso no desembargo do Paço; e estava esperando ser despachado juiz de

fôra de qualquer terra do reino. Era dotado de imaginação mui viva, e de grande sensibilidade.

« No primeiro dia em que avistou a preconisada viuva em casa de sua tia, apaixonou-se violentamente por ella, e não lh'o occultou. D. Francisca ouviu com prazer as phrases amorosas do mancebo, e lisongeou-se muito de ter captivado tão perfeito cavalheiro. Pedro Lopes saiu d'alli cheio de esperanças e louco de amor. A Thereza porém que não queria perder a minha protecção para morrer de fome a ouvir o galhardo mancebo recitar versos maviosos aos pés da viuvinha, veio para casa ponderar-lhe que o rapaz era pobre, e que nas novel-las o amor tinha sempre assegurado o pão de cada dia. Chegou a ameaçar que revelaria tudo.

« Convenceu-se Helena, e deixou de ir a casa de D. Joanna, mas esta senhora veio visital-a na companhia de seu sobrinho que não perdeu depois nenhuma occasião de avistar-se com a viuva e de lhe escrever cartas amorosissimas em que lhe offerecia a sua mão, o futuro de magistrado que se lhe ia abrir, e a sua vida inteira. D. Francisca mostrava-se esquiua diante da mulata e complacente nos poucos instantes em que ficava só com o rapaz, mortificando-o extremamente com a ambiguidade de sentimentos que elle não comprehendia.

« Vivia em tormentosa inquietação o pobre man-

cebo, forcejando sempre por obter que a viuva quizesse casar com elle. Por fim pediu-lhe que ao sair do Lausperenne do Carmo fosse até ás Virtudes onde a esperaria. D. Francisca annuiu ao convite, e a mulata não poz duvida por ignorar o objecto do passeio. Encontraram alli o rapaz, o qual suspeitando que a Thereza transtornava as boas disposições da viuva, solicitou o auxilio da mulata, e prometeu-lhe com largueza quanto a imaginação lhe suggeriu que poderia dar.

« Thereza disse-lhe francamente que a viuva não era rica, e que não podia casar com quem não tivesse cabedades sufficientes para a sustentar com decencia. Accrescentou que o cortejo de Pedro Lopes prejudicaria a reputação de D. Francisca, e que era preciso acabar com aquelle amor insensato. A viuva confirmava, melancolicamente resignada, as opiniões da aia.

« Debalde Pedro Lopes implorava d'ambas a compaixão que merecia a sinceridade do seu amor, e assegurava que não poderia viver, se D. Francisca o desprezasse. Ás palavras proferidas pelo infeliz mancebo com voz dolorosa, as feições contraídas, e o rosto pallido, sorria a Thereza affirmando que ninguém morria de amor, e a viuva occultava no lenço os olhos para que lh'os não visse enxutos.

« Insistia o rapaz em que D. Francisca annuisse aos seus desejos ou lhe desse o ultimo desengano,

affiançando que estava na mão d'elle o futuro da sua vida. E por ventura Helena teria cedido aos rogos do esbelto sobrinho de D. Joanna de Sequeira, se a mulata lhe não estivesse recordando em voz baixa as masmorras da Inquisição. Por fim teve de dizer a Pedro Lopes que era impossivel acceitar a sua mão.

« Tres vezes pediu o rapaz que o não acabassem alli, mas os signaes de desesperação com que supplicava, não commoveram aquellas duas mulheres. Á terceira negativa o misero namorado fitou com louco devaneio os olhos em D. Francisca, elevou-os depois ao ceo, volveu a contemplal-a amorosamente, e acenando-lhe com a mão direita em adeus eterno, saltou de repente por cima do parapeito, volteou nos ares, e foi despedaçar-se na calçada que vae seguindo por baixo do paredão até perto de Miragaia.

« D. Francisca deu um grito que retumbou no valle onde se estende a quinta das Virtudes, e teria perdido os sentidos, se a não tomasse nos braços a mulata. Como não estivesse alli ninguem áquella hora da tarde, Thereza correu com a viuva para o lado do hospicio dos monges de S. Bernardo, desceu a Bellomonte, e por S. Domingos, S. Crispim, Banharia, rua Escura e Arco de Vandoma, recolheu a Traz da Sé, onde chegaram meias mortas de susto.

« Tu podes imaginar a dôr de Ruy Lopes de Sequeira quando lhe levaram a casa os restos dilacerados do filho! No primeiro momento nem o pae, nem os amigos descortinaram a causa que incitara o mancebo a resolução tão desesperada. A tia porém havia adivinhado a paixão de Pedro Lopes e obrigara-o a confessar-lhe que estava namorado da viuva e que pretendia casar com ella. Mal soube da catastrophe, correu a casa do irmão, e narrou-lhe tudo, accusando com vehemencia a viuva por não ter logo despedido o rapaz, quando a paixão principiara a brotar.

« Parecia áquella santa mulher que D. Francisca se comprazera de enlouquecer o sobrinho pela 'vangueria de receber as homenagens de mancebo tão geralmente estimado, e que o despresara a final por calculo ou por ter impedimento occulto para casar com elle. E ahi lhe acudiu a suspeita de que por ventura fosse casada, mas ausente do marido e não viuva, ou que tendo sido freira, houvesse fugido do convento, vivendo na cidade sob nome supposto. Em todo o caso, dizia ella, e confirmavam para consolal-a todas as suas amigas, não podia ser boa creatura quem arrastava a semelhante desgraça moço de tamanhas prendas como era Pedro Lopes de Sequeira.

« Eu estava em Atões quando succedeu aquelle triste caso, e não voltei á cidade senão tres dias

depois. Contaram-me então o que se passara, e que a voz geral culpava da infausta sorte do mancebo a viuva de Traz da Sé, como lhe chamavam. Fui logo visitar o meu collega Ruy Lopes que me referiu com lagrimas quanto se dizia, perguntando-me quem era aquella senhora que passava na cidade por minha parenta.

« Respondi-lhé que era minha prima em terceiro grau como bisneta de Alvaro Lopes de Azevedo, irmão de D. Paula d'Azevedo, minha bisavó; que a conhecera em Lisboa quando ella chegara do Brazil; e que no Porto mui raras vezes tinha podido visital-a por causa das minhas occupações e da vida recatada e modesta a que a obrigava a condição de viuva. Nenhuma d'estas informações podia consolar o pobre velho na dôr pela perda do filho.

« De casa de Ruy Lopes dirigi-me a Traz da Sé. Appareceu-me a viuva em lagrimas, e a mulata a lastimar a infelicidade d'aquella menina que a voz do mundo, sempre injusta, poderia querer accusar. Disse-me como tinham conhecido Pedro Lopes nas visitas a D. Joanna, e como elle perseguira D. Francisca apezar dos repetidos desganhos com que ella o despedira.

« Accrescentou que indo ambas passeiar ás Virtudes, o encontraram alli, e como voltasse a falar do seu amor, lhe supplicaram que as deixasse viver socegadas como estayam antes de o conhe-

cer. Concluiu afirmando que o mancebo, raivoso por suppôr que a esquivanja de D. Francisca procedia de gostar de outro, se desesperara a ponto de attentar contra a sua vida.

« N'esta narração predominara sempre a idéa de que D. Francisca era incapaz de me atraíçoar, e a mulata murmurava-me ao ouvido, emquanto a outra choromingava que a viuva morria por mim, e todos os dias lhe confessava que só eu lhe fizera comprehender bem a intensidade do amor.

« D. Francisca limpou os olhos, e com voz que os soluços entrecortavam, afiançou que entre salvar o rapaz e perder a minha affeição não hesitara um instante. Tenho muita pena d'elle, coitado! dizia ella aproximando-se de mim e tomando-me ambas as mãos, mas hontem, hoje, ámanhã, sempre, não sacrificava os meus deveres para salvar um louco.

« Não te rias, Domingos, da minha credulidade. O amor proprio é o nosso calcanhar de Achilles. Eu acreditei no amor e dedicação de Helena, e cai-lhe aos pés a agradecer-lhe e a protestar-lhe a minha eterna gratidão, tanto mais profunda quanto ella, obrigando-me a não persistir n'aquella posição, replicava em voz baixa e maviosa que não merecia agradecimentos quem unicamente cumprira a sua obrigação.

« No fim d'esta ridicula scena, combinada entre ambas para me illudirem, ponderou Thereza que

depois de tamanho escandalo conviria, talvez, sair do Porto por alguns dias até que viesse a esquecer o miserando fim de Pedro Lopes. Pareceu-me acertada a reflexão, e como semanas antes havia empregado parte do dinheiro que me tocara da avultada herança de minha mãe, em comprar muitas propriedades do Minho que se arremataram em praça no Porto, resolvi mandal-as a Castellões com o meu padre a examinarem o estado das casas do Aido e a saberem se ellas poderiam viver alli commodamente. Levava o padre ordem minha para dizer que os bens eram propriedade de D. Francisca. Poucos dias depois do regresso ao Porto, partiram ambas com criados para a Ribeira Souza.

« A minha intenção... nem eu quero' dizer-te as loucuras que me passavam pela cabeça. Até porque os meus planos se desvaneceram quando no dia seguinte ao da partida d'essas mulheres, e das duas pretas que a mulata ajustara para as servir, vim a saber quanto se passara, por uma pobre rapariga de Traz da Sé que o pintor desamparara no ardor do seu affecto á recatada viuva. Obri-gou-a o ciume a referir-me tudo. A esse tempo, desvairado pela paixão e cego de confiança na transformação de Helena, já eu a recommendara a meu primo e teu cunhado.

« Quiz mandar buscal-as e dar-lhe no meu desprezo o justo castigo que mereciam, mas confes-

so-te que temi a audacia de ambas, e que de as desamparar resultasse alguma nova insidia que prejudicasse a minha reputação, já pouco abonada no tocante ás relações com o sexo feminino. Aguardei que o futuro me proporcionasse ocasião de lhes mostrar que não se mofa impunemente de um homem da minha qualidade.

« Por esse tempo vieste visitar-me, e eu disse-te lealmente o que D. Francisco Manoel de Mello dissera do tal D. Diego Catite ao recommendal-o a um amigo, e pedi-te que te desses por sabedor de serem suppostos o nome, o appellido e a condição de viuva para que a coagisse o receio a desistir dos seus atrevidos planos. Agora sabes o que então me custava confessar-t'o, e ficas aprendendo no meu exemplo até que ponto a fraqueza humana chega a abater-nos a despeito da educação e da sciencia.

« É necessario expulsar d'ahi essas mulheres a todo o custo. Concorde porém, como já te disse, com a tua lembrança de que, saindo airoosamente, nem padecerá o decóro das familias onde ellas se introduziram, nem os meus creditos de magistrado, e de vosso amigo e parente.

« Tens plenos poderes, meu querido Domingos de Sampaio, despede d'esse paraíso de innocencia as peccadoras a quem eu abri as portas d'elle, e salva-me da vergonha resultante da minha im-

prudente fraqueza e das suas infamias. Sinto-me verdadeiramente confundido e humilhado ao escrever-te esta carta.

« Adeus. Sabes, e tens autoridade e juízo para tudo concluir bem.

«Teu muito do coração
« *Gaspar Coelho.* »

XIX

Concluira Domingos de Sampaio a leitura da carta e ficara observando a sensação que teria produzido em Luiz de Mattos, mas a narração d'aquelles extraordinarios successos deixara espantado, confuso, attonito e até certo ponto envergonhado o fidalgo de Paços de Ferreira.

Cuidou o alferes na sua maliciosa imaginação que Luiz de Mattos lastimava talvez as illusões perdidas, e que apesar de tudo ainda se sentia attraído para o abysmo d'aquelles torpissimos amores, como tem acontecido a tantos infelizes.

— Pois ahi tens, Luiz, principiou Domingos de Sampaio no intuito de descobrir o que se passava no espirito do mancebo, quem são estas mulheres. Vê tu com que prudencia é necessario andar n'este mundo para não ter de envergonhar-se na presença

dos seus parentes e dos seus amigos, como Gaspar Coelho.

— Deves accrescentar — e como Luiz de Mattos. Eu nunca senti vergonha assim, e nem sei como sair d'este labyrintho de mentiras em que me vejo enredado.

— Tu não estás no caso de Gaspar Coelho. Elle sabia quem protegia e quem nos mettia em casa. Tu não sabias nada, e as apparencias eram de enganar um santo, como se diz vulgarmente.

— Ora adeus, não me queiras desculpar. Eu sou um tolo! Pois não devia notar que tu não as convidavas para a quinta da Silva, nem levavas a prima Josepha á Egreja ou ao Aido a conviver com aquella gente? Tu não me ias sempre á mão quando eu iaava de casar com ella? E a cegueira era tal que eu não percebia nada!

— Nem admira que não percebesses. Eu não t'o queria dizer, nem devia contar-te o que me dissera Gaspar Coelho. A minha obrigação era vigiar para que não fosses illudido, e não praticasses algum desatino. E cumpri-a.

— Cumpriste de certo, meu bom amigo. Agora é que eu entendo as tuas palavras, quando vinhamos do Aido para a Silva.

— Ainda tu não sabes tudo. Eu desde os primeiros dias suspeitei da viuva e da aia.

— Tu és o homem mais esperto que eu conheço.

És o mestre dos rapazes. Eu não suspeitei nada.

— Escuta, homem. Não me gaves tanto. Quando desconfiei do caso, fui ao Porto, e Gaspar Coelho contou-me parte da vida d'ellas. Desde então resolvi oppôr-me por todos os modos aos teus loucos amores, porém entendi que era melhor ir-te insinuando por palavras ambiguas que o negocio não se me figurava tão claro como te parecia. Tu porém não percebias nada.

— Se eu estava inteiramente captivado por aquella indigna creatura.

— Bem o vi, e não me espantou. O que chegou devéras a maravilhar-me foi saber que tinham tido a audacia de se introduzirem n'esta casa. Fiquei atordado com tamanho atrevimento, e escrevi a Gaspar Coelho a obrigar-o pela palavra que me dera no Porto, a proporcionar todos os meios de as despedirmos d'estes sitios na occasião opportuna. Depois vim para Paços de Ferreira aguardar os acontecimentos. Gaspar Coelho cumpriu a sua promessa, e acabaram todos os perigos.

— Os perigos acabariam, respondeu Luiz de Mattos, porém vão começar as vergonhas. É impossível que tudo isto não venha a saber-se. Que dirá minha tia na digna severidade do seu brioso character?

— Não diz nada porque não ha de saber coisa nenhuma. Nem eu, nem tu lh'o diremos. D. Fran-

cisca — chamemos-lhe assim já que nos acostumamos — ainda menos, e o Gaspar tomara que ninguém sonhasse em tal. É desembargador e precisa de restaurar o credito já bastante mordido, como elle diz na carta. O ponto é que saiam decorosamente d'aqui para fóra. Depois vão para o Porto ou para Lisboa. Nós ficamos cá. Ninguém mais se lembra de que passaram entre nós algumas semanas semelhantes creaturas.

E que dirá minha prima? Essa sabe tudo. Por isso recusou a minha mão, embora com a maior delicadeza.

— É verdade qué sabe. Disse-lh'o eu pela confiança que tenho no seu juizo. Era quem eu imaginava que devia curar-te a alma, e bem vês que não me enganei.

— Tu nunca te enganas. Já t'o disse. Domingos de Sampaio ha só um.

— O que tu quizeres, mas ouve. Ella sabe tudo, e não se admira de que te apaixonasses por aquella mulher, não sabendo quem ella era. Mas não digas que recusou a tua mão. Disse-te que só a acceitava quando ninguem podesse allegar direito a ella. Aludia á tua promessa de casamento. Tu não podias casar com ~~duas~~.

— Tens razão, sempre razão! É um anjo aquella Maria Joaquina. Nem tu imaginas a caridade, affecto e paciencia com que me tratou!

— Eu bem vi. Mas vamos a planear o desfecho d'esta complicada comedia. Sentes-te com animo de me obedecer?

— Essa é boa! Eu faço quanto me ordenares.

— Pois bem. Trata D. Francisca como se fosse uma senhora a quem tu não tivesses falado de amor, e que realmente pertencesse ás familias com quem a aparentaram as imaginações e loucuras de Gaspar Coelho. Tu estás restabelecido e não ha razão para a não receberes aqui. Virá provavelmente com as outras senhoras, e não se atreverá de certo a recordar-te a promessa que lhe fizeste.

— Quem sabe? observou Luiz de Mattos meio assustado.

— Sei eu. Gaspar Coelho escreveu-lhe, e determinou-lhe que me obedecesse. Não resiste. Tu bem sabes o proverbio: *O medo é quem guarda a vinha*. Os carcereiros da Inquisição não esquecem facilmente.

— Ainda bem. Eu morria, se ella me recordasse diante da tia Mathilde e da Maria aquella desastrosa promessa.

— Não tenhas receio. E agora caluda, que já se ouvem os passos das senhoras nas escadas que sobem do pomar.

Ouvia-se com effeito o som de passos apressados que se foram aproximando pelo corredor. Era a gentil Maria que regressava do jardim com um ra-

mo para o noivo, e no semblante a alegria infantil propria dos seus annos.

— Venho com uma embaixada.

— Embaixada de quem? perguntou temeroso Luiz de Mattos que só pensava no perigo de o quererem obrigar pela sua promessa.

— Da sr.^a D. Francisca de Azevedo, minha cara prima e muito minha senhora, viuva do sargento-mór de Minas Geraes, Ayres de Queiroz.

— Aposto que é para mim a embaixada? acudiu Domingos de Sampaio.

— E ganhou a aposta. Aquella fidalga pede-lhe o favor de ir ter com ella á sala, onde o aguarda.

— Vou já aos pés de s. ex.^a, respondeu fazendo uma saudação de zombaria o sr. Domingos de Sampaio.

E foi. Ao sair do quarto de Luiz de Mattos encontrou-se com D. Josepha de Barboza, sua mulher, que em companhia de D. Mathilde regressava do jardim. Comprimmentou-as sorrindo, e collocando-se ao lado da porta para lhes abrir passagem, deu-lhes a noticia de que D. Francisca o mandara chamar.

— Ella recebeu no pomar uma carta que lhe trouxe um criado vindo do Porto, disse D. Mathilde, e depois de a ler na presença do Jeronymo que lhe andava fazendo companhia, veio ter onde nós estavamos, pediu desculpa de não se demorar, e

subiu para as salas com a Maria Joaquina. Creio que viria responder áquella carta.

— Eu vi de longe o criado, observou D. Josepha, e pelas côres da farda pareceu-me de Gaspar Coelho.

— Ha de ser, replicou Domingos de Sampaio. Os Coelhos são parentes de D. Francisca e sempre a protegeram desde que ella veio de Minas Geraes.

— Tudo isso é muito bom, primo Domingos, mas não faça esperar uma senhora. Visto que a Francisca o mandou chamar, vá. Não se demore.

As duas senhoras entraram no quarto de Luiz de Mattos, e Domingos de Sampaio seguiu para a sala seguro do resultado d'aquella conferencia, mas com certo receio de que D. Francisca attribuisse a machinações d'elle o desfecho da comedia que principiara no Aído e ia acabar alli.

D. Francisca estava sentada junto de uma meza na attitude de quem se prepara para escrever. Quando o alferes da Silva se aproximou d'ella, em vez de mostrar-se enfadada ou irosa, como elle imaginava, recebeu-o com o sorriso malicioso da complicitade, deu-lhe a mão affavelmente, e depois apresentou-lhe a carta em que o desembargador Gaspar Coelho a avisava de estar a morrer a tia que ella nunca tivera. A outra carta ficara aberta sobre a meza.

Domingos de Sampaio leu rapidamente, e per-

guntou á supposta viuva o que tencionava fazer.

— Isso pergunta-se? respondeu D. Francisca no mesmo tom alegre. Que se diria da viuva inconsolavel do sargento-mór Ayres de Queiroz, se tão extremosa pela memoria do marido deixasse morrer sua tia ao desamparo? Já ordenei ao criado que fosse buscar a liteira e que estivesse com ella aqui ao amanhecer.

— Muito bem, disse o alferes da Silva para dizer alguma coisa, mas espantado em verdade do vigor com que D. Francisca n'aquella occasião estava dominando as suas más paixões.

— Agora, proseguiu a viuva sempre risonha, desejo que o meu bom amigo Domingos de Sampaio me faça a mercê de dirigir-me n'esta despedida por fórma que nem incommode o dono da casa e estas senhoras, nem falte a nenhuma das pessoas aqui reunidas com as attensões que lhes são devidas. Eu creio, accrescentou ella com maior zombaria no sorriso, que a minha boa tia, se fôr viva quando eu lá chegar, approvará muito que eu em tudo seguisse os seus conselhos.

— Vejo que está zombando. É o senão de quasi todas as senhoras a zombaria, replicou o alferes. Parece feito para ellas o proverbio: *Onde vae o ferro...*

— *Lá vae a ferrugem*, concluiu D. Francisca. Eu tambem sei alguns porverbios, mas não estou

zombando. Quero saber se me hei de despedir de Luiz de Mattos e das senhoras, ou se me cumpre desaparecer á guisa de visão.

— Eu entendo, disse Domingos de Sampaio, que deve despedir-se de todos. Luiz de Mattos está melhor, e já póde receber a sua visita.

— Mas o sr. Domingos de Sampaio, acudiu a mulata que estivera calada assistindo a esta conversação, prometteu-nos a sua protecção Tenha paciencia de lh'o lembrar. Sempre gostei de dizer o que sinto.

— E faz muito bem, sr.^a D. Thereza. *O prometido é devido*, diz o proverbio. E eu não falto nunca ás minhas promessas, nem me desvio do meu caminho... Se todos fizêsem como eu!...

— Bem, respondeu a mulata, agora temos remoque por não irmos direitas a Guimarães! Já se lhe explicou a razão da nossa vinda a esta casa.

— Valha-a Deus, Therezinha...

— É melhor não dizer nada, Thereza, interrompeu com seriedade D. Francisca. Estas paredes podem ter ouvidos. Vamos ao que importa. Eu parto de manhã. Diga-me o que devo fazer agora, e se, no caso de falecer a minha boa tia, posso esperar que vá ao Porto dar-me os pezames.

— Póde esperar de mim tudo quanto fôr obsequio e dedicação...

— Aos primos e ás primas, accrescentou a viuva cortando-lhe a phrase.

— Então já faltei aos meus compromissos e á minha palavra de cavalheiro? Não lhe dei todas as provas de consideração? Não confirmei sempre as suas affirmativas?

— Eu devo dizer-lhe a verdade. Sabe que o desembargador Gaspar Coelho me escreveu outra carta?

— Sei, respondeu o alferes determinado a arrostar a colera que a viuva parecia ter concentrado e reprimido até então.

— E sabe pela sua o que elle escreveu na minha?

— Tambem sei.

— Pois eu sei que tudo isto é obra sua.

— Minha?!

— Sim. E unicamente sua, mas não lhe quero mal por isso. Eu detesto os tolos e deixo-me captivar de todas as pessoas de talento. Foi como se jogassemos o xadrez. Eu perdi e dou-me por vencida.

Ia responder Domingos de Sampaio, mas a porta do corredor abriu-se, e entraram por ella D. Joseph de Barboza, D. Maria Joaquina e Jeronymo de Lemos. Pareceu descontente da interrupção a gentil viuva, mas Domingos de Sampaio, dirigindo-se aos recém-chegados, disse-lhes que D. Francisca se via obrigada a partir para o Porto onde uma tia sua estava nos paroxismos da morte, e que

o mandara chamar a elle por causa dos arranjos necessarios para a viagem no intuito de não incomodar ninguem. Concluiu advertindo que era necessario prevenir Luiz de Mattos de que D. Francisca desejava despedir-se d'elle, e rogou a Jeronymo de Lemos que lhe fosse dar parte.

O mancebo saiu da sala e voltou logo com a resposta de que o fidalgo de Paços de Ferreira teria muita honra em receber na sua camara de enfermo a visita da sr.^a D. Francisca.

Domingos de Sampaio dirigiu-se com a viuva para o corredor, fazendo signal ás senhoras para que o acompanhassem, e seguiram todos para o quarto de Luiz de Mattos.

XX

Mal assomou á porta do quarto Domingos de Sampaio em companhia de D. Francisca com quem parecia desempenhar o papel que representam nos paços reaes os introductores de ministros e embaixadores, o fidalgo de Paços de Ferreira levantou-se cortezmente da poltrona em que repousava, e auxiliado pela tia Mathilde deu alguns passos pouco firmes a receber aquella gentil senhora por cuja

causa padecera tão longa e perigosa enfermidade.

Adiantou-se rapidamente D. Francisca a tomar-lhe o passo e a rogar-lhe que voltasse á cadeira de que se levantara, dando-lhe ao mesmo tempo expressivos parabens pelas melhores que já estava disfructando. Luiz de Mattos murmurou os devidos agradecimentos e voltou a sentar-se, folgando de que a necessidade de voltar as costas á viuva lhe permittisse encobrir certa perturbação que o assaltara.

Talvez n'aquella occasião a natural fraqueza humana podesse sujeital-o de novo á influencia magnetica dos formosos olhos de D. Francisca. A paixão nem sempre é inspirada por pessoa digna d'ella. Parece-se muitas vezes com as plantas em brotar da origem mais immunda. É certo porém que a lembrança da carta de Gaspar Coelho, a presença da familia e o aspecto risonho e affectuoso da priminha de Crestuma, foram sufficientes para robustecer no seu animo de honrado cavalheiro a resolução tomada.

D. Mathilde diante de quem o filho déra a Luiz de Mattos o recado da viuva, ficara sabendo da proxima partida, e só esperava que ella explicasse os motivos de resolução tão imprevista. A fidalguinha de Crestuma em pé no vão da janella procurava descortinar no semblante do noivo o seu proprio futuro, e não parecia descontente do que ob-

servava. Via que Luiz de Mattos não estava muito senhor de si, mas adivinhava as sensações honrosas que lhe agitavam o animo. D. Maria Joaquina era criança com tino de senhora.

D. Josepha de Barbosa e Domingos de Sampaio no segundo plano do quadro notavam com jubilo os olhares que Luiz de Mattos e a prima de Crestuma trocavam entre si. Na antecâmara a mulata procurava debalde penetrar no quarto. A velha Gertrudes tomara de proposito a porta onde com apparencia de casualidade lhe impedia a passagem. A viuva fôra assentar-se em face do convalescente junto de D. Mathilde.

Fez a diversidade dos pensamentos de cada uma das pessoas congregadas alli que durante o primeiro minuto ninguem dissesse uma palavra. Todos pareciam contrariados. Só D. Mathilde olhava, ora para uns, ora para outros, como quem se admirava de tão profundo silencio e desejava interpretal-o. Falou por fim Domingos de Sampaio desejoso de abreviar aquella conferencia, e de acudir á anciedade de Luiz de Mattos.

— A sr.^a D. Francisca, disse o alferes da Silva, teve noticia de estar mui gravemente enferma a tia que tem no Porto, e havendo resolvido partir amanhã de madrugada, não o quiz fazer sem te dizer adeus.

— Eu agradeço muito a sua delicadeza, minha

senhora, acudiu Luiz de Mattos inclinando-se afavelmente, e não sou menos grato á bondade com que se offereceu para ser tambem uma das minhas enfermeiras. Minha tia que tambem é sua prima, contou-me tudo.

— Era obrigação minha auxiliar estas senhoras, respondeu D. Francisca modestamente. O que sinto é ser agora obrigada a deixal-as antes que o sr. Luiz de Mattos esteja completamente restabelecido.

— Não o sentes mais do que nós, exclamou D. Mathilde. Pela minha parte sou tua amiga, como se te conhecesse ha muitos annos.

— Muito folgo de notar que minha tia aprecia o merecimento da sr.^a D. Francisca, observou Luiz de Mattos. Deixa-nos as mais gratas recordações a nossa boa hospeda.

— E muitas saudades, replicou D. Mathilde em verdade pezarosa de que a prima do secretario de Estado se ausentasse antes de restituir á casa de Passos de Ferreira o condado de Armamar.

— Felizmente, accrescentou Domingos de Sampaio já livre de receios pela attitude de todos, vae para perto. Não é grande jornada ir por ahi abaixo até ao Porto, e que fosse, *quem corre por gosto não cança*, diz o proverbio. Conte que lá iremos todos.

— De certo, responderam a um tempo D. Mathilde, Luiz de Mattos, e Jeronymo de Lemos que viera encostar-se ao espaldar da cadeira do primo

para contemplar melhor D. Francisca, de cujos encantos havia duas semanas que era affectuoso admirador.

— Deus ha de permittir que sua tia melhore, disse o primo de D. Mathilde, e se a sociedade d'esta nossa ribeira lhe não tem desagradado, é natural que ainda tenhamos o gosto de a ver nos nossos sitios.

— E em Crestuma, interrompeu D. Mathilde, onde eu já tencionava convidar-te a passar quinze dias para festejarmos todos as melhoras do Luiz.

— Eu vou penhoradissima de tantos obsequios, replicou D. Francisca.

Pareceu a Domingos de Sampaio que era tempo de terminar aquella entrevista em que só D. Mathilde e o filho figuravam de boa fé, e advertindo que tanta gente, e tão longa conversação poderiam incommodar o convalescente, deu occasião a que D. Francisca se despedisse com o pretexto de ir arranjar os bahús e dispôr-se para a jornada.

Saiu com ella D. Mathilde com o secreto intento de lhe recommendar o condado do sobrinho, e levada pela affeição que realmente lhe consagrava, lastimando sempre que se ausentasse antes de ir a Crestuma.

— Queria-te mostrar o retrato que lá temos de D. Briolanja de Azevedo, tua tia e minha avó,

dizia D. Mathilde. Olha que dás muitos ares de família.

— Será para outra vez. Eu gosto muito da minha casa do Aído. Em podendo sair do Porto, volto de novo para lá, e irei logo ver-te a Crestuma.

Emquanto D. Mathilde, na sinceridade do seu honrado animo e sem esquecer os interesses da família, tratava a supposta viuva com o natural carinho com que nas provincias se agasalham reciprocamente os amigos e parentes, dava Domingos de Sampaio os emboras a Luiz de Mattos da pontualidade com que seguira os seus conselhos, e da maneira digna com que se houvera com D. Francisca em presença da tia.

— Eu já te disse, Domingos, que não reconheço outro mestre, respondeu Luiz de Mattos. Agora porém tinha alli o meu anjo da guarda, continuou apontando para a prima. Assim eu o podesse ter sempre ao pé de mim !

— Eu cuido, respondeu o alferes da Silva olhando para D. Maria Joaquina, que as difficuldades vão sendo cada vez menores, e não tardará que desapareçam inteiramente.

— És da mesma opinião, Maria? perguntou Luiz de Mattos olhando com ternura para a fidalguinha de Crestuma.

— Essa pergunta é inteiramente inutil. Tu não sabes que ambos nos conformámos sempre com o

parecer do primo Domingos? respondeu sorrindo a donzella. Elle que o diz é porque o sabe.

— Então ouves, Luiz? Eu que o digo é porque o sei. Tu conheces o dito proverbial: *Lá o lê, lá o entende*. Pois vem a ponto para este caso. Eu leio nos olhos da nossa priminha de Crestuma, e meditando n'esta agradável leitura chego facilmente a entender que nos está ouvindo a futura senhora d'esta casa.

Luiz de Mattos fez um esforço para se levantar da cadeira. Queria aproximar-se da prima e agradecer-lhe as esperanças que lhe dera, mas Domingos de Sampaio não lh'o consentiu, e pediu á donzella que viesse sentar-se na cadeira proxima á do primo.

— Venha, menina, ande, complete a sua obra. Salvou-o da morte e da loucura á força de cuidados e de affecto, agora auxilie a convalescença do nosso enfermo. Diga-lhe que amanhã póde pedir a sua mão á prima Mathilde. Os seus olhos dizem não se oppõe a este meu alvitre.

— Será verdade, Maria? Tu permittes que eu fale a minha tia? Vou já mandar-lhe pedir...

— Já, não, respondeu a donzella com seriedade. Deixa passar o dia de hoje, e quando ficarmos sós em familia, bem libertos da curiosidade dos estranhos, então sim.

— Eu bem te dizia, Luiz, que era para ama-

nhã e não para hoje, observou Domingos de Sampaio. Não entendes?

— Entendo perfeitamente, replicou Luiz de Mattos tomando as mãos da prima e beijando-as repetidas vezes. Tens razão. Não falarei a minha tia senão ámanhã, quando esta casa estiver inteiramente purificada. Mas tu viste, minha querida Maria, acrescentou o mancebo, beijando-lhe de novo as mãos e fitando-a depois amorosamente, viste ha pouco...

— Vi, sim, e não carecia de ver nada. Bastava-me a tua palavra. Tu és meu primo co-irmão, meu amigo desde a infancia, e incapaz de fingimentos aleivosos. Não me enganavas, mas podias illudir-te ácerca do teu proprio coração. Ámanhã fala a minha mãe. Ha de observar-te que não são dos mais felizes os casamentos entre pessoas de tão proxima consanguinidade, porém tu bem sabes quanto ella nos ama a ambos. A minha felicidade e a tua são a suprema felicidade d'ella.

Tinhão saído do quarto de Luiz de Mattos para a antecamara D. Josepha de Barboza e Jeronymo de Lemos. Alli ficaram algum tempo a conversar com a velha Gertrudes, e voltaram para junto do jubiloso mancebo quando a fidalguinha de Crestuma acabava de annuir ás solicitações do primo. Domingos de Sampaio annunciou-lhes grande novidade, chamou pela Gertrudes para que tambem a ficasse sabendo, e declarou a Jeronymo de Le-

mos que Luiz de Mattos pediria no dia seguinte a mão de sua irmã.

O filho de D. Mathilde soube com prazer que o primo se lhe ia transformar em cunhado, e só pediu que, para celebrar este enlace, organisasse Luiz de Mattos uma caçada de lebres nos montes da Gandara — propriedade da casa de Paços de Ferreira para os lados de Melres —, nomeados pela abundancia de caça que havia n'elles. D. Josepha observou que pela primeira vez terminara por casamento a gosto de todos uma historia do marido, porque as lograções inventadas por elle não costumavam acabar tão gentilmente. A Gertrudes chorava lagrimas abundantes de prazer, e ora abraçava Luiz de Mattos, ora beijava a noiva, ora se voltava para as outras pessoas a dizer-lhes que já nada mais tinha a desejar n'este mundo.

~~_____~~ du-se-lhe, porém, e tambem a Jeronymo de Lemos, que estes ajustes deviam ficar em segredo até ao outro dia, para não roubar a Luiz de Mattos o gosto de ser quem primeiro desse á tia aquella grata novidade.

— Agora que este assumpto me parece esgotado excepto para os noivos, observou o alferes da Silva, vou dar as ordens necessarias a respeito da partida de D. Francisca. Talvez fosse conveniente mandar dois criados acompanhar a liteira até perto de Vallongo.

— Faze o que entenderes, acudiu Luiz de Mattos sem largar as mãos da prima. Os criados obedecem-te como a mim. Ordena lá isso de modo que eu não tenha mais de ouvir falar em tal.

A prima agradeceu com affectuoso aperto de mão as ultimas palavras do noivo, manifestando o desejo de que o não distraissem do seu amor, e Domingos de Sampaio saiu do quarto a tratar de que nas ultimas horas nada faltasse em Paços de Ferreira ás duas hospedas de Luiz de Mattos.

A liteira chegou de madrugada com o laçao de Gaspar Goelho. D. Francisca e a mulata, advertidas pelo som das campainhas pendentes das cabeçadas e peitoraes dos dois alentados machos em que vinha suspensa, já estavam na sala proxima ao pateo acompanhadas de Domingos de Sampaio, incumbido pelo enfermo de n'aquella despedida fazer as honras da casa a D. Francisca. A Jeronymo de Lemos encarregara a mãe de a representar, visto que a sua melindrosa saude lhe não permittia levantar-se tão cedo.

Mal entrou no pateo a liteira, desceu o joven fidalgo de Crestuma, seguido pela mulata e por dois criados levando os bahús, a assistir a carregar as bagagens em duas formosas mulas das cavalharias de Paços de Ferreira. Domingos de Sampaio e D. Francisca ficaram no alto da escada a distancia de poderem falar sem serem ouvidos.

— A final, disse D. Francisca para Domingos de Sampaio como se continuasse uma conversação interrompida, se este Luiz de Mattos me não andasse desinquietando, ainda agora estaria no Aido muito socegada.

— Ou em Guimarães, se tivesse seguido os meus conselhos, replicou o alferes a quem não esquecia a desobediencia da viuva.

— Pois sim, mas o melhor era no Aido, até para nós ambos. Os homens não pensam no mal que fazem. Elles ficam sempre na mesma. As mulheres é que padecem. E são todos assim! Vê aquelle pateta que está ajudando a carregar os bahús? Pois vae pelo caminho de Luiz de Mattos.

— Quem? O Jeronymo? Tambem deu volta ao miolo do pobre rapaz?

— Eu não lhe disse nada, mas ha muitas semanas que me anda perseguindo.

— Ó menina, tenha pena d'elle. É a esperanza de D. Mathilde, o successor de uma casa mui distincta...

— E que tenho eu com isso? respondeu D. Francisca resolutamente. A sociedade repelle-me. Tem razão segundo as suas leis. Não o nego. Mas eu estou dispensada de ter contemplações com ella. É tolo? Melhor para ser enganado. É rico? Excelente. Eu' não hei de viver á custa dos pobres o resto da minha vida.

E desceu pela escada repentinamente para entrar na liteira com a mulata sem ouvir o que Domingos de Sampaio ia retrucar-lhe. Enquanto porém Jeronymo de Lemos se afastava para montar a cavallo e ir acompanhá-la até pequena distancia, D. Francisca estendeu a mão ao alferes da Silva, e accrescentou :

—Apezar de tudo, nós amigos sempre. É sina minha ser-lhe affeçoada.

O som das campainhas mal deixou ouvir estas ultimas palavras. A liteira saía pelo portão de Paços de Ferreira.

XXI

Voltou Jeronymo de Lemos a horas de jantar com a familia. Teria desejado acompanhar até Valongo, e mesmo até ao Porto, a sua supposta prima D. Francisca de Azevedo, mas n'aquelle dia vinha á meza pela primeira vez Luiz de Mattos a reunir-se com todos os seus hospedes, e devia o senhor da casa de Paços de Ferreira pedir a sua tia de Cresuma a mão de D. Maria Joaquina de Lemos. Era dia duplamente festivo e solemne para todos. Não podia faltar.

Amava muito a irmã e tinha entranhado affecto

ao primo o filho de D. Mathilde. Alegrava-se pelo restabelecimento de Luiz de Mattos, e teria deixado de ir á caça um anno para salvá-o, se tanto fosse necessario. Não devia ser menor o jubilo causado pelo casamento da irmã, dos melhores sem duvida em riqueza, nascimento e qualidades do noivo, e tambem occasião da promettida caçada de lebres, e de outros divertimentos do mesmo genero a que elle tencionava incitar o cunhado. Entretanto Jeronymo de Lemos parecia mais tristonho do que era seu costume, quando se não falava de caça.

Mal chegou a Paços de Ferreira, a irmã correu a annunciar-lhe que Luiz de Mattos já pedira a sua mão a D. Mathilde, e que tendo-a obtido, escrevera logo para o Porto a encommendar a dispensa de Roma. O mancebo deu os parabens affectuosamente á irmã por se ter realisado a promessa da vespera e depois foi procurar a mãe, beijou-lhe a mão, e disse-lhe quanto D. Francisca sentira não se despedir d'ella mais uma vez, e como ia opprimida de saudades de todos, e maiores de D. Mathilde que de qualquer outra pessoa.

— É uma senhora excellente, respondeu D. Mathilde. Tambem tenho saudades d'ella. Já estava acostumada á sua conversação que é das mais interessantes. Eu tinha certos projectos a respeito de D. Francisca, mas não se realisaram. Deus lá sabe o que faz.

— Não entendo bem a que v. ex.^a se refere, minha querida mãe, mas não me admiro porque de muitas coisas não alcanço o verdadeiro sentido. Porque razão D. Francisca havia de sair d'aqui para assistir ás ultimas horas de uma tia velha, com quem não vive, de quem não herda, e que tem visto duas ou tres vezes, segundo ella me disse? Ah! está outra coisa que eu não entendo.

— Amor de familia. Não se póde censurar. Antes é muito para que se louve e admire. Tenho pena de a não ter hoje cá, e será das primeiras pessoas a quem eu hei de dar parte do casamento de tua irmã. Tu não sabes de certo uma coisa que eu te vou dizer.

— De certo não sei.

— Pois sabe que Luiz de Mattos, em tempo, antes de adoecer, andava namorado de D. Francisca. Não m'o disse ella nem elle, mas deu-m'o a entender a Gertrudes. Para signal que não lhe agradava nada aquella affeição do amo. Parece que a vinda da viuva a esta casa quando ia para Guimarães, não teve só por fim dar noticias ao Luiz do negocio do condado de Armamar. Ella não sabia que teu primo estava doente, e gostava de o ver antes de se ausentar por algum tempo d'estes sitios.

— Ah! exclamou Jeronymo quasi ciumento apesar de se ter passado tudo isso quando elle não conhecia a viuva.

— Agora o melhor, e ahí verás que boa creatura é D. Francisca, foi que desde a nossa chegada a Paços de Ferreira se nos affeioou tanto e por tal fórma se empenhou em nos ser agradável, que ella propria me aconselhou muitas vezes o casamento de tua irmã com o Luiz, indicando todas as vantagens d'este enlace, e offerecendo-se até para falar n'isso a meu sobrinho quando tivesse occasião de o ver.

— E quando lhe deu ella esse conselho, minha mãe? perguntou Jeronymo de Lemos inclinado a persuadir-se que por causa d'elle teria renunciado D. Francisca ao amor do fidalgo de Paços de Ferreira.

— Eu sei lá quando foi! Ainda n'estes ultimos dias andavamos ambas no pomar, e tua irmã vinha descendo do jardim. Ella viu-a ao longe e disse-me que não voltasse a Crestuma sem deixar contratado o casamento. Nenhuma outra, accrescentava D. Francisca, é mais digna de ser senhora d'esta casa.

— Realmente é para agradecer tanta dedicação. Ella não gostava muito de Luiz, senão...

— É evidente, mas enfim tu bem sabes que Luiz de Mattos é rico, tem direito incontestavel á casa e ao titulo de conde de Armamar, e D. Francisca, prima do secretario de Estado, e portanto com alta protecção na côrte, podia aspirar a ser condessa e senhora de uma grande casa.

— Isso é verdade, exclamou Jeronymo de Lemos vangloriosamente convencido de que D. Francisca desistira do casamento com Luiz de Mattos, desde que elle principiara a cortejal-a.

— E olha que não deixava por isso de empenhar-se na restituição da casa e do titulo, antes muitas vezes me disse que o maior prazer da sua vida seria quando visse a Maria elevada por diligencias d'ella a condessa de Armamar.

— Ha poucas mulheres assim!

A desprecatada mãe de Jeronymo de Lemos estava preparando pelas suas proprias mãos, sem o cuidar, mil perigos para a honra e socego do filho, e accendendo desmesuradamente no coração do mancebo inexperiente e pouco atilado, o fogo da mais violenta e desassisada paixão. Jeronymo de Lemos entrára em Paços de Ferreira saudoso e apaixonado da viuva que se divertira durante o caminho a inflamar-o com olhares affectuosissimos, mas as palavras de D. Mathilde deram nova força ao sentimento que desde muitas semanas o dominava.

O jantar foi esplendido como requeriam as felizes eventualidades d'aquelle dia em que Luiz de Mattos completava a convalescença e celebrava os esponsaes com a sua encantadora prima. Todos manifestavam a sincera alegria que lhes brotava do coração, e D. Mathilde falava a cada instante

da falta que fazia alli D. Francisca e do prazer que ella teria em associar-se áquella festa. Só Jeronymo de Lemos, silencioso e distraído, parecia estranho ao jubilo dos seus mais proximos parentes.

— Veja, primo Domingos, disse baixinho a noiva para o alferes da Silva, que ficara junto d'ella á meza, veja que vestigios deixa sempre o mal por onde passa! Aquella mulher enfeitçou minha mãe, e ha de custar a fazer-lhe esquecer a tal D. Francisca!

— Tem razão, murmurou Domingos de Sampaio. E seu irmão não está melhor que a prima Mathilde. Acabamos de curar o Luiz, e já nos caem mais duas pessoas com a mesma enfermidade. É epidemia!

Levantaram-se da meza. Luiz de Mattos, ainda amparado pela fidalga de Crestuma e pela noiva, caminhou vagarosamente para o terrado sobre o qual abriam as janellas da sala de jantar o foi sentar-se em um dos dois caramanchões que ornavam o eirado e que viçosos martyrios trepando do jardim assombravam deliciosamente.

A velha Gertrudes observava da copa o precioso grupo em que se concentravam as suas affeições mais intimas, e carinhosa como as mães contemplando amorosamente os primeiros passos dos filhos, seguia com olhos sollicitos e curiosos todos os

movimentos do fidalgo de Paços de Ferreira e das senhoras de Crestuma. Jeronymo de Lemos acompanhou os noivos e a mãe. Esperava que D. Mathilde deixasse Luiz de Mattos dizer á irmã as intermináveis confidencias dos namorados, e viesse continuar com elle a conversação ácerca de D. Francisca.

Domingos de Sampaio ficou discretamente na sala com D. Josepha de Barboza, e observando que a familia de Crestuma se retirara para o ter-rado com Luiz de Mattos, saiu com a mulher para o lado opposto que era o corredor e a escada para o jardim. Entenderam ambos que depois de pedida a mão de D. Maria, era conveniente não devassar as communicações affectuosas ou de interesse que são proprias de taes occasiões.

— Já vae sendo tempo de recolhermos á nossa casa, dizia D. Josepha atravessando o centro do jardim para ir abrigar-se á sombra de uma frondosa nogueira. Estamos aqui ha tantos dias, e tudo a perder-se na Silva. Deus sabe o que por lá terá acontecido!

— Tambem me parece, replicou Domingos de Sampaio sentando-se ao lado da mulher. Temos dado a estas familias as maiores provas de amizade. Purificámos-lhes a casa e fizemos-lhes o casamento. Agora olhemos por nós.

— Eu não purifiquei nenhuma casa, nem fiz ne-

nhum casamento. Assisti apenas á tua obra, e ainda bem que chegaste a concluil-a sem te ficarem remorsos do mal que podias ter feito. Esse teu genio folgazão ha de vir a causar-te algum desgosto grande. Tantas vezes t'o digo, mas tu não me queres acreditar.

— Tens muita razão, mas bem sabes o que diz o proverbio: *Está o fogo ao pé da estopa, vem o dia-bo e assopra*. Eu saio de casa cheio de boas intenções, dou dois passos, e vejo-me cercado de tolos. Trato de me livrar d'elles como a gente faz no verão quando as moscas nos perseguem, e a maior parte das vezes elles proprios se encarregam de preparar as lograções que parecem unicamente armadas por mim.

— Eu bem sei, replicou D. Josepha que as tuas intenções são excellentes, mas não resistes ao prazer de te divertires á custa alheia. Peccas por falta de caridade.

— Mas escuta, menina. Eu não mandei buscar ao Porto aquellas mulheres, nem levei a casa d'ellas o Luiz de Mattos, nem as trouxe para Paços de Ferreira, nem ergui D. Francisca á altura de prima das senhoras de Crestuma. Assisti a tudo isso de curioso, dei bons conselhos a uns e a outros; ninguém os quiz seguir, e d'ahi resultou esta immensa embrulhada. Desde que se deixaram guiar pela minha cabeça, tudo se arranjou bem.

— Bem, dizes tu, mas quem sabe o que está para acontecer? D. Mathilde affeição-se á tal mulher, e não é facil desenganal-a. É pessoa mui seria, e não perdoaria nunca a offensa de a terem levado a tratar por prima a D. Francisca.

— Eu não gosto de sentir a dôr antes de a ter. *Do futuro só Deus.* Mas tu não sabes ainda senão metade do caso. O Jeronymo está louco por D. Francisca; foi acompanhá-la e voltou mais perdido da cabeça. Não viste como o pobre mancebo estava á meza tão sorumbático?

— Eu vi tudo, respondeu D. Josepha, e já tinha visto o tonto, que não é outra coisa aquelle rapaz, seguindo D. Francisca sempre que ella descia para este lado do jardim. Logo imaginei que a aventura na falta de Luiz de Mattos aproveitaria o primo.

— E então achas pouco? Ver o herdeiro dos Lemos de Crestuma quasi tão louco e namorado como andou o Luiz de Mattos.

— Eu acho tudo o que tu quizeres, mas em primeiro logar está a nossa casa e o pão dos nossos filhos. Estas duas familias são muito ricas. Podem gastar o seu tempo como lhes aprouver. Nós não estamos no mesmo caso. Não lhe somos inferiores no sangue, porém nas rendas já não acontece o mesmo. É necessario refrear a tua imaginação e recolhermos á Silva.

— Estou por isso, Josepha. Vamos ámanhã embora. *E quem boa cama fizer, n'ella se deitará*, como diz o proverbio. Luiz de Mattos era meu amigo particular. O Jeronymo é só primo, e de mais a mais parvo. Que se arranje como poder.

— Estás hoje, Domingos, nos teus dias felizes. É bom ensejo para te esquivares a mais trapações. Vamos dizer a Luiz de Mattos que logo de manhã partimos para casa.

— Pois valeu. *Cada mocho ao seu souto* como vulgarmente se diz.

— Para tudo tens proverbios, louvado seja Deus !

No dia seguinte saíam de Paços de Ferreira para a quinta da Silva o alferes Sampaio e a sua mui sensata e virtuosa mulher.

XXII

Recolheram poucos dias depois á quinta de Crestuma D. Mathilde e D. Maria Joaquina, já acompanhadas por Luiz de Mattos, cujo amor á sua formosa enfermeira se robustecera cada vez mais á proporção que se lhe foram restaurando as forças. O fidalgo de Paços de Ferreira sempre quizera muito á priminha de Crestuma, agora porém

só ella sabia attenuar-lhe a vergonha dos casos succedidos com a falsa viuva de Minas Geraes.

Assegurava-lhe a donzella que não viria a saber-se nunca a verdade a respeito de D. Francisca, e dizia-lhe que era necessario confiar em Domingos de Sampaio o qual teria artes para dispôr as coisas a contento de todos. Ponderava-lhe que em todo o caso ninguem podia envergonhar-se dos actos alheios, e que nos enganos bem urdidos caíam as pessoas mais espertas. Estas razões e muitas outras eram allegadas com tamanho desejo de convencer, e expostas com tal carinho e meiguice que de certo Luiz de Mattos folgaria de se não dar por convencido para que a donzella de Crestuma proseguisse no affectuoso empenho de o persuadir.

Ficou em Crestuma o fidalgo de Paços de Ferreira a fazer a D. Maria de Lemos a sua côrte de noivo, e a acompanhar a tia e a prima que se enfastiavam muito de estarem sempre sós, pois que Jeronymo de Lemos apparecia raras vezes nos entreactos das suas incessantes caçadas. Agora, no dia da partida de Domingos de Sampaio e de D. Josepha de Barboza, saíra com elles até á Silva, e partira para os montes da Gandara, em Melres, a examinar bem os sitios nos quaes por occasião das festas do casamento da irmã havia de realisar-se a celebre corrida de lebres promettida por Luiz de Mattos. O rapaz lembrava-se com

saudade de D. Francisca, mas as lebres da Gandara, as perdizes do Mósinho e as codornizes dos campos de Ordins, attenuavam muito a intensidade do seu amor.

Deixemos em paz estas nobres familias, e emquanto o fidalgo de Paços de Ferreira está noivando apaixonadamente aos pés da prima; D. Mathilde considera jubilosa na boa sorte da filha; Domingos de Sampaio e D. Josepha de Barboza cuidam da casa da Silva; Jeronymo de Lemos principia na tapada de Coreixas, com licença do feitor do visconde de Balsemão, os seus exercicios cynegeticos, e D. Francisca entra com a mulata em uma quinta de Villa Nova de Gaya onde o criado tinha ordem de conduzir-as, vamos ter com o libertino desembargador da relação e casa do Porto, cujas leviandades haviam sido causa dos estranhos casos que temos referido.

Era Gaspar Coelho — bem o sabe o leitor — homem vicioso e pouco atreito a regular os actos da sua vida pelas leis humanas que applicava aos outros, ou pelas divinas em que tinha pouca fé, como quem fôra educado nos livros recheados de impiedades que a França no fim do seculo passado espalhara profusamente no mundo inteiro. Mas a descrença profunda, o desprezo das leis, e o habito de ter por norma unicamente a satisfação dos seus caprichos e paixões, não lhe tinham apagado de

todo no animo os principios da educação fidalga que recebera dos paes.

Muitas vezes refreara os impulsos do vicio pelo decoro do seu nome e por causa das familias do Porto e das provincias, com quem estava ligado em parentesco. Em muitos d'esses casos a paixão arrastara-o só até ao ponto em que não pudesse perigar a posição official que lhe assegurava certa impunidade. Eram pois attenuados os seus defeitos pela influencia da educação e pelo proprio egoismo.

Atemorisara-o a imprudencia com que D. Francisca e a mulata haviam abusado da posição em que as collocara, e temia principalmente que Luiz Coelho, de casa da Egreja, apesar de seu primo, e favorecido por elle em todas as demandas, se agastasse de ter recommendado aquellas mulheres e procurasse desforçar-se de tão insolita audacia. Sabia que Luiz Coelho era excellente homem, porém muito brioso e severo em negocios de pundo-nor e decoro.

Por isso determinou de affastar para fóra da cidade as duas aventureiras e conservá-las em Villa Nova de Gaia até poder envia-las para sítio mais distante onde não podessem prejudical-o. E não quiz avistar-se com D. Francisca nos primeiros dias depois da chegada para lhe inspirar receio com a sua ausencia e tambem para examinar se os successos do Aido e de Paços de Ferreira eram

sabidos nas famílias do Porto, aparentadas com os fidalgos de Paços de Ferreira e de Crestuma.

Vendo por fim que não se falava em tal, resolveu ir a Villa Nova disfarçadamente inquirir das duas mulheres todas as circumstancias do caso e dar-lhes instrucções rigorosas ácerca do futuro. A carta em que Domingos de Sampaio lhe déra conta de quanto se passara, não era bem explicita ácerca de certos pontos que elle desejava agora cabalmente explicados.

Já descia as escadas da sua casa quando encontrou n'ellas o escrivão do corregedor do Porto Francisco d'Almada e Mendonça, que ia subindo.

— Que novidade temos? perguntou Gaspar Coelho vendo aquelle official do magistrado* que era n'esse tempo quasi vice-rei nas provincias do norte.

— Nenhuma, meu senhor, respondeu submissamente o escrivão. O sr. Francisco de Almada deseja falar com v. s.^a, e pede-lhe que se hoje ou ámanhã passar por casa d'elle, lhe dê a honra de entrar n'ella.

— Diga ao sr. Francisco de Almada que os seus desejos são ordens para mim, e que eu vou encontrar-me com elle.

Gaspar Coelho sabia o valimento de Francisco de Almada, e a gravidade do seu character. Ficou aterrado com este convite. Subiu de novo as escadas, despiu os trages de disfarce, vestiu a beca de

desembargador, mandou buscar a cadeirinha, e partiu para casa do celebre magistrado que, já então desembargador de Paço, exercia ainda no Porto, com o titulo de corregedor perpetuo, as suas antigas funções.

Francisco de Almada estava sentado á meza do seu gabinete, tendo defronte em pé o escrivão da correição a quem parecia dar ordens. Mal avistou Gaspar Coelho, levantou-se, e veio recebê-lo com passos vagarosos ao meio do quarto.

— Eu creio que este homem ao dar a v. s.^a o meu recado, poz no caso mais pressa do que elle requeria. E não sei, accrescentou Francisco de Almada com muita cortezia, se elle disse a v. s.^a que eu não ia pessoalmente a sua casa por m'o não consentir n'este momento a gotta.

— V. ex.^a é meu superior, respondeu Gaspar Coelho, e sabe quanto o respeito. Por isso vim logo. O seu escrivão cumpriu as ordens de v. ex.^a. Obedecer a ellas immediatamente é obrigação minha e constante desejo.

— Sempre delicado, sr. Gaspar Coelho. Agora, disse Francisco d'Almada voltando-se para o escrivão, deixe-me só com este meu prezado collega e amigo. Vá esperar na sala immediata que eu o chame outra vez.

Apenas o escrivão saiu do gabinete, Francisco d'Almada sentou-se sem offerecer cadeira a Gas-

par Coelho, e deu á physionomia expressão severíssima.

—Tem v. s.^a, disse para o desembargador, de ouvir respeitosamente as ordens de Sua Magestade.

Inclinou Gaspar Coelho submissamente a cabeça em signal de antecipada obediencia ás determinações da soberana em cujo real nome governava já então o reino o principe regente D. João, e não ousou levantar os olhos para o supremo magistrado que o Porto e as provincias do norte ainda celebram pela honradez com que procedia, e pela recta justiça que administrava.

Francisco d'Almada tomou de cima do bofete um papel e leu o seguinte :

« Tendo chegado ao conhecimento do Principe Regente que o desembargador da relação e casa do Porto, Gaspar Coelho de Mello Pereira Pinto, esquecido da sua qualidade e dos exemplos dos seus passados, menospresara com procedimentos desregrados e viciosos a nobre classe da magistratura na qual a Sua Alteza Real approve collocar-o em tão elevada posição, e que não só faltara muitas vezes ás obrigações do seu officio com manifesto prejuizo dos litigantes, mas até rompera no excesso de viver quasi em publica mancebia com uma mulher suspeita de gravissimos delictos, or-

dena o Principe Regente Nosso Senhor que v. ex.^a chamando á sua presença o referido desembargador o reprehenda asperamente e o admoeste para não scandalisar mais os outros vassallos de Sua Magestade, e a sua propria familia, declarando-lhe que em attenção aos merecimentos e serviços de seu honrado pae, o desembargador de Paço Jorge Coelho, não usa com elle Sua Alteza Real do maior rigor que seus feitos mereciam, e espera que em respeito de tamanha clemencia se corrija e emende. É outrosim servido determinar o Principe Regente Nosso Senhor que v. ex.^a faça prender a manceba do desembargador Gaspar Coelho e a mande apresentar debaixo de custodia ao Intendente geral da Policia da côrte e reino. De ter sido cumprida esta diligencia do real serviço me dará v. ex.^a a devida participação para ser presente a Sua Alteza Real.»

Francisco de Almada concluiu a leitura, dobrou o papel, tornou a collocar-o sobre o bufete d'onde o tomara, e pondo olhos severos em Gaspar Coelho, visivelmente humilhado e abatido, disse-lhe com a maior seriedade :

— Sua Alteza mandava-me reprehendel-o e admoestal-o. Entendi porém que nenhuma reprehensão ou aviso podia produzir no animo de v. s.^a effeito mais salutar, que as palavras do Principe e

a generosa clemencia com que Sua Alteza quiz attender aos serviços e virtudes do meu collega Jorge Coelho, seu pae.

— Curvo respeitosamente a cabeça, balbuciou Gaspar Coelho inclinando-se de novo, ás ordens do Principe Regente Nosso Senhor, e peço a v. ex.^a que faça constar a Sua Alteza Real não só a minha profunda magoa de ter merecido esta demonstração, mas tambem os agradecimentos com que de joelhos me prostro, beijando-lhe as reaes mãos pela benignidade de perdoar-me em attenção aos merecimentos de meu honrado pae.

— Sua alteza soube que v. s.^a conseguira arrancar dos carceres da Inquisição essa mulher que tem agora em Villa Nova; que a occultara por muito tempo n'esta cidade, inculcando-a por sua parenta, e sendo causa de que a tivessem em conta de pessoa circumspecta algumas familias honestas; e que depois a introduzira nas principaes casas do concelho de Aguiar de Souza sob o nome supposto de D. Francisca de Azevedo, viuva de um sargento-mór que nunca existiu, dando occasião a que ella vivesse na maior intimidade, tratando-se de amiga e até de parenta, com senhoras respeitaveis e donzellas de grande recato.

— V. ex.^a que tanto sabe, não ignora sem duvida que a recommendei a meu primo Luiz Coelho sem permittir que se hospedasse em casa d'elle.

— Sei tudo, e por isso intercedi para com o Príncipe em seu favor, evitando-lhe outros castigos por me parecer mais leviano que malevolo o procedimento de v. s.^a. Agora é necessario que não vá a Villa Nova...

— Nunca alli fui.

— Bem sei, mas podia ir agora auxiliar a sua amásia no designio de esquivar-se á justiça real.

— Prometto a v. ex.^a que nem irei vel-a, nem lhe mandarei nenhum aviso.

— É o seu dever, e mostrará assim quanto respeita as ordens do Príncipe Regente. Eu não creio, accrescentou Francisco de Almada, que se renove agora a causa pela qual essa mulher foi encarcerada na prisão do Santo officio, porque teria então de examinar-se o caso da fuga, no qual parece estar envolvido até um dos inquisidores, mas esta Helena é peor que a de Troia, e sobejam motivos para ser posta a bom recado em qualquer dos sertões d'Africa. Agora tenha juizo e lembre-se que traz pendente dos hombros a beca de desembargador da relação do Porto.

Levantou-se Francisco d'Almada, desannuviou o rosto, tocou a campainha para chamar um criado, e voltando a sentar-se á meza onde escrevia, pediu mui urbanamente ao triste Garpar Coelho que se sentasse em cadeira proxima á sua. O criado veio e recebeu ordem de introduzir alli o escri-

vão que estava esperando em uma das salas as ordens do magistrado.

— Tenho a encarregar-o de uma commissão importante, disse Francisco d'Almada logo que entrou o escrivão. Por indicação do sr. desembargador Gaspar Coelho vim a saber que em Villa Nova de Gaia vive na quinta do Cedro uma mulher que finge ser senhora, e dá pelo nome de Helena e pelo de D. Francisca. Tem culpas graves, e deve ser presa e conduzida a Lisboa onde vossa mercê irá com a competente guia e officio entregal-a ao sr. Intendente geral da policia. Tem entendido?

— Serão cumpridas as ordens de v. ex.^a, respondeu o escrivão respeitosamente.

— Leve os officiaes de justiça que forem necessários, continuou Francisco de Almada. Esta diligencia é-lhe confiada pela experiencia que tenho do seu zelo e sagacidade. A prisão deve ser feita na madrugada de amanhã, e apenas concluida, vossa mercê toma o caminho de Lisboa tendo muito cuidado nas terras em que pernoitar, para que a presa não possa illudir a sua vigilancia.

— Mas, sr. Francisco de Almada, Lisboa é longe...

— Encontrará na estrada, perto da casa onde mora essa mulher, as cavalgadas necessarias para a viagem, e um empregado que lhe entregará a somma indispensavel para as suas despesas e d'ella,

concluiu Francisco de Almada como se o escrivão não tivesse falado. Agora póde retirar-se. É verdade, essa mulher vive com uma aia que tambem dá por dois nomes Margarida e Thereza. Deixe-a em liberdade. Adeus.

— Sabe tudo v. ex.^a! exclamou Gaspar Coelho logo que ficaram sós, já recobrado dos sustos e humilhações porque passara.

— Por saber tudo é que por tantos annos me conservou n'esta cidade a Rainha Nossa Senhora, e depois me ordenou o Principe que não deixasse este logar. É minha obrigação não ignorar a minima coisa. E da sua vida sei mais, porque sou amigo de seu pae e não quero que o mate com desgostos. Trate de emendar-se. Todos os homens teem suas fraquezas, mas as dos desembargadores devem ser menores ou mais occultas. Isto diz-lhe Francisco de Almada. O magistrado leu-lhe o aviso regio. O amigo de seu pae dá-lhe bons conselhos.

Recolheu a casa Gaspar Coelho acabrunhado por tão fortes sensações. Na madrugada do dia seguinte partia para Lisboa, escoltada por officiaes de justiça, a sr.^a D. Francisca d'Azevedo.

XXIII

Fôra realisada sem difficuldade a prisão de D. Francisca. Os officiaes de justiça acordaram um criado o qual, transido de medo, lhes abriu a porta. Depois foi chamar a Thereza para que dêsse parte á senhora de que o escrivão Mendanha pedia licença para lhe falar, ainda que fosse no seu quarto.

Dormia socegradamente D. Francisca quando a mulata aterradissima lhe entrou na alcova a dizer-lhe que a vinham prender, e que já estava na sala um homem que se dizia escrivão, mas era de certo familiar do Santo officio. Foi grande o susto que se apoderou d'ella ao acordar sobresaltada, mas reflectindo em que a sua fugida dos carceres da Inquisição correra por mãos poderosas, e confiada na protecção de Gaspar Coelho, pediu á Thereza que não desanimasse, vestiu-se apressadamente e veio á sala falar ao escrivão Mendanha.

— Eu sinto incommodal-a a esta hora, minha senhora, disse o escrivão dirigindo-se á supposta viuva, mas não é por minha vontade. Cumpro as ordens do sr. Francisco d'Almada.

— E que lhe ordenou o sr. Francisco de Almada a meu respeito? perguntou D. Francisca secamente e com a altivez de quem se crê sob a protecção de personagens importantes.

— Ordenou-me que viesse a sua casa a esta hora, que a prendesse á ordem de s. ex.^a, e que immediatamente nos puzessemos em marcha para Lisboa onde terei de entregal-a á Intendencia geral da policia.

— Mais nada? replicou já pallida a gentil protegida do desembargador.

— Ordenou-me egualmente que essa senhora, respondeu o escrivão apontando para a mulata, ficasse em liberdade.

— Tambem o que faltava era que me prendessem a mim! interrompeu a Thereza. Eu nunca andei mettida em intrigas e embrulhadas. Bem vê que sou unicamente aia d'esta senhora.

— Cale-se, disse D. Francisca voltando-se irada para a mulata. Vá para o seu quarto. Eu a chamarei, se me fôr necessario. E o sr. escrivão queira sentar-se e dizer-me o que devo fazer.

— Não posso sentar-me. A senhora tem de preparar-se já a acompanhar-me. Está alli fóra uma cavalgada para a viagem e outra para uma carga com os seus bahús, querendo.

— Mas enfim uma senhora que não tem nenhum homem comsigo, precisa de mandar chamar alguém que a auxilie n'esta occasião. Tenho em minha casa só essa mulher, e o criado que lhes abriu a porta.

— Gente que lhe ajude a transportar os bahús e

a carregar a bagagem, tenho eu. Estão alli os meus officiaes.

— Valha-me Deus! exclamou D. Francisca bastante commovida. Se me dêsse ao menos vinte e quatro horas.

— Nem vinte e quatro minutos. Tenha paciencia, minha senhora. Estas desgraças não acontecem senão ás pessoas poderosas. Vamos, chame a criada, dê as suas ordens e prepare-se para partir quanto antes. É inutil querer fugir. A casa está cercada. Emquanto se veste, lavro eu o auto da sua prisão. Dirá se o quer no nome de Helena ou de D. Francisca. Para mim é o mesmo.

Estas palavras mostraram á supposta viuva que lhe era forçoso submeter-se ás ordens do escrivão cuja figura athletica e seria, e cujas palavras firmemente pronunciadas já a tinham abalado muito. Foi ao quarto, vestiu-se, mettu em si quanto dinheiro e preciosidades possuia, chamou a mulata que veio desculpar-se do que dissera, escreveu diferentes cartas, encarregou-a de envial-as ao seu destino, e arranjando rapidamente os bahús, ainda não inteiramente despejados depois que voltara de Paços de Ferreira, veio dizer ao escrivão que estava prompta a cumprir as ordens do sr. Francisco de Almada.

— Eu só queria saber, accrescentou ella, a quem devo esta fineza!

— Provavelmente, respondeu o escrivão em nome da sua larga experiencia, deve estas attenções a alguma pessoa da sua amizade. Não fazem de outras os amigos.

— Eu hei de vir a saber-o, sr. Mendanha. Creio que é o seu nome?

— Roque Mendanha, um seu criado.

— Hei de vir o saber-o, e espero mostrar aos meus perseguidores que a vingança não é só prazer dos deuses; é tambem delicia das mulheres; e eu prezo-me de ter algumas virtudes e todos os defeitos do meu sexo. Disseram talvez ao sr. Francisco de Almada que eu tinha culpas gravissimas. Pois abusaram da sua boa fé. A minha vida será cheia de fraquezas, mas não tem crimes. Ir presa, como se houvera particado acções infames!

— Não se admire, minha senhora. É sorte minha prender innocentes. Ainda não dei a voz de preso a homem ou mulher que não protestasse pela sua innocencia. Deve enganar-se muitas vezes a justiça! Mas vamos embora que já é dia. Quanto mais depressa partirmos, mais rapida será a sua justificação e o regresso a esta casa.

— Vamos, sr. Mendanha, replicou resolutamente D. Francisca dirigindo-se para a escada, e dizendo ao criado que fosse logo dar parte do succedido ao desembargador Gaspar Coelho.

Seguiram da quinta do Cedro differentes ruas

pelas quaes em poucos minutos chegaram ao Alto da Bandeira onde encontraram as cavalgaduras. Para D. Francisca fôra destinada uma pequena mula apparelhada de albardão sobre a qual se firmavam pela pressão de uma grande cilha as andilhas ou cadeirinha em que devia ir sentada. O escrivão e parte da comitiva montavam outras alimarias. Caminhavam a pé dois ou tres officiaes de justiça de mais baixa cathegoria.

Almoçaram em Ovar em uma taverna proxima do caes, embarcaram depois no maior barco de navegação da formosa ria que as aguas do Vouga e as do Oceano alimentam continuamente, e encerrada D. Francisca no paneiro a titulo de commodidade que era principalmente segurança, foram atravessando por entre marinhas de sal a impulso das varas dos barqueiros até Aveiro onde pernottaram, recolhendo a presa na cadeia civil da cidade para maior descanso do escrivão Mendanha e dos seus lugubres companheiros, que todavia mandaram fazer as camas á porta da sala que o carcereiro destinara para prisão de D. Francisca.

No dia immediato de madrugada fizeram nova jornada até Coimbra em burros que na vespera á noite a autoridade de Aveiro mandara preparar. A vista do Mondego, e da cidade que lhe fica magestosamente sobranceira, commoveu D. Francisca. Vieram-lhe provavelmente recordações saudosas da

infancia, dos carinhos dos parentes, da amizade que lhe tinham as freiras, e do modo desagradecido e criminoso com que se apartara d'ellas. As lagrimas inundaram-lhe copiosamente as faces. Era a primeira vez na sua vida que chorava devéras.

Com a cara coberta pelo lenço a que enxugava o pranto, atravessou a Sophia, a rua do Coruche e a calçada até á cadeia da Portagem onde saiu a recebê-la o carcereiro que parecia alquebrado de muita idade.

— A sua cara, menina; é minha conhecida, disse o homem ajudando D. Francisca a apear-se. D'onde é não saberei dizer, que estou muito velho.

— Cale-se, disse-lhe ao ouvido a presa saltando do burro abaixo nos braços do carcereiro. Sou a sua sobrinha Helena. Não diga nada.

Não deu signal o carcereiro de ter ouvido as palavras de D. Francisca. Indicou-lhe a porta por onde devia entrar, deu passagem ao escrivão para que a acompanhasse, e subiu com ambos as escadas seguido pelos officiaes de justiça. Na sala ordenou ao guarda principal que encerrasse no quarto n.º 3 aquella presa, e recebendo a guia da mão do escrivão Mendanha, lançou n'ella o costumado recibo em que se constituia responsavel por D. Francisca, emquanto estivesse entregue á sua custodia e guarda.

— Aqui tem a guia com o recibo, disse para o

escrivão o velho carcereiro. Quando quer seguir para Lisboa?

— Amanhã bem cedo, respondeu o escrevão Mendanha. Tomara eu poder abreviar mais o tempo em que estou sujeito a tamanha responsabilidade.

— Então pelo que vejo a tal D. Francisca é heroína? Fez coisas do arco da velha!

— Eu não costumo n'este meu officio acompanhar servas de Deus, mas d'essa posso affirmar-lhe que é de bico revolto, como se costuma dizer. Já fugiu dos carceres da Inquisição!

— Senhor Deus, Misericordia: Que tal é a menina! Pois d'esta cadeia lhe asseguro eu que não foge. É prisão segura, e o carcereiro chama-se Vicente Homem, e foi já velho ao Roussilhão. Póde ir descansado.

— E vou, que bem preciso de descanso. Não preguei olho a noite passada em Aveiro com receio de que ella me fugisse. A cadeia não tem nenhuma segurança, e o carcereiro disse-me que guardasse eu a presa, se queria, porque no estado d'aquella prisão elle não respondia por nenhum preso. Faça idéa do susto em que fiquei.

— Pois eu respondo por todos os prezos confiadoss á minha guarda. Vá descansado. Cá o soldado velho não se deixa lograr. No Roussilhão eu sósinho escoltei seis prisioneiros, e não se me escapou um unico, e no hospital de sangue onde me puze-

ram de enfermeiro, tambem não tive nenhum desgosto. Acostumei-me a dormir com um olho aberto, e vejo quanto se passa. Descance e durma a somno solto. Amanhã lhe restituirei a presa á hora que determinar.

— Ainda bem que posso ir dormir tranquillo. Se quer, deixo-lhe os meus officiaes.

— Não é necessario.

— Pois então adeus até ámanhã. E cuidado com ella. Olhe que é muito ladina.

— Não tem duvida. Eu não sou nenhum palerma. Vá socegado.

Foi pernoitar o escrivão á antiga estalagem que os condes de Cantanhede mandaram fundar em Coimbra com permissão regia, e que ainda conserva o titulo de Paço do Conde. O carcereiro recolheu ao seu quarto, mandou fazer a visita e toque das grades pelo guarda principal, e apezar de ficar contiguo aos seus aposentos o quarto n.º 3 onde estava a sobrinha, não entrou n'elle. Despediu-se do guarda, recommendou-lhe vigilancia, e disse-lhe que se ia deitar para estar prompto de madrugada quando viesse o escrivão buscar D. Francisca.

Por volta das dez horas da noite não se ouvia em toda a prisão o minimo ruido. Presos e guardas estavam no primeiro somno. Então o sr. Vicente Homem procurou na gaveta uma chave, abriu com ella a porta que da cosinha dava passa-

gem para o quarto n.º 3, e foi encontrar-se com a sobrinha que o estava esperando.

— Minha pobre Helena! Que desgraça a da nossa familia! Tu presa em Coimbra, e eu condemnado a ser teu carcereiro! Se teu pae seguisse os meus conselhos, não padeceria o desventuroso fim que teve, e se eu não estivesse no regimento, quando elle morreu, teria tomado conta de ti, e não chegarias a esta desventura. Infeliz rapariga!

— Deixemos-nos de exclamações, meu tio. Tudo podia ser assim, mas não foi. Façamos agora o que se póde fazer. É necessario que eu fuja esta noite, e o tio Vicente irá commigo. Tenho dinheiro para mais de um anno, e pessoas poderosas que me protegem. Bateram agora mesmo as 10 horas na Estrella. Saindo dentro de meia hora, quando amanhecer, já estaremos muito longe de Coimbra.

— Ta, ta, ta! Como tu caminhas! Valha-te Deus, filha! exclamou Vicente Homem sentando-se em um dos escabellos que havia no quarto.

— Não se sente, meu tio, disse Helena com grande energia. Vamos; sou filha de seu irmão. Sou o seu proprio sangue. Salve-me, já que a fortuna me poz nas suas mãos.

— Olha, menina, replicou o velho, na minha idade já se não tentam empresas d'essas. Estou com os pés para a cova, e não quero morrer n'um carcere como teu desgraçado pae. Nem fujo com-

tigo, nem te deixo fugir. Vê se te sirvo para outra qualquer coisa.

— Pois meu tio vê n'esta afflicção a sua pobre Helena, a sobrinha que tanto acariciou pequenita, e quer deixar-me em poder dos meus inimigos? Por quem é, supplicou a desditosa lançando-se-lhe aos pés, por quem é, salve-me. Peço-lhe pela alma de meus paes!

— Levanta-te Helena. Não me peças impossíveis. Eu fui moço fidalgo¹ em Santa Cruz, e dizia o senhor Dom Prior que eu era moço na idade e fidalgo no proceder, apesar de homem do povo. Sentei praça depois voluntariamente, e fui o melhor soldado do regimento. Servi de enfermeiro, e cumpri á risca os meus deveres. Quando dei baixa, e soube dos infortunios de meu irmão e do principio das tuas caravanas, quiz sair de Coimbra, e ir ganhar pão com o suor do meu rosto em outra terra. Em Santa Cruz não m'o permittiram, e nomearam-me ajudante da botica, e como alli me tratassem mal por eu ser já velho, e porque o boticario queria para lá um parente seu, o senhor Dom Prior e outros padres da ordem empenharam-se para me obter este lugar. Ha tres annos que sou carcereiro da Portagem, e tão honrado no meu officio como

¹ O Dom Prior de Santa Cruz de Coimbra dava por mercê real o titulo de moço fidalgo aos criados que o serviam.

fui na vida inteira. E queres tu, sobrinha da minha alma, que eu agora mude de character e envergonhe as barbas dos meus protectores? Não é para isso Vicente Homem. Quero-te muito, porém não falto ás minhas obrigações por tua causa, nem por nenhum outro motivo.

— Vejam que sorte a minha! bradou Helena enfurecida. Meu pae infamou a sua memoria e deixou-me ao desamparo. Meu tio estava longe e não pôde valer-me. E agora que tem o meu destino na sua mão, não quer salvar-me! É raça maldita esta nossa! Bem se vê que somos judeus! Nem a nós mesmos auxiliamos! Sempre a mesma covardia e humildade dos filhos de Israel! Canalha!

— Não insultes a memoria dos teus, desgraçada. Nossos avós, segundo por ahi diz o povo, eram christãos novos, mas eu sempre vivi na lei de Jesus Christo e n'ella espero morrer. E que fosse judeu? Entre os filhos de Israel ha bons e maus. Procederia como procedo.

— Se eu ao menos pudesse fingir-me doente, exclamou desesperada a sobrinha do carcereiro. Daria tempo aos meus protectores para me acudirerem.

— Isso agora é outra coisa. Queres amanhecer com febre, e demorar-te em Coimbra tres ou quatro dias? Não é difficil. Vou preparar-te uma bebida com que a minha pratica de boticario te alcançará o que desejas, mas desde já te previno de que não

saes d'esta cadeia senão para a mão do escrivão Mendanha. Solta, só por ordem da autoridade.

— Pois sim, meu tio, será como deseja. Dê-me essa bebida. Faça com que possam soccorrer-me as pessoas que me protegem. Mas não se demore. O tempo vôa.

Meia hora depois administrava o carcereiro á sobrinha uma beberagem preparada por elle, e de manhã, dois lentes de medicina convocados pelo escrivão, asseveravam que a fadiga da viagem produzira n'aquella senhora delicada uma febre violenta cujo character não se podia determinar desde já, porém que a impossibilitava de fazer jornada sem perigo de vida.

XXIV

Jeronymo de Lemos, ao despedir-se de D. Francisca na estrada de Paços de Ferreira para o Porto, pedira muito á viuva que lhe dêsse noticias suas e que lhe mandasse dizer a rua e casa em que ia residir na cidade, mas como' nem ella quereria dar a saber a D. Mathilde que se correspondia com o filho, nem o joven fidalgo de Crestuma se demorava muito tempo em casa, combinaram em que man-

dasse as cartas em sobrescripto dirigido a Thiago José Torres, estudante de Louredo, que fôra con-discipulo de Jeronymo na escola e com quem elle tinha intimas relações de amizade.

Thiago recebia as cartas, e mandava-as por um proprio aos sitios por onde Jeronymo de Lemos andava em crua guerra com a caça de toda a especie. A primeira veio tres dias depois da partida de D. Francisca e foi logo enviada ao seu destino. A segunda chegou dois dias depois da diligencia feita pelo escrivão Mendanha na quinta do Cedro em Villa Nova de Gaia, e foi encontrar o mancebo nos montes que ficam superiores á pequena villa de Melres, na margem direita do Douro já reunido com o Tamega.

D. Francisca dizia-lhe que fôra presa por motivos desconhecidos d'ella; que talvez houvesse engano de nome; e que se desejava salva-la, lhe acudisse pela estrada de Lisboa onde a encontraria porque tencionava empregar todos os esforços para se demorar no caminho. Accrescentava que ao descobril-a na estrada fingisse não a conhecer, e procurasse conversar com os officiaes de justiça, e concluia dizendo-lhe que o seu empenho era não chegar n'aquella situação a Lisboa por causa do seu primo secretario de Estado.

Não poderiam sustentar-se por muito tempo tantas mentiras, mas o intuito da sagaz rapariga era

fugir aos esbirros, e n'este caso Jeronymo de Lemos, pouco astuto como era, não chegaria nunca a saber a verdade. Acompanhal-a-ia na fuga, e captivo dos encantos de D. Francisca não veria não pelos olhos d'ella, nem acreditaria senão o que ella lhe dissesse.

Jeronymo de Lemos, mal recebeu a carta, embarcou em Melres para o Porto, e pretextando negocio imprevisto da sua casa e tão repentino que não lhe permittia mandar a Crestuma, obteve de seu primo Bernardo de Lemos, rico fidalgo do Porto, o dinheiro necessario para a viagem, uma letra para um negociante de Lisboa e cartas de recommendação para pessoas principaes da côrte. Escreveu do Porto á mãe dando-lhe parte de que ia á capital por motivos imperiosos, e pedindo-lhe que mandasse pagar a Bernardo de Lemos a quantia pedida. Depois comprou um bom cavallo para si, ajustou dois criados conhecidos por valentes e ladinos entre a nobreza do Porto em cujas casas sempre tinham servido, e ajustados cavallos para elles, partiu pela estrada de Lisboa, chegando a Coimbra no dia seguinte áquelle em que a sobrinha do carcereiro adoecera com febre.

Quiz o acaso que á entrada da cidade encontrasse dois estudantes, seus patricios, com os quaes nas ferias tinha andado á caça, e que por vezes tivera por hospedes em Crestuma. Eram dois gua-



pos mancebos, filhos de familias abastadas, mais dados a divertimentos, folias, e rixas resultantes da vida airada que á interpretação do Digesto ou dos aphorismos de Hypocrates.

— Tu por aqui, Jeronymo? exclamou um d'elles. Isto é caso e grande!

— Aposto que vaes para Lisboa pedir em casamento a mão de alguma fidalga da côrte! disse o outro sem lhe dar tempo a falar.

Ó rapazes, que fortuna a minha! bradou Jeronymo de Lemos saltando do cavallo e entregando-o ao criado. Agora é que eu estou nas minhas sete quintas! Mas sempre sou muito palerma! Vinha entrando por Coimbra dentro, e nem me lembrava de que vocês estavam cá! Não ha caso egual a este.

— Ainda bem que nos encontraste. Vamos já todos para nossa casa. Temos lá um bom quarto para ti. Manda os cavallos para o Paço do Conde, e iremos a pé por essa cidade acima.

— E olhem que é muito formosa a vossa Coimbra. Bonita devéras!

— Por fóra não é feia, mas por dentro verás que horror! Não cuides que todas as ruas são como esta da Sophia.

— Mas eu aqui não vejo senão conventos, disse Jeronymo de Lemos espantado de tantas casas religiosas e das egrejas e torres que ia divisando.

— Nem outra coisa ha em Coimbra. Aqui governa o lente, o frade e o estudante. O lente detesta o frade; o frade despreza o lente; e o estudante aborrece-os a ambos, e prega-lhes a sua loção sempre que pódo.

— E vocês vão á caça alguma vez? perguntou o indomavel caçador de Crestuma.

— De verão, ás vezes, depois do ponto vamos ás codornizes. Mas conta-nos lá o motivo da tua viagem e do segredo com que a occultaste de nós. Confessa. Anda. Tu vaes casar.

— Não vou casar, nem tal coisa me passa pela cabeça! Ando á caça. Vocês bem sabem que é o meu fraco, respondeu Jeronymo de Lemos sorrindo.

— Á caça nas ruas de Coimbra sem espingarda e com dois criados a cavallo! Nada. Não póde ser. Ahi ha historia...

— Eu vos digo, rapazes. Eu ando á caça... de uma formosa rapariga e de uns officiaes de justiça que a levam presa. Se vocês me querem ajudar a libertal-a...

— Prompto, responderam unisonos os dois estudantes. Dispõe de nós e dos nossos amigos. Libertaremos a dama dos teus pensamentos, e entregal-a-hemos nas tuas mãos. Os officiaes de justiça irão de presente ao diabo.

— Mas onde está a Dulcinea? replicou um dos estudantes. Que temeroso gigante a tem presa ou

encantada no seu castello? Dize para ahi tudo. Forçaremos por teu respeito a ponte de Mantible; faremos em postas o valente Ferrabraz da Alexandria; e será tua para sempre a formosa Floripes. Que mais queres tu? Ora o Jeronymo em Coimbra!

— Vocês são os melhores rapazes do mundo!

— Vamos. Não nos estragues com o mimo dos teus elogios. Dize onde está a tua dama...

— Provavelmente na cadeia, mas eu não sei se ella já passou em Coimbra ou se ainda não chegou. Sei que a prenderam no Porto, cuidando talvez que fosse outra pessoa. Houve de certo engano, e ha de custar caro á justiça porque a presa é de grande familia e tem parentes poderosos.

— Bem; bem; seja como fôr. Vamos para nossa casa que é ahi n'essa rua ingremê, disse um dos estudantes ao desembocar do pequeno largo do convento da Estrella na Couraça de Lisboa, e o Zacharias saberá em breve se chegou a tua princesa encantada.

— Eu parto já, accrescentou o estudante de quem falava o outro. Vae tu com o Sebastião, que eu não tardo meia hora.

E baixou pela Couraça direito á porta da Alegria, voltando depois e descendo até á velha cadeia da Portagem onde terminava a ladeira.

Chegado defronte da cadeia da Portagem, Zacharias parou a meditar no pretexto que tomaria.

para entrar lá dentro, quando viu assomar á porta um dos lentes do quarto anno de medicina, cujo discipulo era, e a quem fôra recommendado por um dos mais notaveis medicos do Porto.

Tirou o gorro e ficou parado como quem aguarda as ordens do seu superior. N'aquelle tempo os lentes não fraternisavam com os estudantes, nem os estudantes deixavam de lhes tributar homenagens de respeito. A minima infracção da policia academica era punida rigorosamente pelo reitor, e sendo caso de maior monta intervinha o conservador, juiz especial da Universidade.

Entretanto os professores das sciencias naturaes viviam em maior intimidade com os discipulos, principalmente nos annos adiantados da faculdade de medicina.

— Que faz por aqui, sr. Zacharias ? disse o lente aproximando-se do mancebo, e falando-lhe com benevolencia. Tenha cuidado. Olhe que não se brinca impunemente com o quarto anno de medicina. Estudou pouco no primeiro ; mandriou bastante no segundo ; por isso teve de queimar as pestanas no terceiro, e n'este anno carece de passeiar menos e estudar mais. Estava a olhar para a cadeia como se lhe quizesse tirar a planta !

— Passei aqui, sr. doutor, respondeu o estudante, e puz-me a considerar que os futricas¹ não tem

¹ Os estudantes de Coimbra davam este nome aos habi-

melhor cadeia que os estudantes. Esta casa ainda me parece peor que a nossa cadeia por baixo da bibliotheca ao lado das escadas de Minerva.

— Pois engana-se. É mais espaçosa do que eu imaginava. Nunca tinha entrado alli dentro. Mandou-me chamar hontem o carcereiro para ver uma presa que chegara do Porto na vespera á tarde, e que amanhecera com uma febre violentissima. Hoje vim vel-a e não está melhor.

— Vindo para ficar em Coimbra, replicou o estudante mui naturalmente e já seguro de que a formosa Dulcinea de Jeronymo de Lemos tinha chegado, em breve se restabelecerá. Estes ares são admiraveis.

— Ella não se demora. Vem presa do Porto e vae para Lisboa. Mas é singular. Tinha hontem uma febre de pouca importancia, que parecia resultado do cansaço da viagem. Mandeilhe dar mistura salina composta, e a febre augmentou em vez de diminuir. E todavia a lingua está boa, e a enferma não se queixa de nenhum outro padecimento. Só a febre parece cada vez mais intensa.

— E singular !

— E muito singular. Tenho grande receio d'estas febres porque de um dia para o outro vem um accesso pernicioso e não ha valer ao doente. De tantos da cidade que não cursavam os estudos. Aos que se matriculavam na universidade chamavam *filhotes*.

certo se lembra d'aquella mulher que na semana passada morreu no hospital. O sr. Zacharias foi propheta ; torcia-lhe o nariz, e eu tive eperanças até ao fim.

— Aquelle meu prognostico foi casualidade. A mulher era tão debil e estava tão abatida que a dei por morta quasi sem olhar para ella. O acaso fez com que eu acertasse.

— Não seja modesto de mais. Não foi acaso. Foi instincto medico. Já lhe tenho conhecido em outras occasiões essa grande qualidade, que é a primeira de todas, sem a qual a sciencia é boa para as aulas, mas inutil á cabeceira do enfermo. Como seu mestre tenho direito de lhe chamar preguiçoso e de o louvar n'aquillo em que realmente o merece.

— V. s.^a sempre me tratou com muita bondade.

— Eu gostava de que visse esta doente, continuou o professor, seguindo com o estudante para a Couraça de Lisboa. Agora não póde ser que me esperam outros enfermos entregues ao meu cuidado, mas ámanhã de manhã antes das aulas hei de vir á Portagem, e se quizer esperar-me alli, iremos ver a tal D. Francisca, se bem me recordo do nome que me disse o carcereiro.

— Com muito gosto, respondeu o estudante alvoroçado com a honra que lhe dava o lente, com

a certeza de que a presa era D. Francisca, e com a promessa de a ver e de lhe falar no dia seguinte. V. s.^a distingue-me sobremaneira. Amanhã irei esperal-o á Portagem.

— Pois sim, e estude, mancebo, estude que póde vir a ser um grande medico. Deixe-se de folias e de extravagancias. Custam mui caras e não valem o que custam. Eu tambem fui rapaz, e gosto da mocidade alegre, mas tudo tem seus limites: *Est modus in rebus*.

— Eu hei de fazer quanto em mim caiba por mostrar a v. s.^a que respeito profundamente os seus minimos desejos.

— Até amanhã, sr. Zacharias. E estude. Não me canço de lh'o repetir.

Entrou o lente em um dos maiores predios da Couraça, e o estudante apressou o passo para chegar ao seu domicilio onde o esperavam Jeronymo de Lemos, e o estudante de terceiro anno juridico Sebastião de Andrade, seu companheiro de casa. Ambos estavam impacientes com a demora de Zacharias, mas confiados em que não voltaria sem informações completas.

— Então? bradaram ambos do alto da escada apenas o avistaram.

Zacharias de Abreu subiu os degraus vagarosamente, entrou no primeiro quarto, seguido pelos dois, deitou o gorro para o lado, sentou-se em ci-

ma da cama, esfregou as mãos uma na outra, e olhando para elles ambos, exclamou :

— E então?

— Tu és capaz de matar um santo com a tua pachorra! observou Sebastião d'Andrade. Aposto que não descobriste coisa nenhuma?

— E eu aposto que sabes tudo? disse Jeronymo de Lemos. Olha; eu conheço-te melhor que o Sebastião d'Andrade. Tu esfregavas as mãos quando o teu perdigueiro se amarrava ás perdizes. Lembras-te? Agora esfregaste as mãos. É porque viste caça.

— Adivinhou o sr. caçador. Ganhaste a aposta, Jeronymo. O Sebastião cuida que eu sou algum palerma.

— Não cuido, mas tu podias não ter encontrado a mulher. Se ella ainda não tivesse chegado?

— De certo, se não tivesse chegado, não estava cá. Isso qualquer adivinha. Vamos ao caso, rapazes. A mulher está na Portagem. Chegou ante-hontem. Adoeceu com febre e está nas mãos do sr. dr. Romualdo, meu respeitavel lente.

— Optimo! És um grande homem, gritaram ambos entusiasmados.

— Que o posso vir a ser, diz o sr. dr. Romualdo, mas deixem-me acabar. A febre resistiu á mistura salina que o lente receitou, e febre que resiste a um lente de medicina, já é bem boa febre. Ora

o meu querido professor deseja que eu vá com elle ver a enferma, e ámanhã de manhã estarei á cabeceira da cama da sr.^a D. Francisca, que assim se chama a formosa Floripes do nosso Jeronymo de Lemos.

Um « *bravo* » estridente dos dois amigos de Zacharias cortou-lhe a narração, e ambos o abraçaram com o maior enthusiasmo.

— Basta. Basta. Já viram que sou homem para qualquer empresa. Agora, sr. Jeronymo, um bilhete á sua Dulcinea que tem portador seguro.

XXV

Descoberta pelo acaso a residencia de D. Francisca, e encontrada a maneira de abrir correspondencia entre ella e Jeronymo de Lemos, surgia a difficuldade de aproveitar convenientemente estas felizes circumstancias.

Não era occasião de phrases amorosas. Convinha assentar no plano da fuga, communicar-o a D. Francisca, e indicar-lhe a parte em que a execução poderia depender d'ella. Pela resposta viria a saber-se até que ponto podia ser realisavel o projecto que lhe fosse suggerido, para effectuar o qual deviam os

tres mancebos dispôr todos os meios ao seu alcance. Não chegava a tanto a intelligencia de Jeronymo de Lemos. Conheceu a difficuldade, e sentiu que o não fadara Deus para empresas de combinações engenhosas.

Chamou pois a capitulo, com se dizia no tempo dos frades, os dois estudantes, e pediu-lhes conselho ácerca do que lhe cumpria planear para ser depois communicado á sua gentil namorada.

— É melindroso o negocio, meu Jeronymo, respondeu em primeiro logar Sebastião de Andrade. Lograr a justiça ou obrigar os officiaes d'ella a entregar-nos a presa, não é nenhum bicho de sete cabeças. É o que nós fazemos quasi todas as noites aos verdeaes ¹. Mas...

— Se tu não havias de vir com esse eterno *mas*, com as teias d'aranha em que te deixas envolver, observou Zacharias de Abreu. Nem que fosse o primeiro preso que a academia salva das garras dos beleguins.

— Tens razão, Zacharias, disse Sebastião de Andrade. Nós espancamos os verdeaes a cada passo. São brincadeiras de rapazes e tradições academicas. Tiramos-lhes os presos. Mas que presos são? Estudantes e não criminosos. Logramos a justiça

¹ Archeiros da Universidade, então fardados de casacas e calções verdes.

ou aggravamos os officiaes d'ella, mas a justiça é a do reitor ou do conservador, justiça escolastica, prudente, benigna, tolerante, e os officiaes são pagaios academicos, pacificos verdeaes de quem toda a gente se ri. Agora porém o caso é outro. Não me repugnam aventuras de mancebo estouvado por perigosas que sejam, mas ser complice da fuga de um criminoso é caso muito mais serio.

— Que nos importam a nós as culpas de D. Francisca? acudiu Zacharias disposto a contrariar o companheiro que duvidara da sua sagacidade. É senhora e perseguida. Nunca se levou a mal aos rapazes a dedicação pelo bello sexo.

— Assim será, mas se o crime de D. Francisca fosse de moeda falsa, de desacato em alguma egreja, de envenenamento, de furto ou de qualquer outra natureza infamante? Não digo que desamparássemos o Jeronymo, porém o modo de o auxiliar podia ser differente.

— Estou já da tua opinião, mas o Jeronymo conhece a tal senhora, deve saber ou suspeitar os motivos da prisão, e...

— Eu pouco sei, interrompeu com ingenuidade o mancebo de Crestuma. Esta senhora é viuva de um official do Brazil, tem parentesco e amizade com um dos secretarios de Estado, e tambem é minha parenta pela casa de Azevedo ou não sei por onde. A casa d'ella é nas Paredes. Esteve em Paços

de Ferreira durante a molestia de meu primo Luiz de Mattos, e veio para o Porto por ter lá uma tia doente. Foi presa então por ordem de Francisco d'Almada, e remettida para Lisboa onde não deseja entrar acompanhada por officiaes de justiça com receio de que o secretario de Estado imagine outras coisas e deixe de a proteger. Além d'isto sei unicamente que é encantadora, que eu gosto muito d'ella, e que, só ou acompanhado, hei de pol-a em liberdade.

— Só é que de nenhum modo, replicou Zacharias. Promettemos-te a nossa coadjuvação, e os rapazes quando promettem, não faltam. Eu faço o que tu quizeres. Não vejo n'essa mulher coisa que nos envergonhe. Basta ser tua parenta. Francisco de Almada gosa fama de grande ministro, mas já tem feito um par de tyrannias que hão deixar nomeada no Porto.

— Eu tambem te não desamparo, disse com certa gravidade o outro estudante. Respeitar a justiça é dever de todos, porém acudir aos amigos nas occasiões é egualmente obrigação. Viva a amizade e leve a breca os esbirros!

— Isso é que é falar, meu Sebastião! bradou Zacharias entusiasmado.

— Sómente, continuou Sebastião de Andrade, sou de parecer que não tentemos nada em Coimbra para evitar suspeitas. Iremos esperal-a na es-

trada, nós tres e os dois criados de Jeronymo, todos com mascarar para que os belleguins não saibam d'onde lhes veiu o mal e fiquem desorientados quando intentarem ir-nos no alcance. Arrancada a rapariga aos officiaes de justiça, o Jeronymo foge com ella para um lado e nós recolhemos a Coimbra por outros caminhos, sem que venha a saber-se quem soltou a presa. Meu pae está mui adiantado em annos, e succumbiria talvez ao desgosto de me ver culpado por crime d'essa ordem. Cuido pois que estas precauções são rasoaveis.

— Eu cá em me mettendo nas coisas, declarou Zacharias passeiando na casa de um para outro lado, sou pouco de cautellas. É com a cara lá para diante, como diz a gente do povo. Mas confesso que o alvitre do Sebastião é na verdade rasoavel.

— Estas cautellas não são por minha causa, nem por causa do Zacharias. Favorecem a fuga do Jeronymo e poupam desgostos a nossos paes.

— Bem sei, retrocou Zacharias, bem sei. A minha familia tambem não havia de gostar, se lhe constasse que o meu nome fôra mandado inscrever no rol dos culpados por eu andar a libertar donzellas, e a soccorrer viuvas e donas, á feição de D. Quixote de la Mancha, em vez de estudar medicina.

— Está pois assentado, proseguiu Sebastião de

Andrade, que a batalha será dada fóra da cidade. Falta aprazar o dia e a hora.

— Quanto mais depressa, melhor, acudiu Jeronymo de Lemos.

— Eu tambem digo o mesmo. O que tem de ser, seja.

— Valha-vos Deus, rapazes! Este Zacharias é mesmo polvora. Qualquer faisca o incendeia. E o Jeronymo está como todos os namorados a contar os segundos e os minutos.

— E tu nem te pareces commigo nem com o Jeronymo. És um velhote de vinte annos.

— Pois vejam vocês, se não tenho razão. Hoje é quinta feira, ámanhã temos aula, no sabbado tambem, e depois seguem-se dois feriados, o domingo e a segunda feira que é dia santo. N'esses dois dias ninguem dá pela nossa ausencia de Coimbra. Ámanhã ou depois tinhamos de faltar ás aulas, e era prova indirecta contra nós.

— Agora vejo, disse Zacharias alegremente, que nasceste para general, e eu para teu ajudante de ordens.

— Vocês falam como livros, observou-lhes Jeronymo de Lemos, porém eu ainda estou na mesma. Fazem-me o favor de dizer o que eu hei de escrever no bilhete.

— Anda, Sebastião, completa a tua obra. Fizeste o plano da campanha; dicta agora as instrucções.

— É verdade, tornou o impaciente fidalguinho de Crestuma, dicta o bilhete, e eu escrevo.

— Valeu, disse o estudante de direito. Pega na penna. Ah! tens quanto é necessario para escrever. Vamos:

« Minha querida Francisca.

« É indispensavel demorar a tua...

— Eu não a trato por tu, interrompeu Jeronymo de Lemos timidamente.

— E andas mettido n'estas historias todas por uma mulher que não tratas ainda por tu?! Então, perdôa a minha confiança, mas és parvo de todo.

— Deixa-o lá, Zacharias. Não o atormentes. Anda, Jeronymo escreve:

« Minha querida Francisca.

« É indispensavel demorar a partida até sabbado á noite. O resto fica por minha conta.

« Jeronymo. »

— Agora o caso é commigo. Venha b papelinho, meu caro amigo. E tu, Sebastião, prepara as mascaras e o mais que fôr necessario.

Na manhã seguinte reuniram-se quasi á mesma hora no largo da Portagem o estudante Zacharias

que descera pela Couraça de Lisboa, e o doutor Romualdo que viera do lado da Calçada, passando o arco que então formava junto da cadeia a casa, já hoje demolida, da distincta familia dos Abreus.

Louvou o professor a pontualidade do discipulo, e entraram ambos para a vetusta prisão da cidade, onde veio recebê-los ao alto da escada o velho carcereiro.

— Então como vae a doente? perguntou o dr. Romualdo.

— Não vae bem, sr. doutor. Aquella febre não a deixa. Passou a noite muito agitada. Eu dei-lhe a mistura salina, mas ella queixa-se de fraqueza de não poder dormir. Por ora tenho-a conservado a caldos fracos, segundo v. s.^a recommendou.

Precedidos pelo carcereiro, subiram ao quarto n.º 3 onde jazia no leito a gentil D. Francisca.

— Como se sente hoje, minha senhora? perguntou o doutor Romualdo aproximando-se do leito e tomando-lhe o pulso.

— A mesma febre sempre, respondeu D. Francisca em voz enfraquecida e olhando curiosa para o mancebo que seguia o doutor, muita sede, grande fraqueza, é insomnia pertinaz.

— Tem menos pulsações que hontem, mas a febre ainda está vigorosa. Resiste, mas ha de ceder. Aproxime-se, sr. Zacharias. Examine a doente e

diga-me a sua opinião ácerca da enfermidade e do tratamento. Este mancebo, sr.^a D. Francisca, é dos melhores estudantes do meu curso, e se quizer, póde vir a ser sob a minha direcção um medico de primeira ordem.

Zacharias, que estava junto do professor aos pés da cama, deu volta e foi collocar-se do lado opposto. Então abriu a mão direita, e alongando-a para tomar o pulso de modo que o doutor Romualdo visse unicamente as costas, e D. Francisca observasse por dentro o bilhete seguro pelo dedo pollegar, deixou cair o papel e procurando a arteria mudou a posição do braço da doente até que ficasse sob os dedos d'ella a missiva de Jeronymo de Lemos.

— Então que me diz, sr. estudante? perguntou o doutor Romualdo. Já fez o seu juizo?

— Já, sim senhor. Tenho concluido, respondeu Zacharias lisonjeado de ter enganado tão facilmente o mestre.

— E que diz?

— Digo que é uma febre fatua, proveniente do cansaço da viagem, e que já começa a obedecer ao acertado tratamento indicado por v. s.^a Em dois ou tres dias deve estar prompta para seguir viagem.

— Dois ou tres dias? Eu sei? Talvez mais.

— É que v. s.^a, modesto como os verdadeiros sabios, desconfia do effeito das suas prescripções.

e todavia está vendo como a febre cedeu. De certo lhe manda alargar a dieta.

— Mandarei, sim. É mister obstar a que se enfraqueça mais. Póde dar-lhe, sr. carcereiro, duas vezes ao dia um pedaço de gallinha, e repita a mistura salina. E agora vamos embora que são horas de aula.

Um instante depois lia D. Francisca alvoroçada o bilhete de Jeronymo de Lemos, e a esperança da proxima liberdade animava-lhe de puro jubilo o semblante extenuado.

XXVI

Não causou espanto ao carcereiro que o dr. Romualdo trouxesse consigo á cadeia um dos melhores estudantes do seu curso. Usavam proceder as, sim os lentes do quarto e do quinto anno medico-e Vicente Homem que já fôra praticante de boti, cario ou, como se diz hoje mais afidalgadamente-ajudante de pharmacia, não ignorava esses costumes.

Acompanhou o carcereiro os dois visitantes até ao alto da escada onde se despediu do lente com profunda reverencia e do estudante com menor

inclinação, voltando logo ao quarto da sobrinha com quem desejava conversar.

— Então, Helena, minha filha, disse sentando-se perto do leito, é preciso melhorar. Eu não te dou mais do tal remedio. Tenho medo de te excitar a febre a ponto que se transforme em verdadeira doença esta brincadeira em que tenho tido a fraqueza de consentir.

— E que mal fez isto? replicou sorrindo a enferma. Era o menos em que um bom tio podia servir a sua querida sobrinha.

— E por isso condescendi com a tua vontade, mas agora não se póde prolongar mais o engano. Os proprios medicos viriam a descobrir a verdade. Tremo só de o pensar.

— Pois não trema por minha causa. Deixarei de tomar o remedio e tratarei de convalescer com rapidez para partir no domingo para Lisboa. Que faz o escrivão Mendanha?

— Vem todos os dias saber de ti, e já foi a casa do dr. Romualdo perguntar se a molestia seria duradoura. O homem está morto por chegar a Lisboa, e por te entregar na Intendencia. Tem medo de alguma insidia armada pelos teus protectores. Elle proprio me disse que eram poderosos.

— Ainda bem que lh'o disse elle mesmo. Pois agora quando vier ahi, peça-lhe que suba a este quarto, e dê-lhe a nova de que no domingo pode-

remos partir, se elle não destinar de mim outra coisa. Eu já estou por tudo.

— O que me espanta, Helena, é a tua resignação. Tu enganaste-me. Alguem te veio falar ou te escreveu. Dize-me a verdade.

— Ora digam lá a verdade ao sr. Vicente Homem, meu tio, velho soldado do Roussilhão e carcereiro da Portagem, que a ia logo metter no bico ao corregedor, ao juiz de fóra, e a todas as autoridades para que lhe agradecessem a lealdade, e o proclamassem o melhor de todos os carcereiros imaginaveis e possíveis. N'essa não caio eu!

— Ahi está como são as mulheres! replicou o carcereiro, certo de ter sido logrado, e desejoso de saber a verdade para se precaver contra qualquer tentativa que pudesse prejudical-o. Fiz-te a vontade, arranjei-te o remedio com que adoeceste, demorei-te a viagem para dar tempo aos teus protectores de te acudirem, e tu enganas-me, arriscas-me talvez a perder o logar que é o pão da minha velhice, e agora julgas-me capaz de atraiçoar a filha de meu irmão para ganhar credito com o teu prejuizo! Valha-te Deus, Helena, que até aos que te favorecem, desgostas e injurias...!

— Ó meu tio...

— Qual tio, nem meio tio. Eu era tio para te arranjar a febre. Agora, para saber os teus segredos, já não sou irmão de teu pae! Paciencia. Faze

o que te parecer melhor. Foge da prisão, arruina-me, lança-me na miseria. Não te importes commigo. Irei mendigar o pão de porta em porta.

— Não se afflija, meu tio, nem esteja a inquietar-me o espirito com essas lamentações. Eu asseguro-lhe que sairei d'esta prisão no domingo entregue nas mãos do escrivão Mendanha, e que meu tio conservará a sua reputação de bom e leal carcereiro. Que mais quer?

— Então o negccio ha de ser no caminho? Bem. Com isso não tenho nada. Eu respondo pelo que se passa d'estas portas para dentro. O mais não me pertence. Mas confesso-te que não tendo tu falado com ninguem senão na minha presença, sempre queria saber como pudeste combinar á vontade qualquer diabrura para se executar na estrada de Lisboa.

— Eu nada combinei, meu tio.

— Então outros ordenaram o plano, e mandaram-t'o dizer. Porém como? quando? por quem? É de perder a cabeça.

— Não scisme n'isso, meu querido tio.

— Scismo e hei de scismar. Tenho presumpção de saber do meu officio, e tu estás-me provando o contrario.

— Pois então sempre lhe digo que tudo se passou na sua presença.

— Na minha presença?! exclamou Vicente Ho-

mém levantando-se desorientado. Ora essa ! Pois o dr. Romualdo, um lente de tamanha seriedade, um character austero, que eu proprio fui chamar e que te não conhecia...

— Meu tio não me quer deitar a perder, não é assim ? O seu empenho é entregar-me á justiça como ella me entregou nas suas mãos ?

— Sem duvida. Juro-t'ó pela alma de meu infeliz irmão.

— Não precisa jurar. Foi sempre bom e honrado. Não será agora deshumano para com o seu proprio sangue. O estudante trouxe-me um bilhete. Ahi o tem.

— Basta. Não quero vel-o. Se vier a sáber-se alguma coisa, não dirás que foi por mim. Rapazes são peiores que o demo, e mulheres são o proprio espirito maligno. Acabou. Não falemos mais em tal. Sou um perfeito alarve que me deixo embaçar por toda a gente. Vou buscar-te alguma comida, e olha que não descanço d'aqui até domingo. Socegado é que já não durmo.

— Póde dormir sem receio. Eu cumpro sempre as minhas promessas.

Vicente Homem saiu para ir buscar a comida, mas no meio do corredor foi chamado pelo guarda. Vinha dizer-lhe que o procurava um cavalheiro desconhecido. Desceu o carcereiro á sala e encontrou-se com Jeronymo de Lemos que depois de an-

dar vagando em torno da prisão, não pôde resistir ao insensato desejo de fazer uma tentativa para falar á sua namorada.

Comprimentou o fidalgo de Crestuma com certa perturbação ao carcereiro e disse-lhe que precisava falar com elle em particular. Vicente Homem despediu o guarda, recommendando-lhe porém que ficasse na casa immediata prompto a acudir quando o chamasse. Apenas se ausentou o homem, o carcereiro perguntou a Jeronymo de Lemos o que pretendia d'elle.

— Queria falar a uma presa chamada D. Francisca, que é minha parenta.

— Ah! É sua parenta! respondeu com ironia o velho soldado do Roussilhão. Pois a coisa é facil. Requeira v. s.^a ao corregedor, e com ordem d'elle pôde falar-lhe.

— Eu não quero requerer a ninguem. Não estou acostumado a tratar com a justiça. Quero falar com ella, e não duvido remunerar-lhe bem este serviço. Sou rico, e sei pagar a quem me serve.

— Isso é excellente para os seus criados. De certo hão de ter muito boas soldadas, mas eu sou criado do Principe Regente Nosso Senhor, disse o carcereiro tirando a carapuça de lontra que conservara na cabeça, e já agora, perdoará v. s.^a, não tomo outro amo.

— Ora não se faça grave, meu amigo. Vamos.

Ponha o preço a esta visita, e póde assistir a ella, se quizer.

— O que eu podia era fechal-o já n'um d'esses quartos, dar parte ao sr. corregedor da comarca, e arranjar-lhe com que se divertisse durante muitos mezes. Não quero. Fui soldado, e os soldados cumprem o seu dever sem denunciar quem os quer seduzir. Vá-se embora, ande.

— Mas...

— Já lhe disse. Vá-se embora quanto antes e não olhe para traz.

— Você sabe a quem está falando? respondeu com arrogancia provinciana o fidalgo de Crestuma.

— Não sei, nem quero saber, replicou o carcereiro. Só lhe digo que, a não sair já d'aqui, chamo os guardas, e dorme hoje na cadeia. Ande. Vá-se embora, e para outra vez antes de offerecer o seu dinheiro, tire informações a respeito de quem o ha de receber. Vamos. O João...

— Eu saio, eu saio, interrompeu Jeronymo de Lemos assustado com o receio de perder a liberdade quando mais carecia d'ella.

— Chamou, sr. Vicente? perguntou o guarda assomando á porta da sala.

— Vae acompanhar este cavalheiro e abrir-lhe a porta da escada. Passe v. s.^a muito bem, concluiu Vicente Homem inclinando-se em mesura

zombeteira. Esta casa está sempre ás suas ordens, e eu tambem, humilde criado de v. s.^a.

Jeronymo de Lemos saiu ardendo em colera, e foi direito á casa dos seus amigos contar-lhes o caso, e o perigo em que estivera de ficar preso.

— Quasi seria melhor que te prendessem, meu Jeronymo, exclamou Zacharias. Deus sabe as tolices que tu farás d'aqui até domingo!

— Tolices?

— Pois então que nome tem esse desatino de ir á cadeia para comprar o carcereiro? Domingo tiramos a D. Francisca ao escrivão que a trouxe do Porto, espalha-se a noticia na cidade, e o homem da Portagem refere quanto passou contigo. Ah! tens as autoridades na tua pista, e tambem a seguir-nos as pégadas. Fizeste-a bonita! Podes limpar a mão á parede! E se lá ficasses prezo?

— Não pensei n'isso, volveu Jeronymo de Lemos pezaroso e envergonhado. É verdade. Tens razão. Não devia fazer nada sem vos consultar, mas vocês que querem? O meu coração foi sempre assim. E a cabeça é bronca. Eu bem o sei...

— Está bom, disse do lado Sebastião d'Andrade. Eu concedo indulto ao réo. Tu estás namorado e quem assim anda, não faz senão disparates.

— Aposto que disseste o nome ao carcereiro? observou Zacharias de Abreu.

— Não disse, mas olhem que não foi prudencia. Foi acaso. Eu ia dizel-o para obrigal-o a respeitar-me e a obedecer...

— Tu estás por conquistar, Jeronymo! Bem sabe elle quem são os Lemos de Crestuma! Era como se lhe falasses de Nabuchodonosor!

— Nem queria saber. Aquillo é bruto ás direitas. Disse-me, nas minhas proprias bochechas, que não se lhe dava de quem eu fosse e que me puzesse no olho da rua.

— Pois bem; agora fica em casa e não faças mais tentativas. Promettemos libertar D. Francisca. Será livre. Que mais queres?

— Mais nada, rapazes. Eu faço o que vocês mandarem.

— E tu, Sebastião, perguntou o Zacharias voltando-se para o companheiro, falaste ao nosso Luiz de Magalhães?

— Está prompto, e vae no sabbado para casa que é n'um descampado antes de chegar ao Casal dos Ovos. Alli daremos a batalha.

— Mas tu, Jeronymo, quando te apoderares da rapariga, disse o prudente Sebastião d'Andrade, que projectas fazer?

— E eu que ainda não tinha pensado n'isso! exclamou Jeronymo de Lemos. Para Crestuma não a posso levar. Para o Porto ainda menos que m'a descobriam os belleguins de Francisco de Almada.

Se eu fosse pedir a minha tia Clara, abbadessa de Lorrão, que a recolhesse no convento?

— Nada, não faças tal, bradou Zacharias. Matavam-te as freiras com perguntas, e diziam tudo ao confessor que não só as persuadia a despedir do convento a nova hospeda, mas até era capaz de contar o caso ás autoridades.

— Mas então que hei de eu fazer? Se volto com ella para Coimbra, ainda é peor, e em toda a parte a nossa chegada ha de excitar curiosidade, e estamos perdidos.

— Queres um conselho de homem circumspecto? perguntou Sebastião de Andrade.

— Se quero...

— Pois em apânhando a rapariga em teu poder, passa para a estrada velha e segue até Abrantes, atravessa o Tejo, vae a Evora e Beja, segue até Setubal e embarca ahi para Lisboa. Se ella fôr pela estrada velha, muda de rumo, porém sempre direito ao Alemtejo. Quando voltares á capital, já a policia não pensará tanto na fugitiva, e como vos não espera do sul, deixar-se-ha illudir mais facilmente.

— Bravo, sr. general, gritou Zacharias. Eu já t'o disse. A tua vocação é para delinear actos de guerra e dispôr batalhas. Não tens outro alvitre a segdir, Jeronymo. Libertada a tua Dulcinea, partes logo para Lisboa na direcção que traçou o nosso general Sebastião.

— E vocês?

— Nós cá nos arranjaremos. Estudante e frade teem artes para tudo, e escapam por entre os dedos da policia á similhaça das trutas em mãos de pescador noviço.

Ficou pois determinada d'este modo a direcção que devia tomar Jeronymo de Lemos, como já estava ajustada entre os dois mancebos e Luiz de Magalhães, cavalheiro rico da Extremadura e con-discipulo e amigo de Sebastião de Andrade, a maneira de realisar o rapto da namorada do fidalgo de Crestuma. Recommendaram ambos a Jeronymo de Lemos a mais completa inacção.

Luiz de Magalhães partia para a sua quinta do Casal dos Ovos no sabbado á tarde. N'essa noite os dois estudantes vigiavam a cadeia da Portagem, tendo os cavallo sellados e promptos no caminho da Alegria onde tambem era o logar de Jeronymo de Lemos e de um dos criados. O outro devia estar sentado no fim da ponte onde se separa da estrada velha a estrada nova, e mal observasse o caminho que seguiam D. Francisca e os officiaes de justiça, vinha logo avisar os rapazes para que montassem a cavallo, e seguissem até ao sitio onde junto da Portella se podia passar a vau o rio Mondego.

Depois era apertar o passo e tomar a dianteira á justiça. Se o escrivão Mendanha tivesse dirigido

a viagem pela estrada velha, entre Coimbra e o Espinhal havia muitos sitios afastados das povoações onde se realisasse o feito, escapando-se todos para casa de Luiz de Magalhães que lhes procuraria disfarces e abrigo seguro. Se D. Francisca fosse pela estrada nova, quando se aproximasse do Casal dos Ovos, já estariam no seu posto Jeronymo de Lemos e os seus amigos em bons cavallos, com armas escolhidas, e envolvidos em tunicas escuras com capuzes na cabeça e rosto, nos quaes só houvesse abertura para os olhos e para a boca, á feição dos farricoucos das procissões nocturnas.

Era o melhor disfarce, e o mais facil de obter sem suspeita porque se alugavam então ao mez aquellas vestes para penitencias dos devotos, senão para outros intuitos dos mais profanos e viciosos.

N'estes aprestos passaram os dias da semana durante os quaes Zacharias voltou á cadeia com o dr. Romualdo, e pôde lisongear-lhe de novo a vaidade, notando as progressivas melhoras, ou antes cabal restabelecimento, de D. Francisca que já encontraram a pé e com excellente parecer. E como o carcereiro conversasse com o lente de medicina ao pé da porta, o estudante tendo tomado o pulso á convalescente, pediu-lhe que se aproximasse da janella. Queria examinar, observando-lhe a lingua, o estado do estomago.

— Quando parte e porque estrada? perguntou.

Zacharias em voz baixa e parecendo concentrar a atenção toda no exame da lingua.

— O escrivão, murmurou D. Francisca voltando as costas ao tio e ao doutor, esteve cá hoje e disse que partiamos domingo antes de romper o dia e que iríamos pernoitar a Pombal ou a Leiria.

— Procure demorar-se no caminho quanto fôr possível, de modo que andem mais de noite que de dia.

— Assim farei.

— É pasmoso o estado da lingua e por tanto do estomago! exclamou o estudante em voz alta.

— Que diz, sr. Zacharias? inquiriu o dr. Romualdo como quem ouvira o dito e esperava resposta lisongeira.

— Digo que v. s.^a é o primeiro medico de Portugal. Só o seu muito saber podia curar esta senhora da febre que a estava consumindo, e deixar-lhe o estomago inteiramente são, como a lingua nos está revelando.

— Vejamos, disse emphaticamente o dr. Romualdo aproximando-se e repetindo a observação feita pelo estudante. É verdade! Ainda bem que para alguma coisa servem tantos annos de estudo e de clinica medica!

XXVII

Não se deitou o carcereiro de Portagem na noite de sabbado para domingo. Desvanecera-se-lhe inteiramente o receio de que a sobrinha intentasse fugir da cadeia, mas ao aproximar-se a hora da separação sentiu acordarem-lhe na alma os sentimentos affectuosos de tio, e a gratidão á lealdade com que D. Francisca dirigira — cuidava elle — o auxilio dos seus poderosos amigos pelo modo mais favoravel aos seus credits de funcionario.

N'essa noite conversara muito com ella, e contara-lhe a tentativa do fidalgo de Crestuma para falar-lhe, bem como a recusa aspera com que o despedira. A sobrinha pelas indicações do tio veio a conhecer que o ousado tentador da honradez de Vicente Homem fôra Jeronymo de Lemos, e estranhou-lhe que não tivesse condescendido com a vontade do mancebo, podendo fazel-o sem nenhum perigo. Desculpou-se o carcereiro dizendo que para proveito d'ella e de todos procedera assim, porque se o tal fidalguinho queria tiral-a á justiça, melhor era que o não vissem na cidade, e muito menos na cadeia.

Perguntou depois á sobrinha como aquelle fidalgo se dizia seu parente, e acreditou em que o parentesco fôra ardil para penetrar no quarto d'ella e

communicar-lhe mais cabalmente o plano do rapto, segundo lhe explicou D. Francisca.

Desvelou-se em cuidados e atenções para com ella nas ultimas horas, e quando foi acordal-a logo depois da meia noite, renovou-lhe admoestações, protestos de amizade, e offercimentos de dinheiro, que ella não quiz acceitar apesar de repetidas instancias. E para que não partisse em jejum, estando enfraquecida pela febre, como ella propria confessava, obrigou-a a tomar uma refeição que de antemão preparara, e a levar uma condeça cheia de doce para a jornada.

Quando chegou o escrivão Mendanha com os seus officiaes, observou-lhe que a presa sentia ainda grande debilidade e que seria crueza expô-la durante a maior força do calor á acção do sol, ou deitar a Pombal ou a Leiria sem descansar em alguma parte. D. Francisca pedira ao tio que persuadissem o escrivão a estas deferencias para com o seu estado de saude.

Era bondoso o Mendanha, e assegurou ao carcereiro que almoçariam em Condeixa, e aproveitariam todas as occasiões de descanso, ainda que chegassem pela noite dentro ao termo d'aquella primeira jornada. De verão preferia viajar de noite a sujeitar-se ao ardor do sol que já o presenteara com uma congestão a qual por um triz o não alliviara dos cuidados d'este mundo.

Às duas horas da madrugada subiu Vicente Homem ao quarto da sobrinha, abraçou-a, despediu-se d'ella com olhos humedecidos, e desceram ambos á sala onde o escrivão Mendanha tomou conta da presa exonerando de toda a responsabilidade o carcereiro. Pouco depois montaram a cavallo D. Francisca e a comitiva, passaram os dois arcos, agora inteiramente demolidos, da entrada da ponte, seguiram por ella até S. Francisco onde o criado de Jeronymo de Lemos estava de atalaia, e principiam a subir a calçada ingreme que leva ao mosteiro de Santa Clara, e d'ahi continúa para Condeixa.

O criado do fidalgo de Crestuma saltou sobre o cavallo, voltou á cidade, e a meio galope foi rapidamente dar parte ao amo e aos seus amigos de que D. Francisca e a justiça iam pela estrada nova na direcção de Condeixa. Ouvida esta informação, já iam a tomar o caminho da Portella, quando Zacharias pediu que o escutassem.

— Ó rapazes, oiçam. Nós vamos dar uma volta enorme, passar o rio a vau, galgar os mais escabrosos atalhos da Beira, e arriscar-nos a chegar tarde a casa de Luiz de Magalhães. Equivale a perder o tempo. Porque não aproveitaremos a hora da noite e a solidão em que jazem os arrabaldes de Coimbra para atravessarmos a ponte, e no fim d'ella tomar para a quinta da Varzea, trepar as

calçadas de Santa Luzia e proseguir pela estrada velha até que cortemos para a direita e vamos sair perto do Casal dos Ovos? Pouparamos algumas horas de caminho.

— Vejam lá, ponderou Jeronymo de Lemos. Eu d'estes sitios não sei nada. Fui uma vez a Lorrão visitar minha tia, mas nem sei para que lado fica.

— Tens razão, Zacharias, disse Sebastião de Andrade. O meu plano era para o caso de ser este negocio de dia. Convinha então que nos não vissem sair pelo mesmo caminho, mas agora podemos ir pela ponte. Vamos, antes que principie a amanhecer.

Tomou a dianteira o energico estudante do quarto anno medico, e seguido de Sebastião de Andrade, de Jeronymo de Lemos, e dos dois criados, saiu pela ponte fóra. Em breve espaço de tempo tinham atravessado o povoado, e passado além das quintas fronteiras á cidade, sem encontrarem senão algumas mulheres montadas em burros que iam para o mercado de Coimbra e que viram com indifferença passar os cinco cavalleiros.

Áquella hora, ainda não de todo proxima do alvorecer, cubria a terra o denso manto da noite atravez do qual apenas bruxuleava a tenue luz das estrellas. Dormiam tranquillos nos seus abrigos, com a cabeça escondida sob uma das azas, os primorosos cantores que a aurora despertaria em breve. Era

silencio a natureza inteira. Apenas se ouvia o suave murmurio das aguas do Mondego, a toada monotoná dos grilos, o grito plangente do mocho ou da coruja nas encostas mais proximas, e o som das ferraduras dos cavallos ferindo as pedras das calçadas, ás vezes repetido pelo ecco em certas paragens, e em outras confundido com o ladrar dos mastins que vagueavam nas quintas.

A viração que no estio tantas vezes precede o raiar da manhã, bafejava suavemente os viajantes, e trazia-lhes ora os perfumes acres e balsamicos dos pinhaes distantes, ora o rescendente cheiro das flores dos jardins e dos fructos dos pomares que bordam o caminho. Os pyrilampos matisavam de tenue luz a escuridão dos balseiros, e os ramos das arvores que dos muros pendiam para a estrada, agitados pela aragem, borrifavam de fresquissimo orvalho os viandantes.

A delicia de tão abençoados sitios, e a tranquillidade d'aquella formosa noite absorviam o espirito dos dois estudantes, no qual despontava talvez a duvida ácerca do direito com que iam obstar á acção da justiça e favorecer os designios de um estouvado. Jeronymo de Lemos pensava em D. Francisca, e não se distraia senão para observar até que ponto era accommodado aos prazeres da caça o terreno que iam pisando.

Já tinham perdido de vista a cidade, quando

principiou a reflectir-se nas cumiadas dos montes a pallida e suave claridade da manhã, e a ouvir-se de todos os lados o concerto de mil vozes com que a propria natureza parece celebrar o dia, e a que logo depois se ajustam em constante afinação os alegres ruidos do trabalho humano.

Aquelle acordar de todos os entes da criação distraiu d'outros pensamentos os estudantes e Jeronymo de Lemos. A aurora recordou-lhes a larga distancia que tinham de percorrer para chegarem á fazenda de Luiz de Magalhães antes que o escrivão Mendanha e a sua gentil captiva passassem na estrada que vae ao Casal dos Ovos, e o mesmo foi lembrar-lhes a difficuldade da empresa que apertarem com os cavallo, e galgarem com grande rapidez os maus caminhos pelos quaes se vae subindo á antiga villa de Penella, e d'ahi se atravessa para os lados de Soure.

As quatro horas da tarde, saíram por um caminho travesso á estrada de Lisboa, e seguindo-na distancia de um quarto de legua, sem encontrarem ninguem, foram apear-se no pateo do palacete onde Luiz de Magalhães, os estava esperando.

— Ainda bem, disse o dono da casa, que vocês trazem dois criados. Eu aqui tenho unicamente uma mulher que me creou, a qual nos está fazendo o jantar, o velho camarada de meu pae que mandei para aquelle alto vigiar a estrada para nos dar

aviso, mal aviste a cavalgada, e um surdo-mudo filho da ama e meu collaço.

— Nós não precisamos de criados. Cada qual trata de si e do seu cavallo, respondeu alegremente Zacharias de Abreu. Isto é campanha.

— Mas, ó Luiz, observou Sebastião de Andrade, não achas que tens aqui gente de mais para negocio de tamanho segredo?

— Se o Sebastião não havia de acudir com alguma reflexão prudente! exclamou Zacharias enquanto os criados do fidalgo de Crestuma recolhiam os cavallos sob a direcção do amo e sem os desapparellhar.

— Elle tem razão, respondeu Luiz de Magalhães, porém falta-lhe a justiça, como se costuma dizer. Tres criados são tres testemunhas. É fóra de duvida. Mas um é surdo-mudo, e seria mais facil ferver-o em azeite que obter d'elle um gesto prejudicial ao seu irmão de leite. O camarada de meu pae — Roque Pereira — é intelligente, discreto, dedicado, e quer-me como se eu fosse filho d'elle. A mulher nasceu n'esta casa, filha de velhos servidores nossos, e creou-me desde o trigesimo dia na minha vida em que fiquei orphão de mãe. Por este lado pois não mette agua o barco.

— Muito bem, meu Luiz, disse o prudente Sebastião. Vê-se que sabes tomar as devidas precauções. Não se perde nada com isso.

— Eu cá não posso estar a cuidar d'essas coisas, declarou Zacharias encolhendo os hombros. Conheço que vocês fazem muito bem, mas a mim já Deus me não creou para exemplo de prudencia. Quero antes morrer a ferro que de cautellas, como diz o Sá de Miranda. O que me vale é ser companheiro e amigo do Sebastião, qué se incumbe de precaver tudo por nós ambos. Aquillo é a incarnação da providencia, mas coitado! esquece-lhe sempre a prevenção mais essencial.

— Qual é? perguntaram a um tempo Luiz de Magalhães e Sebastião de Andrade, cuidando que se teriam descuidado de tomar qualquer precaução muito importante.

— Ah! vocês querem saber qual é? Pois eu lh'o digo. Era não nos mettermos n'esta empresa. Não haveria maior resguardo contra todos os perigos d'ella.

— Então estás arrependido de prometteres o teu auxilio ao Jeronymo? volveu Sebastião de Andrade. Vê lá. Olha que ainda é tempo de voltares para Coimbra.

— E tu commigo. Era o que faltava, se eu saía mais prudente que tu...

— Deixa-o falar, Sebastião, interrompeu Luiz de Magalhães receioso de que de gracejo em gracejo viessem a agastar-se. Tu já o conheces...

— Conheço e bem. Por isso sou amigo d'elle,

mas agora queria-lhe dar o troco da tal prudencia com que elle me anda sempre a beliscar. Eu não fujo dos perigos, porém não gosto de os accrescentar por desfastio, nem de correr riscos inuteis.

— Isto é brincadeira, meu Sebastião. Nós ambos nos offerecemos a coadjuvar o Jeronymo, e palavra de estudante é como palavra de rei antigamente. Não volta *atrás*. A coisa poderá vir a ser grave. Paciencia.

— Toda a gravidade para nós depende das culpas da D. Francisca, ponderou Sebastião. Se tem crimes, mal nos absolverá a consciencia de a arrancarmos á justiça. Se porém é victima de malquerenças e tyrannias como por ahi se fazem a cada canto, vae-nos a matar o papel de cavalleiros da Triste Figura a proteger viúvas e a defender donzellas por esse mundo de Christo.

— Mas o nosso patricio, acudiu Luiz de Magalhães, o namorado de D. Francisca, que pela demora na cavalharia me parece não ter menor affecto aos cavallos, não vós disse quem ella era e porque motivo a tinham prendido?

— Disse, sim, replicou Zacharias. Affirmou que era parenta d'elle, e basta isso. A prima de um fidalgo não vae presa por ter furtado o sino grande da Sé do Porto!

— Elle disse mil coisas em abono d'ella, mas o amor é cego e o rapaz não campá pela esperteza.

Entretanto eu com toda a minha prudencia pensei pouco n'essas coisas, e agora é tarde para reflectir. *Alea jacta est.* Não se retrocede por caso nenhum. Ainda que ella fosse o proprio diabo!

— Calem-se, rapazes, que lá vem o seu amigo, disse Luiz de Magalhães, vendo que Jeronymo de Lemos vinha subindo para a sala onde estavam. E agora vamos tratar da barriga. Com fome nem para o céu, é vocês provavelmente pouco dariam ao dente por esse caminho.

— Estamos em jejum natural, exclamou lugubremente Zacharias. Podiamos commungar.

Luiz de Magalhães entrou para o interior da casa quando Jeronymo de Lemos assomava á porta da sala. O mancebo vinha satisfeito do modo pelo qual ficavam accommodados os cavallos, e procurava o amphytrião para lhe agradecer tão briosa hospedagem. Disseram-lhe os estudantes que fôra mandar pôr na mesa o jantar; que na estrada estava de atalaia um homem fiel; e que viria a tempo o aviso de apparecer ao longe D. Francisca, o escrivão e a comitiva dos esbirros.

Voltou pouco depois Luiz de Magalhães a chamar para a meza os seus hospedes, e recebidos os agradecimentos de Jeronymo de Lemos, principiou o jantar servido pelo surdo-mudo, e apimentado com os chistes de Zacharias, com as respostas de Sebastião, com as attensões joviaes do dono da casa, e

com uma ou outra tolice do fidalgo de Crestuma.

Era já noite quando se levantaram da meza, e vieram para uma janella d'onde com o auxilio do luar podiam descobrir qualquer movimento na estrada.

Já tinham soado as dez horas no relógio de sala que em caixa primorosamente pintada tomava o centro da parede fronteira á porta, e não se avistava ninguem no largo trilho avermelhado que serpream por aquella planicie entrecortada de outeiros. Principiavam a receiar que o escrivão suspeito houvesse mudado de rumo e Jeronymo de Lemos continha a custo a sua desesperada e frenetica impaciencia.

— Lá vem o Roque, bradou Luiz de Magalhães pondo a mão direita aberta por cima dos olhos para ver melhor. É elle. Não ha duvida. Está aqui em tres minutos. Venham as tunicas. Andem rapazes. Deixem uma para o Roque. É quem ha de falar ao escrivão. Não convém que elle nos oiça a voz. E vocês tenham paciencia. Eu apago estas luzes. Basta a claridade do luar para se vestirem.

E recolhendo-se da janella apagou as luzes que estavam na sala.

Quasi immediatamente chegava Roque Pereira, annunciando que a formosa presa vinha subindo a encosta do outeiro mais distante, e em breve passaria defronte da quinta de Luiz de Magalhães.

XXVIII

Ficava sobranceira á estrada para o lado do poente a habitação de Luiz de Magalhães. Quem lá desejasse ir, tinha de entrar em uma alameda de arvores frondosas, no fim da qual duas rampas em semicirculo davam accesso á pequena esplanada onde estava assentado o edificio. A casa era apalaçada e moderna com pavimento ao nivel do chão e primeiro andar. O pateo ficava nas trazeiras, tendo de um lado a cosinha e accommodações dos criados, do outro a cavalharia e abegoarias, e nos oppostos a escada exterior de pedra que dava para o primeiro andar, e o portão que vedava o terreiro.

Por alli tinham entrado os hospedes e Roque Pereira, quando viera dar noticia de que D. Francisca se aproximava, e pelo portão iam sair agora todos descendo á planicie por outro caminho encoberto pela espessura da vegetação até á beira da estrada. A frente da casa que os officiaes de justiça podiam avistar de longe e observar de perto quando fossem passando, tinha fechadas todas as janellas e dava suspeitas de não haver moradores dentro.

Mal chegou o aviso, vestiram os rapazes as tunicas, Jeronymo de Lemos tomou conta dos vesti-

dos masculinos com que devia disfarçar-se a sua namorada, Sebastião e Zacharias examinaram o estado de todas as armas, e Luiz de Magalhães que assumira o commando da acção, como perito ácerca do terreno, renovou as instrucções já indicadas a Roque Pereira, e dando ordem para a marcha, saiu a pé pelo portão do pateo.

Seguia-o Jeronymo de Lemos e os dois criados, todos tres a cavallo, Roque Pereira, e os estudantes a pé. Atraz o surdo-mudo com uma meada de guita enfiada no braço esquerdo. Todos vestidos como farricoucos, das procissões de penitencia ou serventes do Santo officio da Inquisição, e armados de clavinhas e punhaes. Jeronymo de Lemos que não devia apparecer, ia embuçado com chapeo largo e mascara.

Na borda da estrada Luiz de Magalhães mandou apeiar os criados do fidalgo de Crestuma, dando-lhes ordem de prenderem os cavallos ás arvores junto do sitio onde collocou o amo com recommendação de não sair d'alli senão em caso de resistencia tal da parte dos officiaes de justiça que exigisse o auxilio da sua intervenção. N'aquelle ponto os arbustos e cannaviaes obstavam a que fosse visto da estrada quem estivesse abrigado atraz d'elles. Aos dois criados determinou que se reunissem a Roque Pereira, e lhe obedecessem em tudo.

Tomadas estas disposições e combinado com Se-

bastião de Andrade e Zacharias de Abreu que se mostrariam por entre as arvores para atemorisar o escrivão Mendanha e os officiaes de justiça com o numero dos aggressores, e que sendo necessario coadjuvariam vigorosamente os tres criados, Luiz de Magalhães correu á extremidade dos cannaviaes para o lado do norte a ver se descobria a cavalgada policial que não podia vir muito distante. Penetrou por entre as cannas até á beira da estrada, e viu a meio tiro de balla toda a comitiva a pé, reunida em grupo como se algum caso extraordinario houvera obstado á continuação da jornada.

Receiou que o escrivão Mendanha, ou algum dos esbirros, tivesse ouvido o tropel dos cavallos, e que tomados de susto parassem alli para deliberar ácerca do meio de levar ao cabo sem perigo a diligencia de que os incumbira, e de que lhes havia de tomar contas, o severo Francisco de Almada. Saiu pois do cannavial e veio conferenciar com os dois estudantes, que immediatamente o seguiram até ao sitio d'onde Luiz de Magalhães observara o que lhes referira. Jeronymo de Lemos acompanhava-os impacientemente com a vista, mas não ousando desobedecer ás ordens formaes dos seus amigos, permanecia no posto que lhe fôra marcado.

— Aquillo foi manobra de D. Francisca, disse baixinho Zacharias de Abreu depois de ter olhado attentamente para o grupo. Caiu ou fingiu queda

para demorar a marcha, segundo a recommendação que lhe fiz na cadeia.

— Talvez, respondeu Luiz de Magalhães.

— Não foi outra coisa, continuou Zacharias. Repara que todos estão a pé; um abaixou-se e andou a procurar no chão alguma coisa. Ha de ser pedaço de arreio que se quebrou ou veio a terra com a queda. Lá acharam o quer que fosse, e estão juntos outra vez, provavelmente a concertar os arreios.

— Sabem que mais? murmurou Sebastião de Andrade que estivera calado até então a espreitar os movimentos dos officiaes de justiça. Montemos nos dois cavallos do Jeronymo, e acompanhados pelos criados saiamos-lhes ao encontro já. Elles estão a pé, e não poderão escapar-nos.

— Ora já uma vez fui mais prudente do que tu! observou sorrindo o alegre Zacharias. Voto contra. Para o que tu indicas, sempre é tempo. Vigiemos d'aqui, e se aquelles senhores voltarem para traz ou procurarem atalho que os affaste da estrada, então carga de cavallaria, mas se pudermos passar sem isso, será muito melhor.

— É que a mim, replicou o sizudo Sebastião, aborrece-me esperar, e ainda me incommodaria mais, se depois de tanta fadiga um reles escrivão do crime nos lograsse, como se fôssemos crianças descuidosas e estouvadas.

— Não, tenhas receio, respondeu Luiz de Magalhães. Já nos não fogem. Estão a cair na ratoeira. Lá vejo duas pessoas a cavallo...

— É o escrivão e D. Francisca, interrompeu Zacharias mirando com a maior attenção. Os quatro officiaes de justiça vem a pé. Eil-os que continuam a marcha.

— Estão aqui já, disse Luiz de Magalhães. Aos nossos logares, e vocês vão ver como Roque Pereira nos tira de todas as difficuldades. Aquillo é um homem ás direitas!

Alguns segundos depois chegava quasi defronte da casa a comitiva. Um dos criados de Jeronymo de Lemos, com o surdo-mudo, cortava-lhe a retirada pela rectaguarda, Roque Pereira com o outro aguardava no meio da estrada que se aproximasse, e os tres estudantes, formados em linha junto do caminho, mostravam pelas clavinas cujos canos brilhavam ao clarão da lua, que os não trouxera alli unicamente a curiosidade de ver passar viajantes áquellas horas da noite.

Parou o escrivão Mendanha ao ver que estava cercado por todos os lados, e tirando dos coldres uma pistola, aperrou-a com rapidez. Dois dos officiaes de justiça que traziam espingardas, engatilharam-n'as immediatamente e perguntaram-lhe se deviam fazer fogo. Talvez ia dar-lhes resposta affirmativa o energico escrivão do crime, quando

à claridade do luar notou que trajavam as vestes do Santo officio todos aquelles homens. Ao mesmo tempo D. Francisca saltava da egoa em que vinha montada, e fingindo grande terror abraçava-se ao escrivão para que a salvasse dos ladrões, buscando assim paralyzar-lhe os movimentos.

— Deixe-me, senhora, bradou o escrivão desenhando-se com vigor dos braços da sua captiva. Que me querem, meus senhores? accrescentou dirigindo-se aos dois vultos que lhe embargavam o passo.

— Apeie-se e venha receber as ordens do Santo officio, respondeu Roque Pereira com voz firme.

— Obedeço com o respeito que professo ao Santo tribunal, replicou o escrivão que já em tempo experimentara as doçuras da Inquisição. Aqui estou.

— Entregue-me essa pistola que ousou armar contra nós, e vocês desarmem esses esbirros, e ensinem-lhes a venerar a autoridade do Tribunal da nossa santa fé.

— Mas eu trago uma presa pela qual hei de responder, ponderou o escrivão enquanto o surdo mudo e o criado de Jeronymo de Lemos desarmavam os dois officiaes de justiça e ligavam com as gaitas as mãos e braços de todos quatro. Não posso entregal-a sem documento legal.

— Essa desgraçada vae ser recolhida nos carceres da Inquisição a cujo juizo supremo estão affe-

ctas as suas culpas, respondeu Roque Pereira. E vendo que estavam amarrados os quatro beleguins, accrescentou para o criado que se conservara a seu lado e para os outros dois, ao voltar as costas para ir ter com D. Francisca: « Vocês agora façam o seu dever. »

Immediatamente caíram sobre o escrivão os tres criados, e atando-lhe as mãos atraz das costas, foram amarral-o e aos quatro esbirros ás arvores da alameda. D. Francisca entregue a Jeronymo de Lemos, tomou os vestidos de homem, montou a cavallo e partiu á desfilada com o namorado, seguidos por um dos criados. Os estudantes, Roque Pereira, o surdo-mudo, e o criado do fidalgo de Crestuma, que ficara desmontado, desapareceram por entre o arvoredo.

Passados entre ais e lamentos os primeiros minutos de tão rapida surpresa, o escrivão Mendanha vendo-se amarrado a uma arvore, cercado dos seus quatro companheiros atados como elle aos troncos immediatos, e recordando-se de que a criminosa desaparecera sem que lhe fosse entregue documento da transferencia d'ella para a jurisdicção do Santo officio, entrou de meditar n'aquella estranha aventura, e a entrever que fôra vítima da astucia de D. Francisca e dos seus amigos.

Ocorreu-lhe então que, se o Tribunal da fé reclamasse semelhante mulher, não vinha arrancal-a

no meio da estrada ás justiças civis que de boa vontade lh'a entregariam onde lhes fosse pedida, nem prenderia os officiaes de El-Rei, maiormente não resistindo nenhum d'elles ás ordens dadas em nome da Inquisição. Estas considerações absorveram-lhe toda a attentão e causaram-lhe pezarosa angustia pelo receio de perder o officio com o rendimento do qual sustentava numerosa familia.

Agora é que elle entendia bem a molestia de D. Francisca em Coimbra, o deliquio em que ella caíra em Condeixa a ponto de ser necessario chamar o facultativo da terra, e demorarem-se todos alli mais de duas horas, as quedas que viera dando pelo caminho sempre de modo que pudesse fingir maior incommodo do que realmente padecera, e finalmente todos os estratagemas mui desaffectedamente empregados pela astuta captiva para atrasar a jornada e passar de noite no sitio onde estavam embuscados os amigos ou complices que deviam libertal-a.

Via claramente os embustes com que fôra enganado, e no seu espirito atribuladissimo cruzavam-se os melindres do amor proprio com o temor da futura desgraça da sua familia.

— Minha pobre mulher! Meus queridos filhinhos! exclamava o desventurado Mendanha. Estaes todos sem pão, e eu envergonhado e perdido para sempre...! Eu que o sr. Francisco de Almada escolheu

entre todos os escravões do crime para esta mal-aventurada deligencia! Não ha desgraça igual á minha!

— Então que é isso, sr. Mendanha? perguntava resolutamente o esbirro amarrado á arvore mais proxima. Por bem pouco desanima vossa mercê!

— Pouco lhe chamas tu? respondeu o escrivião. Que maior desgraça imaginavas, pateta?

— Eu serei pateta e o mais que vossa mercê quizer, mas olhe que se o matassem, de certo seria alguma coisa peor. Creio eu. E se o desancassem com pancadas, tambem não era melhor.

— Se me matassem, morria no meu officio, e talvez que o Rei dêsse de comer a minha mulher e aos meus filhos. Não seria a primeira vez que tal acontecesse a pedido do sr. Francisco de Almada. Se nos maltratassem, ao menos via-se que tinhamos lutado. Mas assim, burlados, e presos a estas arvores...!

— Veja bem, sr. Mendanha, que se nos deixassem soltos, era muito peor. D'este modo succederá que não sairemos d'aqui sem que nos venham prender, e quem praticar essa obra de caridade, será testemunha do estado a que nos reduziram.

— Tu não conheces bem o sr. Francisco de Almada, excellent remunerador quando o servem segundo exigem as ordens do Principe Regente, mas rigoroso e severo quando o descontentam. É da es-

cola do marquez de Pombal que não admittia allegação de difficuldades quando se tratava de executar os seus designios.

— Eu d'essas coisas sei pouco, mas sempre o queria ver a elle n'este descampado em presença de mais de vinte homens armados de clavinas. Mais de vinte contei eu, e não vi os que se occultavam por detraz d'essas arvores e cannaviaes.

— Ó sr. Mendanha, gritava dolorosamente um dos belleguins, eu já me não posso ter em pé, e vae-se-me enterrando na carne dos pulsos a guita com que m'os ataram aquelles desalmados.

— Tem paciencia, homem. Eu não te posso acudir. Estou amarrado como tu. Bem vez.

N'estas lamentações passaram as horas da noite, sem que na estrada transitasse qualquer pessoa ou viesse alguem do Casal dos Ovos ou de outras povoações distantes, onde todavia poderiam chegar os gritos cada vez mais dilacerantes dos esbirros. Ao amanhecer porém observaram que do lado de Leiria andava nas encostas numerosa matilha de cães, e assomavam logo apoz elles ao sitio mais elevado do terreno dois cavalleiros que pararam a observar a busca dos rafeiros. Era deserta a planicie. Só vagueavam n'ella, pastando o matto humedecido pelo orvalho da manhã, as duas egoas em que tinham cavalgado o escrivão e D. Francisca.

Rincharam os cavallos ao darem pelos animaes da sua especie a pequena distancia, e os cavalleiros notaram que os dois quadrupedes andavam soltos mas apparelhados. E como escrivão e esbirros redobrassem de gritos ao depararem-se-lhes aquelles salvadores, os dois homens ouviram distinctamente os lamentos d'aquelles infelizes, e desceram a trote a encosta, dirigindo-se para a alameda d'onde partiam tão sentidos queixumes.

Mal se aproximaram, explicou-lhes o escrivão Mendanha o caso singular que lhes acontecera, accrescentado com as exaggerações provenientes do terror e por ventura calculadas para atenuar a responsabilidade da fuga de D. Francisca. Apearam-se logo os dois caçadores, desamarraram os officiaes de justiça, e enquanto dois d'estes corriam na campina para se apoderarem das egoas, aconselharam ao escrivão Mendanha que pediasse abrigo e protecção na casa proxima que era de um honrado proprietario.

Replicou o escrivão que o edificio parecia deshabitado, e que de certo o estava, aliás teriam os moradores ouvido as vozes desconfortadas dos cinco homens que ha tanto tempo penavam alli. Um dos caçadores montou de novo a cavallo, correu a galope na alameda, subiu pela rampa da esquerda e foi bater em uma janella do pavimento inferior. E como lhe respondessem de dentro ao cabo de alguns

segundos, acenou ao companheiro e aos officiaes de justiça para que se dirigissem para lá. A esse tempo já as duas egoas estavam em poder dos esbirros que tinham ido buscar-as e tambem as armas que encontraram sem escorva desamparadas no chão.

Quando chegaram á esplanada onde assentava o palacete, esperava-os Luiz de Magalhães, vestido á pressa, e espantado de ver alli áquella hora tantas pessoas, e trez d'ellas com armas. Explicaram-lhe o caso e elle contou como viera com dois amigos aproveitar os feriados de domingo e da segunda, e chegando cançadissimos, se tinham deitado e adormecido profundamente, o que os impedira de dar pelo acontecido. É verdade que pelo meio da noite acordara cuidando ter ouvido gritos, mas succedendo com frequencia passarem na estrada viajantes alegres e ruidosos que atroavam os ares com gritos, cantares e risadas, não prestara attenção áquellas vozes, e continuara a dormir.

Dadas estas breves e mui naturaes explicações aos dois cavalleiros que eram seus amigos, inquireu Luiz de Magalhães do escrivão todos os promenores do caso com muita curiosidade por lhe parecer lance de novella aquella tenebrosa historia, e concordou em que os trages dos serventes do Santo officio haviam sido disfarce para melhor exito da empresa. E logo chamou Roque Pereira para entregar ao cuidado d'elle os quatro esbirros, e con-

vidou o triste Mendanha a alvergar-se alli. Os dois cavalleiros deram o nome ao escrivão para a seu tempo declararem em que situação o tinham encontrado, e despediram-se de Luiz de Magalhães para continuarem a sua caçada.

Pouco depois entravam na sala Sebastião de Andrade e Zacharias de Abreu, e repetia-se a narração da surpresa feita á justiça e da fuga de D. Francisca.

— E eram muitos? perguntava o chistoso Zacharias com grande seriedade.

— Eu vi diante de mim quatro ou cinco, respondeu o escrivão, todos armados, e á beira da estrada uns seis ou sete, mas um dos meus officiaes contou mais de vinte. Se fossem apenas oito ou dez, haviam de levar uma lição que lhes fizesse lembrar para sempre o escrivão Mendanha.

— Sendo tantos, observou Sebastião d'Andrade, realmente era impossivel resistir.

XXIX

Deixemos o escrivão Mendanha a narrar aos tres estudantes como era numerosa a quadrilha que o vencera e manietara, e concedamos áquelles travessos rapazes liberdade plenissima de o desorien-

tarem. Os quatro esbirros que Roque Pereira guiara para a cosinha, sem lhes dar palavra e retirando-se logo para não lhes apparecer mais, estão muito bem entre o surdo-mudo e a velha ama que pouco fala, mas vae dar-lhes farta comida.

D. Francisca, rejuvenescida pelos trajes masculinos com que fizera as primeiras caravanas, dispensa de certo a nossa curiosidade nas estalagens e pousadas até chegar ao sitio onde volveremos a encontral-a, e Jeronymo de Lemos que só pensa na preciosa conquista de tão gentil e discreta mulher, desobriga-nos de o seguir pelas estradas muito incommodas da Extremadura. Acudamos onde o amor maternal lastima a ausencia do mancebo, e estuda os meios de o trazer de novo á tranquillidade do solar de Crestuma.

D. Mathilde de Noronha recebeu a carta do filho, e mandou immediatamente ao Porto o procurador e capellão da casa levar ao primo Bernardo de Lemos a somma avultada que emprestara ao rapaz, e uma carta em que lhe agradecia o serviço prestado em occasião de tanta urgencia.

Cumprido este dever, entrou com a fidalga de Crestuma o desejo de saber que circumstancia inesperada poderia ter obrigado o filho a partir com tamanha precipitação para a côrte. Não ia de certo a requerer a recompensa dos serviços de seus avós. Jeronymo de Lemos herdara a negligencia provin-

ciana em allegar feitos valiosos e em mendigar remunerações.

Aquella familia, como tantas outras, nunca faltara ás obrigações aristocraticas de sair com armas e cavallos a servir o Rei, em cujos livros tinha assentamento de fôro grande, e a defender o reino á fundação do qual assistira com os Coelhos de Riba de Vizella, os Souzas de Riba Douro, os Portocarreiros de Riba Tamega, e os Barbozas de Riba Souza, mas salva de perigos a corôa e a monarchia, os Lemos recolhiam aos Paços de Crestuma, orgulhosos das feridas recebidas, e dos gastos generosos, sem pensarem em outro galardão.

Não fôra pois á côrte collocar-se de atalaia, nos corredores e ante-camaras do Paço á caça de commendas, senhorios, alcaidarias môres, títulos e officios que outros supplicavam e obtinham, alardeando serviços imaginarios ou exaggerando os que tivessem feito. Tambem não acudira a Lisboa por causa de pleitos importantes, porque não havia demandas na casa de Crestuma.

Occorreu-lhe que Jeronymo de Lemos poderia ter emprehendido tão longa viagem com o proposito de trazer ao futuro cunhado e á irmã para presente do noivado o titulo de conde de Armar, porém o affecto maternal, apesar de intenso, não a cegava a ponto de julgar que o filho tivesse a aptidão necessaria para similhante empresa, ain-

da quando D. Francisca, de quem mui naturalmente se lembrou, o industriasse nos estylos e practicas da côrte, e lhe dêsse cartas de recommendação para o secretario de Estado e para outras pessoas poderosas. Mas o rapaz nem viera buscar a Paços de Ferrelra os documentos justificativos de pretensão, nem tratara nunca de satisfazer as ambições da mãe e de Luiz de Mattos a tal respeito.

Por mais que meditasse, não descobria a causa de tão repentina partida, e mais a inquietava o receio de que a demora de Jeronymo de Lemos na côrte tivesse de retardar o casamento da filha com Luiz de Mattos, que ella desejava ver realisado proxima-mente. D. Mathilde, na seriedade natural do seu character, entendia que o noivar prolongado nem sempre une mais os corações dos noivos, antes muitas vezes por tal fórma os sacia de affectos, que vem a desmanchar-se os casamentos com prejuizo das donzelas e na verdade sem grande decoro dos mancebos.

Á busca de solução para estas difficuldades, e desejosa de associar alguém ás suas pesquisas ácerca dos motivos que haviam determinado a viagem do filho, resolveu communicar a D. Maria Joaquina de Lemos a carta do irmão, e ouvir n'este grave negocio o seu parecer, sempre atilado e sizudo. Chamou-a pois ao quarto, e com gravidade superior á de qualquer ministro referindo em conselho aos seus collegas os perigos da monarchia, contou-

lhe a saída de Jeronymo de Lemos para a capital, e as differentes causas a que successivamente attribuiria aquella resolução.

Adivinhou logo a intelligente donzella que D. Francisca não seria estranha á inesperada determinação do mancebo. Conhecía a verdadeira índole d'aquella perigosa mulher; avaliava o despeito que lhe devia ter produzido a indiferença com que Luiz de Mattos a deixara partir; observara a assiduidade com que o irmão procurava aproximar-se d'ella nos ultimos dias; e não duvidava de que a supposta viuva tivesse aproveitado a companhia do mancebo na despedida para ajustar sitio e occasião em que se reunissem. Jeronymo de Lemos era boa presa na linhagem e nos haveres, e muito ingenuo e lerdo para resistir a tão industriosa sereia. A melhor desforra da ingratição de Luiz de Mattos seria reaparecer-lhe D. Francisca de Azevedo casada com o irmão da mulher.

Passaram rapidas no claro entendimento da donzella todas estas reflexões emquanto a mãe lhe referia todos aquelles casos, até que a leitura da carta do irmão a deixou convencida, pela singularidade dos successos, de que não se enganara. Já tinha acabado de ler, e ainda parecia não haver concluído, porque não sabia o que lhe cumpria fazer em tão melindrosa conjunctura, e fingindo ler a carta, meditava nas respostas que teria a dar.

— Então que te parece, Maria? exclamou D. Mathilde.

— Que me ha de parecer, minha mãe? Se v. ex.^a com os seus annos e conhecimento do mundo, não descobre a que foi a Lisboa o mano Jeronymo, como hei de eu entender essa mysteriosa aventura? É que realmente não descubro, e mais ás vezes póde ser qualquer coisa bem simples. A gente mata-se a adivinhar um segredo e succede depois que leva á mão o negocio revelado sem dar por semelhante coisa.

— Tudo isso é muito bem, replicou D. Mathilde, mas assim ficamos na mesma. Teu irmão não ia á côrte pela primeira vez sem cartas de recommendação, se o caso não fosse d'aquelles que o nosso padre Francisco chama de força maior, nem pedia ao primo Bernardo de Lemos tamanha somma, se não tencionasse demorar-se lá. Teria alguma desordem em que, obrigado á defeza propria, ferisse ou matasse alguém e tivesse de fugir para longe? Lembrou-me agora isto. Pobre rapaz...!

— Não creia em tal, minha boa mãe. A todos podem succeder desgraças d'essa ordem, mas alguém nos avisaria. O primo Bernardo, Gaspar Coelho, e o proprio Francisco d'Almada, já lhe teriam dado parte do triste acontecimento, ou a algum parente que nos viesse preparar para nova tão funesta.

— Eu realmente perco a cabeça em conjecturas. Desde hontem que não tenho descanso, e semelhantes agitações matam-me. Já não estou em idade de supportar grandes abalos. Valha-me Nossa Senhora! Nunca teu pae me fez chorar uma lagrima. Nem tu, nem teu irmão, me causaram até agora o minimo desgosto. Cuidei que me correria assim sempre a vida. Infelizmente Deus reseryou-me para a velhice tamanho desgosto! Triste de mim!

— Não se afflija minha mãe! Então está a chorar porque o mano lhe mandou dizer que ia á côrte? Nem que Lisboa fosse a Palestina, e este tempo o das cruzadas. Escreve-se aos nossos parentes da capital, e aos do Porto. Algum dará noticia do Jeronymo. E no fim de tudo em poucos dias voltará do Porto o padre Francisco sabedor de tudo, ou terá carta do mano, e ficaremos todos descansados.

— Eu não. Eu só descanso quando o vir ao pé de nós aqui n'esta casa. Não haver quem me guie em tão complicado labyrintho!

— É verdade, acudiu repentinamente a donzella. E eu que me não recordava de tal! Porque não manda chamar á Silva o primo Domingos de Sampaio?

— Ó filha, bem fiz eu em te consultar! Não me acudir á idéa o nosso bom primo! Aquelle sim que é homem de experiencia, de conselho, e

verdadeiro amigo d'esta casa! Vou já mandar lá.

N'essa mesma tarde chegava a Crestuma o alferes da Silva e subia as escadas cantarolando com a persistente alegria a que era attreito.

Tinham saído para a quinta as senhoras em companhia do capellão e do futuro genro de D. Mathilde de Noronha. O padre Francisco regressara do Porto n'essa tarde sem obter de Bernardo de Lemos outras noticias além das que já se sabiam em Crestuma. Luiz de Mattos viera, segundo costumava, passar o resto da tarde e parte do serão junto da noiva cujos dotes o captivavam cada vez mais.

Advertido pelos criados, Domingos de Sampaio tornou a descer a escada, deu volta por um dos lados do palacio, e entrando no jardim, viu na pequena elevação em que terminavam os pomares, as pessoas que procurava. Em um banco de pedra, á sombra de frondoso platano, estava D. Mathilde sentada entre a filha resplandecente de mocidade e graça, e o velho capellão sobre cujas vestes escuras caíam, agitados pela brisa da tarde, os longos cabellos brancos que lhe cercavam a calva, pendendo quasi até aos hombros. Em pé encostado ao carcomido tronco de um vetusto castanheiro contemplava Luiz de Mattos o mimoso semblante da noiva, a physionomia seria e bondosa do padre, e a serena dignidade de D. Mathilde.

O sol, proximo de esconder-se no horisonte,

mandava os ultimos raios ao oiteiro onde fôra sentar-se a familia de Crestuma, doirava esplendidamente as folhas já amarelladas do copado platano; e deixando em sombra o jardim e os pomares, illuminava nos penedos da montanha as palhetas metallicas de que os espelhara a natureza.

Já não cantava a infatigavel cigarra, mas ainda chilreavam nas arvores os bandos de passarinhos que se cruzavam nos ramos a buscar sitio mais commodo para se abrigarem durante a noite. Das casinhas do valle que se avistava do banco de pedra, principiava a sair fumo espesso produzido pelos carolos de milho que se iam queimando no lar, e ora se estendia sobre a terra em caprichosos contornos, ora se elevava em espiraes irregularmente airozas.

O ruido dos carros dirigindo-se para as povoações, as vozes dos lavradores recolhendo do trabalho, o sussurro dos moinhos e da agua das levadas a cujo impulso se moviam, o surdo tropel dos rebanhos de ovelhas, buscando apressadamente o conhecido aprisco, o mugido melancolico dos bois, e o som das peias de ferro nas egoas que volviam de pastar nos campos, animavam n'aquella hora o quadro que as senhoras de Crestuma tinham diante dos olhos. O ceo, abrazado no horisonte, dava aos sitios já desamparados do sol o tom affogueado e mimoso da flor do pecegueiro, e o dia ao despedir-

se parecia querer deixar na terra profunda saudade das suas galas e encantos.

Este quadro formosissimo em que o pequeno numero das figuras não distraia da contemplação da natureza o espirito do artista, teria tentado o admiravel pincel de Poussin. O proprio Claudio Lorrain, se pudesse observar o grupo formado pela familia de Crestuma á sombra protectora do platanô, teria confessado que a paisagem deserta é como o throno sem rei ou o altar sem sacerdote.

Domingos de Sampaio deteve-se alguns segundos a admirar a extraordinaria belleza da tarde que as brisas refrescavam suavemente, mas proseguir logo na direcção do sitio onde avistara as senhoras. Sabia apreciar os esplendores da natureza meridional o intelligente alferes da Silva, mas illudiriamos o leitor, se quizessemos persuadir-lhe que do estudo das humanidades com uns bons padres da aldeia brotaram em Domingos de Sampaio instinctos da poesia de Rembrandt e de Hobéma ou o gosto delicado e risonho de Paulo Poter.

Quando o nosso alferes via romper a aurora, nascer o sol ou sumir-se no horisonte, surgir a lua, e devassar com os seus raios o segredo das florestas, ou luzirem na ausencia d'ella com extraordinario brilho milhões de estrellas, ficava por largo espaço a deleitar-se na observação d'essas bellezas naturaes, e exclamava: *Esplendido dia! Formosa noite!*

mas não ia mais longe a poesia d'aquella boa alma que ninguém preparara para altos pensamentos d'arte e a que as propensões jocosas tinham dado direcção, em verdade, pouco sentimental.

Luiz de Mattos e a noiva, mal avistaram Domingos de Sampaio, desceram do outeiro a encontrar-se com elle no pomar, e D. Mathilde permaneceu sentada a conversar com o capellão. Julgaram os noivos que seria conveniente prevenir o alferes, e em poucas palavras narraram-lhe todo o caso, e o motivo que obrigara a velha fidalga a mandar-lhe pedir que viesse a Crestuma. Entretanto D. Mathilde perguntava pela centesima vez ao padre Francisco, se não teria colhido alguma nova de Jeronymo de Lemos que lhe houvesse fugido da memoria, e o bondoso capellão assegurava de novo que não pudera descobrir coisa nenhuma além do que já dissera.

— Aqui me tem, prima Mathilde, ás suas ordens, exclamou Domingos de Sampaio ao aproximar-se da fidalga. Quando v. ex.^a ordena, eu repito com os meus botões o nosso proverbio: *Capitão manda, marinheiro obedece*.

— Eu não mando nada, primo Domingos. Pelo contrario em vez de mandar, peço o seu conselho e o seu auxilio n'esta conjunctura tão angustiosa para o coração de mãe. Minha filha e meu sobri-

nho de certo lhe disseram já o successo que a todos nos inquieta e atormenta.

— Tudo me contaram, replicou o alferes, mas, a falar a verdade, não vejo motivos para grandes afflicções. O Jeronymo foi á côrte. Fez muito bem. Seu avô viveu lá a vida inteira. Ha de mandar novas suas, principalmente quando se lhe acabar o dinheiro que em Lisboa não dura muito. Não vejo causa para tantos cuidados!

— É o que eu digo também, observou a donzella.

— Eu sou da mesma opinião, ponderou o padre. O fidalguinho procedeu sempre muito bem. Suspeitar mal porque não sabemos o que está fazendo agora, parece-me, salvo o respeito devido á sr.^a D. Mathilde, falta de caridade.

— Eu já me offereci para ir saber d'elle, acudiu Luiz de Mattos, porém a tia não dá licença.

— Não dou, não senhor. O seu lugar é ao pé da sua noiva. Eu hei de encontrar quem me preste o serviço de ir buscar o filho prodigo. Estes meus cuidados talvez sejam excessivos. Não digo que não, nem que sim. Mas eu sou mãe, e mãe acostumada a ter os filhos perto de si. Os outros por mais parentes que sejam do meu Jeronymo, não sentem, não podem sentir o que eu sinto. O meu coração anda como se presagiasse alguma grande desgraça.

— Mas, prima Mathilde, disse Domingos de Sam-

paio commovido por lhe parecer maior o mal do que a fidalga de Crestuma podia imaginar, que se ha de fazer? Que deseja v. ex.^a que se faça? Todos aqui estamos ás suas ordens.

— Todos...! A Maria não ha de ir correr mundo a procurar o irmão. O Luiz na falta do Jeronymo é como se fosse meu filho. Não me ha de desamparar. O sr. padre Francisco não póde emprehender grandes jornadas. Deus sabe como chegou hoje do Porto...

— Cheguei bem, minha senhora, interrompeu o capellão. V. ex.^a não ignora que estou n'esta casa ha quinze annos, tratado como se tivera nascido n'ella, e que, se morresse no seu serviço, acabava no meu posto, mas sem pagar, ainda assim, as obrigações que lhe devo. Deus dá ás vezes forças aos mais debéis para cumprirem os seus decretos...

— Bem conheço as suas virtudes, padre Francisco, e o amor que nos tem a todos, mas a sua idade é muita, e a sua saude fraga. Não póde sair d'aqui. E veja, primo Domingos, como todos no fim de contas vem a ser nenhum!

— Tu entendes o que minha-tia quer dizer? perguntou Luiz de Mattos sorrindo e batendo amigavelmente no hombro do alferes.

— Entendo muito bem, e não me esquivo nunca ao cumprimento dos meus deveres, respondeu Domingos de Sampaio. Quando quer v. ex.^a que eu parta para Lisboa?

— Pois o primo realmente quer... replicou D. Mathilde com lagrimas de jubilo e de confiança a embargarem-lhe a voz.

— Quero, accrescentou o alferes, tudo o que v. ex.^a quizer e eu possa fazer em serviço d'esta casa. *Nas occasiões é que se conhecem os amigos*, diz o proverbio.

D. Mathilde levantou-se e veio apertar as mãos de Domingos de Sampaio, Luiz de Mattos e a noiva abraçaram-o cada um do seu lado, e proclamaram alli todos que a familia de Crestuma não tinha melhor parente, nem mais dedicado amigo.

O padre Francisco assistia enternecido a esta scena de familia, e agradecia a Deus em oração intima ter inspirado ao alferes a resolução que tanto socejava o espirito da sr.^a D. Mathilde.

Seria grande temeridade, e talvez proterva injustiça, conjecturar que a resolução do alferes da Silva proviesse do desejo de aproximar-se de D. Francisca com pretexto não só decente mas honroso. É fraca sem duvida a natureza humana, e Domingos de Sampaio já não viera ao mundo destinado a ser excepção da regra geral, porém n'esta conjunctura o primeiro impulso do seu animo nasceu da bondade que lhe era natural, e da affeição que sempre tivera ás duas familias de Paços de Ferreira e de Crestuma.

Não ousariamos jurar que a fatal influencia d'a-

quella mulher não contribuisse para o determinar mais depressa a ir correr terras apoz o filho de D. Mathilde, com sacrificio do tempo necessario á administração dos seus bens, e com despeza de certo muito superior aos rendimentos da casa da Silva. Queria sem duvida a fidalga de Crestuma pagar todas as despesas, mas nem era facil propôr esta clausula, nem Domingos de Sampaio a acceitaria. A nobreza das provincias n'aquelles tempos era tanto mais altiva quanto mais carecia de riqueza.

Sabia o alferes da Silva que a viagem a Lisboa, a residencia na côrte e o regresso á provincia lhe custariam sommas avultadas que não possuia e que teria de tomar de emprestimo, mas preferia gastar dois annos do seu rendimento a receber de parentes e amigos a minima gratificação, por mais delicados que fossem os meios empregados para o obrigar a acceital-a.

Momentaneamente chegou a arrepender-se da facilidade com que annuira a ir procurar por esses mundos de Christo o estouvado fidalguinho de Crestuma, porém era tarde para retroceder depois de ter acceitado os agradecimentos de D. Mathilde, da noiva e de Luiz de Mattos.

Emquanto Domingos de Sampaio considerava nas difficuldades da empresa que tomara sobre os seus hombros, D. Mathilde ponderava ao capellão



quanto a sua familia ficava devendo á dedicação do alferes, e Luiz de Mattos e D. Maria, parecendo conversar ácerca do mesmo assumpto, por ventura repetiam pela millesima vez as ternas confidencias dos namorados, proximos a unirem para sempre a sua sorte. O sol já perdera a força dos raios com que abrazara a terra, e o disco luminoso tocando no horisonte, parecia deter-se a contemplar aquelle grupo de gente boa e honrada.

Tornaram a sentar-se para gosar da frescura da tarde, mas em breve o som do sino da freguezia, tocando as *Ave Marias*, veio recordar que a noite ia já envolvendo aquelles sitios. Á primeira badalada levantaram-se todos e de mãos erguidas aguardaram que o padre Francisco entoasse as orações.

Recitou o bom sacerdote o texto latino em que se refere a annunciação do anjo á Virgem Santissima, e murmuraram com elle a saudação angelica. Depois disse na mesma lingua a submissa resposta da escrava do Senhor, e rezaram todos a segunda *Ave Maria*. E terminando com o *Verbum caro factum est* do Evangelista, pela terceira vez disseram em côro a mesma saudação.

— Deus Nosso Senhor dê a vv. ex.^{as} muito boas noites, exclamou o padre Francisco depois de fazer o signal da cruz ao mesmo tempo que as senhoras e os homens presentes.

— Muito boas noites, sr. padre Francisco, responderam todos, indo D. Maria e Luiz de Mattos beijar respeitosamente a mão de D. Mathilde.

Estes costumes patriarchaes da oração ás Trindades, e das acções de graças antes e depois da comida, eram no principio d'este seculo geralmente praticados em Portugal, e ainda hoje se não perderam de todo em algumas regiões mais reconditas da provincia. Nas cidades é que parecemos quasi envergonhados de acreditar em Deus!

D. Mathilde observou que eram horas de recolher, e o padre Francisco pediu licença para ir mais depressa por ter de dar varias ordens aos criados da lavoura ácerca dos trabalhos do dia seguinte. Luiz de Mattos seguiu adiante com a noiva, e logo depois ia vagarosamente, como lh'o requeria a idade, a velha fidalga com o alferes da Silva.

— Realmente, primo Domingos, disse D. Mathilde de Noronha depois de caminhar por breve espaço em silencio, eu fui imprudente em acceitar a sua generosa offerta. É na verdade sacrificio extraordinario a todos os respeitos a viagem que vae emprehender, desamparando os negocios da sua casa, e deixando a prima só, talvez durante alguns mezes.

— Não falemos mais n'isso, minha prima, respondeu o alferes. Isto de sacrificios e obsequios é

reciproco. Lá diz o proverbio: *Hoje por nós, amanhã por vós.*

— Pois sim, bem sei que não lhe pesa de nos obsequiar, e muito lh'o agradeço. Esta fineza ha de ficar registada no testamento com que eu morrer, se Deus me der tempo de testar. Na minha herança passará, como encargo a todos os meus descendentes, a gratidão á casa da Silva pelo affecto com que o primo nos trata n'esta occasião. Custa-me porém que vá sósinho por todo esse reino. Tenho pensado que Luiz de Mattos póde e até deve acompanhá-lo.

— Mas ainda ha pouco a prima dizia, e muito bem, que o logar d'elle era junto da noiva e a servir a v. ex.^a de filho na ausencia do Jeronymo.

— Disse, é verdade. Eu tenho para mim que os noivos não devem separar-se até casarem. O Luiz é muito amigo da Maria, porém, indo á côrte, Deus sabe o que poderia acontecer, e seria grande infortunio, porque minha filha tem-lhe muita afeição. Ao menos quero que esta rapariga não seja desgraçada, já que, Jeronymo desapareceu por semelhante modo.

— É certo, observou o alferes, que o proverbio diz: *Longe da vista, longe do coração*, mas seu sobrinho está muito apaixonado, e é moço de brio. Não deixaria sua prima co-irmã exposta ás supposições da gente maldosa.

— Sem duvida, mas indo elle com o primo Domingos, não tenho nenhum receio, e por isso consinto em que vá.

— Mas, se v. ex.^a, e com razão, quer evitar os inconvenientes dos casamentos muito demorados, parecia-me que era melhor casal-os já. Se elles querem e v. ex.^a também, e se a dispensa já está prompta, porque não os casaremos quanto antes?

— E o Jeronymo? objectou D. Mathilde. Que dirão os parentes e amigos d'esta casa, se eu os chamar a assistir a uma boda em que falta o irmão da noiva e o representante da familia de Crestuma?

— E que necessidade tem a prima Mathilde de convidar toda essa gente? Faça o casamento *à capucha*, como se diz vulgarmente, e se alguém estranhar, responde-se que, estando ausente o Jeronymo por causa de negocios de familia, e não podendo assistir á solemnidade, se convidaram só os padrinhos e madrinhas, ficando para a chegada d'elle as festas e regosijos. *O que se não faz no dia de Santa Maria, faz-se no outro dia*, diz o adagio.

Agradou a proposta a D. Mathilde que desejava assegurar a felicidade da filha, e depois de breves ponderações ficou assentado que se faria o casamento dentro de quinze dias e que depois sairia o alferes da Silva a descobrir onde parava o herdeiro dos Lemos de Crestuma.

XXX

Dava esta resolução a Domingos de Sampaio o tempo necessario para tomar as providencias que naturalmente exigiam os negocios da sua casa, e para colher algumas informações ácerca do modo extraordinario pelo qual Jeronymo de Lemos desapparecera da serra do Mósinho, onde fôra, como já dissemos, por causa d'aquella grande caçada promettida por Luiz de Mattos para maior esplendor das suas bodas.

Communicou o alferes da Silva aos noivos o que tinha combinado com D. Mathilde de Noronha, e recebeu os agradecimentos de ambos, com quanto á fidalguinha de Crestuma pezasse da ausencia do irmão no dia mais solemne da sua vida, principalmente por não saber ao certo onde parava e que motivo o impellira a ir á capital. E como D. Mathilde entrasse no interior do palacio a ordenar com o padre Francisco varios negocios domesticos, Luiz de Mattos e D. Maria de Lemos aproveitaram o ensejo para fazerem mil perguntas a Domingos de Sampaio.

— Valha-os Nossa Senhora! respondeu o alferes quando lhe deram occasião de falar! Eu nunca vi crianças assim! Pois não se lembram de que me

mandaram chamar e que eu não sabia nada? Agora estou na mesma.

— É que o primo Domingos ás vezes adivinha! observou a noiva.

— E quando não adivinhas, acodem-te umas supposições que vem a realisar-se quasi sempre. Que te parece isto tudo? Diante de minha tia não se póde conversar á vontade. Bem sabes que se lhe não disse nada ácerca de D. Francisca, e eu estou persuadido que o Jeronymo foi colhido na rede d'aquella terrivel mulher.

— Assim me parece, replicou o alferes, mas se ella está no Porto, para que foi o Jeronymo a Lisboa? E andando á caça no Mósinho, que noticia imprevista o obrigou a partir? Confesso-lhes que não entendo nada d'isto.

— O primo podia escrever a Gaspar Coelho, indicou a irmã de Jeronymo de Lemos.

— Já me lembrei d'esse meio, porém Gaspar Coelho não merece grande confiança, e tal será o caso, que elle seja interessado em occultar a verdade. Só falando-lhe, é que poderei constrangel-o a dizer tudo. N'estes negocios, como em quasi todos, *quem quer, vae, e quem não quer, manda*, segundo resa o proverbio. Eu já fazia tenção de não passar no Porto sem o procurar.

— A nossa unica esperanza é o primo Domingos, disse a noiva de Luiz de Mattos, e nenhuma

outra pessoa pôde deslindar esta meada, porque ninguém a conhece tão perfeitamente.

— O peor, acudiu o fidalgo de Paços de Ferreira, é o incommodo que tu vaes ter por nossa causa. Realmente só um amigo como tu era capaz de semelhante sacrificio.

— Não falemos n'isso, e mudemos de conversação, que a prima Mathilde vem ahi. Emquanto fôr possível, devemos empenhar-nos em que não conheça a fundo a gravidade do negocio. Pobre senhora! Se soubesse quem é D. Francisca, e os perigos a que ella pôde arrastar o Jeronymo!

A velha fidalga interrompeu esta conversação, e Domingos de Sampaio despediu-se logo para regressar á quinta da Silva.

Seriam nove horas da noite. A lua cheia allumiava com o pallido clarão as montanhas e os valles, e os raios da sua luz suave e melancolica penetrando por entre os ramos das arvores desenhavam nas barrocas immediatas á quinta de Crestuma caprichosos arabescos, formando aqui e acolá sombras phantasticas a que as brisas davam movimento e transfiguravam por diversos modos. De vez em quando um coelho bravo saía do matto até á beira da estrada, sentava-se erguendo o corpo perpendicularmente, afagava o focinho com as patinhas de diante, olhava a um e outro lado, e quando o alferes se ia aproximando, atravessava rapidamente

diante do cavallo para os campos que ficavam do outro lado do caminho.

Estavam abertas as represas da serra, e as aguas despenhavam-se com fragor procurando pelos regos anteriormente abertos os prados artificiaes que n'aquella parte da provincia de Minho tem o nome de lameiros. Alli, dividindo-se por sulcos parallellos, corriam por toda a parte, e illuminadas pela claridade da lua pareciam veios de prata cortando aquelles formosos declives de verdura. De um e outro lado das barrocas coaxavam as rãs com incessante ruido, que mais ou menos distincto se prolongava até onde se iam estendendo as aguas, formando um dos mil concertos com que a natureza parece solemnizar as differentes horas do dia e da noite.

Domingos de Sampaio absorvido pela gravidade do negocio em que de novo se envolvera, e acostumado a todas aquellas diversões campestres, não se distraía das suas cogitações, e quasi deixava caminhar sem governo o cavallo em que montava, e que sem necessidade de direcção seguia direito á quinta da Silva, rinchando alegremente á proporção que se aproximava da ração de milho e cevada, d'antemão lançada pelo criado na pia da vasta manjadoira de pedra.

Perto de Louredo, e em sitio onde as arvores mui copadas e frondosas não deixavam penetrar os raios da lua, cuidou ver ao longe, sentado nas

pedras ao lado da estrada, um homem armado de espingarda. O lugar, longe de povoado, era favorável a qualquer intento criminoso, e na serra que não gosava créditos de segura, tinham dias antes roubado um lavrador que voltava da feira de Freiamunde onde fôra vender duas juntas de bois. O alferes da Silva, porém, não era medroso, e além da sua espada preta que lhe fôra sempre companheira inseparável, trazia nos coldres duas pistolas carregadas. Continuou pois a caminhar para a passagem sombria onde parecia aguardal-o alguma perigosa aventura.

Quando ia entrando sob as arvores, o homem armado levantou-se, e foi collocar-se no centro do caminho, como se meditasse embargar-lhe o passo. Domingos de Sampaio, disposto a defender-se com vigor e persuadido de que aproximando-se podia impedil-o de servir-se da espingarda, metteu o cavallo a trote e foi direito ao encontro do supposto aggressor.

— Muito boas noites, sr. alferes, bradou uma voz conhecida. Hoje demorou-se muito. Ha mais de uma hora que o estou esperando aqui.

— Boas noites, sr. Thiago José Torres, respondeu dando uma risada o bom do alferes. Bem certo é o adagio: *estudante, meliante!* Que faz por aqui a esta hora em vez de estar no seu quarto a queimar as pestanas? E depois se o reprovarem no

exame? Eu a cuidar que tinha ladrões na frente, e sae-me a final um aprendiz de padre!

— Creio que não se assustou muito, disse o rapaz. V. s.^a passa por não ser dos mais timoratos.

— Assim, assim, retorquiu o alferes, mas vamos lá, sr. estudante. Estava á minha espera. Tem que me dizer alguma coisa?

— Tenho sim. Queria perguntar-lhe se em Crestuma havia noticias do Jeronymo. Eu sou muito amigo d'elle. Mandeilhe duas cartas de uma senhora do Porto e á segunda elle mandou-me por um homem de Melres os cães de caça para que lh'os guardasse até nova ordem, porém de modo que em Crestuma se não soubesse. Eu assim fiz. Mandeilhe para casa de meu tio José em Gondalães, mas elle não os póde aturar lá. Estragam-lhe tudo, e comem muito. Não sei o que hei de fazer, e vinha consultar com v. s.^a.

Domingos de Sampaio apeou-se, e tomando o cavallo pela redea sentou-se em uma das pedras convidando o mancebo a sentar-se junto d'elle.

Thiago José Torres era, como lhe chamara o alferes, aprendiz de padre, e filho de um lavrador honrado a quem os litigios judiciaes com os irmãos, ácerca da successão dos prazos, iam empobrecendo com manifesto proveito de procuradores, escrivães e advogados. Albino Torres, pae d'este rapaz, havia muitos annos que andava consumindo o tempo

e o rendimento dos seus bens pelos cartórios dos empregados de justiça nas Paredes e em Penafiel, além das jornadas ao Porto a que o obrigavam os aggravos e as appellações. Entretanto corriam sem a direcção do dono na sua casa de Louredo os trabalhos agricolas, e no fim do anno era cada vez menor a colheita. Por isso o filho pedira ao tio para guardar os cães de Jeronymo de Lemos e não ousara trazel-os para a fazenda do pae.

Era Thiago Torres muito amigo de Jeronymo de Lemos. Esta affeição nascida nos primeiros annos, quando ambos aprendiam o alphabeto com o reverendo capellão de Crestuma, robusteceu-se depois pela benevolencia constante do fidalgo que tratava quasi por irmão o filho do lavrador, dando-lhe em publico as maiores demonstrações de confiança.

Era tão conhecida a intimidade dos dois mancebos que, se algum caseiro ou agricultor da vizinhança, na maior força do verão, queria pedir os sobejos da muita agua da quinta de Crestuma ou qualquer outro auxilio dos que prestam as casas ricas aos lavradores menos abastados, era Thiago Torres quem escrevia ao fidalguinho, e tudo se fazia logo como elle o requeresse.

Não fôra prodiga a natureza com Jeronymo de Lemos nos dotes do espirito. Pelo contrario Thiago Torres tinha larga intelligencia. O fidalgo era caçador infatigavel; o estudante raras vezes saia á

caça e applicava-se inteiramente ao estudo. O filho de D. Mathilde obedecia em todos os assumptos ás primeiras sensações; o amigo nunca resolvia sem pensar maduramente. Eram de temperamento e condições mui diversas, e por ventura esta circumstancia contribuia poderosamente para lhes fortalecer a amizade reciproca. Parecia que um d'elles prezava no outro as qualidades que lhe faltavam, e que ambos julgavam completar pela mutua união a obra imperfeita do Creador.

Domingos de Sampaio depois de ouvir todas as informações que lhe podia dar o estudante, disse-lhe que os cães iriam para Paços de Ferreira, e até para Crestuma, porque sabendo D. Mathilde da partida do filho para a côrte, de certo não cuidava que elle tivesse levado comsigo a matilha. E como Thiago Torres lhe perguntasse, se Jeronymo de Lemos fôra para Lisboa e quando voltava, contou-lhe o que sabia a tal respeito, os receios que lhe causava o procedimento do mancebo, e a resolução que tomara de ir procural-o para trazer á casa materna o filho prodigo. Concluiu ponderando o perigo de que D. Francisca arrastasse aquelle pobre rapaz a situação em que se maculasse para sempre e envergonhasse a familia e todos os parentes, e o receio de que D. Mathilde succumbisse a tamanhos desgostos.

Thiago ouviu quanto esteve narrando o alferes,

e não disse uma palavra. Quando Domingos de Sampaio cessou de falar, o mancebo encostou a arma a uma das pedras, levantou-se, e poz-se a passeiar agitado na estrada de um para outro lado. Era evidente que o seu espirito reflexivo procurava qualquer combinação proveitosa para Jeronymo de Lemos. Parou a final defronte do alferes, ainda meditando mas já com o semblante animado de quem julgava ter encontrado algum meio de ser util ao seu amigo de infancia.

— Então que diz a tudo isto, sr. Torres? perguntou Domingos de Sampaio.

— Digo que as minhas ferias principiam segunda feira, e que tenho dois mezes inteiramente livres para dispôr de mim, segundo me aprouver. É no que eu tenho estado a pensar.

— E para que servem n'este caso os seus dois mezes de ferias? retrucou o alferes mui desviado dos intuitos do estudante.

— Provavelmente não servirão para nada, mas eu ficarei descansado por ter cumprido o meu dever. V. s.^a vae procurar Jeronymo de Lemos a Lisboa, e eu vou tambem.

— Excellente coisa seria essa, e propria de verdadeiro amigo, porém o sr. Torres no fervor da sua affeição ao Jeronymo, não pensou nas difficuldades praticas do seu intento. *Dizer é uma coisa, e fazer é outra*, resa o proverbio.

— Mas eu, replicou o estudante, penso antes de falar, e faço o que digo. A não ser que v. s.^a tenha em pouco o meu auxilio...

— Não senhor, respondeu o alferes. Eu sempre segui o adagio: *Mais vêem quatro olhos que dois*. Porém a sua generosa resolução tem grandes difficuldades que talvez não lhe occorreram. Não sou rico. Para fazer esta viagem terei de pedir dinheiro emprestado, e bem vê que não posso acceitar nenhum auxilio de minhas primas de Crestuma. O sr. Torres tem poucos meios, e não ha de incomodar seu pae com similhante despeza. De modo que não terá para os gastos da viagem, nem eu, como aliás desejaria muito, posso abonar a somma necessaria, que não será pequena. Ahi tem como a triste realidade das coisas obsta aos nossos melhores pensamentos.

— Eu pensei n'isso tudo, e creio que essas difficuldades se removem facilmente. Crê v. s.^a que a minha companhia lhe póde ser util?

— N'isso não póde haver duvida. Não só util, mas utilíssima.

— Pois então irei a Crestuma pedir á sr.^a D. Mathilde para que me dê o dinheiro indispensavel para essa despeza. V. s.^a é um cavalheiro e primo das fidalgas. De certo que não ha de acceitar nenhum auxilio d'ellas. Ou irá a Lisboa á sua custa ou ficará na sua quinta da Silva.

— Irei por todos os modos, custe o que custar, porque sou muito amigo d'aquellas senhoras. Foi para estes casos que se inventou a phrase: *Fazer das tripas coração*.

— Muito bem, porém eu não estou nas mesmas circumstancias. Sou filho de um lavrador honrado, mas sem aspirações a hombrrear com os fidalgos. Na minha familia não ha nobreza senão a do proceder, em que sempre se distinguiram meus paes. Creei-me com o Jeronymo. Devo-lhe muitas finezas. É minha obrigação correr onde possam perigar a honra e o futuro d'elle. Á familia cabe ajudar-me e de certo se não recusará. A sr.^a D. Mathilde póde servir de modelo ás mães de familia.

— Feliz lembrança, sr. Torres! Dê cá um abraço. Iremos juntos, exclamou Domingos de Sampaio com verdadeira satisfação. Já me tinha lembrado esse meio, porém não sabia até que ponto lhe conviria empregar-o.

— Acha v. s.^a, perguntou o estudante, que me fica mal a mim, homem do povo e pobre, pedir e acceitar semelhante auxilio?

— De nenhum modo. E até se o não quizer solicitar, irei eu mesmo lembrar a conveniencia de lhe pedirem que me acompanhe, e a necessidade de lhe proporcionarem os meios.

— Não senhor. Quero ir eu proprio. Não adoeço de viciosas vergonhas, e desejo que as senhoras de

Crestuma tenham por espontanea, como é e devia ser, a minha dedicação.

— Dê-me outro abraço, disse Domingos de Sampaio cada vez mais encantado do mancebo. Vá amanhã a Crestuma, e eu vou para a Silva que já é muito tarde.

Despediram-se, seguindo o estudante para a sua modesta casa de Louredo, e o alferes para a quinta da Silva, onde D. Josepha de Barboza tendo já adormecido os filhos, estava seroando com as criadas á espera do marido. Mal sentiu abrir o portão da quinta e entrar na avenida um cavalleiro, acudiu á porta a receber Domingos de Sampaio, dizendo-lhe de longe:

— Tenho grande novidade para te dar.

— Faça Deus que seja boa, respondeu o alferes.

— Nem boa, nem má. É novidade.

— Então que succedeu? perguntou Domingos de Sampaio já subindo a escada, e tendo dado ao criado varias ordens para o dia seguinte, sem mostrar grande pressa de saber o caso annunciado por D. Josepha.

— Chegou o desembargador Gaspar Coelho.

— Chegou aonde? exclamou o alferes parando no meio da escada.

— Chegou aqui hoje de tarde, mas não quiz ser nosso hospede para não escandalisar meu cunhado

da Egreja, que é seu parente proximo. Demora-se amanhã em casa de Luiz Coelho, e parte no dia seguinte para Montalegre em diligencia de serviço que não será muito demorada.

— Ora queira Deus, disse o alferes acabando de subir a escada, que não seja como a diligencia em que foi á ilha das Cobras por ordem do Marquez de Pombal o José de Mascarenhas, escrivão da alçada do Porto nos tumultos da Companhia, que lá ficou preso por toda a vida. *Tantas vezes vae o cantaro á fonte que por fim quebra*, diz o proverbio.

XXXI

No dia seguinte foi Domingos de Sampaio visitar o desembargador Gaspar Coelho, porém antes de partir para a casa da Egreja, deu parte a D. Josepha de Barboza de quanto lhe tinham dito em Crestuma, e do que passara com o estudante de Louredo no encontro da noite antecedente. E lastimando-se de não poder evitar as despezas da viagem á côrte, que iam emprehender, pedia o conselho da mulher como se tivesse posto a condição do seu consentimento.

D. Josepha que em todos os assumptos era dis-

creta e sizuda, concordou em que o marido não devia esquivar-se a qualquer serviço util á familia de Paços de Ferreira ou á de Crestuma, e no tocante ao dinheiro, indispensavel para tão custosas jornadas, referiu-lhe que na vespera viera o procurador dar aviso de estarem promptos os mandados para levantar do deposito cerca de quatro contos de réis a respeito dos quaes sustentava a casa da Silva prolongada demanda com os Mendes de Vasconcellos, de Villa Boa de Quires, e que em ultima instancia lhe haviam sido julgados.

— Ainda bem, dizia Domingos de Sampaio, que tu approvas o que eu fiz. Entendi que sendo parente e amigo d'aquellas familias, era obrigado a todos os sacrificios possiveis para lhes salvar o decoro, e restituil-as á sua antiga tranquillidade. Não é coisa nova. Vou unicamente continuar a minha obra.

— Eu concordo contigo, Domingos, mas não é por sermos parentes nem amigos de Paços de Ferreira ou de Crestuma. As minhas razões são outras, e já que tão entendido és em proverbios, não será para estranhar que eu, aprendendo contigo, recorde aquelle adagio: *Onde se dão, ahí se apanham*. Tu ajudaste a armar estes negocios todos para te divertires á custa de Luiz de Mattos, e agora sae-te cara a brincadeira. Tem paciencia. Já perdeste em casa de Luiz de Mattos muitos dias

necessarios para os negocios da tua familia. Agora consumirás semanas e mezes para teu castigo.

— E no fim de tudo dizes bem, como sempre. *Parentes são os meus dentes*, ensina o proverbio, e se os dentes não tiverem que trincar, não hei de ir pedil-o aos primos. Entretanto os escrupulos de consciencia que me levaram a Paços de Ferreira, obrigam-me agora a ir a Lisboa.

— Se ao menos te servisse de emenda este caso para te deixares de petas e lograções em que afinal és tu o mais logrado, porque te compadeces das victimas, e vens a pagar a tua obra a peso d'oiro ou em sacrificios ainda maiores!

— Olha! Muitas vezes assim tem acontecido.

— Muitas vezes? Sempre. Vê lá agora. Luiz de Mattos casa bem; Maria de Lemos igualmente; a tal D. Francisca perde um e apanha outro que não é somenos; o proprio Jeronymo diverte-se como gosta, e dá-lhe para tudo a opulenta casa de que é herdeiro. Só tu gastas tempo e cabedal inutilmente, e vives em continuados receios de que alguem padeça por causa dos teus gracejos. Emen-da-te, Domingos. Peço-t'o encarecidamente.

— Pois sim. Deixa estar. Eu até hei de vir a transformar-me em tolo como os outros todos. Descança que não inventarei mais nenhum ardil para me distrair á custa alheia. Ninguem me encarregou de corrigir patetas. Se Deus os fez assim, não

posso eu mudar-lhes a natureza. *Sua alma, sua palma*, como diz o proverbio.

— Era a maior satisfação que me podias dar.

— E has de tel-a. Eu afinal é que pago as custas, e venho a ser mais palerma do que elles.

N'este excellente proposito de salutar emenda saiu o alferes em direcção á casa da Egreja onde o estava esperando Gaspar Coelho. O joven desembargador depois dos cumprimentos proprios de dois amigos que se encontram, disse a Luiz Coelho e á mulher que ia dar um passeio com Domingos de Sampaio até á margem do Sousa, e saiu pela estrada que das Paredes leva ao sítio chamado das Pias, onde á sombra de frondosos castanheiros podiam conversar mais livres de qualquer importuno ou curioso.

— Ahi contou Gaspar Coelho ao alferes, admirado de tão estranhas novidades, como fôra reprehendido por Francisco de Almada, e D. Francisca presa e enviada sob a guarda de officiaes de justiça para Lisboa. Accrescentou que recebera uma carta d'ella da cadeia da Portagem de Coimbra, accusando-o de a ter desamparado em tão affictivo lance, e communicando-lhe que em breve outros amigos mais fieis e decididos a libertariam da ignominia de que elle não soubera livral-a, se é que não consentira em tudo com traiçoeira ingratidão e negra perfidia para se forrar a trabalhos e despesas.

Disse mais o moço desembargador que, poucos dias depois, o chamara de novo Francisco de Almada, ordenando-lhe da parte do principe regente que partisse immediatamente para Montalegre, onde encontraria instrucções de Sua Alteza ácerca do serviço que lhe era destinado; e particularmente na qualidade de amigo de seu pae lhe communicara que D. Francisca fôra arrebatada á justiça perto de Leiria por um bando numeroso de homens, disfarçados em serventes do Santo officio, e que tendo ella fugido da Inquisição por industria de Gaspar Coelho, recaíram logo n'elle as suspeitas de que tivesse preparado esta embuscada, sendo como era attreito a desprezar os preceitos da moral e da religião, as disposições das leis e o decoro da classe a que tinha a honra de pertencer.

Gaspar Coelho pediu licença para ir a casa e voltou com a carta de D. Francisca, cujos termos desabridos podiam abonar a innocencia d'elle. Parece que a leitura do documento causara sensação em Francisco de Almada, e que o austero magistrado promettera interpor o seu valimento para justificar o accusado. Recommendará-lhe porém que obedecesse immediatamente ás ordens do Principe, submissão que lhe seria levada muito em conta na côrte, e por isso o desterrado desembargador esperava achar em Montalegre a licença de regressar ao exercicio das suas funcções.

Concluída esta narração ponderava Gaspar Coelho quão ardilosa era por natureza D. Francisca, e como sabia escapar a todos os perigos. Não atinava porém com os novos protectores que tão ousadamente a tinham arrancado ás mãos da justiça. Ahi lhe prestou vigorosos indícios Domingos de Sampaio, narrando-lhe o desaparecimento do fidalgo de Crestuma, e a sua partida inesperada para Lisboa com a somma consideravel que lhe emprestara no Porto o primo Bernardo de Lemos.

— Jeronymo de Lemos partiu com dois criados mui conhecidos no Porto por valentões, accrescentou o alferes da Silva, e como levava dinheiro não lhe seria difficil arranjar outros bandidos que o auxiliassem na empresa. Eu cá estou persuadido de que foi elle o autor do rapto de D. Francisca.

— Foi de certo, exclamou Gaspar Coelho espantado de tamanhas novidades. Pobre mancebo! Está perdido sem remedio!

Em quanto o antigo protector de D. Francisca assegurava a Domingos de Sampaio que procuraria affastar-se para sempre de tão funesta creatura, de cujo character inquieto e ambicioso tinha colhido amargos e successivos dissabores, saia de sua casa de Louredo para a de Crestuma o estudante Thiago José Torres, cuja amizade a Jeronymo de Lemos lhe inspirara a nobre resolução de consagrar dois mezes a procural-o na côrte ou em qualquer outro

sítio do reino, protestando não regressar ao conselho de Aguiar de Sousa sem o trazer são e salvo na sua companhia.

Hesitaria qualquer outro homem antes de se resolver a ir solicitar de D. Mathilde de Noronha o dinheiro necessario para a viagem, receando que tamanho zelo fosse tido em conta de pretexto para ver á custa alheia as principaes terras do reino, mas Thiago Torres tinha fé na pureza de suas intenções, e a rectidão da consciencia animava-o a desprezar as supposições injustas que a maldade alheia pudesse fazer.

A velha fidalga que não o tornara a ver desde que o filho se ausentara, e que sabia a affectuosa amizade com que se tratavam desde a infancia, recebeu com grande benevolencia o estudante, porém as lagrimas embargaram-lhe as primeiras palavras em que principiava a falar-lhe do seu querido Jeronymo. D. Maria aproximou-se da mãe e procurou consolal-a á força de carinhos.

— Isto não é nada, minha filha, disse D. Mathilde enxugando os olhos. E o sr. Thiago desculpa-me. Eu sou mulher e mãe. Por mais que faça, não posso occultar nem uma coisa nem outra.

— A sua presença, accrescentou D. Maria emquanto a velha fidalga limpava de novo as lagrimas, avivou-lhe a recordação de meu irmão. Bem vê que a saudade é natural n'ella. Em mim então

a esperança é mais vigorosa que o receio, e a cada momento me parece que vejo meu irmão entrar pelo pateo dentro, subir tres a tres os degraus da escada, e vir lançar-se aos pés de minha mãe a pedir-lhe perdão dos sustos que lhe tem causado.

— E assim ha de succeder por certo, confirmou o estudante. Entretanto eu comprehendo muito bem a inquietação em que vive a sr.^a D. Mathilde. Eu proprio, e mais sou homem, e não tenho a honra de pertencer a esta familia senão como servo dedicado e devedor de muitos obsequios, estou com algum cuidado por falta de noticias d'elle.

— Ouves, Maria? O sr. Torres é tambem de parecer que a ausencia de Jeronymo dá motivo justificado ás minhas angustias. Se elle não vive socegado a esse respeito, só porque é amigo de teu irmão, quanto mais agitada tenho eu de passar os dias sendo sua mãe?

— Mas emfim, minha senhora, é necessario não prolongar tão afflictiva situação. Visto que seu filho não dá novas suas, parece-me indispensavel procural-as directamente.

— É o que se vae fazer agora. Em breves dias partirá para Lisboa o primo Domingos de Sampaio que se offereceu para tão improbo trabalho. E por isto póde calcular o sr. Thiago até que ponto eu ando attribulada! Para acceitar tamanho sacrificio!...

— Talvez o sr. Domingos de Sampaio, observou o estudante, não chame sacrificio a essa viagem. Basta ser coisa do serviço d'esta familia.

— Sem duvida, sr. Thiago. O primo Domingos é dos nossos melhores amigos, porém obrigar-o a desamparar a sua casa na estação da maior lida para os lavradores, e sem uma pessoa que o acompanhe em tão longa viagem, só póde exigil-o o amor de mãe, porque é cego e surdo para tudo quanto não fôr interesse directo dos filhos.

— Mas se v. ex.^a, disse o estudante aproveitando o ensejo, quer um companheiro para o sr. Domingos de Sampaio, aqui o tem na sua presença. Pelas obrigações e pelo amor sou como se tivesse nascido n'esta casa; seu filho é o meu melhor amigo. Parece-me que poderia queixar-me, se preferisse outrem para tão honroso serviço.

— Muito obrigado, sr. Torres. Bem se vê quão nosso amigo é. N'estas occasiões se conhece. E realmente o Jeronymo sempre o attendeu muito. Ninguém melhor para o convencer a voltar para casa, se o motivo da viagem foi de pouca monta, ou para lhe merecer confiança, se é grave o caso como eu receio que seja. Mas os seus estudos?

— As minhas férias são agora. Tenho dois mezes livres, e quando mesmo perdesse um anno, estou novo; sobeja-me tempo de recuperar o perdido.

— Um anno! Santo Deus!

— Isto é um modo de dizer. Eu só vejo um obstaculo. É a falta de meios. V. ex.^a sabe que não tenho nada, e meu pac, coitado! só é rico de bons desejos. Aquellas malditas demandas!...

— Não diga mais, sr. Thiago. Pois eu havia de consentir que fosse a Lisboa á sua custa? É coisa em que se pense? Bem basta, aqui para nós, o transtorno que similhante despeza vae causar ao primo Domingos, mas sabe como elle é. Seria aggraval-o offerecer-lhe qualquer auxilio.

— Eu não estou no mesmo caso. Julgo-me criado d'esta casa, e o meu empenho é restituir-lhe seu filho, e a mim o meu excellente amigo. Por isso acceito com prazer a coadjuvação de v. ex.^a, e estou prompto a partir.

— Grande serviço nos presta, sr. Torres, respondeu D. Mathilde agradecida. Ao menos n'esta hora de afflicção não nos faltam amigos dedicados.

— Eu falei com o sr. Domingos de Sampaio, e segundo elle me disse, a partida está fixada para d'aqui a duas semanas.

— Esta menina, redarguiu D. Mathilde apontando para a filha, casa talvez no fim da semana que vem com meu sobrinho de Paços de Ferreira, casamento á capucha ao qual só hão de assistir os padrinhos, e o sr. Torres, que eu convido desde já, como se fosse da familia.

— Beijo as mãos a v. ex.^a.

— Realizado o casamento podem partir. O primo Domingos ha de apreciar muito a sua companhia.

— Eu já lhe dei parte das minhas intenções e manifestou-me grande contentamento de que fosse com elle. Estarei prompto para a viagem no tempo indicado.

— E n'esse mesmo tempo terá ordem o nosso procurador do Porto de lhe entregar o dinheiro preciso para as despezas, e ordem para receber em Lisboa quanto fôr necessario.

N'este ponto da conversação assomou á entrada do terreiro da casa de Crestuma um criado de D. Mathilde que uma vez em cada semana ia a Penafiel buscar as cartas do correio, e trazia com as de Crestuma as de Paços de Ferreira e de algumas pessoas das freguezias visinhas que lhe pediam esse favor, dando-lhe, sem D. Mathilde saber, pequena gratificação.

D. Maria correu á escada a ver se haveria carta do irmão, e de repente deu um grito, levantando na mão direita uma carta volumosa, vinda de Evora.

— Sr. Thiago, sr. Thiago, bradava a fidalguinha de Crestuma, aqui tem uma carta de meu irmão para si. Venha abril-a a correr. Ande.

— Bemdito sejaes, meu Deus, exclamou D. Mathilde correndo á escada e levantando as mãos para o ceo. Ao menos sei que meu filho está vivo, e vou ter noticias d'elle.

XXXII

Thiago José Torres abriu a carta rapidamente e principiou a lê-la em pé no sitio onde a recebera. D. Mathilde foi sentar-se quasi desfallecida em um dos bancos do pateo. A alegria de ter novas do filho e o receio de que fossem más, causavam-lhe grande sensação e abatiam-lhe as forças, já gastas pela idade e enfraquecidas pelos dissabores dos ultimos dias.

Tinha postos os olhos no estudante, e espreitava com anciedade os movimentos da physionomia d'elle, á proporção que ia adiantando a leitura da carta. D. Maria de Lemos, sentada no mesmo banco, velava sobre a mãe com a affavel sollicitude do anjo da guarda. A ambas parecia que o mancebo demorava extremamente as noticias de que estavam anciosas, e qualquer d'ellas, se lh'o não embargassem os preceitos da boa educação, teria arrebatado a carta das mãos do estudante para a ler com a rapidez nervosa das senhoras.

Sentia o rapaz a vista prescrutadora da velha fidalga fixada inalteravelmente na carta e n'elle, e ora lia, ora, fingindo ler, considerava até que ponto seria conveniente dar-lhe pleno conhecimento de tudo, e se, querendo occultar as confidencias de Jeronymo de Lemos, haveria meio de recusar á

mãe cruelmente inquieta as informações contidas n'aquelle papel. Por fim tomou a deliberação mais sensata em tal conjunctura, porque o digamos assim, irremediavel.

— Ahi tem v. ex.^a o que me conta o sr. Jeronymo de Lemos, disse o estudante aproximando-se de D. Mathilde e entregando-lhe a carta.

— Não posso, sr. Thiago, respondeu a fidalga passando a carta á filha. Não poderia ler eu propria por maior esforço que fizesse. Estes successos todos têm-me abalado muito. Lê tu, Maria.

— Se eu puder, observou Maria de Lemos. Ómiano ás vezes escreve de modo que não se decifra á primeira vista.

— Eu posso lê-la, se v. ex.^a me quer dar a honra de lhe prestar esse serviço.

— Muito obrigado lhe fico, replicou a fidalguinha, mas esta quero eu lê-la toda. Supposto que foi dirigida ao sr. Thiago e lhe interessa como verdadeiro amigo de meu irmão, a nós, bem o entende, toca-nos pelas razões do sangue e pelo amor que ambas temos ao nosso querido ausente.

— Tem razão, minha senhora.

— Eu passo-a pelos olhos rapidamente e já a leio alto.

N'aquelle instante Maria de Lemos pensava mais na mãe que no irmão, e queria tomar conhecimento da carta para saber onde conviria não ler

ou substituir umas coisas por outras. O estado de saúde e a sensibilidade muito excitada de D. Mathilde justificavam cabalmente esta que chamaremos pia fraude, visto correr autorizada por homens muito tementes a Deus, e até por conspícuos sacerdotes, a união sacrilega de tão suave e piedoso adjectivo com substantivo mais opposto á verdade e á consciencia que o proprio erro.

— Eu, sr. Thiago, a falar a verdade, dizia D. Mathilde enquanto a filha estava lendo a carta, não acho que a letra de Jeronymo seja tão má como querem dizer. Elle fez o que fazem todos os senhores ricos. Não se apurou na letra como os caixeiros das lojas.

— A letra não é má, respondeu o estudante, mas ás vezes custa-me a ler a mim, apesar de muito acostumado. E depois, como v. ex.^a pôde suppôr, seu filho quando me escreve, não procura fazer letra de traslado. Commigo não faz cerimonia, e por isso é o que dá a penna lançada a toda a pressa sobre o papel.

— Está bom; está bom, interrompeu D. Maria tendo concluido a leitura. A minha boa mãe, se eu a deixasse continuar, saia-se mal d'esta contenda porque se a letra de meu irmão ficasse por muito boa, lá se iam os meus credits de leitora, e justificada a minha sciencia de ler, não passava no exame a escripta de Jeronymo. Não estar aqui o

nosso padre Francisco para asseverar que nunca teve melhores discipulos, que meu irmão e eu!

Visivelmente á affectuosa e intelligente noiva de Luiz de Mattos pezava de ir ler á mãe aquella carta, e sem embargo de saber que por nenhum modo poderia evitar a leitura, demorava como quem espera do ceo qualquer milagre.

— Vamos, menina, retorquiui D. Mathilde. Tu lês com perfeição e o Jeronymo escreve regularmente. Mas isso agora pouco vale. O principal é saber eu noticias de teu irmão. Muito más não serão, a julgar pelo semblante com que ficaste depois de ler.

— Más não são de certo, minha mãe, accrescentou Maria de Lemos, porém são na verdade um tanto extravagantes.

— Rapaz! coitado! exclamou a fidalga sempre inclinada a desculpar o filho. Lê, Maria, lê.

A fidalguinha de Crestuma obedeceu ás ordens de D. Mathilde. A carta dizia assim:

« Meu bom Thiago.

« Cheguei ha dois dias a Evora, e escrevo-te antes de dar noticias minhas para Crestuma onde te peço que vás ganhar as alviças. Ninguem lá sabe ao certo por onde eu ando. Coisas d'este mundo que eu começo a entender agora, e que tu has

de comprehender como eu, em te afastando vinte ou trinta leguas do nosso rio Souza.

« Vae a Crestuma, e diz a minha mãe e a minha irmã que me trouxeram a Evora negocios importantes; que d'aqui a tres dias irei talvez a Setubal; e depois a Lisboa onde tenho de demorar-me alguns mezes. Se não lhes escrever de qualquer d'essas terras, mandarei da côrte largas noticias minhas. Agora não tenho tempo de escrever a historia de quanto passei desde a saída do Porto até entrar aqui. Pois foram coisas bem extraordinarias, meu Thiago! Tu não fazes idéa! A mim proprio me parecem fabula ou sonho!

« Tratemos do principal. Eu vou casar. ~~Ahi~~ tens a causa da minha viagem. Encontrei uma mulher sem egual na formosura, na graça, na qualidade do sangue, na educação e nos dotes da alma. É um anjo com o qual entrarei orgulhoso em Crestuma a pedir a benção de minha mãe a quem esta união contentará sobremaneira. Estou certo d'isto. Mas o meu empenho é causar á minha familia uma agradavel surpresa, e por isso te peço que não digas nada a este respeito nem a minha mãe, nem a minha irmã, nem a ninguem.

« Já se vê que não posso casar sem papeis, e tu vaes ter o incommodo de os arranjar. Basta-me a certidão de idade, porque dos banhos conto eu obter dispensa em Lisboa. E como n'essa aldeia tudo se

sabe, inventa algum pretexto para pedires a certidão. Dize ao parcho que é para uma habilitação judicial, porque o procurador do Porto já tem pedido para esse fim duas ou tres certidões. Quando a tiveres, manda-m'a para Lisboa. Não te digo a morada por não saber ainda onde será, mas eu irei procurar a carta ao correio.

« Não percas tempo. Tenho pressa de casar, como podes suppôr, e desejo partir com brevidade para Crestuma. Olha que apesar da paixão de noivo, ando com as mais vivas saudades de minha mãe e de minha irmã, e nem tu imaginas como aperta commigo o desejo de as ver. »

— Santo rapaz! exclamou D. Mathilde. Continúa, filha.

« Não lhes digas nada do casamento, no qual te quereria para testemunha, se não fosse tão longa e tão dispendiosa a viagem. Eu tenho dinheiro que trouxe do Porto, mas não é muito para as despesas a que serei obrigado até chegar a casa, e não queria pedir mais a minha mãe, senão mandava-te o necessario para vires ter commigo, e dizeres-me em verdade, se por essas nossas terras eu podia encontrar uma noiva mais digna do meu amor. »

.....
.....

Aqui a joven leitora saltou um paragrapho em

que Jeronymo de Lemos, sem designar D. Francisca pelo seu nome, dava a entender pela indicação das suppostas virtudes e qualidades da noiva que ia casar-se com a muito nobre e discreta viuva do sargento-mór de Minas Geraes, e concluiu, lendo o seguinte:

« Não te digo o nome da minha noiva. Quero reservar essa novidade, já que sabes tudo o mais.

« Não te esqueças dos meus cães. Manda-os para Crestuma. O galgo branco andava adoentado. Tem-me lembrado muito. E que tenham preso sempre o saccador.

« Manda-me a certidão. Vê lá. Tu és o meu melhor amigo, e por isso te incumbo este negocio.

« Adeus

« Teu amigo fiel

« *Jeronymo.* »

Foram mui differentes as sensações causadas pela leitura da carta. D. Mathilde na vehemencia do affecto maternal, e na sinceridade do seu character opposto a enganos e disfarces, alegrou-se de ter noticias do filho, folgou até de que se resolvesse a casar sendo a noiva tão superiormente prendada como elle referia, e mais do que outra qualquer coisa lhe ficaram na memoria as saudades confessadas por Jeronymo de Lemos, e aquella solicitude

pelos cães que lhe promettia o regresso do filho sem mudança nos antigos habitos e inclinações.

Não lhe consentia outras reflexões o contentamento de saber que Jeronymo de Lemos não corria nenhum risco, e que era ainda amigo da familia e cuidadoso dos seus cães, como sempre fôra.

O estudante a quem não cegava o amor exaltado, mui natural em tão immediata consanguinidade, ponderava comsigo mesmo que se a noiva era como elle a indicava, não havia motivo para não se dar ao casamento a direcção regular de taes allianças. Instruido por Domingos de Sampaio ácerca da influencia que D. Francisca adquirira nos ultimos dias sobre o espirito de Jeronymo de Lemos, parecia-lhe ver claramente que a preciosa noiva não podia ser senão a desenvolta aventureira da quinta do Aido, mas nem lhe cumpria suscitar desconfianças que não haviam occorrido a D. Mathilde, nem devia destruir as illusões que todos desejavam manter na velha fidalga ácerca de D. Francisca.

Não o instruiu cabalmente dos enredos d'aquella mulher a breve conversação que tivera com o alferes da Silva, e receioso de qualquer indiscrição involuntaria, preferia calar-se a accrescentar com palavras imprudentes os desgostos da nobre familia de Crestuma.

Só D. Maria de Lemos conhecia a fundo os en-

ganos de que era victima o irmão, e ao mesmo tempo que meditava na absoluta necessidade de o salvar da propria simpleza, explorada pelas perfidas astucias de D. Francisca, procurava occultar a anciedade do coração para que a mãe nem depois de passado o perigo, chegasse a ter conhecimento d'elle.

— Emfim, exclamou D. Mathilde concluida a leitura da carta, desvaneceram-se os maiores cuidados. Está vivo e são o meu Jeronymo, Deus seja louvado! e lembra-se com saudade da familia que sempre amou, e dos rafeiros que eram o elemento essencial dos seus innocentes prazeres. Quanto á noiva, a julgar pelas qualidades que elle proprio designa, e mesmo rebatendo metade que o enthusiasmo da paixão tenha accrescentado, eu não lh'a escolheria melhor. Não lhe tolhamos o gosto da surpresa que nos quer fazer, e o sr. Thiago mande-lhe quanto antes a certidão de idade, e diga-lhe que não nos revelou os projectos d'elle. Não te parece, minha filha?

— Basta que minha mãe seja d'essa opinião, respondeu D. Maria, para que eu a tenha por boa. Entretanto, se o Jeronymo desejava para testemunha o sr. Thiago Torres, parece-me natural fazer-lhe a vontade. Em vez de mandar a certidão, o sr. Torres seria portador d'ella na companhia do primo Domingos. Reciprocidade de surpresas e esta com a certeza de ser agradavel a meu irmão.

— É verdade, replicou D. Mathilde. Responda-lhe que vae mandar extrair a certidão, e quando elle a estiver esperando pelo correio, chega o sr. Torres e o primo Domingos com ella e a offerecerem-se-lhe para testemunhas do casamento. Um é primo d'elle e muito estimado de nós todos. O outro é amigo intimo do Jeronymo. Não podiam ser escolhidos com maior acerto.

— E depois meu irmão não tem na côrte grandes conhecimentos a quem convide para lhe assistirem na solemnidade nupcial.

— Não é tanto assim, menina, observou a velha fidalga, sempre zelosa da grandeza da familia. Tem lá o filho do desembargador do Paço, Fernão Pires de Lemos que é seu parente proximo, Fradique de Lemos, da casa da Trofa, que está no mesmo grau, e muitos fidalgos da côrte alliados á casa de teu pàe que Deus haja. Pelo meu lado sobejam em Lisboa primos da familia de Armamar e toda a parentella dos Noronhas que é immensa e com titulos dos mais antigos e qualificados.

— Sem duvida, ponderou D. Maria desejosa de não mortificar a mãe, porém o Jeronymo é naturalmente acanhado, e não procurará nenhuma d'essas familias. Irem de cá duas pessoas de amizade é tiral-o de grandes embarços. E como o sr. Torres se offerece...

— Eu estou prompto, interrompeu o estudante,

e também me persuado de que a nossa presença não será inútil nas circumstancias actuaes.

— Esse ponto está resolvido, disse D. Mathilde, mas quem será a noiva? Não posso atinar por mais que procure! Já se vê que é pessoa da côrte ou das provincias do sul. O Jeronymo escreve da cidade de Evora, onde temos alguns parentes afastados, os Mendonças e os Salazares, mas são familias com quem ha muitos annos deixamos de nos corresponder, e teu irmão não desamparava de repente a caça em que andava no Mósinho para ir a Evora pedir a mão de uma senhora de quem provavelmente nunca ouviu falar.

— Eu acho que o melhor é não estarmos a querer adivinhar o que forçosamente viremos a saber, redargui a filha de D. Mathilde. Deixemos-lhe o prazer de nos apresentar a sua noiva. Agora é preparar depressa a certidão e partir immediatamente.

— A certidão, respondeu o estudante, pôde estar prompta no fim da semana, e no caso de se effectuar por esses dias, como está determinado, o enlace da sr.^a D. Maria com seu primo, sairemos logo para Lisboa. Se vv. ex.^{as} me dão licença, ainda hoje vou á Silva dizer ao sr. Domingos de Sampaio que a sr.^a D. Mathilde deseja que eu o acompanhe.

— Vá, sr. Thiago, vá, e leve a carta de meu

filho para mostrar ao primo Domingos. Talvez descubra o nome da noiva. Tambem o que não lhe occorrer a elle, não lembra a mais ninguém.

Partiu de Crestuma Thiago Torres, encontrou no caminho Luiz de Mattos que ia ver a noiva, e contou-lhe o que lhe escrevera Jeronymo de Lemos e o que se resolvera em casa das fidalgas. Depois seguiu para a Silva onde o alferes acabava de chegar da visita que fôra pagar ao desembargador Gaspar Coelho, e na qual completara as informações ácerca de D. Francisca e das criminosas ousadias a que ella arrastara sem duvida o inexperto mancebo.

Alli communicadas ao estudante as noticias referidas por Gaspar Coelho e mostrada a Domingos de Sampaio a carta pouco atilada de Jeronymo de Lemos, resolveram de commum acordo partir na noite do casamento de Luiz de Mattos, consultarem no Porto com Francisco de Almada, e caminharem logo para Lisboa.

— Parece incrível, dizia Domingos de Sampaio, que um rapaz, por muito simplorio que seja, se resolva a casar com a primeira mulher que lhe apparecé, e sem consultar nenhuma das pessoas que a conheciam antes d'elle a encontrar em Paços de Ferreira! Com razão diz o povo: *Quanto mais morgado, mais tolo!* Que desgosto para aquella familia toda, principalmente se D. Mathilde viesse a saber

a verdade inteira! Morria de vergonha a pobre senhora!

— Eu estou que a nossa presença irá desmanchar todos os enredos, notou o estudante, e como elle não póde casar sem a certidão de idade, temos a certeza de chegar a tempo.

— A esse respeito escusa de ter receio, retrucou o alferes. Affirmo-lhe que não casam, se o Jeronymo não tiver perdido todos os brios de cavalheiro. Mas veja como um rapaz honrado se perde, levado ás vezes por nobres sentimentos. Que perigo! Bem acertado é o proverbio: *Antes que cases, olha o que fazes*. Meu amigo, mãos á obra. Venha a certidão que ha de ser o passaporte para entrarmos na praça e eu me incumbo de apressar o recebimento de Luiz de Mattos.

— Todo o meu receio é que D. Mathilde venha a descobrir tudo.

— E o meu igualmente. *O diabo tapa com uma mão, e descobre com a outra*, como diz o proverbio.

FIM DO 1.º VOLUME